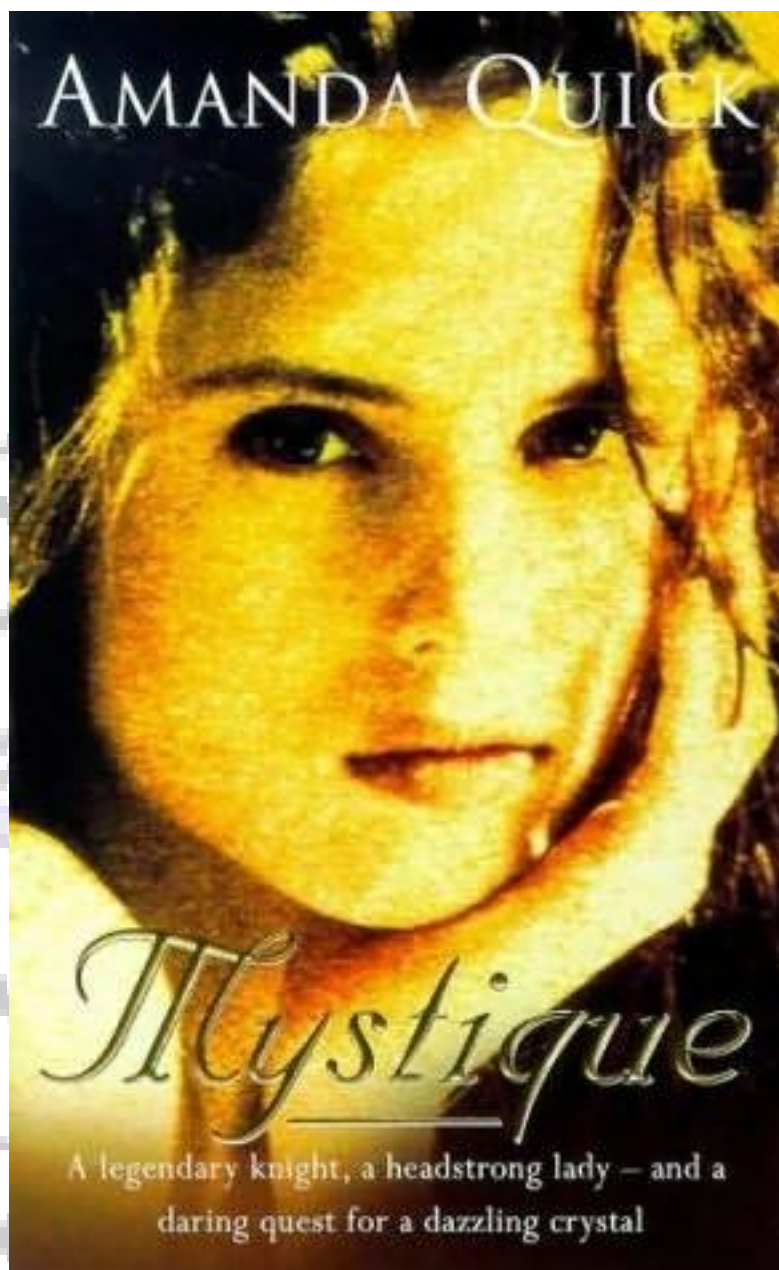


Amanda Quick

AMOR MÁGICO – Tradução, revisão, formatação: Grupo RS & RTS





Amanda Quick

AMOR MÁGICO – Tradução, revisão, formatação: Grupo RS & RTS



Equipe de Revisão: Jacqueline M, Rosilene X, Chiara T, Ady M, Leila F, Niuma F, Marcia O², Lucimara C, Sheyla A, Iluska B.

Revisão Final: Rosilene X.

Formatação: Tina Carlotto

Sinopse

Alice se orgulhava de sua inteligência e de ter recebido uma boa educação lógica. Era uma dama que nunca tinha dado muito crédito às lendas, mas era porque jamais tinha precisado que uma lenda a ajudasse até pouco tempo atrás.

Essa noite desejava acreditar que, de fato, havia uma lenda viva sentada à cabeceira da mesa, no salão do Lingwood Manor, a propriedade de sua família.



Capítulo um

Alice se orgulhava de sua inteligência e de ter recebido uma boa educação lógica. Era uma dama que nunca tinha dado muito crédito às lendas. Mas era porque jamais tinha necessitado que uma lenda a ajudasse até pouco tempo atrás.

Essa noite desejava acreditar e, de fato, havia uma lenda viva sentada à cabeceira da mesa, no salão de Lingwood Manor, a propriedade de sua família. O sombrio cavaleiro ao qual chamavam Hugh o Implacável, jantava sopa de alho-poró e salsicha de porco, como se fosse um homem comum. Alice deduziu que até uma lenda tinha que comer.

Essa idéia prática lhe deu ânimo enquanto descia as escadas da torre. Vestiu seu melhor vestido para tão importante ocasião, feito de veludo verde escuro, e debruado com fita de seda. Tinha o cabelo preso com uma fina rede de contas de ouro que tinha sido de sua mãe e fixado com um delicado anel de metal dourado. Ia calçada com sandálias de macio couro verde. Alice não podia estar mais disposta para sair ao encontro de uma lenda.

Entretanto, a cena com que se deparou no final das escadas, a fez vacilar. Talvez Hugh o Implacável comesse como um homem qualquer, mas aí terminava a semelhança. Um pequeno estremecimento a percorreu, em parte de temor, em parte de expectativa. Todas as lendas eram perigosas, e sir Hugh não era a exceção. Deteve-se no último degrau, segurando as saias com as mãos, e contemplou inquieta o salão lotado. Uma sensação de irrealidade a alagou e, por um momento, imaginou que tinha entrado na oficina de um feiticeiro.

Embora estivesse cheio de gente, no recinto reinava uma nefasta quietude. O ar era pesado, como carregado de sombrias maravilhas e lúgubres advertências. Ninguém se movia, nem os criados.

A harpa do trovador estava silenciosa. Os cães se encolhiam juntos sob as mesas largas, sem fazer caso dos ossos que lhes tinham sido jogados. Os cavaleiros e soldados sentados nos bancos pareciam feitos de pedra. As chamas na lareira da

casa principal se agitavam inutilmente para as sombras que pareciam bulir e turvar o ambiente.

Era como se tivesse lançado um enfeitiço sobre o salão, antes familiar, o convertendo em um lugar estranho e antinatural. *"Não deveria estar surpresa – pensou Alice – Hugh o Implacável tem uma reputação mais aterradora que a de qualquer mago"*.

Afinal de contas, este era o homem em cuja espada estava gravada, conforme diziam, a expressão Provocadora de Tormentas.

Alice contemplou as feições obscurecidas de Hugh através de todo o salão, e se convenceu de três coisas com total certeza. A primeira, que as tempestades mais perigosas eram as que se agitavam dentro do indivíduo, e não as que lhe atribuíam à espada. A segunda, que continha os ventos sinistros que uivavam dentro dele com vontade inflexível e decisão férrea. A terceira, que soube em um único olhar, foi que Hugh sabia como usar essa reputação em seu próprio benefício. Embora na aparência fosse um convidado, dominava a todos os presentes no salão.

–É lady Alice?

Hugh falou do coração dessas sombras opressivas, e sua voz soou como se viesse do fundo de um lago profundo, no interior de uma cova muito profunda.

Os rumores que o precediam não exageravam. O sombrio cavaleiro estava vestido totalmente de negro, sem adornos, nem bordados. Túnica, cinturão, botas... Todos da cor de uma noite sem estrelas.

–Eu sou Alice, meu senhor. –Fez uma profunda reverencia uma vez que as boas maneiras nunca prejudicavam quem as praticava. Quando elevou a cabeça, viu Hugh a olhando, fascinado. – Ordenou que me buscassem senhor?

–Sim, senhora, realmente. Por favor, se aproxime para que possamos conversar. –Não era um pedido–. Tenho conhecimento que você tem em seu poder algo que me pertence.

Era o momento que Alice tinha estado esperando. Ergueu-se lentamente depois do gracioso gesto de submissão. Avançou entre as filas de largas mesas, se

esforçando por recordar tudo o que tinha averiguado sobre Hugh nos últimos três dias.

No melhor dos casos, a informação era escassa e se apoiava, mais que nada, em intrigas e mitos. Não lhe bastava esse conhecimento. Ela tinha desejado saber mais porque muitas coisas dependiam de como tratasse com esse homem nos próximos minutos.

Mas o tempo tinha terminado. Teria que aproveitar o melhor possível os dados fragmentados que conseguiu reunir entre o falatório que percorria a aldeia e o salão do tio.

O suave farfalhar de suas saias sobre as tábuas do chão e o ranger do fogo foi o único som que se ouviu no grande recinto. Sobre o lugar pendia uma atmosfera de terror e excitação.

Alice lançou um olhar a seu tio, sir Ralf, que estava sentado junto ao perigoso hóspede. A cabeça careca do tio tinha um fio de suor. A figura roliça, embelezada com uma túnica de cor abóbora que enfatizava o corpo gordo, estava perdida nas sombras que pareciam emanar de Hugh. Uma das mãos gordinhas de Ralf, carregada de anéis, rodeava uma jarra de cerveja, mas não bebia.

Pelas atitudes ostentosas e fanfarronas do tio, Alice sabia que estava ansioso a ponto de sentir um puro terror. Os jovens primos de Alice, Gervase e William, também estavam assustados. Sentados rígidos a uma das mesas mais baixas, tinham os olhos fixos em Alice. A moça percebia o desespero, e entendia o motivo. Frente a eles, com semblante sério, estavam sentados os homens de Hugh, endurecidos nas batalhas, enquanto o fogo fazia brilhar os punhos de suas espadas.

Alice tinha a missão de aplacar Hugh. Dependia dela que essa noite não corresse sangue.

Todos sabiam por que Hugh, o Implacável, tinha ido a Lingwood Hall. Só os habitantes sabiam que o que procurava não estava ali, e o que fazia tremer os joelhos de todos era a possível reação do sujeito quando se inteirasse da azarada novidade.

Foi decidido que Alice teria que lhe explicar a situação. Nos últimos três dias, desde que se soube que o aterrorador cavaleiro se aproximava, Ralf se queixava em voz alta ante quem quisesse escutar, de que o desastre iminente era somente culpa de Alice.

O tio insistia em que a sobrinha tinha que carregar o peso de tratar de convencer Hugh de que não destruísse o feudo por vingança. Alice sabia que seu tio estava furioso com ela. Também sabia que estava muito assustado... E tinha razão.

Lingwood Manor contava com um pequeno e heterogêneo contingente de homens armados, mas que em seu interior eram mais granjeiros que guerreiros. Faltava experiência a eles e instrução apropriada. Não era nenhum segredo que a propriedade seria incapaz de resistir a um possível assalto do legendário Hugh o Implacável. Em um piscar de olhos, ele e seus homens converteriam o lugar em um bolo de carne picada.

Ninguém pareceu estranhar que Ralf esperasse que a sobrinha assumisse a responsabilidade de acalmar Hugh. Mais até: quase todos se surpreenderiam se ele não a chamasse. No feudo, todos sabiam que Alice não era fácil de intimidar, nem por uma lenda.

Aos vinte e três anos, era uma mulher com idéias próprias, e poucas vezes vacilava ao se comunicar. Sabia que seu tio se queixava de que fosse tão decidida e que, as suas costas ele a chamava arpia, salvo quando necessitava algumas das poções que ela preparava para aliviar as articulações doloridas.

Alice se considerava resolvida, mas não tola: tinha consciência dos perigos desse momento. Mas também sabia que a chegada de Hugh significava uma oportunidade que não podia perder. Se não, ela e seu irmão ficariam presos para sempre em Lingwood Manor.

Deteve-se frente à cabeceira da mesa e olhou ao homem carrancudo, sentado na melhor cadeira esculpida em carvalho do salão. Dizia-se que, até sob a melhor luz, Hugh o Implacável não era muito bonito, mas essa noite, a combinação de chamas e sombras conferia a suas feições o aspecto ameaçador do diabo.

Tinha o cabelo mais negro que a calcedônia¹, penteado em ondas a partir de sua testa. Os olhos, de um estranho matiz dourado ambarino, brilhavam com inteligência e impiedade. Era evidente como tinha conquistado a alcunha de Implacável. Alice soube imediatamente que esse homem não se deteria ante nada para obter seus fins. Apesar de ter sentindo um calafrio, Alice não vacilou em sua decisão.

–Lady Alice, você me decepcionou ao preferir não comer conosco – disse Hugh lentamente–. Disseram a mim que você fiscalizou a preparação.

–Sim, *milord*. –Dirigiu a ele seu sorriso mais luminoso. Uma das informações que conseguiu descobrir foi que Hugh gostava dos pratos bem preparados e temperados. Estava segura de que a comida tinha estado além de toda crítica–. Gostou?

–Pergunta interessante. –Pensou um momento, como se fosse um problema de filosofia ou de lógica–. Não encontrei enganos no sabor nem na variedade de pratos. Confesso que comi até me fartar.

O sorriso de Alice se evaporou. A irritaram o comedimento das palavras e a óbvia falta de entusiasmo. Nesse dia tinha passado horas na cozinha controlando os preparativos do banquete.

–Me alegra saber que não encontrou nenhum erro nos pratos, *milord*. Pela extremidade dos olhos comprovou que seu tio se encolhia ante o tom cortante da sobrinha.

–Não, não havia nada de mal na comida – falou o cavalheiro –. Mas devo admitir que quando se sabe que a pessoa que fiscalizou os preparativos da refeição decide não comê-la, não há como não pensar na possibilidade de que haja veneno.

–Veneno! Indignou-se. –A mera idéia acrescenta condimento à comida, não é assim?

Ralf se encolheu como se Hugh acabasse de tirar a espada. De onde estavam os criados emergiu uma exclamação de horror. Os soldados se moveram, inquietos.

¹ **Calcedônia** é uma das variedades criptocristalinas do mineral quartzo, tendo um brilho graxo. Pode ser semi-transparente ou translúcida e é geralmente branca a cinzenta, cinzento-azulada ou em alguma tonalidade de marrom, às vezes quase preta.

Alguns dos cavaleiros colocaram as mãos nos punhos das espadas. Gervase e William pareciam a ponto de adoecer.

–Não, *milord* – Ralf se apressou a balbuciar –, asseguro que não há o menor motivo para suspeitar que minha sobrinha possa ter envenenado a comida para você, juro, senhor, por minha honra, não seria capaz de fazer algo assim.

–Como ainda estou aqui, e muito bem, apesar de ter jantado suntuosamente, me inclino a estar de acordo com você – disse Hugh–. Mas você deve entender minha cautela, dada estas circunstâncias.

–E que circunstâncias seriam essas, *milord*? –perguntou Alice.

Quando o tom de Alice passou de cortante a grosseiro, viu que Ralf fechava com força os olhos, desesperado. Ela não tinha culpa de que a conversa não tivesse começado com um tom auspicioso. Quem iniciou o antagonismo foi Hugh, não ela.

Veneno, caramba! Como se pudesse ocorrer semelhante coisa!

Poderia ter usado uma das receitas mais insalubres de sua mãe só como último recurso e, se um de seus informantes a tivesse convencido de que Hugh era estúpido, cruel, um tipo bruto, carente de inteligência. *"E até nessas condições – pensou, cada vez mais indignada–, não me ocorreria matá-lo"*.

Limitar-se-ia a usar uma das preparações inofensivas cujo único efeito seria deixar a ele e a seus homens tão sonolentos ou nauseabundos que fossem incapazes de matar aos habitantes da casa a sangue frio.

Hugh observou Alice. E então, como se lesse seus pensamentos, sua boca desenhou um sorriso assimétrico que não tinha nenhum indício de calidez, somente uma ironia gelada.

–Senhora, me culpa por ser cauteloso? Recentemente soube que você estuda textos antigos. É bem sabido que os antigos tinham grande inclinação para os venenos. Além disso, me inteirei de que sua própria mãe era uma perita nas ervas estranhas e pouco comuns.

–Senhor, como se atreve? –Já estava furiosa, e esqueceu qualquer idéia de tratar esse homem com cuidado e prudência–. Sou estudiosa, não envenenadora. Estudo matérias de filosofia natural, não de magia negra. Realmente, minha mãe era uma perita em ervas e grande curadora. Mas jamais teria usado suas habilidades para machucar a ninguém.

–Certamente, me alivia sabê-lo.

–Eu tampouco tenho intenção de matar pessoas – continuou Alice–. Nem sequer a hóspedes grosseiros, ingratos como você, *milord*.

Ralf tremeu a jarra de cerveja na mão.

–Alice, pelo amor de Deus, se cale.

A sobrinha não lhe fez caso e olhou para Hugh com olhos semicerrados.

–Pode estar seguro de que nunca em minha vida matei a ninguém, senhor. Mas aposto que essa não deve ser uma afirmação que se possa fazer com respeito a você.

O silêncio mortal se quebrou pelas exclamações afogadas de horror de vários dos presentes. Ralf gemeu e colocou a cabeça entre as mãos. Gervase e William estavam estupefatos.

Hugh era o único no salão que permanecia imperturbável. Contemplou a Alice com expressão pensativa:

–Temo que esteja certa senhora. –disse em tom suave–. Não posso afirmar isso.

A simplicidade da admissão teve para Alice o efeito de ter se chocado contra uma parede de tijolos. Interrompeu-se de repente. Piscou e recuperou o equilíbrio.

–Sim, bom, aí está.

Os olhos ambarinos brilharam de curiosidade. – Senhora, onde estamos exatamente?

Para mostrar coragem, Ralf tentou deter a espiral descendente da conversação. Levantou a cabeça, secou a testa na manga da túnica, e olhou para Hugh com expressão de súplica:

–Senhor, rogo que entenda que minha sobrinha não quis ofendê-lo.

Hugh mostrou uma expressão dúbia. –Não?

–Claro que não – exclamou Ralf–. Não há motivos para suspeitar dela só porque preferiu não jantar conosco. Para falar a verdade, Alice nunca janta aqui no salão principal, com o resto dos habitantes da casa.

–Que estranho – murmurou Hugh. Alice tamborilou com a ponta da sandália.

–Senhores, estamos perdendo tempo. Hugh lançou um olhar a Ralf.

–Afirma que... Éh prefere a solidão de suas próprias habitações – Ralf se apressou a explicar.

–E, por quê?

Hugh se concentrou outra vez em Alice.

Ralf resmungou:

–Diz que, para ela, aqui no salão principal o nível... Éh... Do discurso intelectual, como o chama, é muito pobre.

–Entendo.

Ralf lançou a sua sobrinha um olhar hostil, se acalorando com uma antiga queixa.

–Do ponto de vista dela, a conversação que guerreiros honestos de corações rebeldes sustentam à mesa, não é o bastante elevada para as exigências de milady.

Hugh elevou as sobrancelhas.

–Como é isto? Lady Alice não agrada ouvir detalhes da prática matinal de tiro dos homens nem dos êxitos na caça?

Ralf suspirou:

–Não, *milord*, lamento dizer que não manifesta interesse em tais assuntos. Em minha opinião, minha sobrinha é o exemplo perfeito para mostrar a estupidez de educar as mulheres. As faz obstinadas. As faz acreditar que deveriam vestir calças. O pior é que gera ingratidão e falta de respeito pelos pobres, desventurados homens encarregados de protegê-las, que têm a triste responsabilidade de alimentá-las e as sustentar.

Zangada, Alice lhe lançou um olhar fulminante. –Tio, isso é mentira. Sabe bem que estou muito agradecida pelo amparo que deu a meu irmão e a mim. Onde estaríamos se não fosse por você?

Ralf se indignou.

–Vamos, Alice, já é suficiente.

–Direi a você onde estaríamos Benedict e eu se não tivesse sido por seu generoso amparo. Estaríamos sentados em nosso próprio salão, jantando em nossa mesa.

–Pelo sangue dos Santos, Alice, ficou louca? –A olhou com crescente horror–. Não é momento de tocar neste assunto.

–De acordo. –Esboçou um sorriso amargo–. Troquemos de tema. Prefere que falemos de como planejou isso para gastar o pouco que restava de minha herança e que eu consegui preservar, depois de que deu a propriedade de meu pai a seu filho?

–Maldição, não é uma mulher de hábitos baratos. –Por um momento, a inquietação de Ralf pela presença de Hugh de lugar a longa a lista de queixas que tinha contra Alice. – Esse último livro que cismou de comprar custou mais que um bom sabujo².

–Era um importante escrito do bispo Marbode de Rennes – replicou Alice–. Estabelece as propriedades de todas as gemas e pedras, e foi uma compra excelente.

–Ah, sim? –resmungou Ralf–. Bom, me deixe te dizer no que outra coisa se poderia ter gasto melhor essa soma.

–Basta.

Hugh pegou sua taça com uma mão grande e bem formada.

Embora o gesto tivesse sido mínimo, ao vir das profundidades do vasto poço de quietude que o rodeava, assustou a Alice, que retrocedeu um passo sem querer.

Ralf foi rápido em engolir qualquer outra acusação que queria lhe fazer.

Alice ruborizou, zangada e envergonhada com a estúpida discussão. *"Como se não tivéssemos questões mais importantes que tratar – pensou–. Este caráter feroz é minha ruína"*.

² Sabujo é o nome para os cães farejadores.

Por um instante, se perguntou com certa inveja como Hugh teria obtido um domínio tão destro de seu próprio temperamento. Pois não cabia dúvida de que o continha com mão de ferro. Era um dos aspectos que o fazia tão perigoso.

Quando a olhou, os olhos de Hugh refletiam as chamas da chaminé. – Nos economizemos uma disputa familiar que, sem dúvida, é de longa data. Não tenho tempo nem paciência para resolvê-la. Lady Alice, sabe para que vim aqui esta noite?

–Sim, *milord*. – Alice decidiu que não tinha sentido dar voltas à questão—. Busca a pedra verde.

–Estive na pista desse maldito cristal mais de uma semana, senhora. Em Clydemere me inteirei de que a tinha comprado um jovem cavalheiro de Lingwood Hall.

–De fato, assim foi, *milord* – disse Alice com vivacidade.

Estava tão impaciente por tratar o assunto como ele. –Para você?

–Correto. Meu primo Gervase descobriu que um comerciante na Feira de Verão de Clydemere a tinha. –Viu que ao ser mencionado, Gervase se sobressaltou—. Meu primo sabia que a pedra seria muito interessante para mim, e teve a gentileza de trazê-la.

–Disse-lhe que, depois, encontraram o comerciante com a garganta cortada? – perguntou Hugh, com tom indiferente.

A boca de Alice secou.

–Não, senhor. É evidente que Gervase não estava informado da tragédia.

–Assim parece.

O cavalheiro lançou a Gervase um olhar de caçador. Gervase abriu e fechou a boca duas vezes, até que conseguiu dizer:

–Juro que não sabia quão perigoso era o cristal, senhor. Não era muito caro, e acreditei que para Alice seria divertido. É muito aficionada às pedras pouco comuns e coisas assim.

–O cristal verde não tem nada de divertido. – Hugh se moveu um pouco para frente, modificando o desenho de luzes e sombras sobre suas feições rudes, que se

tornaram mais demoníacas—. Para falar a verdade, quanto mais o persigo, menos divertido me parece.

Ocorreu algo a Alice que franziu o cenho. —Está seguro de que a morte do comerciante está relacionada com o cristal, *milord*?

Hugh a olhou como se lhe tivesse perguntado se saía o sol pela manhã.

—Duvida de minha palavra?

—Não, claro que não. —Afogou um pequeno gemido. Os homens eram tão suscetíveis no que se referia a suas capacidades lógicas —É que não vejo a relação entre a pedra verde e o assassinato de um comerciante.

—Sério?

—Sim. Até onde sei a pedra verde não é especialmente atrativa nem valiosa. De verdade, pelo contrário, é um cristal, bastante feio.

—Certamente, aprecio sua opinião de perita. Alice não fez caso da ironia, pois sua mente avançava seguindo a lógica do problema.

—Admito que um ladrão cruel pudesse ter assassinado para obter a pedra se tivesse a impressão equivocada de que tinha valor. Mas, na realidade, era bastante barata, pois do contrário Gervase jamais a teria comprado. Além disso, por que teriam que assassinar ao pobre comerciante quando já tinha vendido a pedra? Não faz sentido.

—Em semelhante situação, o assassinato é muito lógico se o objetivo é cobrir os rastros — disse Hugo com muita suavidade—. Asseguro que homens mataram e foram assassinados por motivos muito menores.

—Sim, pode ser. —Apoiou o cotovelo na mão e tamborilou os dedos no queixo—. Por todos os Santos, juro que os homens são muito hábeis para fazer uso de violência desnecessária.

—Costuma acontecer - admitiu Hugh.

—De qualquer maneira, a menos que haja evidência concreta que aponte uma relação clara entre o assassinato do comerciante e o cristal verde, não sei como pode chegar à conclusão certa de que há uma relação, senhor. —Assentiu satisfeita com seu

próprio raciocínio—. É possível que o comerciante fosse assassinado por outros motivos, sem conexão com isto.

Hugh não disse nada, a observou com curiosidade arrepiante, como se uma criatura desconhecida tivesse se materializado diante dele. Pela primeira vez, o viu com um olhar um tanto desconcertado, como se não soubesse o que fazer com ela. Ralf gemeu triste:

—Alice, em nome de Deus, por favor, não discuta com o senhor Hugh. Não é momento de praticar suas habilidades retóricas.

Ante a injusta acusação, Alice se ofendeu:

—Não me comporte com falta de cortesia, tio. Só trato de assinalar ao senhor Hugh que não pode deduzir algo tão sério como um motivo para assassinar sem ter provas concretas.

—Lady Alice, deve aceitar minha palavra a respeito – disse o convidado—. O comerciante está morto por culpa do maldito cristal. Acredito que estaremos de acordo em que seria melhor que não morra ninguém mais por este motivo, não?

—Sim, *milord*. Espero que me perdoe a falta de boas maneiras, é que me pergunto...

—Aparentemente, tudo – terminou a frase.

Alice o olhou carrancuda:

—Senhor?

—Acredito que pergunta tudo, lady Alice. Talvez em outro momento esse hábito me pareça interessante, mas esta noite não estou com ânimo para semelhante entretenimento. Só estou aqui com um propósito: quero o cristal verde.

Alice ficou tensa.

—Não queria ofendê-lo, *milord*, mas queria enfatizar que meu primo comprou a pedra para mim. De fato, ela é minha propriedade.

—Maldição, Alice – gemeu Ralf.

—Alice, pelo amor de Deus, tem que brigar com ele? – sussurrou Gervase.

—Estamos perdidos – murmurou William.

Hugh não fez caso dos comentários, e seguiu concentrado em Alice. – O cristal verde é a última das Pedras de Scarcliffe, senhora. Eu sou o novo amo de Scarcliffe. O cristal me pertence.

A moça pigarreou e disse, escolhendo com cuidado as palavras:

–Compreendo que, talvez, em outra época a pedra lhe pertenceu, *milord*. Mas conforme acredito, agora se poderia dizer, em termos estritos, que já não é mais proprietário dela.

–Ah não? Então, além de estar preparada em filosofia natural, também sabe de leis?

A jovem lhe lançou um olhar furioso. – Gervase me conseguiu a pedra em uma transação perfeitamente legal. Logo, passou para mim como presente. Não sei como poderia reclamá-la agora.

Só uma inspiração coletiva rompeu o silêncio sobrenatural que dominou o salão. Em alguma parte, uma jarra de cerveja se estrelou no chão. O choque do metal contra a pedra ressoou em todo o recinto. Um cão uivou.

Ralf soltou uma exclamação surda e a olhou com olhos exagerados:

–Alice, o que está fazendo?

–Só reafirmo meu direito ao cristal verde, tio. – Olhou Hugh aos olhos–. Ouvi dizer que Hugh o Implacável é um homem duro, mas honrado. Não é assim, *milord*?

–Hugh o Implacável – disse o aludido em tom detestável–, é um homem que sabe como reter o que lhe pertence. Senhora, asseguro que considero como minha a pedra.

–Senhor, esse cristal é muito importante para minhas investigações. Na atualidade, estudo várias pedras e suas respectivas propriedades, e esta me parece muito interessante

–Acredito ter ouvido dizer que é feia.

–Sim, *milord*. Mas segundo minha experiência, a falta de encanto e atrativo aparentes freqüentemente oculta segredos de grande interesse intelectual.

–Essa teoria, também se aplica às pessoas?

Pareceu confundida.

–*Milord?*

–Poucas pessoas me achariam encantador ou atrativo, senhora. Perguntava-me se você me acha interessante.

–Ah.

–Em sentido intelectual, quero dizer.

Alice tocou os lábios com a ponta da língua. –Ah, bom, quanto a isso, *milord*, sem dúvida poderia se descrever como interessante. Certamente. "*Uma descrição mais precisa seria fascinante*", pensou.

–Me adula. E certamente estará ainda mais interessada em saber que não recebi meu apelido por acaso. Chamam-me Implacável porque tenho o costume de insistir em meu objetivo até ter êxito.

–Não duvido nem por um momento, senhor, mas não posso lhe conceder direito sobre minha pedra verde. – Dedicou a ele um sorriso luminoso—. Possivelmente, no futuro, possa lhe emprestar.

–Vá procurar a pedra – disse Hugh, em um tom de calma aterradora—. Já.

–*Milord*, você não compreende.

–Não, senhora, é você a que não compreende. Já me cansei que deste jogo que a você tanto agrada. Traga a pedra agora, ou agüente as consequências.

–Alice! –chiou Ralf—. Faça algo.

–Sim – confirmou Hugh—. Faça algo, lady Alice. Traga já a pedra verde.

Alice se ergueu e se preparou para lhe dar a má notícia.

–Temo que não possa, *milord*.

–Não pode ou não quer? –perguntou com suavidade. Alice deu de ombros.

–Não posso. Recentemente, sofri o mesmo destino que você, sabe?

–Em nome do diabo, de que fala?

–Faz uns dias, me roubaram o cristal verde, *milord*.

–Por Deus – murmurou Hugh–. Se quiser provocar minha ira com um montão de falsidades e palavras equívocas, está a ponto de conseguir, senhora. Mas a advirto que as conseqüências não a agradarão.

–Não, *milord* – Alice se apressou a dizer –. Digo a verdade. A pedra desapareceu de meu quarto de trabalho faz menos de uma semana.

Hugh dirigiu um olhar frio e interrogante a Ralf, que assentiu com lentidão. Hugh voltou seu perturbador olhar outra vez para Alice, e a cravou sem piedade.

–Se isso for verdade – disse com voz gelada–, por que não me informou assim que cheguei?

Alice voltou a pigarrear.

–Na opinião de meu tio, como a pedra era de minha propriedade, seria eu a responsável de informar sobre seu desaparecimento.

–E, ao mesmo tempo, apresentar sua reclamação?

O sorriso de Hugh tinha uma enorme semelhança com a ponta de uma espada. Não tinha sentido negar o evidente:

–Sim, *milord*.

–Com certeza você decidiu atrasar a informação da perda até que eu tivesse jantado bem.

–Sim, *milord*. Minha mãe sempre dizia que os homens eram mais sensatos depois de uma boa comida e bem, me alegra dizer que tenho um plano para recuperar a pedra.

Hugh pareceu não escutar nada, mas sim parecia perdido em seus próprios pensamentos.

–Acredito que jamais conheci uma mulher como você, lady Alice.

Por um momento, Alice se distraiu. Sentia que um prazer inesperado a enfraquecia por dentro.

–Você me acha interessante, *milord*? –Apenas se atreveu a adicionar–: Em sentido intelectual.

–Sim, senhora. Muito interessante.

Alice se ruborizou. Nunca tinha recebido semelhante elogio de um homem. Nunca lhe tinham feito nenhum elogio. Isso provocou nela uma intensa excitação. Era quase assustador que Hugh a achasse tão interessante como ele a ela. Esforçou-se por deixar de lado a insólita sensação e voltar para os assuntos práticos.

–Obrigado, *milord* – disse, imaginando que conservava uma elogiável compostura dadas as circunstâncias–. Como lhe dizia, quando soube que você nos visitaria, me ocorreu um plano pelo que pudéssemos recuperar o cristal, juntos.

Ralf a olhou fixo:

–Alice, do que está falando?

–Logo explicarei tudo, tio. – Olhou para Hugh, radiante–. Estou segura de que o interessará escutar os detalhes, *milord*.

–Até agora, foram poucos, muito poucos os homens que tentaram me enganar. Alice ficou carrancuda.

–Enganá-lo, *milord*? Aqui ninguém tenta enganá-lo.

–Agora, esses homens estão mortos.

–Senhor, acredito que teríamos que voltar para o assunto que nos preocupa – disse Alice com vivacidade–. Como nós dois temos interesse na pedra verde, o mais lógico é que unamos forças.

–Lamento dizer que também houve uma ou duas mulheres que jogaram perigosamente comigo. –Fez uma pausa–. Mas não acredito que a agrade se inteirar de quais foram seus destinos.

–*Milord*, estamos nos afastando do tema.

Hugh passou os dedos pela borda de sua taça.

–Mas agora que penso outra vez naquelas mulheres que puseram a prova minha paciência com jogos estúpidos, acredito que poderia dizer com alguma certeza que não se pareciam com você absolutamente.

–É obvio que não. –Estava zangada outra vez–. Não estou jogando com você, senhor. Ao contrário. Unir minha inteligência com suas habilidades de cavalheiro para encontrar juntos a pedra poderia ser proveitoso para os dois.

—Lady Alice, isso seria difícil de conseguir, pois não tenho provas de sua inteligência. —Fez girar a taça entre os dedos—. Pelo menos, em nenhum sentido que não seja oco.

Alice se indignou.

—*Milord*, você está você me insultando do pior modo.

—Alice, será a morte de todos nós – sussurrou Ralf, desesperado.

Hugh não prestou atenção nele e seguiu observando Alice.

—Não a insulto, senhora, me limito a apontar um fato indiscutível. Deve ter perdido a razão se acreditar que pode zombar assim de mim. Uma mulher realmente inteligente teria compreendido faz momentos que está pisando em gelo muito fino.

—*Milord*, já estou farta deste absurdo.

—Eu também.

—Quer ser sensato e escutar meu plano, ou não?

—Onde está a pedra verde?

Alice esgotou sua paciência:

—Já disse a você que me roubaram a pedra. —disse, em voz muito alta—. Acredito que sei quem é o ladrão, e estou disposta a ajudá-lo a descobrir seu paradeiro. Em compensação, queria fazer um trato com você.

—Um trato? Comigo? —No olhar do homem brilhava um perigo infinito—. Deve estar brincando, senhora.

—Não, falo sério.

—Não acredito que a agridem os termos de um trato comigo.

Alice o olhou inquieta.

—Por que não? O que implicaria?

—O mais provável, sua alma – respondeu Hugh.

Capítulo dois

– Parece um alquimista observando um crisol³, *milord*. – Dunstan deu rédea solta ao velho hábito de cuspir na borda do obstáculo mais próximo. Neste caso, era o velho muro que rodeava Lingwood Emanar—. Não me agrada. Por minha experiência, essa expressão conduz problemas para meus velhos ossos.

– Seus ossos sobreviveram a coisas piores que um sobrecenho franzido.

Hugh apoiou os antebraços na borda da parede e olhou a paisagem iluminada pela luz do amanhecer.

Tinha levantado meia hora antes, o sonho perturbado por uma inquietação familiar. Conhecia bem esse estado de ânimo. As tormentas que encerrava no mais profundo de si estavam se agitando. Moviam-se e giravam seguindo novos rumos. Cada vez que sua vida ia dar um giro, sempre ocorria assim.

A primeira vez que Hugh viveu essa sensação foi quando tinha oito anos. Foi o dia em que seu avô o convocou junto ao leito de morte e lhe disse que o mandaria viver na fortaleza de Erasmus de Thornewood.

– Sir Erasmus é meu suserano. – Os olhos claros de Thomas ardiam no rosto magro, devastado.

Aceitou te tomar a seu serviço. Se ocupará de que o eduquem e instruem como cavaleiro. Entende?

– Sim, avô.

Submisso e angustiado, Hugh estava de pé a um lado da cama. Contemplava ao avô em silencioso pavor, sem poder acreditar que esse homem velho e frágil que jazia às portas da morte fosse o mesmo cavaleiro feroz e amargo que o tinha criado desde a morte dos pais.

– Erasmus é jovem, mas forte. Um guerreiro excelente e destro. Faz dois anos foi às Cruzadas, e retornou com muita glória e riquezas. – Thomas fez uma pausa,

³ Recipiente das máquinas fundidoras e compositoras, onde se derrete o metal; caldeira.

interrompido por uma tosse dilaceradora. – O ensinará o que precise saber para poder se vingar contra a casa de Rivenhall. Está me compreendendo, moço?

– Sim, avô.

– Estuda bem. Aprende tudo o que possa enquanto esteja aos cuidados de Erasmus. Quando for um homem saberá o que fazer e como fazer. Recorda tudo o que te disse sobre o passado.

– Recordarei, avô.

– Aconteça o que acontecer, tem um dever para com a memória de sua mãe. É o único que fica, moço. O último em sua linha de descendência, apesar de que nasceu bastardo.

– Entendo.

– Não deverá descansar até ter encontrado um modo de se vingar dessa casa, da que saiu a víbora que seduziu a minha inocente Margaret.

Ao pequeno Hugh não lhe tinha parecido justo procurar vingança contra a casa de seu próprio pai, apesar do que lhe ensinaram com respeito à natureza malvada do clã Rivenhall. No fim de contas, o pai estava morto, igual à mãe. Era claro que a justiça tinha sido feita.

Mas essa justiça não satisfazia ao avô de Hugh.

Nada poderia satisfazer a *sir* Thomas.

O pequeno Hugh de oito anos afastou o momento de dúvida. Estava em jogo a honra, e nada era mais importante que sua própria honra e a do avô. Isso ele assimilou por completo. Desde que nasceu, infundiram nele a importância da honra, pois era a única coisa que se dava a um bastardo, como estava acostumado a dizer *sir* Thomas.

– Não descansarei, avô – Hugh tinha prometido com o ardor que só podia manifestar um menino de oito anos.

– Se assegure de que assim seja. Nunca esqueça que a honra e a vingança são o principal.

A Hugh não surpreendeu que seu avô morresse sem palavras de carinho ou nenhuma bênção póstuma ao único neto. Nunca houve muito afeto nem calidez da parte de Thomas. A cólera fervente que provocou a torpe sedução, a traição e a morte de sua bem amada filha tingiu todos os sentimentos do ancião.

Não era que seu neto não importasse Thomas. Hugh sempre soube que era de vital importância para seu avô, mas porque era o único meio de vingança. Thomas morreu com o nome da filha nos lábios ressecados.

– Margaret. Minha bela Margaret. Seu bastardo a vingará.

Por fortuna para o filho bastardo de Margaret, Erasmus de Thornewood compensou em grande medida o que Thomas não foi capaz de dar a Hugh. Perspicaz, inteligente, e dono de uma áspera bondade, Erasmus tinha menos de vinte e cinco anos quando Hugh foi viver com ele. Acabava de retornar triunfante de Terra Santa, e cumpriu para o menino o papel de pai. Esse menino lhe entregou todo seu respeito e sua infantil admiração.

Já homem, Hugh dava ao suserano sua absoluta e firme lealdade. No mundo em que Erasmus se movia, era uma espécie estranha e apreciada.

Dunstan envolveu melhor na capa cinza de lã seu corpo robusto, e observou Hugh pela extremidade do olho. O senhor sabia o que estava pensando: Dunstan não aprovava que fosse em perseguição da pedra verde. Considerava isso uma perda de tempo.

Tratou de explicar a ele que valioso não era o cristal em si mesmo a não ser o que representava: a maneira mais segura de se apropriar de Scarcliffe. Mas para Dunstan o impacientavam essas idéias. Pensava que um bom aço e um sólido bando de homens armados eram as chaves para reter Scarcliffe.

Era quinze anos mais velho que Hugh, veterano cheio de cicatrizes, obtidas na mesma Cruzada em que tinha triunfado Erasmus. As feições rudes, gastas, refletiam a dureza daquele tempo. A diferença de Erasmus, Dunstan voltou da prova sem glória nem ouro que compensasse seus esforços.

Embora as habilidades de luta de Dunstan fossem úteis para Erasmus, todos, em especial este último, sabiam que a ímpar habilidade de Hugh para urdir estratégias constituía a base do sereno poder de Erasmus. Este premiou o seu leal partidário com Scarcliffe, uma posse que em outro tempo pertenceu à família de Hugh. Dunstan decidiu ir com Hugh à nova propriedade.

– Não se ofenda, Hugh, mas seu cenho não é como o de outros. – Lançou uma risada breve, exibindo os ossos entre os dentes manchados. – Provoca um clima de ameaça. Às vezes, até me impressiona. Talvez tenha aperfeiçoado muito bem sua lenda de cavaleiro sinistro e perigoso.

– Se equivoca. – Hugh esboçou um sorriso desinteressado. – A julgar pela reação de ontem à noite de lady Alice, não a aperfeiçoei o suficiente.

– Sim. – Dunstan adotou uma expressão sombria. – É evidente que não se encolheu nem se acovardou como deveria. Talvez não tenha muito boa vista.

– Estava muito concentrada em fazer um trato comigo para advertir que minha paciência estava se esgotando.

A boca de Dunstan se curvou em um sorriso amargo: – Estou seguro de que esta senhora não retrocederia nem ante o próprio demônio.

– Uma mulher muito singular.

– De acordo com minha experiência, as mulheres ruivas sempre trazem problemas. Uma vez, em um botequim de Londres, conheci uma ruiva. Encheu-me de cerveja até que caí em sua cama. Quando despertei, já não estavam nem ela nem meu moedeiro.

– Tratarei de me lembrar de vigiar meu dinheiro.

– Será melhor que o faça.

Hugh sorriu e não disse nada. Ambos sabiam que não lhe custaria trabalho vigiar o dinheiro e as contas. Tinha talento para os negócios. Poucos de seus conhecidos se ocupavam de assuntos tão mundanos. Esbanjavam, e para voltar a encher suas arcas dependiam das fontes usuais: resgate, justas, e os afortunados que

possuíam terra, o ingresso de propriedades mal dirigidas. Hugh preferia algo mais direto para assegurar um ingresso.

Dunstan moveu a cabeça com ar triste:

– É uma pena que a pista do cristal verde nos tenha levado até alguém como lady Alice. Não sairá nada bom disto.

– Admito que tudo resultaria mais fácil se ela se deixasse intimidar, mas não estou convencido de que este giro dos fatos seja desafortunado – disse, marcando as palavras–. Estive pensando nisso quase toda a noite. Dunstan, aqui há possibilidades. Interessantes possibilidades.

– Então, estamos condenados – repôs Dunstan, filosófico–. Cada vez que pensa muito em algo, topamos com problemas.

– Terá notado que tem olhos verdes.

– Ah, sim? – disse Dunstan, carrancudo–. Não posso afirmar que tenha notado a cor de seus olhos. O cabelo vermelho já me parece bastante mau presságio.

– Um matiz de verde muito especial.

– Como os de um gato, diz?

– Ou os de uma desgraçada princesa duende.

– Vamos de mal a pior. Os duendes praticam um tipo de magia muito fugidio. –Dunstan fez uma careta–. Não o invejo por ter que tratar com uma pequena arpia de cabelo vermelho e olhos verdes.

– Para falar a verdade, ultimamente tenho descoberto que eu gosto do cabelo vermelho e dos olhos verdes.

– Ora. Sempre preferiu as mulheres de cabelos e olhos escuros. Em minha opinião, lady Alice não é especialmente bela. O que passa é que está apanhado por sua estranha audácia. O diverte a coragem que demonstrou ao te desafiar.

Hugh deu de ombros.

– Não é mais que uma novidade passageira, *milord* – o assegurou Dunstan–. Passará logo, como a ressaca depois de beber muito vinho.

– Sabe dirigir uma casa – prosseguiu Hugh, pensativo—. O banquete que ofereceu ontem à noite não desmereceria à esposa de um grande barão. Poderia se servir em qualquer salão da nobreza. Preciso de alguém que possa organizar um lar com semelhante destreza. Dunstan começou a se alarmar.

– Que diabos está dizendo? Pense em sua língua, *milord*. Foi tão aguda como minha adaga.

– Quando decidiu mostrá-las, suas maneiras foram as de uma grande dama. Poucas vezes vi uma reverência tão graciosa. As pessoas poderiam estar orgulhosas do recebimento que daria aos convidados.

– Pelo que vi ontem à noite e todos os rumores que escutei desde que chegamos aqui, tenho a impressão de que não decide mostrar essas deliciosas maneiras com muita frequência – Dunstan se precipitou a dizer.

– Tem idade suficiente para saber o que faz. Não estou me vendo com uma inocente de olhos úmidos a que terei que proteger e consentir.

Dunstan girou a cabeça com os olhos muito abertos. – Pelos pregos de Cristo, não falará a sério.

– Por que não? Depois que recupere o cristal verde, estarei muito ocupado. Há muito que fazer em Scarcliffe. Não só tenho que atender os problemas de minhas novas terras, mas também arrumar o velho castelo.

– Não, *milord*. – Parecia que Dunstan estava se afogando com um pedaço de bolo de carne –. Se for dizer o que eu acredito, rogo que pense melhor.

– É evidente que está bem preparada na arte de dirigir um lar. Sabe que sempre me guiei pelo princípio de que é mais proveitoso empregar bons peritos, Dunstan.

– Talvez esse princípio tenha servido para escolher garçons, ferreiros, e tecedores, *milord*, mas agora está falando de uma esposa.

– E? Pelo sangue do demônio, Dunstan, sou cavalheiro de ofício. Não tenho idéia de como organizar uma casa, nem você tampouco. Nunca pus um pé, sequer, na cozinha. Não sei muito bem o que acontece aí.

– E o que isso tem a ver?

– Muito, pois eu quero comer bem. E eu gosto da boa comida.

– Sim, isso é certo. Não se ofenda, mas no que diz respeito à comida é muito exigente, senhor. Não sei por que não o satisfaz um bom assado de cordeiro e cerveja.

– Porque uma dieta de cordeiro assado e cerveja depois de um tempo me aborrece – disse Hugh, impaciente –. Além do tema da comida, em uma casa há outras coisas importantes. Milhares. Terá que limpar salões e dormitórios. Lavar a roupa. Ventilar as camas. Terá que fiscalizar aos criados. O que faz um para que a roupa tenha aroma fresco e limpo?

– Esse problema não está acostumado a me desvelar.

Não fez conta.

– Em síntese, quero que o castelo Scarcliffe esteja bem dirigido, e isso significa que necessito a uma perita, do mesmo modo que para meus outros assuntos. Necessito a uma dama que tenha sido bem educada para levar uma grande casa.

Ante os olhos de Hugh dançou uma visão do futuro. Queria ter um salão próprio, que fosse cômodo. Queria poder se sentar à cabeceira da mesa, sob o baldaquino e jantar pratos bem amadurecidos. Queria dormir entre lençóis limpos e se banhar em água perfumada. Sobretudo, queria receber a seu senhor, Erasmus de Thornewood, de maneira adequada a sua categoria.

Esse último pensamento diminuiu o resplendor da visão. Seis semanas atrás, quando Hugh foi convocado à sala de audiências para receber o feudo de Scarcliffe, Erasmus não tinha bom aspecto, e era óbvio que tinha emagrecido. Tinha semblante tenso, crispado, e expressão melancólica nos olhos. Sobressaltava-se ao menor ruído. Hugh se alarmou. Perguntou a ele se estava doente, mas Erasmus se negou a falar do tema.

Ao partir do castelo de Erasmus, ouviu rumores. Soube que tinham chamado aos médicos e que saíram murmurando que tinha uma enfermidade do pulso e do coração. Hugh não confiava nos médicos, mas nesta ocasião estava preocupado.

– *Milord*, estou seguro de que pode encontrar a outra dama muito mais adequada que esta para que seja sua esposa – disse Dunstan, desesperado.

– Talvez, mas não tenho tempo para procurar. Não tenho oportunidade de rastrear outra esposa até a próxima primavera. Não quero acampar no castelo de Scarcliffe em seu estado atual durante todo o inverno. Quero um salão em bom estado.

– Sim, mas...

– Será muito eficaz e conveniente, Dunstan. Pense nisso. Já expliquei que a recuperação do cristal será muito útil para confirmar ao povo de Scarcliffe que eu sou seu verdadeiro senhor. Por favor, imagine quanto melhor os impressionaria se fossem as minhas novas terras com uma esposa.

– Pensa no que está dizendo, *milord*. Hugh sorriu, satisfeito.

– Sem dúvida, os conquistará para mim. Verão imediatamente que penso me estabelecer ali de forma permanente. Dará confiança a eles em seu próprio futuro. Se quiser que Scarcliffe seja rico e próspero, tenho que ganhar seus corações e sua confiança, Dunstan.

– Não o discuto, mas faria bem em conseguir outra mulher. Eu não gosto da aparência desta, e essa é a pura verdade.

– Admito que, à primeira vista, lady Alice não parece a mulher mais dócil e amigável.

– Me alegra que tenha notado isso.

– De todos os modos – continuou Hugh –, é inteligente e já passou essa etapa de frivolidade que ataca a todas as moças.

– Sim, e sem dúvida também muitas outras coisas.

Hugh entrecerrou os olhos.

– Sugere que já não é virgem?

– Só o recordeo que lady Alice é de caráter decididamente audaz – balbuciou Dunstan. E também, não se trata de um tímido e enrubescido casulo sem abrir, *milord*.

– Sim.

Hugh franziu o sobrecenho.

–O cabelo avermelhado e os olhos verdes indicam paixão, senhor. Ontem à noite teve uma amostra de seu temperamento. Não cabe dúvida de que, de vez em quando, se permite outras emoções intensas. Depois de tudo, tem vinte e três anos.

Hugh pensou no que Dunstan dizia. – Evidentemente, é de natureza intelectual. Sem dúvida, deve sentir curiosidade por esses temas. Mas acredito que terá sido discreta.

– É de esperar.

Hugh se livrou de todas as reservas que tratava de fazer Dunstan.

– Estou seguro de que ela e eu nos levaremos muito bem.

Dunstan gemeu.

– Em nome de Deus, de onde tira essa idéia? –Eu já disse, é uma mulher inteligente. – Uma cota a mais de inteligência e conhecimentos só serve para fazer mais difíceis às mulheres, se me perguntar isso.

– Acredito que ela e eu nos poremos de acordo – disse Hugh–. Como é inteligente, aprenderá rápido.

– E o que aprenderá?

– Que eu também sou inteligente. – Esboçou um sorriso fugaz–. E que tenho mais vontade e decisão que a que ela possa possuir.

– Se pensa tratar com lady Alice, o conselho que demonstre a ela que é muito mais perigoso do que o considera agora mesmo.

– Usarei qualquer stratagem que me pareça apropriado.

– Isto eu não gosto, *milord*.

– Sei.

Dunstan voltou a cuspir por cima do muro.

– Já vejo que é inútil tratar de raciocinar. Esta questão de assegurar as novas terras está resultando muito mais difícil do que tinha imaginado, não?

– Sim – concordou Hugh—. Mas este deve ser meu destino na vida. Estou acostumado.

– Certo. Ao que parece, nada resulta fácil, não é? A um gostaria que os Santos tivessem piedade de vez em quando.

– Farei tudo o que deva para reter Scarcliffe, Dunstan.

– Não duvido. Só lhe peço que seja cauteloso ao tratar com lady Alice. Algo me diz que até o mais vigoroso dos cavalheiros poderia chegar a um mau fim com ela.

Hugh assentiu, indicando que tomava nota da advertência, mas para seus adentros, o relegou ao esquecimento.

Essa manhã chegaria a um acordo com a misteriosa e imprevisível lady Alice. Tinha toda a intenção de que essa dama, com sua inteligência e suas maneiras altivas descobrisse que tinha obtido mais do que esperava.

Na noite anterior, ao perceber que talvez estivesse na presença de uma adversária mais formidável do que antecipava, Hugh anunciou aos presentes no salão que não faria tratos em público. Disse a Alice que discutiriam a sós esse dia.

Na verdade, havia posposto a negociação porque queria ter tempo para pensar no novo nó que tinha aparecido nesta meada muito enredada.

Pensou que no transcurso da empreitada tinha recebido muitas advertências diretas, mas ninguém o advertiu contra Alice.

Recebeu a primeira chave de seu caráter nas primeiras horas da noite, quando o tio exalou um comprido suspiro ao ouvir o nome dela. Ao que parecia, a dama resultava uma dura prova para o tio.

Pelo pouco que averiguou, Hugh esperava se encontrar com uma solteirona amarga e petulante, com uma língua capaz de esfolar vivo a um homem. A única parte da descrição que resultou precisa foi referida à língua. Ficava claro que Alice não vacilava em expressar sua opinião.

Deixando de lado esse traço de audácia, a mulher que enfrentou a ele no salão na noite anterior era muito diferente da que Ralf tinha descrito.

Em seguida soube que Alice não era amargurada a não ser resolvida. Imediatamente reconheceu a diferença. Não era petulante a não ser obstinada, e evidentemente muito mais inteligente que os que a rodeavam. Possivelmente fosse uma mulher difícil, mas sem dúvida interessante.

Segundo a descrição que Ralf fez de sua sobrinha, Hugh esperava se enfrentar com uma criatura imponente, feita para os mesmos fins que seu cavalo de guerra.

Mas teve uma surpresa.

Lady Alice era esbelta, elegante e graciosa. Não havia nela nada que recordasse a um cavalo de guerra. O comprido vestido verde delineava as curvas do corpo flexível, esboçando os peitos do tamanho de pêssegos amadurecidos, a cintura diminuta, e os quadris de curvas viçosas.

Hugh reconheceu que Dunstan tinha razão em um aspecto. Em Alice havia fogo suficiente para queimar a qualquer homem, e começava pelo cabelo. As mechas da cor das chamas estavam metidas em uma rede dourada que refletia o resplendor do fogo.

Tinha ossos finos, um nariz firme, queixo decidido e boca expressiva. Os olhos eram enormes, e se estiravam para cima, às têmperas. Sobre eles, se arqueavam umas delicadas sobrancelhas acobreadas. Na linha dos ombros e o ângulo do queixo se evidenciavam orgulho e ânimo. Era um tipo de mulher que atraía o olhar masculino não por sua beleza, mas sim porque, sem ser feia, chamava a atenção.

Alice não era mulher para ser ignorada. Sentia-se amargura por estar solteira aos vinte e três anos, como Ralf sugeriu, Hugh não percebeu nenhum sinal disso. Na realidade, tinha a forte suspeita de que desfrutava não ter que responder ante um marido, coisa que poderia representar certo problema para ele. Mas se considerava capaz de resolvê-lo.

– Lady Alice quer fazer um trato com você – disse Dunstan–. O que acha que pretende em troca de te ajudar a recuperar a pedra verde?

– Talvez livros – respondeu, distraído –. Segundo seu tio, gosta muito deles.

Dunstan resmungou.

– Dará a ela algum dos teus?

Hugh sorriu:

–Talvez lhe empreste alguns de vez em quando. Seguiu contemplando a paisagem. O ar era vivo.

As granjas e os campos de Lingwood Manor se estendiam serenos sob o céu de chumbo. Era o começo do outono. A colheita estava pela metade, e boa parte da terra estava nua, esperando o iminente frio do inverno. Queria chegar a Scarcliffe o antes possível. Havia muito que fazer.

A chave era lady Alice, sentia isso nos ossos.

Com ela poderia encontrar a maldita pedra verde e assegurar o futuro. Tinha chegado muito longe, esperado muito e desejado muito para se deter nesse momento.

Tinha trinta anos, mas nas manhãs frias como a presente se sentia com quarenta. As tormentas interiores sopravam com ferocidade, o enchendo de inquietação, de uma necessidade incipiente que não compreendia bem.

Sempre era consciente dessas tempestades que rasgavam sua alma, mas só nas horas mais recônditas da noite, ou na névoa cinza do amanhecer podia perceber realmente os ventos tenebrosos que o impulsionavam. Cada vez que podia evitava essas ocasiões. Não queria indagar muito a fundo no coração dessas tormentas.

Concentrou-se na tarefa que o esperava. Tinha suas próprias terras. Só precisava retê-las, e isso estava resultando difícil.

Nas últimas semanas, Hugh começou a descobrir por que as terras de Scarcliffe tinham passado por tantas mãos nos últimos anos.

Era um fato que não se recordava a nenhum homem que tivesse tido êxito em reter Scarcliffe mais que por um breve lapso para logo perdê-la pela morte ou a má sorte. Diziam alguns que Scarcliffe estava enfeitiçada por maus presságios, má sorte e uma antiga maldição.

"Que descubra as pedras e retenha estas terras

“Terá que fazer custodiar o cristal verde pelas mãos de um guerreiro”.

Hugh não acreditava no poder das antigas maldições. Confiava em poucas coisas além de sua própria destreza como cavaleiro e a vontade decidida que o tinha levado até este ponto. Mas tinha um saudável respeito para o poder que às vezes exerciam semelhantes tolices sobre a mente de outras pessoas.

Sem ter em conta sua própria opinião sobre a irritante profecia, sabia que o desanimado povo de Scarcliffe acreditava na velha lenda. Seu novo senhor teria que demonstrar que o era retentor do cristal verde.

Desde que foi tomar posse do feudo, menos de um mês atrás, Hugh descobriu que os habitantes que o chamavam senhor estavam chateados. A boa gente de Scarcliffe o obedecia por temor, mas não via nele esperança para o futuro. Seu desânimo se manifestava em tudo o que fazia da maneira desinteressada em que moía o trigo até o modo em que trabalhava os campos.

Hugh estava acostumado a mandar; tinha sido treinado para isso. Tinha sido chefe natural de homens durante a maior parte de sua vida adulta. Sabia que podia obter um nível mínimo de cooperação dos governados, mas também sabia que isso não bastava.

Necessitava lealdade voluntária da parte do povo para fazer prosperar Scarcliffe pelo bem de todos. O problema radicava em que os habitantes do feudo não acreditavam que Hugh durasse muito tempo em sua posição de lorde. Nenhum dos anteriores tinha sobrevivido mais que um ou dois anos.

A hora apenas de sua chegada ouviu murmúrios que vaticinavam iminentes desastres. Um bando de cavaleiros renegados pisoteava as colheitas. Uma tormenta de raios danificava boa parte da igreja. Um monge errante que pregava a condenação e a destruição aparecia na vizinhança.

Para as pessoas de Scarcliffe, o roubo da pedra verde da cripta do convento local foi um acidente de proporções catastróficas. Também foi a gota que transbordou o copo. Hugh compreendeu que, aos olhos do povo, ele não era seu verdadeiro senhor.

Compreendeu imediatamente que o modo mais rápido para ganhar a confiança do povo era recuperar a pedra verde. E isso era o que pretendia fazer.

– Tome cuidado, *milord* – o advertiu Dunstan—. Lady Alice não é uma donzela temerosa que vá se assustar de sua reputação. Sem dúvida, tratará de regatear como se fosse um lojista londrino.

– Será uma experiência interessante.

– Não esqueça que ontem à noite estava mais que disposta a traficar com sua alma pelo que seja que espera de você.

– Sim. – Hugh quase sorriu –. Talvez seja precisamente a alma o que lhe peça.

– Tenta não perder a sua no intercâmbio.

– Supõe que tenho uma alma a perder.

A perna torcida impediu Benedict de entrar como uma tromba no estúdio de Alice mas, de todos os modos, conseguiu demonstrar seu aborrecimento e irritação com o rosto avermelhado e os olhos verdes faiscantes de fúria.

– Alice, isto é uma loucura. – se deteve em frente à escrivaninha de sua irmã e guardou a fortificação sob o braço. – Não pensará a sério em fazer um trato com Hugh, o Implacável.

– Agora se chama Hugh de Scarcliffe – Alice o corrigiu.

– Segundo o que ouvi a palavra Implacável lhe cai muito bem. O que acha que está fazendo? Desde todo ponto de vista, é um homem muito perigoso.

– Mas, ao que parece honesto. Diz-se que, se chegar a um acordo, o respeitará.

– Estou seguro de que qualquer acordo feito com sir Hugh será em seus próprios termos – replicou –. Alice, se diz que é muito inteligente e hábil para urdir estratégias.

– E? Eu também sou bastante inteligente. – Sei que está convencida de que pode dirigi-lo como ao tio. Mas os homens como Hugh não são fáceis de manipular, e menos por uma mulher.

Alice deixou a pluma com que estava escrevendo e contemplou a seu irmão. Benedict tinha dezesseis anos, e ela era a única responsável por ele desde que seus pais morreram. Tinha consciência aguda de que tinha falhado com ele, e estava decidida a fazer o que pudesse para compensar o fato de ter deixado que a herança do irmão passasse às mãos de Ralf.

A mãe, Helen, tinha morrido fazia três anos. O pai, sir Bernard, foi assassinado por um ladrão de rua em frente a um bordel de Londres dois anos atrás. Em seguida depois de se inteirar da morte de Bernard, apareceu Ralf. Alice logo se viu envolvida em uma desesperada batalha legal para reter a pequena propriedade que constituía a herança de Benedict. Fez tudo o que pôde para conservar o controle do diminuto feudo mas, apesar de seu cérebro de mosquito, nesse terreno Ralf a superou.

Depois de quase dois anos de discussões e persuasão, convenceu Fulbert de Middleton, o suserano de Alice e também de Ralf, de que teria que haver um cavaleiro devidamente preparado para estar à frente da propriedade. Ralf afirmou que Alice, por ser mulher, era incapaz de fazê-lo bem e que Benedict, com sua perna doente, não podia ser instruído como cavaleiro armado. Depois de muita insistência de parte de Ralf, Fulbert chegou à conclusão de que fazia falta um homem armado para se encarregar da pequena propriedade que tinha pertencido lorde Bernard.

Para fúria e desgosto de Alice, Fulbert entregou a propriedade de seu pai a Ralf. Este, por sua vez, deu a terra a seu filho mais velho, Lloyd.

Pouco depois, Alice e Benedict se viram obrigados a se mudar para Lingwood. Uma vez que se assegurou da posse do feudo, Lloyd se casou com a filha de um suserano vizinho. Fazia seis meses tiveram um filho. Alice tinha uma mente bastante prática para compreender que por muito que insistisse reclamando nos tribunais o direito de seu irmão, era quase improvável que recuperasse a herança de

Benedict. Saber que não tinha completado com a responsabilidade para com Benedict lhe provocava uma profunda dor. Poucas vezes deixava de cumprir, sobretudo fosse algo tão importante.

Decidida a reparar esse desastre do único modo possível, Alice se propôs dar a Benedict a melhor possibilidade de progresso no mundo: o mandaria aos grandes centros de ensino que eram Paris e Bolonha, para que aprendesse leis.

E embora nada podia recompensá-lo pelas terras perdidas, Alice quis fazer o melhor que podia. Quando ficasse tranqüila com respeito às possibilidades de Benedict na vida, cumpriria seus próprios sonhos, entrando em um convento que tivesse uma boa biblioteca. Uma vez ali, se dedicaria ao estudo da filosofia natural.

Uns dias atrás ambos os objetivos pareciam fora de seu alcance, mas a chegada de Hugh, o Implacável lhe abriu uma nova perspectiva. Estava decidida a aproveitar a oportunidade.

– Não se alarme, Benedict – disse com vivacidade –. Estou convencida que sir Hugh resultará um homem razoável.

– Razoável? – Benedict fez um gesto frenético –. Alice é uma lenda. As lendas nunca o são.

– Vamos, não sabe. Ontem à noite, me pareceu perfeitamente de acordo com um discurso racional.

– Ontem à noite brincou com você. Alice, me escute, Erasmus de Thornewood é o suserano de sir Hugh. Sabe o que isso significa?

Alice pegou a pluma e tamborilou, pensativa, com a ponta nos lábios.

– Ouvi falar de Erasmus. Diz-se que é muito poderoso.

– Sim, e isso faz que Hugh, seu homem, também o seja. Deve ser cuidadosa. Não acredite que poderá regatear com sir Hugh como se fosse um marreteiro. Isso seria uma loucura.

– Tolices. – Alice lhe dirigiu um sorriso tranqüilizador –. Se preocupa muito, Benedict. É um defeito que percebi ultimamente.

– Tenho motivos para me preocupar.

– Não, não tem motivo. Se lembre do que digo: sir Hugh e eu nos entenderemos muito bem.

Uma figura volumosa apareceu na entrada, projetando uma sombra larga e escura sobre o tapete.

– Você reflete minhas próprias idéias, lady Alice – disse –. Alegra-me saber que pensamos igual a respeito.

Quando a voz profunda e ressoante encheu o estúdio, Alice sentiu que sua pele se arrepiava, e embora o homem falasse muito baixo, seu som pareceu tampar todos os outros. O pássaro que cantava no batente da janela calou. Apagaram-se os ecos dos cascos dos cavalos no pátio.

Alice sentiu que suas vísceras se contraíam e não pôde deixar de olhar para Hugh. Era a primeira vez que o via depois do enfrentamento da noite anterior, no salão. Ansiava descobrir se a presença do homem provocava nela o mesmo efeito estranho que nessa primeira ocasião.

Assim foi, contra toda razão e a evidência de seus próprios olhos, Hugh o Implacável lhe pareceu o homem mais atrativo que tinha conhecido. Não era mais arrumado à luz do dia que na noite anterior, mas algo a impulsionava para ele.

"É como se tivesse desenvolvido outro sentido adicional – pensou –, e o empregasse mais à frente do ouvido, da visão, do tato, do paladar e do olfato. Em síntese, é um interessante problema de filosofia natural", concluiu.

Benedict deu bruscamente a volta para o recém-chegado, e golpeou com a fortificação a escrivanhinha de Alice.

– *Milord.* – Sua mandíbula se endureceu –. Minha irmã e eu sustentávamos uma conversa particular. Não o vimos.

– Dizem que é difícil me passar por alto – disse Hugh –. Você é Benedict?

– Sim, *milord.* – Endireitou os ombros –. Sou o irmão de Alice e não acredito que deva ficar a sós com ela. Não é correto.

Alice pôs os olhos em branco.

– Benedict, por favor, isto é ridículo. Não sou uma donzela que deva cuidar minha reputação. Sir Hugh e eu só queremos conversar sobre negócios.

– Não está bem – insistiu Benedict.

Hugh apoiou um ombro no marco da porta e cruzou os braços sobre o peito. – O que acha que poderia fazer a ela?

– Não sei – murmurou-. Mas não o permitirei.

A irmã perdeu a paciência.

–Suficiente, Benedict. Deixe-nos a sós agora. Sir Hugh e eu devemos falar de negócios.

– Mas, Alice...

– Mais tarde falarei com você, Benedict.

O moço se ruborizou intensamente. Olhou carrancudo para Hugh, que se limitou a dar de ombros, e se separou da porta para, o deixarele passar.

– Não tema – Hugh falou baixinho a ele -. Dou minha palavra que não violarei a sua irmã durante este acordo que ela quer fazer comigo.

Benedict se ruborizou mais ainda. Lançou um último olhar zangado a Alice, passou junto a Hugh com estupidez, e desapareceu pelo corredor.

Hugh esperou até que estivesse o bastante longe para não os ouvir e logo olhou a Alice aos olhos.

– O orgulho de um jovem é algo difícil que convém tratar com delicadeza.

– Não se preocupe com meu irmão, senhor. É minha responsabilidade. – Indicou um tamborete de madeira com um gesto-. Sente-se, por favor. Temos muito que falar.

– Sim. – Olhou o banco, mas não se sentou. Foi até o braseiro e pôs as mãos em cima para receber o calor das brasas-. É certo. Do que se trata esse acordo que quer fazer comigo?

Alice o olhou com uma ansiedade que não podia dissimular. "Parece bastante sensato", pensou. Não havia sinais de que fosse apresentar dificuldades. Era um homem sensato, razoável, como tinha deduzido. – *Milord*, serei clara.

– Por favor. Prefiro que seja direta. Assim se economiza muito tempo, não?

– Sim. – Alice uniu as mãos sobre a escrivaninha –. Estou disposta a dizer onde acredito que o ladrão levou meu cristal verde.

– O cristal é meu, lady Alice. Acredito que tem o hábito de esquecer isso.

– Em outro momento poderemos discutir os detalhes, *milord*.

Hugh pareceu divertido. – Não haverá discussões.

– Excelente. Alegro-me saber que você é um homem razoável, senhor.

– Faço o que posso.

A moça sorriu aprovadora.

– Bem, como eu disse, contarei onde acredito que está o cristal neste momento. Além disso, até o acompanharei a esse lugar e mostrarei ao ladrão.

Hugh pensou:

– Muito útil.

– Me alegra que o valorize, *milord*. Mas há mais em minha parte do acordo.

– Estou impaciente por ouvir o resto.

– Não só o ajudarei a encontrar o cristal, mas também farei algo mais. – se inclinou para frente para enfatizar o que ia dizer –. Aceitarei renunciar a meu direito a ele.

– Um direito que não aceito.

Alice começou a franzir o sobrecenho.

– Senhor...

– E o que pensa me pedir em troca de tão magnânimo oferecimento, lady Alice? – A interrompeu, sereno.

A moça se armou de coragem.

– *Milord*, em troca lhe pedirei duas coisas. A primeira é que, dentro de dois anos, quando meu irmão tenha idade suficiente, arrumará que vá a Paris, e talvez a Bolonha, para estudar. Quero que se prepare nas artes liberais e, em especial, em leis, para que possa obter uma posição de alta fila na corte, ou ao serviço de um príncipe ou um nobre rico.

– Seu irmão quer seguir uma carreira como secretário ou empregado?

– Não acredito que tenha muitas alternativas nesse sentido, *milord*. – Apertou os dedos—. Não fui capaz de proteger a herança de meu irmão de nosso tio, portanto, tenho que fazer o melhor para Benedict, fora isso.

Hugh a olhou, pensativo.

– Muito bem, suponho que isso é assunto dele. Estou disposto a financiar os estudos em troca de recuperar o cristal.

Alice se tranqüilizou. O pior tinha passado.

– Obrigado, *milord*. Alegra-me sabê-lo.

– Qual é a outra coisa que pretende de mim?

– Um pedido muito insignificante, *milord*, sem muito peso para alguém de sua posição – disse, com suavidade—. Na realidade, me atrevo a dizer que quase não o notará.

– Do que se trata senhora?

– Peço que me dê um dote.

Hugh contemplou as brasas como se visse ali algo muito interessante.

– Um dote? Quer se casar?

Alice riu.

– Por todos os Santos, de onde tirou essa idéia, *milord*? Claro que não quero me casar. Para que quereria um marido? Meu propósito é entrar em um convento.

Hugh se voltou com lentidão para ela. Seus olhos ambarinos a olhavam intensamente: – Posso perguntar por quê?

– Para poder continuar meus estudos de filosofia natural, é obvio. Para isso, necessitarei uma grande biblioteca, que só existe nos conventos ricos. – pigarreou com delicadeza—. E para entrar em uma boa casa religiosa, necessitarei um dote respeitável.

– Entendo. – A expressão de Hugh foi do falcão que divisa a sua presa –. Que lástima!

O coração de Alice se oprimiu. Por um momento, o olhou com franca decepção, pois estava muito segura de que chegariam a um acerto.

Desesperada, começou a acumular argumentos.

– *Milord*, rogo que pense bem. É óbvio que o cristal verde é muito importante para você. Eu posso fazer que o obtenha. Sem dúvida, compensará o custo de meu dote.

– Me entendeu mal, senhorita. Estou disposto a pagar o preço de uma noiva por você.

O rosto da jovem se iluminou.

– Sim. Mas quero que venha acompanhado de uma noiva.

– O que?

– Ou, pelo menos, a promessa de uma noiva.

Alice ficou tão estupefata que não podia pensar com clareza.

– Não compreendo, *milord*.

– Não? É bastante simples. Você obterá deste acordo uma parte do que me pede, lady Alice. Mas, em troca, eu lhe peço que você e eu nos prometamos antes de ir procurar o cristal verde.

Capítulo três

Hugh não ficou surpreso ao ver, que pela primeira vez na vida, Alice ficava sem fala. Divertido e satisfeito, contemplou seus grandes olhos verdes, os lábios entreabertos e a expressão atônita. Estava convencido de que não haveria muitos homens capazes de lhe provocar semelhante efeito.

Enquanto esperava que Alice recuperasse a fala, andou pela casa. Diferente do resto de Lingwood Hall, o quarto estava limpo e varrido. O ar cheirava a ervas frescas. Não ficou surpreso, pois na noite anterior, enquanto comiam iguarias como macarrão com molho verde e pão de alho, viu o quanto era prendada e ficou impressionado. Essa manhã, não demorou a perceber que, à margem da magia empregada no banquete, não se aplicou ao resto da casa de sir Ralf, a não serem os cômodos dessa ala. Era evidente que Alice as tinha reclamado para si e para o irmão.

Aqui estava tudo imaculado. Por todos os lados só eficiência e ordem, desde as tapeçarias que pendiam com cuidado dos muros, para tomar ar, até o chão resplandecente.

A luz do dia se via uma cena diferente no resto da casa de sir Ralf. Insetos, chão sem varrer, tapetes esfarrapados e aroma de umidade em quase todos os quartos, evidenciavam que Alice não se incomodava em estender sua habilidade fora dos limites de seu pequeno mundo.

Aí, no estúdio, Hugh não só descobriu a limpeza que esperava, mas também uma quantidade de coisas interessantes. O quarto estava cheio de coisas estranhas.

Em cima de uma prateleira, havia duas cadernetas muito usadas e dois volumosos cadernos de couro. Numa caixa de madeira uma coleção de insetos mortos. Sobre uma mesa estavam expostos o que pareciam partes e pedaços de espinhas de pescado e uma variedade de moluscos. Em uma esquina havia uma terrina de metal fixo sob um abajur sem acender. Na vasilha havia vestígios de um anterior experimento com aspecto de giz.

Hugh estava intrigado, pois a coleção revelava uma mente inquieta e um temperamento inquisitivo.

– *Milord* – disse Alice – em nome do céu, do que está falando?

Compreendendo que ela não reagia bem ante a idéia de se casar, decidiu seguir um caminho menos óbvio para seu objetivo. Tinha habilidade para as estratégias e não via por que não podia empregá-las para conseguir uma esposa.

– Já me ouviu. Necessito uma dama a que possa considerar minha.

– Mas...

– Por um tempo.

– Bom, o senhor não pode me ter. Encontre outra dama. Estou segura de que haverá muitas.

"Ah, mas nenhuma como você – pensou Hugh –. Não acredito que haja outra como você em toda a cristandade."

– Mas você me convém, lady Alice.

A moça se indignou:

– Eu não sou conveniente para nenhum homem, senhor. Rogo que pergunte a meu tio quão conveniente sou. Estou segura de que o tirará de seu engano. Considere-me muito difícil.

– Isso será sem dúvida porque você o quer. Eu espero que nós possamos fazer negócios como amigos e não como adversários.

– Amigos – repetiu cautelosa.

– Sócios – acrescentou.

– Sócios.

– Sim, sócios, como você mesma sugeriu ontem à noite, quando declarou que queria chegar a um acordo comigo.

– Isto não era o que eu tinha em mente. Talvez deva me explicar melhor, *milord*.

– Talvez – Hugh se deteve junto a um complicado instrumento feito com pratos de bronze e uma régua –. De onde tirou este formoso astrolábio⁴? Não vejo nada parecido desde que estive na Itália.

Alice franziu o sobrecenho:

– Meu pai me deu. Encontrou numa loja de Londres há alguns anos. Conhece o aparelho?

Hugh se inclinou sobre o aparelho.

– Senhora, embora ganhe a vida com a espada, seria um engano deduzir que sou um ignorante. – Moveu a régua que formava ângulo com os pratos, trocando a posição das estrelas em relação a Terra–. Em geral, os que cometeram esse erro, pagaram por ele.

Alice se levantou de um salto e deu à volta a escrivainha.

– Não o tomo por um ignorante, senhor. Ao contrário – se deteve junto ao astrolábio, carrancuda – Acontece que não entendo como funciona este aparelho, e não conheço ninguém que saiba um pouco de astronomia. Você poderia me ensinar a usá-lo?

Hugh se ergueu e olhou a expressão intensa que aparecia em seu rosto:

– Sim. Se chegarmos a um acordo, me encarrego de ensinar o uso correto do astrolábio.

Seus olhos acenderam com entusiasmo que, em outra, poderia ser confundido com paixão. Ruborizou-se:

– É muito amável de sua parte, *milord*. Na pequena biblioteca do convento local encontrei um livro que descreve o instrumento, mas não tem instruções para usá-lo. Asseguro que isso me frustra.

– Considere como um presente de compromisso.

Imediatamente apagou o brilho dos grandes olhos, substituído rapidamente pela cautela:

– Senhor, sobre esse compromisso, repito que deveria se explicar.

⁴ Instrumento astronômico inventado por Hiparco, astrônomo e matemático grego (séc. II a.C.), para medir as alturas de um astro acima do horizonte. Modernamente foi aperfeiçoado, e é um dos instrumentos fundamentais da astrometria.

– Está bem. – Hugh caminhou até uma mesa onde havia uma variedade de pedras e cristais. Levantou uma pedra vermelha e observou—. Lamento, dizer que sou vítima de uma maldição.

– *Milord*, isso será por sua culpa, sem dúvida – respondeu encrespada.

Levantou a vista, surpreso pela aspereza do tom:

– Minha culpa?

– Sim. Minha mãe sempre dizia que as enfermidades desse tipo provinham de freqüentar os bordéis, senhor. Por certo, terá que tomar uma dose de teriaga⁵ e fazer-se sangrar. Possivelmente teria que suportar também uma boa purgação. Acho que a culpa é sua por freqüentar tais ambientes.

– Você é perita nessas questões?

– Minha mãe era perita em ervas. Ensinou-me muitas coisas relacionadas com seu uso para curar os males do corpo. – O olhou, indignada—. Por outro lado, sempre me dizia que era mais prudente evitar certas enfermidades em lugar de tratar depois que o dano já estava feito.

– Estou de acordo com esse princípio. –A olhou—. O que aconteceu com sua mãe?

Passou uma sombra em seu rosto.

– Morreu, faz uns anos.

– Ofereço minhas condolências.

Alice exalou um leve suspiro.

– Acabava de receber um carregamento de ervas estranhas. Estava ansiosa para experimentá-las.

– Experimentá-las?

– Sim. Estava sempre preparando poções. A cada oportunidade, mesclava algumas das ervas novas segundo uma receita que tinha descoberto fazia pouco. Acreditava ser boa para tratar as dores de estômago e intestinos. Bebeu muito do preparado por acidente, e morreu.

⁵ Medicamento em cuja composição, variável, entravam dezenas de ingredientes e que os antigos supunham eficaz contra picadura de qualquer animal venenoso; era apresentado sob forma de electuário (Sacaróleo pastoso feito com pós, com polpas ou com extratos medicamentosos), com mel.

Hugh sentiu um frio nas vísceras.

– Sua mãe bebeu veneno?

– Foi um acidente – respondeu Alice precipitadamente, sem dúvida alarmada pela conclusão do homem—. Já lhe disse, ela testava um experimento.

– Ela mesma? – perguntou sem poder acreditar.

– Frequentemente provava os remédios antes de dar a um doente.

– Minha mãe morreu de um modo bastante similar – disse Hugh, sem parar de pensar em tamanha coincidência—. Bebeu veneno.

Os adoráveis olhos de Alice se encheram de compaixão.

– Sinto muito, *milord*. Sua mãe estudava ervas estranhas ou coisa parecida?

– Não. – Deixou a pedra vermelha, zangado por sua própria falta de discrição. Nunca comentava o suicídio de sua mãe, nem que havia administrado o veneno letal a seu pai antes de bebê-lo—. É uma longa história e não me agrada contar.

– Sim, *mi lorde*. São lembranças muito dolorosas.

A simpatia da mulher o irritou, pois não estava acostumado a esse sentimento e não queria estimulá-lo. Para ele significava debilidade.

– Me interpretou mal, quando disse que era vítima de uma maldição, não me referia a uma enfermidade do corpo.

O olhou intrigada:

– Se refere a um feitiço?

– Sim.

– Mas isso é uma tolice – disse Alice—. Por todos os Santos, não tenho paciência com os que acreditam em feitiços e maldições.

– Eu tampouco.

Alice deu a impressão de não tê-lo escutado:

– Asseguro que estou a par de homens ilustres acostumados a viajar em busca de antigos segredos mágicos, mas estou convencida de que perdem tempo. Não existe magia.

– Estou de acordo quanto a isso – disse Hugh—. Mas sou um homem prático.

– E então?

– E então, cheguei à conclusão de que a maneira mais rápida de obter meus próprios fins é cumprir com as exigências de uma antiga lenda que é, em parte, uma maldição.

– Uma lenda?

– Sim. – Levantou uma pedra rosada e a elevou para a luz. A boa gente de Scarcliffe é desprezada há vários anos. Nenhum deles conquistou o afeto do povo. E nenhum deles durou muito.

– E suponho que você pretende ser a exceção.

– Sim, senhora. – Deixou a pedra, se inclinou sobre a mesa e apoiou a mão no punho da espada. – Scarcliffe é minha e a reterei enquanto tiver fôlego.

A jovem lhe contemplou a expressão.

– Não duvido de suas intenções, *milord*, mas, o que diz exatamente a lenda?

– O autêntico senhor de Scarcliffe deve cumprir duas condições: manter segura a última pedra de um antigo tesouro e descobrir a localização das outras Pedras de Scarcliffe. Alice piscou:

– Isso significa que o cristal verde é valioso?

Hugh deu de ombros.

– Aos olhos do povo, sim. Acreditam que forma uma coleção valiosa de pedras preciosas, de outra época. Faz muito tempo que desapareceram, exceto o cristal verde. Nos últimos anos, o convento da região guardou o cristal. Mas faz duas semanas, desapareceu.

– Acredita que foi roubado?

– Sim. E no momento menos oportuno.

O olhou com expressão perspicaz:

– Depois que você foi tomar posse de Scarcliffe?

– Sim. – "*É rápida*", pensou Hugh. – Quero recuperá-la, pois será muito útil para acalmar os temores e dúvidas de minha gente.

– Entendo.

– Se volto com a pedra e com uma noiva, meu povo compreenderá que estou em condições de ser seu verdadeiro senhor.

Foi evidente que a moça se inquietou:

– Quer se casar comigo?

– Quero me comprometer com você. – *"Passo a passo"*, se recordou. Não queria assustá-la nesta etapa, pois agora que tinha um plano estava convencido de que daria certo, mas precisava da cooperação de Alice, pois não tinha tempo de procurar outra noiva. – Por pouco tempo.

– Mas um voto de compromisso é quase tão sério como um de casamento – protestou Alice. – Alguns estudiosos da religião afirmam que não há diferença real entre os dois.

– Você sabe tão bem quanto eu que esses estudiosos são minoria. Para falar a verdade, se rompem compromissos com bastante frequência, em particular se ambas as partes estiverem de acordo. Não vejo problemas.

Alice ficou em dúvida. Ficou em silêncio, com as sobrancelhas juntas, refletindo. Hugh compreendeu que pensava em sua proposta, procurando possíveis armadilhas, e a contemplava, fascinado.

Com um estranho peso na consciência, recordou quando planejava estratégias. Sabia exatamente o que estava pensando. Estar em situação semelhante era uma experiência estranha, como se pudesse lançar uma olhada fugaz ao interior da mente de Alice. Por um instante, sentiu uma sensação familiar e estranha. Teve a impressão de que conhecia Alice muito melhor do que pensava.

Saber que a inteligência da jovem era tão aguda como a própria e que possivelmente funcionasse do mesmo modo o desorientou. Não estava acostumado a idéia de que poderia ter em comum com outra pessoa um ponto tão importante; menos ainda com uma mulher.

De repente, soube que sempre se considerou diferente dos outros, afastado deles embora estivesse misturado. Tinha passado a vida com a sensação de que vivia

em uma ilha, e todas as demais pessoas moravam do outro lado. Mas por um instante fugaz, Alice parecia compartilhar da ilha com ele.

Alice lhe dirigiu um olhar perspicaz:

– Pensava ingressar em um convento assim que meu irmão estivesse encaminhado na vida.

Hugh afastou a estranha sensação e voltou com esforço ao assunto pendente.

– Não é incomum que uma dama quando rompe um compromisso, entre para um convento.

– Sim.

Não falou mais nada. Só refletiu.

De súbito, Hugh se perguntou se essa expressão tão apaixonada seria a mesma quando estivesse deitada na cama, debaixo de um homem. O levou a pensar se já teria deitado com algum ou não. Afinal de contas, tinha vinte e três anos, e Dunstan tinha razão. Não podia classificá-la como um casulo tímido, sem abrir. *"Por outro lado, não é nenhuma coquete"*, pensou Hugh. A julgar pela coleção de pedras, escaravelhos dissecados, e vários aparelhos que lotavam o estúdio, parecia que o entusiasmo de Alice acendia com mais facilidade por questões de filosofia natural que por idéias de paixão e pecado.

Alice cruzou os braços perto dos seios e tamborilou com os dedos nos braços.

– Quanto tempo duraria este compromisso para ser útil a seus propósitos, *milord?*

– Não poderia precisar isso, mas acredito que bastariam uns meses.

– Uns meses.

– Não é muito tempo – disse em tom agradável. – Na primavera, devo ter tudo sob controle. *“–Na primavera, estará casada e terá deitado comigo!”* Pensou Hugh.

– Não tem outro lugar para ir, não é?

– Não, mas...

– Poderia passar o inverno em Scarcliffe. É obvio que seu irmão também pode ir.

– E se você se compromettesse com outra mulher enquanto eu estou vivendo sob seu teto?

– Confrontarei esse problema quando surgir.

– Não estou segura. É muito diferente do que tinha em mente.

Percebendo sua vantagem, Hugh pressionou:

– Antes que perceba, a primavera terá chegado. Se não estiver feliz com Scarcliffe, poderíamos pensar em outras soluções.

Alice girou. Colocou as mãos para trás e começou a andar pelo cômodo.

– Vai precisar da permissão do meu tio para se comprometer comigo.

– Não acredito que haja algum problema.

– Claro. – Fez uma careta. – Está impaciente para se livrar de mim.

– Reforçarei sua impaciência com uma oferta em especiarias.

Alice o olhou novamente quando se voltou para cruzar outra vez a sala.

– Tem armazém de especiarias?

– Sim.

– Especiarias valiosas, senhor, ou só sal de má qualidade?

O homem dissimulou o sorriso.

– Só as melhores.

– Canela? Açafrão? Pimenta? Sal fino branco?

– E mais algumas.

Hugh hesitou, pesando quanto lhe convinha saber sobre suas próprias finanças. A maioria dos cavalheiros de êxito que não herdaram nada da família fez fortuna por meio de resgates e assaltos. Obtiveram riqueza fosse competindo em torneios ou vendendo suas espadas a senhores generosos que os recompensavam por esses serviços. Muitos não aceitavam se rebaixar a trabalhar no comércio.

Hugh tinha participado de seqüestros, vestido armaduras valiosas e montado magníficos cavalos de guerra em vários torneios e, certamente, foi afortunado na escolha de senhores. Mas a verdadeira origem de sua riqueza, que crescia com rapidez, era o comércio de especiarias.

Até o momento, não tinha se importado com a opinião de ninguém, mas de repente compreendeu, não desejava que Alice reprovasse sua ocupação.

Por outro lado, era uma mulher prática e talvez não se importasse. A certeza de que ele tinha uma fonte sólida e segura de ganhos a tranquilizaria.

Refletiu um pouco e decidiu pela verdade.

– Em geral, não o difundo – disse com calma –, mas não vivo só de minha espada.

O olhou surpreendida:

– Senhor, comercializa especiarias?

– Sim. Comecei a comercializar recentemente em grande escala, com vários mercados do Oriente. Se decidir entrar no convento, estarei em condições de prover uma dúzia de dotes respeitáveis para você, senhora.

– Entendo. – Pareceu afligida—. Necessito de um dote substancial para ingressar em um bom convento.

– Claro. Os conventos são tão exigentes quanto o marido latifundiário, não é?

– Sobretudo se espera que esqueçam uma reputação duvidosa – murmurou Alice—. Se eu conviver com você, como sua prometida e não nos casarmos, minha reputação ficará em migalhas.

Hugh assentiu.

– Darão por certo que convivemos como marido e mulher. Mas, como você diz, um dote apropriado persuadirá a qualquer bom convento para que ignore esses detalhes insignificantes.

Alice seguiu tamborilando com os dedos nos braços.

– Aconselho que não diga a sir Ralf que está disposto a pagar um grande dote por mim, senhor, pois do contrário tentará enganá-lo.

Um sorriso quase nasceu da boca de Hugh, mas se controlou com esforço.

– Senhora, não tenho o menor interesse nisso. Não tenha medo, tenho bastante experiência. Tem a minha palavra de que insistirei em não pagar muito por você.

Não muito convencida, franziu o cenho.

– Sir Ralf não tem escrúpulos em questões de negócios. Roubou a mim e a meu irmão.

– Então, eu poderia igualar roubando você por uma miséria.

Alice se calou e continuou andando

– Faria tudo isto em troca da minha ajuda, para recuperar a pedra verde e por nosso compromisso temporário?

– Sim. É o caminho mais curto e conveniente para meu objetivo.

– E por isso, é natural que o escolha – murmurou Alice.

– Não me agrada perder tempo.

– Você é um homem audaz, senhor.

– Acredito que nisso estamos de acordo – disse Hugh em tom suave.

Alice se deteve, e seu rosto se iluminou de entusiasmo renovado.

– Muito bem, senhor, aceitarei seus termos. Passarei o inverno em Scarcliffe com você, como sua prometida. Na primavera, reconsideraremos a situação.

Hugh se surpreendeu com a euforia que o invadiu, e teve que recordar a si mesmo que era só um negócio, nada mais. Tratou de controlar sua crescente satisfação.

– Excelente – disse—. O pacto está selado. Entretanto, prevejo um grande problema.

– Do que se trata?

Alice se deteve junto ao astrolábio.

– Penso que, embora meu tio fique feliz sem minha presença nesta casa, custará a acreditar na sua sorte.

– Não se aflija lady Alice. – Hugh estava impaciente por continuar com os acertos, toda vez que já tinham chegado a um acordo—. Repito, eu tratarei do seu tio.

– Mas suspeitará de seu súbito desejo em se casar comigo – insistiu.

– Por quê?

Hugh franziu o sobreenho.

– Se por acaso notou – disse com aspereza –, tenho mais idade que a habitual em uma noiva.

Hugh esboçou um sorriso.

– Uma das razões pelas quais você se torne muito apropriada a minhas necessidades é, precisamente, que já não seja uma moça frívola e inocente.

A jovem franziu o nariz.

– Isso é certo. É fácil acreditar que você não celebraria um acordo com uma mulher que ainda fosse uma menina, ou que não tivesse experiência na vida.

– Isso. – Hugh se perguntou quanta experiência da vida teria Alice—. Necessito de uma sócia nos negócios, não uma noiva exigente que se zangue e faça caretas quando não tenho tempo de acompanhá-la. Preciso de uma mulher madura e prática. Alice fez uma expressão ardilosa.

– Uma mulher madura e prática uma boa descrição da minha pessoa, senhor.

– Isso significa que não existem motivos para não confirmar nosso acordo.

Alice vacilou.

– Acho difícil convencer meu tio do verdadeiro motivo de querer se casar comigo.

– Já lhe disse que pode ficar tranqüila e deixar esse problema em minhas mãos.

– Temo que não seja tão fácil como você imagina. Pouco depois de ter tirado meu irmão e a mim do nosso lar, e nos trazer pra cá, para Lingwood Menor, fez várias tentativas de me casar.

– Pelo que vejo, não teve êxito.

– Sim. Meu tio se desesperou tanto que ofereceu um pequeno dote, mas nem assim conseguiu convencer ninguém a se casar comigo.

– Não houve nenhuma oferta? Estava surpreso. Afinal de contas, um dote é um dote. Sempre havia homens pobres que necessitavam com desespero de algum.

– Um ou dois cavalheiros com pequenas propriedades próximas chegaram ao ponto de me visitar para me conhecer pessoalmente. Mas quando me conheciam, perdiam rapidamente o interesse.

– Ou os fazia perder o interesse? – perguntou com secura.

Alice ruborizou.

– Bom, não pude tolerar a nenhum deles mais que uns minutos. A idéia de me casar com algum deles era suficiente para me provocar histeria.

– Histeria? Você não me parece o tipo de mulher propensa à histeria.

Os olhos de Alice resplandeceram.

– Asseguro que tive os ataques mais severos ante dois de meus pretendentes. Depois, já não houve nenhum mais.

– Parecia preferível ficar aqui com seu tio a se casar?

Encolheu os ombros:

– Até agora, é o menor de meus males. Enquanto estou solteira, ao menos tenho uma probabilidade de obter meus propósitos. Uma vez casada, estarei perdida.

– Tão terrível seria o matrimônio?

– Com aqueles caipiras que meu tio escolheu teria sido intolerável – disse convencida—. Não só por que eu teria sido desventurada, mas também porque nenhum deles teria paciência com meu irmão. Os homens preparados para a guerra parecem ser cruéis e desumanos, jovens que não podem se instruir como soldados.

– Tem razão – respondeu amável. Compreendeu que a preocupação pelo irmão dominava a maioria das decisões da jovem.

Alice apertou os lábios.

– Meu pai considerou que já não poderia deixar Benedict se ocupar, desde que caiu do cavalo e machucou uma perna. Disse que nunca poderia se preparar como cavalheiro e, portanto, seria um inútil. Após, o ignorou.

– É compreensível que não queira expor Benedict ao mesmo mau trato por parte de outro senhor.

– Sim. Meu irmão já sofreu bastante ao ser ignorado por nosso pai. Fiz o que pude para compensar, mas não foi suficiente. Como se faz para ocupar o lugar de um pai na vida de um moço?

Hugh se lembrou de Erasmus.

– Não é fácil, mas se pode fazer.

Alice se sacudiu, como se quisesse se livrar das más lembranças.

– OH! Mas não é problema seu. Eu cuido de Benedict.

– De acordo. Falarei imediatamente com sir Ralf. Hugh se voltou para sair do quarto. Estava muito feliz com os resultados do trato. Embora só tivesse convencido Alice a se comprometer, era o mais próximo de um casamento. Quando estivessem sob o teto do castelo de Scarcliffe, se preocuparia com os detalhes do acordo.

Alice fez um gesto imperioso para chamá-lo:

– Um momento, sir Hugh.

Voltou-se cortês:

– O que?

– Não deve despertar as suspeitas de sir Ralf para que não peça um dote alto por minha mão. Temos que pensar em uma explicação razoável para seu desejo de se casar comigo. Afinal de contas, acaba de me conhecer e não tenho nenhum dote.

– Me ocorrerá algo.

O olhou intrigada.

– Mas, o que?

Hugh a contemplou um momento, e pensou que à luz matinal, seu cabelo tinha um tom encantador. No olhar de Alice havia uma expressão clara e direta que o atraía. E a curva dos seios sob o vestido azul era muito tentadora. Deu um passo para ela e, de repente, sentiu a boca seca e uma tensão entre as pernas.

– Sob estas circunstâncias, há uma só explicação razoável para que eu peça a sua mão.

– Qual senhor?

– Paixão.

O olhou como se ele tivesse falado em um idioma desconhecido para ela.

–Paixão?

–Sim.

Deu dois passos em sua direção, os deixando perto.

Alice abriu e fechou a boca.

– Impossível. Jamais convencerá meu tio de que um cavalheiro legendário como você seria tão... Tão imbecil para se comprometer por uma razão tão corriqueira, meu senhor.

Hugh se deteve e rodeou com as mãos os ombros frágeis, assombrado com a agradável sensação de tocá-la. Tinha ossos finos, mas vigorosos. Tinha uma flexibilidade e uma força feminina que o excitavam. A sentia muito viva sob as mãos. Estava tão perto que podia cheirar o perfume de ervas de seu cabelo.

– Se engana, senhora. – Sentiu a língua torpe dentro da boca-. A paixão desatada é a única força o bastante capitalista para que um homem renuncie ao sentido comum e à razão. Antes que Alice pudesse adivinhar sua intenção, Hugh a apertou contra o peito e cobriu a boca da moça com a sua.

Pela primeira vez, Hugh admitiu que o desejo de beijá-la estava presente nele desde o primeiro momento em que a viu no salão, à luz das chamas. "*É uma criatura mágica e resplandecente*", pensou. Nunca tinha reagido assim com uma mulher. Era uma loucura. Não podia permitir que nenhuma o afetasse desse modo. Sabia que a maneira mais fácil de livrar da perigosa curiosidade sensual que o assolava era se render ao impulso. Mas ao sentir o pequeno estremecimento que percorria Alice, se perguntou se não teria desatado uma força que seria muito mais difícil de conter do que imaginava. Permaneceu muito quieta entre suas mãos, como se não soubesse o que fazer. Hugh aproveitou a confusão para se permitir saboreá-la. Tinha a boca morna e úmida como figos macerados em mel e gengibre fresco. Não se cansava de prová-la. Beijar Alice era mais embriagador que entrar em um armazém repleto de especiarias exóticas. Era tudo o que as imagens da noite lhe tinham prometido: doce,

suave e cheirosa. Era cálida, tinha um fogo capaz de inflamar todos os sentidos de um homem. Aprofundou o beijo, procurando resposta.

Alice emitiu um pequeno ruído abafado que não eram protesto nem grito de temor. Para Hugh pareceu que sufocava uma exclamação de puro assombro. A apertou mais contra o corpo até sentir os seios suaves sob o vestido. Os quadris de Alice se apertavam contra suas coxas. O membro viril se ergueu faminto. Alice gemeu com suavidade. Depois, como se de repente se livrasse de um feitiço, que a mantinha imóvel, se agarrou nas mangas da túnica, ficou na ponta dos pés e se apertou contra ele. O homem sentiu o pulso acelerar. Para sua satisfação, Alice separou os lábios, e ele aproveitou a oportunidade. De repente, enlouqueceu com o desejo de possuí-la, como se fosse uma especiaria sem nome, exótica, impossível de descrever. Conhecia bem os efeitos que as fragrâncias particulares das mulheres tinham sobre os sentidos masculinos, e a muito tinha aprendido a controlar e moderar seu apetite por elas. Sabia que um homem não dominava seus próprios apetites, estava condenado a ser dominado por eles. Mas, de repente, achou muito difícil cumprir suas próprias regras. Alice era uma mescla embriagadora. O sabor e o aroma da moça o atraíam como nada desde muito tempo. Possivelmente, toda a vida. Queria mais. Muito mais.

– Sir Hugh! – exclamou Alice.

Liberou a boca e o olhou com os olhos muito abertos. Por um momento, Hugh não pôde pensar em outra coisa que não tomar aquela boca. Começou a inclinar outra vez a cabeça, mas Alice pôs os dedos nos lábios, e elevou as sobrancelhas com expressão confusa.

– Um momento, por favor, senhor.

Hugh fez um esforço, tomou fôlego para se acalmar. Surpreendeu-se ao constatar o quanto esteve perto de sacrificar sua própria regra de ferro que tão bem lhe resultava. Desprezou a perturbadora suspeita de que Alice poderia exercer seu poder feminino sobre ele: isso era impossível. Desde os primeiros dias de sua juventude, não era vulnerável às mutretas femininas e não tinha a menor intenção de

permitir que esta mulher quebrasse a armadura de seu controle. Recordou a si mesmo que cada movimento era calculado. Beijar Alice não foi mais que uma manobra e, a julgar pelas faces rosadas, tinha funcionado. Ela não era imune à paixão.

– Como lhe disse – murmurou Hugh–, acredito poder convencer seu tio de que me vi assaltado pela paixão.

– Bom, deixarei a questão em suas mãos, senhor. – Tinha as bochechas muito rosadas, e se voltou descuidada–. Tenho a impressão de que sabe o que faz.

– Asseguro que assim é. – Hugh inspirou fundo e se dirigiu à porta–. Se ocupe dos preparativos para a viagem para você e seu irmão. Quero estar a caminho ao meio dia.

– Sim, senhor.

Olhou para ela, e em seus olhos brilharam satisfação e o prazer feminino.

– Há só um pequeno detalhe. – Disse Hugh. Alice lhe dedicou uma expressão cortês e interrogante:

– Do que se trata senhor?

– Esqueceu de me dizer em que direção iremos. É hora de cumprir sua parte do trato, Alice. Onde está a pedra verde?

– Ah, a pedra. – Solto uma risada trêmula–. Caramba, com tantas coisas, quase esquecia minha parte do acordo.

– A pedra verde é o principal – replicou o homem com frieza.

O brilho não demorou a desaparecer dos olhos de Alice.

– É óbvio senhor. O guiarei até a pedra.

Capítulo quatro

Sir Ralph se engasgou com a cerveja do café da manhã.

– Você quer se comprometer com minha sobrinha? – Suas feições pesadas se contorceram em uma careta, enquanto tossia e cuspiu. – Me desculpe senhor, disse com voz entrecortada. Mas, escutei bem? Quer se casar com a Alice?

– Sua sobrinha cumpre os requisitos que procuro em uma esposa.

Hugh se serviu de uma fatia de pão velho. O pouco tentador café da manhã que chegou essa manhã das cozinhas demonstrava que Alice tinha perdido interesse em assuntos culinários depois do banquete da noite anterior. Uma vez obtido o objetivo, a dama deixou de exercer sua magia.

Hugh se perguntou com amargura o que teria comido a jovem em seus aposentos privados, e suspeitou que devesse ser algo mais interessante que cerveja rançosa e pão velho.

Ralf o olhou com a boca aberta, sobressaltado. – Cumpre os requisitos? De verdade acredita que Alice seria uma boa esposa para você?

– Sim.

Não culpava Ralf por sua incredulidade, pois sabia que não se beneficiou da mestria doméstica de Alice.

Essa manhã, os únicos presentes no grande salão eram Hugh e Ralf, que estavam sentados a uma pequena mesa, junto ao fogo, e um grupo de sombrios criados que rondavam sem um propósito claro. Os serventes fizeram um esforço não muito entusiasta para limpar depois da festa da noite anterior, mas era evidente que não tinham muito interesse na tarefa. Um dava passadas ocasionais com um pano de limpar e outro fazia tentativas dispersas para esfregar as mesas de madeira. Não se via muita água e sabão participando do processo.

Ainda estavam os salpicos de cerveja que cobriam o chão de pedra da noite anterior, junto com restos de comida. Por mais que pulverizassem ervas aromáticas

nenhuma quantidade poderia dissimular o aroma de carne podre e vinho azedo. De qualquer maneira, ninguém se incomodava em atirar ervas fragrantes sobre essas sobras em decomposição.

– As bodas deverão se celebrar em algum momento da primavera. –Hugh contemplou o pão rançoso. Tinha fome, mas não tanta para comer outra fatia. Neste momento, não tenho tempo para uma apropriada celebração.

– Entendo.

– E terá que considerar o lado prático da questão. Ralf pigarreou limpando a garganta.

– Ah, claro. O lado prático.

– Penso que seria melhor se Alice e seu irmão me acompanhem a Scarcliffe, assim não terei que me incomodar mais adiante em fazer outra viagem para buscar a minha prometida.

– Vai levá-la hoje com você?

Os olhinhos de Ralf refletiam um assombro difícil de ocultar.

– Sim. Indiquei que tanto ela como o jovem Benedict estivessem preparados para partir ao meio dia.

Ralf piscou várias vezes.

– Não compreendo senhor. Perdoe-me, não queria me misturar em seus assuntos pessoais, mas não posso me assombrar menos diante deste giro nos acontecimentos. Embora Alice pareça mais jovem do que é, você entende que ela tem vinte e três anos?

– Não é grande coisa.

– Mas se sabe bem que uma noiva jovem é mais fácil de treinar que uma de idade mais avançada. As jovens são mais dóceis. Fáceis de dirigir. Minha própria esposa tinha quinze quando nos casamos, e jamais tive problemas com ela.

Hugh o olhou.

– Não acredito que vá ter dificuldades em dirigir lady Alice.

Ralf se encolheu.

– Não, não, claro que não. Aposto que não se atreveria a contradizê-lo, meu senhor. – Suspirou com ar lúgubre. – De todos os modos, não é assim como se comporta comigo. Alice foi uma carga terrível, você sabe?

– Não me diga?

– Sim. E com tudo o que tenho feito por ela e por seu irmão estropeado...! – A papada do homem tremeu de indignação. – Dei teto a eles e alimento depois que seu pai morreu. E que agradecimento recebo por cumprir com meu dever de cristão para os filhos de meu irmão? Nada mais que rixas constantes e exigências irritantes.

Hugh assentiu sério.

– Muito irritante.

– Por Deus, é de enfurecer. – Ralf compôs um cenho furioso. – Asseguro senhor, que não foi possível persuadir Alice de que se encarregue de meu salão, exceto ontem à noite, quando convinha a seus próprios propósitos. Porém, terá visto que mantêm limpo e perfumado seus próprios aposentos.

– Sim. Sorriu para si. – O vi.

– É como se vivesse em um lar diferente, ali, nesta torre. Jamais adivinharia que está vinculada ao resto de Lingwood Hall.

– Isso era evidente – disse Hugh baixo.

– Não só come com o jovem Benedict na intimidade de seus quartos, mas também dá instruções na cozinha com respeito à comida que depois lhe servirão. E lhe posso assegurar que é muito diferente da que comemos.

– Não me surpreende.

Ralf não ouviu o comentário. Estava imerso em muita justa indignação.

– Na noite passada, foi a primeira comida decente que desfrutei em meu próprio salão desde que minha esposa morreu, faz sete anos. Quando trouxe Alice aqui, pensei que seria diferente. Acreditei que se encarregaria de suas responsabilidades femininas naturais. Que fiscalizaria as coisas como o fez quando se encarregava da propriedade de seu pai.

– Mas não foi assim, presumo.

Hugh suspeitou que Alice exercesse, sua própria forma de vingança sobre o tio.

Ralf suspirou pesaroso.

– Me culpa por separar a ela e a seu irmão de seu lar, mas eu lhe pergunto, que alternativa tinha eu? Nesse momento, Benedict não tinha mais que quinze anos. E você o viu, é aleijado. Não há instrução capaz de convertê-lo em um combatente apropriado. Não está em condições de defender suas próprias terras. Meu suserano, Fulbert de Middleton, esperava que eu defendesse as terras de meu irmão.

– E decidi fazê-lo instalando seu filho como senhor – comentou Hugh, com suavidade.

– Era a única solução, mas essa harpia de minha sobrinha não o admitiu. – Bebeu a cerveja e colocou a jarra sobre a mesa. – Fiz todo o possível para assegurar seu futuro. Tentei até achar um marido para ela.

– Quando compreendeu que não pensava se encarregar do manejo da casa? – perguntou Hugh, com morna curiosidade.

– Acaso era culpa minha que nenhum de meus vizinhos a quisesse por esposa?

Hugh recordou a descrição de Alice sobre seus oportunos ataques de histeria.

– Não, sem dúvida não foi culpa sua.

– Nem uma vez me agradeceu os esforços que fiz. Eu juro, fiz todo o possível por danificar cada um de minhas tentativas para cumprir meus deveres para com ela. Admito que não tenho provas mas até hoje estou convencido de que urdiu estratégias para desalentar aos pretendentes.

Indeciso, Hugh decidiu se arriscar com outra fatia de pão velho.

– Seus problemas terminaram sir Ralf. Já não tem por que se preocupar mais por sua sobrinha.

– Ora, isso diz agora, mas não tem suficiente experiência com Alice. – Entrecerrou os olhos. – Não, nada de experiência. Não sabe como pode ser.

– Vou me arriscar.

– Sério? E se depois se arrepender do compromisso? É muito provável que queira devolvê-la depois de umas semanas de experimentar sua língua afiada e suas maneiras exigentes. E eu o que faria, então?

– Não me arrependerei. Juro.

Ralf adotou uma expressão cética.

– Posso lhe perguntar por que está tão seguro de que a moça é apropriada?

– É inteligente, sã e conveniente. E embora não queira praticar suas habilidades domésticas nesta casa, é evidente que está bem preparada. Por outro lado, tem as maneiras de uma dama elegante. Que mais necessita um homem? Desse ponto de vista, me parece muito eficiente e prática.

Apesar do que havia dito a Alice, Hugh não pensava usar a paixão como explicação para celebrar esta união tão apressada. Tanto ele como Ralf eram homens do mundo e ambos sabiam que a luxúria era um motivo absurdo para contrair uma obrigação tão importante como o matrimônio.

Evocando o incidente no estúdio de Alice, não sabia bem por que abordou, sequer, a possibilidade de usar a paixão como desculpa. Franziu o sobreceño, se perguntando como a idéia se colocou na sua cabeça. Nunca se deixava levar pela paixão.

Ralf o olhou com expressão inquieta.

– Meu senhor, acredita que se casar com Alice será uma atitude eficiente?

Hugh assentiu com brutalidade.

– Necessito uma esposa que se ocupe de meu novo lar. Mas não quero perder muito tempo nem esforço na tarefa de encontrá-la. Você sabe quão complicado pode resultar. As negociações podem continuar durante meses, inclusive anos.

– É certo. Entretanto, Alice é um tanto peculiar, e não só pela idade.

– Não importa. Estou seguro de que o fará muito bem. E tenho muitas tarefas que requerem minha atenção imediata para perder tempo procurando outra noiva.

– Entendo o senhor, de verdade. Um homem de sua posição não quererá armar muito escândalo nem ter desconforto por uma noiva.

– Sim.

– Não se pode negar que um homem necessita uma esposa. E suponho que quanto antes, melhor. Alguém tem que se ocupar dos herdeiros e das terras.

– Sim, disse Hugh. – Herdeiros e terras.

– Bem. De modo que Alice lhe parece conveniente.

– Muito.

Ralf manuseou uma parte do pão. Lançou um olhar ao rosto impassível do outro e o afastou rapidamente.

– Ah, rogo que me perdoe senhor, mas devo perguntar se falou disto com Alice.

Hugh elevou uma sobrancelha.

– O preocupam os sentimentos de sua sobrinha?

– Não, não se trata disso – se apressou a afirmar. – É que, segundo minha experiência, para começar, é muito difícil persuadir Alice de participar de um plano se não a agradar, entende o que digo? Ao que parece, esta mulher sempre tem seus próprios planos.

– Não tenha temores nesse sentido. Sua sobrinha e eu já chegamos a um acordo.

– Sêrio?

Isso deixou o tio atônito.

– Sim.

– E está seguro de que aceita este plano?

– Sim.

– Surpreendente. Muito surpreendente.

Pela primeira vez nos olhos de Ralf apareceu uma cautelosa chama de esperança.

Hugh desistiu de mastigar a dura casca e atirou o pão.

– Vamos, nos concentremos nos negócios que temos pela frente.

Velozmente, a expressão de Ralf se voltou ardilosa.

– Está bem. Qual é seu preço? Advirto que não posso dar um dote muito grande por Alice. Este ano, a colheita foi bastante fraca.

– De verdade?

– Sim, muito fraca. Por outro lado, terá que ter em conta os gastos derivados da manutenção de Alice e de seu irmão. Reconheço que Benedict não é um grande problema, mas lamento dizer que Alice é bastante custosa de manter. .

– Estou disposto a lhe oferecer um cofre de pimenta e um de bom gengibre como presente de compromisso.

– Sempre está pedindo dinheiro para seus livros, sua coleção de pedras e outros elementos inúteis... – Quando compreendeu o que o outro dizia, se interrompeu, atônito. – Um cofre de pimenta e um de gengibre?

– Sim.

– Senhor, não sei o que dizer.

– Que aceita o presente nupcial, de modo que eu possa dar por terminada esta questão. Está ficando tarde.

– Deseja me dar um dote por Alice?

– É o que se costuma, não?

– Não quando a noiva é entregue a seu senhor sem outra coisa que a roupa que leva posta – replicou Ralf. – Você entende que não lhe contribuirá com terras, não é, senhor?

– Tenho as minhas.

– Bom, se compreender a situação, está bem. – A expressão de Ralf era de absoluta confusão. – Senhor, para ser sincero, esperava que me pedisse um grande dote por me tirar isso de cima.

– Estou disposto a tomar Alice tal como está. – Se permitiu acentuar as palavras com um sotaque de impaciência. – Estamos de acordo?

– Sim – se apressou a responder o tio. – Sem dúvida. Alice é sua em troca da pimenta e do gengibre.

– Chame o sacerdote da aldeia para que seja testemunha dos votos de compromisso. Quero empreender a viagem o quanto antes possível.

– Me ocuparei disso imediatamente. Ralf começou a levantar da cadeira sua grossa figura, mas vacilou na metade do movimento.

– Ah, desculpe, sir Hugh, há outro ponto que eu gostaria de esclarecer antes de seguir adiante com este compromisso.

– Do que se trata?

Ralf passou a língua pelos lábios. Olhou ao redor para se certificar de que nenhum dos criados podia ouvi-lo e logo disse, baixando a voz:

– Se resolver não seguir adiante com as bodas, quererá que lhe devolva os baús de pimenta e de gengibre?

– Não. Seja qual for o resultado deste acerto, as especiarias são suas.

– Também tenho sua palavra a respeito?

– Sim. Tem a palavra de Hugh, o Implacável.

Ralf riu aliviado e esfregou as roliças mãos. – Bom, então, prossigamos. Não há por que demorar, não é certo? Em seguida mandarei a um criado procurar o sacerdote.

Voltou-se e se foi mais alegre do que estava desde que Hugh chegou.

Um movimento na porta atraiu a atenção de Hugh. Dunstan, com o rosto marcado por linhas de pesar, entrou no salão. Deteve-se ante a mesa a qual estava sentado Hugh. Tinha uma expressão sombria de desagrado.

– Temos um problema, meu senhor.

Hugh o olhou pensativo.

– Por sua expressão, deduzo que estamos à beira do abismo. O que acontece, Dunstan? Estamos sitiados?

Dunstan não fez caso do comentário.

– Faz uns minutos, lady Alice fez ir a dois dos homens a seus aposentos para que carreguem seus pertences nas carretas.

– Magnífico. Agrada-me que não tenha vagabundeado para preparar a bagagem.

– Acredito que não estará tão agradado com ela quando vir com o que pensa contribuir à carga.

– E bem? Não me tenha em suspense, Dunstan. O que ela leva que o irrita tanto?

– Pedras, senhor. – A mandíbula de Dunstan ficou tensa. – Dois baús cheios. E não só teremos que carregar pedras suficientes para construir o muro de um jardim, mas sim nos deu a entender com clareza que também deveremos levar outro baú cheio de livros, pergaminhos, plumas e tinta.

– Entendo.

– E um quarto cheio de estranhos aparelhos de alquimia. – A cara do homem se encheu de manchas de indignação. – Além disso, estão as roupas, sapatos e artigos pessoais.

– Lady Alice tem muita quantidade de túnicas e vestidos? – perguntou Hugh, um pouco surpreso.

– Não, mas o que tem basta para encher outro baú. *Milord*, você afirmou que temos pela frente uma missão de extrema importância. Disse que a velocidade era fundamental. Que não há tempo a perder.

– É verdade.

– Pelos dentes do diabo senhor, é uma companhia de soldados, não um grupo de histriões⁶ vagabundos. – Dunstan elevou as mãos. – Pergunto o que faremos para darmos pressa com nosso assunto, se vamos carregados com uma série de carretas de bagagem cheias de coleções de pedras e elementos de alquimia de uma mulher?

– Essa mulher é minha futura esposa – disse Hugh, sem se alterar. – Obedecerá as suas ordens como se fossem as minhas.

Dunstan o olhou, confundido.

– Mas eu acreditei...

⁶ Bufão, palhaço, bobo

– Se ocupe dos preparativos para a viagem, Dunstan. Ouviu-se o chocar dos dentes de Dunstan.

– Sim, meu senhor. Posso perguntar qual é nosso destino?

– Ainda não sei. Saberei depois de fazer os votos de compromisso.

– Não se ofenda, mas tenho a desagradável suspeita que, seja qual for a direção que tomemos, estamos condenados a um só destino.

– Que destino? – perguntou o senhor, cortês.

– Problemas – murmurou Dunstan.

– Sempre é bom estar em território conhecido, não é?

Dunstan não se dignou responder. Murmurando ameaçador, girou sobre os calcanhares e se encaminhou para a porta.

Hugh jogou um olhar ao redor. Não havia um só relógio de água nem de areia para marcar a hora. Ao que parecia, Ralf não tinha interesse em artefatos tão convenientes e eficientes.

Hugh iniciou o movimento para se levantar da cadeira com a intenção de sair para ver a posição do sol, mas o ruído de passos e de arrastar um bastão de madeira pelas escadas da torre o fizeram se detiver.

Apareceu Benedict. Era evidente que o jovem estava ansioso, mas decidido. Aproximou-se de Hugh com os ombros rígidos.

Pensativo, Hugh o contemplou. Salvo pela perna danificada, o irmão de Alice era alto e bem formado. A falta de desenvolvimento muscular nos ombros e no peito indicava que nunca tinha sido instruído nas armas.

O cabelo do moço era um pouco mais escuro que o glorioso tom da irmã, quase castanho escuro. Os olhos eram quase do mesmo matiz verde pouco comum que os de Alice, e também os iluminava a mesma intensa inteligência.

– Devo falar-lhe imediatamente, meu senhor.

Hugh se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa e entrelaçando os dedos.

– Do que se trata, Benedict?

O moço lançou um olhar rápido ao redor, e logo se aproximou mais, como para não ser ouvido.

– Acabo de falar com minha irmã – sussurrou. – Me falou deste acordo absurdo que os dois acabam de fazer. Diz que estará prometida a você até a primavera, e que esse compromisso se romperá quando convier aos seus propósitos.

– Ela usou essas palavras? Conveniente aos seus propósitos?

Zangado, Benedict deu de ombros.

– Disse algo parecido, sim. Disse que você é uma pessoa que aprecia a eficiência e a conveniência.

– Sua irmã é de natureza prática. Esclareçamos uma coisa já, Benedict. A que fala de romper o compromisso com lady Alice na primavera.

Benedict franziu o sobrecenho. – O que importa quem o disse? É evidente que não é um compromisso verdadeiro se irá se romper dentro de uns meses.

– Devo supor que tem objeções a este acordo.

– É obvio que sim. – A expressão do moço se tornou feroz. – Acredito que você pretende se aproveitar de minha irmã, senhor. É evidente que pensa usá-la para seus próprios fins.

– Ah.

– Pensa seduzi-la e ter as vantagens que oferece uma esposa até a primavera, não é assim? Depois, vai abandoná-la.

– Tendo em conta o preço que paguei por ela, não acredito - murmurou. – Eu não gosto de jogar dinheiro fora.

– Não se burle disto – se enfureceu Benedict. – Talvez seja aleijado, mas não tolo. E sou irmão de Alice. Tenho a obrigação de protegê-la.

Hugh o observou um longo momento. – Se não aprovar nosso acordo, há uma alternativa.

– Qual?

– Convencer a sua irmã a me dar a informação que procuro sem lhe pôr um preço.

Benedict esmurrou o punho na mesa. – Não acredita que tentei convencê-la a ser sensata.

– Você sabe onde está a pedra?

– Não, Alice diz que ela a perdeu faz uns dias. Disse-me, e isso e nesse momento, soubemos que você a estava procurando. – O semblante de Benedict ficou sombrio. – Imediatamente, começou a fazer planos.

– Certamente.

– É muito hábil fazendo planos, sabe? Quando soube que você procurava a pedra, começou a urdir um ardil para que nós dois pudéssemos sair de Lingwood Manor.

– Isso não foi tudo que pediu – disse Hugh. – Digo que me fez prometer que ofereceria um dote substancial para ela! Escolheu uma escola que o enviaria em Paris ou Bolonha para estudar leis.

– Não quero estudar leis – repôs Benedict. – É idéia de minha irmã.

– Mas você deseja se libertar de seu tio, não é?

– Sim, mas sem arriscar a reputação de Alice.

Hugh lamentou. – Comigo, sua irmã está a salvo.

– Não se ofenda – replicou o moço entre dentes, – mas é não por nada que o chamam de Hugh, o Implacável. Dizem que é muito perspicaz em urdir estratégias. Temo que tenha intenções secretas para minha irmã. Não posso permitir que faça mal a ela.

Hugh estava impressionado.

– Não há muitos indivíduos capazes de me desafiar como você o tem feito.

Benedict se ruborizou.

– Admito não possuir a habilidade com as armas e que não sou desafiante para você, sir Hugh. Mas não posso ficar de braços cruzados e ver como se aproveita de minha irmã.

– Dissiparia seus escrúpulos de irmão saber que não tenho intenção de fazer qualquer mal para lady Alice?

– E isso o que significa?

– Que cumprirei meus votos de compromisso. No momento em que Alice fique sob minha custódia, cumprirei com todas minhas obrigações para com ela.

– Mas isso significaria se casar com ela – protestou Benedict. – E ela não quer casar com você.

– Esse é o problema de sua irmã, não é certo? Benedict adotou um ar abatido.

– Não o compreendo senhor. Não quererá dizer que, de verdade, deseja se casar com ela.

– Sua irmã está satisfeita com o acordo. Temo que, por agora, você terá que se conformar. O que posso te oferecer é meu juramento de que a cuidarei como é devido.

– Mas, meu senhor...

– Já disse que pode contar com meu juramento – repetiu Hugh, em tom suave.

– Em geral, considera uma segurança apropriada?

O rosto de Benedict se tingiu de um vermelho mais intenso. – Sim, senhor.

– Não deverá comunicar suas suspeitas a seu tio, compreende? Seria inútil. Sir Ralf não o escutará e Alice ficará muito perturbada. – Hugh sorriu—. Para não falar de minha própria reação.

Benedict vacilou. Mas logo apertou os lábios, em muda rendição.

– Sim, sir Hugh. Compreendo muito bem.

– Benedict, trate de não ficar ansioso. Sou muito bom idelizando estratagemas. Este funcionará.

– Eu só gostaria de saber no que consiste – resmungou.

Três horas depois, Alice sentiu uma estranha onda de expectativa quando Hugh a ajudou a se acomodar na montaria. Seu plano tinha dado certo: ela e Benedict por fim se veriam livres de sir Ralf.

De repente, pela primeira vez em meses, o futuro parecia carregado de promessas. Uma brisa vivaz agitava as dobras de sua capa de viagem. O potro cinza

sacudia a desgrenhada cabeça, como se estivesse impaciente por empreender a viagem.

Pela extremidade do olho, Alice viu o seu irmão montar. Embora a perna má e o bastão o atrapalhassem, Benedict tinha inventado um método muito eficiente, embora um pouco estranho, de montar sem ajuda. Os que o conheciam, sabiam que não deviam lhe oferecer ajuda.

Alice viu que Hugh o observava com dissimulado interesse, enquanto o moço subia ao cavalo. Dedicou um sorriso de agradecimento a ele. O homem assentiu e se moveu ligeiramente em seus próprios arreios.

Hugh entendia. O breve intercâmbio silencioso provocou em Alice uma curiosa onda de calor.

Tinha consciência aguda de que Benedict não estava muito feliz com a súbita mudança de sorte de ambos. Embora estivesse tão ansioso como ela de escapar de Lingwood Manor, estava seguro de que tinham saltado da frigideira ao fogo.

Alice tinha uma visão muito mais otimista. – Tudo marcha muito bem, disse a si mesma.

Todas suas posses neste mundo, junto com as de Benedict, estavam seguras em uma das carretas para bagagem de Hugh. Houve uns instantes de preocupação quando sir Dunstan se queixou dos baús com pedras e bagagem, mas isso se solucionou. Alice não sabia bem por que o obstinado Dunstan tinha deixado de se queixar da bagagem, mas estava contente com os resultados.

Os votos não levaram mais que uns minutos, repetidos ante um sacerdote da aldeia. Um estremecimento a percorreu quando Ralf colocou sua mão na de Hugh, mas o atribuiu à excitação e ao fato de não estar acostumada ao contato com um homem.

"Como tampouco estou acostumada ao beijo de um homem", recordou. Apesar do frescor do dia, seu corpo se aqueceu com a lembrança do beijo de Hugh.

– Está bem, senhora? – Hugh a olhou enquanto entregava suas rédeas. Tinha a borda da capa entreaberta, deixando ver o punho da espada. O sol resplandecia no

anel de ônix negro. – Chegou o momento de que comece a cumprir sua parte do acordo. Qual será nosso destino?

Alice inspirou profundamente.

– Para Ipstoke, meu senhor, onde se celebrarão justas e uma festa dentro de um dia.

– Ipstoke? – Hugh franziu o sobrecenho—. É a menos de dois dias de caminho daqui.

– Sim, senhor. Um trovador chamado Gilbert me roubou o cristal verde. Acredito que assistirá à feira.

– Um trovador roubou a pedra? Está segura?

– Sim, senhor. Gilbert permaneceu um tempo no salão de meu tio. –Apertou os lábios. – Era um canalha e um tolo. Enquanto estive aqui, tratou de seduzir as quantas criadas se topou. Cantava mal, e não podia jogar uma boa partida de xadrez.

– Autenticamente, um pobre trovador. Hugh a observou com um olhar tão intenso que a perturbou.

– Sim. Também resultou ser ladrão. Inventou um pretexto para visitar meu estúdio e viu a pedra verde. Perguntou-me sobre ela. Pouco depois, partiu de Lingwood Manor, e então percebi a falta da pedra.

– Por que acredita que a levará a feira de Ipstoke? Alice sorriu, satisfeita com a lógica de sua dedução.

– Uma noite, enquanto estava ébrio, murmurou algo a respeito de ir a Ipstoke para tocar essas estúpidas canções para os cavalheiros que se reuniram para as justas.

– Entendo.

– Não há motivo para dúvida. É muito razoável que um trovador faça algo assim. Haverá muitos cavalheiros procurando jogos em Ipstoke, não é certo?

– Sim – admitiu Hugh. – Se haverá uma justa, se reunirão muitos cavalheiros e lutadores.

– Precisamente – lhe dedicou um sorriso satisfeito. – E onde há cavalheiros procurando jogos e a possibilidade de fazer dinheiro por meio de resgates no campo de justa, há trovadores procurando entretê-los. Não é certo?

– Sim.

– Além da possibilidade de ganhar uma moeda cantando, suspeito que Gilbert pensa vender meu cristal na feira.

Hugh guardou um momento de silêncio, e logo assentiu. – Sua lógica é sólida, senhora. Muito bem, então, iremos para Ipstoke.

– É provável que Gilbert ignore que você procura minha pedra – disse Alice. Mas se descobrisse que está atrás da pista, não ficaria muito tempo em Ipstoke.

– Nesse caso, cuidaremos para que não saiba que a estou procurando até que seja muito tarde para que fuja. Há outra coisa, senhora.

– O que?

– Me parece que adquiriu o costume de esquecer que eu sou o autêntico dono da pedra verde. A jovem se ruborizou.

– Isso é questão de opiniões, meu senhor.

– Não, senhora. É um fato. A pedra é minha. Nosso trato está selado.

Hugh elevou a mão fazendo um sinal a seus homens. Alice olhou por cima do ombro enquanto a companhia passava chocalhando pelas portas de Lingwood Hall. Viu Ralf e seus primos de pé na entrada. Saudou Gervase, o único pelo qual sentia certo carinho. Ele lhe devolveu a saudação.

Ao começar a girar a cabeça, viu que Ralf sorria. Seu tio estava muito satisfeito consigo mesmo e uma suspeita inquietante a assaltou.

– Espero que o rumor que ouvi a respeito de meu dote seja uma simples intriga – disse a Hugh, que guiava seu enorme potro negro junto ao dela.

– Eu não sou muito disposto a dar ouvido às intrigas.

O olhou de soslaio, com cuidadosa consideração.

– Talvez não acredite senhor, mas se dizia no salão que você prometeu a meu tio dois baús de especiarias.

– Dois?

– Sim, um de pimenta e um de gengibre. – Alice riu por esse comentário absurdo. Sou consciente de que esse comentário desmesurado é evidentemente falso, meu senhor. Entretanto, me preocupa pensar que o tenham enganado. O que deu a sir Ralf como dote?

– Não se preocupe com esses detalhes, minha senhora. Não têm muita importância.

– Não me agradaria saber que o extorquiram, meu senhor.

A boca de Hugh se curvou em um sorriso.

– Não tema, sou um homem de negócios. Faz muito que aprendi a obter o que ofereço em uma transação.

Capítulo cinco

Ipstoke se apresentava como uma cena multitudinária e colorida. Até o ânimo sombrio de Benedict se aliviou ao ver as bandeiras de cores brilhantes e as lojas a raias que salpicavam os campos que rodeavam as velhas muralhas. Camelôs e vendedores de bolos de todas as descrições imagináveis se mesclavam com acrobatas, histriões⁷, cavalheiros, soldados e granjeiros. Os meninos corriam daqui para lá, gritando de júbilo.

Sólidos cavalos de guerra se erguiam ultrapassando aos asnos de longas orelhas e aos robustos pôneis de transporte. As carretas de bagagem, carregadas de armaduras, avançavam dando tombos junto a carros cheios de verduras e lã. Os trovadores e histriões rondavam entre a multidão.

–Juro que nunca em minha vida vi tanta gente em um só lugar. – Benedict olhou ao redor, maravilhado–. Poderia imaginar que toda a população da Inglaterra está aqui.

–Nem tanto – disse Alice. Estava de pé junto a Benedict, sobre uma suave elevação do terreno onde Hugh ordenou que se elevasse a sombria loja negra. Por cima de sua cabeça, ondeavam bandeirolas negras. A cor de Hugh formava um nítido contraste com os chamativos vermelhos, amarelos e verdes das lojas e as bandeiras vizinhas

–Espero que quando viajar a Paris e Bolonha encontre com espetáculos mais maravilhosos que este.

Parte da excitação se dissipou da expressão do moço.

–Alice, preferiria que não falasse de minha ida a Paris e Bolonha como se fosse algo seguro.

–Nada disso – Alice sorriu–. Agora, é bastante seguro: sir Hugh se ocupará disso. É parte de nosso acordo, e todo mundo afirma que cumpre com seus acordos.

⁷ Farsista, comediante, cômico

–Não me agrada esse acordo que fez com ele. Certo que não quero muito ao tío, mas prefiro tratar com um mal conhecido que com um indivíduo de reputação como a de Hugh o Implacável.

Alice franziu o sobrecenho.

–Agora, seu nome é Hugh de Scarcliffe. Não o chame o Implacável.

–Por que não? Assim o chamam seus próprios homens. Estive falando com sir Dunstan. Disse-me que é um nome bem posto. Dizem que nunca abandona uma causa.

–Também dizem que sua palavra é tão sólida como uma corrente feita de aço espanhol, e para mim isso é o mais importante. – Desprezou o tema com um gesto—. Basta de tanto falatório. Tenho que cumprir com minha parte do trato.

Benedict a olhou, atônito.

–O que quer dizer? Trouxe sir Hugh para Ipstoke e deu a ele o nome do trovador que roubou o cristal verde. Não tem que fazer nada mais.

–Não será tão simples. Esquece-se que você e eu somos os únicos que podemos identificar Gilbert. Ninguém da companhia de Hugh o conhece.

Benedict deu de ombros.

–Sir Hugh fará averiguações. Logo encontrarão Gilbert.

–E se está usando outro nome?

–Por que faria algo semelhante? – perguntou—. Não tem forma de saber que sir Hugh veio aqui para buscá-lo.

–Não podemos estar seguros. – Pensou um momento—. Não, o modo mais rápido de encontrá-lo será que eu me coloque entre a multidão e o busque. Tem que estar aqui, em algum lugar. Só espero que ainda não tenha vendido minha pedra verde. Isso poderia complicar as coisas.

Benedict a olhou de cima abaixo. –Procurará Gilbert por sua conta?

–Se quiser, pode me acompanhar.

–Esse não é o problema. Comentou este plano a sir Hugh?

–Não, mas não vejo por que é tão importante.

Alice se interrompeu ao ver Dunstan cruzar um terreno cheio de ervas e se aproximar.

Não pôde menos que ver que Dunstan parecia muito mais alegre nesse momento do que o viu até então. O rosto, geralmente turvo, estava reavivado por uma expressão de entusiasmo e expectativa. Andava com galhardia. Usava a cota e tinha um elmo recém limpo sob um braço.

–Milady – saudou, com brusca formalidade. Cada vez era mais evidente que Alice não o agradava muito.

–Sir Dunstan – murmurou-. Parece que vai à guerra.

–Nada tão aborrecido. A uma justa.

Alice se surpreendeu.

–Participará de uma justa? Mas estamos aqui por um assunto específico.

–Há mudança de planos.

–Mudança! – O olhou, perplexa-. Sir Hugh sabe desta mudança?

–Quem acredita que tem feito a mudança? – perguntou Dunstan, secamente. Voltou-se para Benedict-. Necessitamos algo de ajuda com as armaduras e os cavalos. Sir Hugh sugeriu que nos desse uma mão.

–Eu? – Benedict se sobressaltou.

Alice ficou carrancuda.

–Meu irmão não recebeu instrução para dirigir armaduras, armas e cavalos de guerra.

Dunstan deu ao moço uma palmada no ombro.

– Sir Hugh diz que já é hora que ele se treine nessas questões.

Benedict cambaleou e recuperou o equilíbrio se ajudando com o cajado.

–Não tenho muito interesse em aprender essas coisas.

Dunstan riu.

–Pois se inteira de uma coisa, jovem Benedict. Agora, é homem de sir Hugh, a seu novo senhor não lhe parece conveniente ter entre seu pessoal homens que não estejam devidamente instruídos e com os que não se possa contar em caso de sítio.

–Um sítio! – se horrorizou Alice–. Espere um momento. Não quero que meu irmão se exponha a sofrer danos.

Benedict a olhou furioso.

–Não necessito babá, Alice.

–É obvio que não, moço. – Dunstan olhou para Alice, sorridente, e por sua expressão, soube que tinha ganho essa pequena batalha–. Logo, seu irmão será um homem. Já é hora que aprenda como os homens atuam.

–Mas tem que estudar leis – exclamou, indignada.

–E? Acredito que um homem que estudará leis terá particular necessidade de poder se cuidar. Terá muitos inimigos.

–Olhe – começou furiosa–. Não aceitarei...

Dunstan a ignorou.

–Vamos, Benedict. O levarei às lojas e apresentarei aos escudeiros.

Não de tudo convencido, o moço respondeu: – Está bem.

–Benedict, não se mova daqui, ouviu? – ordenou Alice.

Dunstan riu com malícia.

–Quem sabe, Benedict? Sir Hugh pensa sair ao campo em pessoa. Possivelmente permita que o ajude com sua própria armadura pessoal.

–Parece? – perguntou o jovem.

–Por todos os Santos. – Alice não podia acreditar no que ouvia–. Não me diga que sir Hugh pensa perder tempo em uma estúpida justa.

Dunstan lhe dirigiu um sorriso luminoso.

–Lady Alice, você tem tanto a aprender como seu irmão. É obvio que sir Hugh sairá com a lide. Vincent de Rivenhall está aqui.

–Quem é Vincent de Rivenhall? – Perguntou Alice–. O que tem a ver com isto?

Dunstan levantou as sobrancelhas peludas.

–Sem dúvida, seu senhor prometido o explicará muito em breve, milady. Não me corresponde fazê-lo. E agora, rogo que me desculpe. Benedict e eu temos coisas a fazer.

Alice transbordava de ira. – Não gosto nada do rumo que tomaram os acontecimentos.

–Deverá levar a insatisfação e as queixa a sir Hugh – murmurou Dunstan–. Vamos, Benedict.

–Espere – ordenou Alice–. Preciso ajuda de meu irmão.

–Mas, Alice... – disse o moço, decepcionado.

–Esta tarde, não o necessitará para nada – assegurou Dunstan.

O olhou, carrancuda.

–Rogaria que me diga como sabe, sir Dunstan.

–Bom, é óbvio – dirigiu um sorriso inocente para ela–. Estará ocupada com assuntos muito mais importantes.

–Que assuntos? – perguntou, em tom gelado.

–É muito claro. Como acontece com todas as damas recém comprometidas, sem dúvida quererá ver seu futuro senhor luzir suas habilidades no campo de batalhas.

–Não tenho a menor intenção de fazer semelhante coisa.

–Impossível. Às senhoras adoram ver os Jogos.

Antes que Alice pudesse dar rédea solta ao resto da cólera, Dunstan se apressou a arrastar Benedict para uma das lojas. Já tinham erguido esses refúgios nos extremos opostos do enorme campo. Os cavaleiros, escudeiros e soldados se reuniam sob eles, se preparando para as justas do dia.

Alice estava raivosa. Não podia acreditar que Hugh tivesse mudado os planos para encontrar a pedra verde só por um torneio. Não tinha sentido.

Quando Dunstan e Benedict desapareceram entre a multidão, deu a volta e se encaminhou para a loja negra. Procuraria Hugh e lhe diria exatamente o que pensava

da situação. Era absurdo que participasse de um torneio quando tinham coisas muito mais importantes do que se ocupar.

Deteve-se com brutalidade quando encontrou o caminho bloqueado por um maciço cavalo de guerra. O reconheceu imediatamente. Não havia modo de confundir os grandes cascos, a cabeça larga, os ombros musculosos, e a vigorosa silhueta do potro preferido de Hugh. O aroma de aço bem engordurado e de couro assaltou seu nariz.

Alice piscou à vista das botas de Hugh nos arreios. Pareciam muito grandes. Levantou lentamente os olhos. Era a primeira vez que o via com a cota de malha. Os finos elos brilhavam ao quente sol da tarde. Tinha o elmo metido sob o braço.

Em geral, a figura de Hugh intimidava, mas assim embelezado para a guerra, o Implacável era, na verdade, uma aparição aterradora. Alice protegeu os olhos com a mão enquanto o olhava.

–Me inteirei que há um novo costume entre as damas elegantes, que consiste em dar a seus cavaleiros favoritos alguma coisa que goste muito para usar no torneio – disse o cavaleiro, com calma.

Alice conteve o fôlego e se apressou a juntar energias. Recordou-se que estava furiosa.

–*Milord*, não me dirá que participará das justas.

–Chamaria muito a atenção se não o fizesse. Não quero despertar suspeitas quanto a minha verdadeira razão para estar aqui, em Ipstoke. Recorde que a mutreta consistia em se mesclar com a multidão.

–Não vejo a necessidade para que perca tanto tempo se entregando a estúpidos jogos a cavalo esta tarde, quando poderia estar rastreando o trovador Gilbert.

–Jogos estúpidos?

–Para mim o são.

–Entendo. Há muitas damas que gostam de ver os torneios. – Fez uma pausa significativa–. Sobretudo se participarem seus próprios senhores.

–Bom, nunca me interessaram muito.

–Me dará um objeto?

Alice o olhou suspicaz.

–Que tipo de objeto?

–Será suficiente um pedaço de fita ou tecido. – Certamente, não há aqui onde conseguir elementos de vestimenta, não é?

–Assombrada, meneou a cabeça–. Dar a um homem um pedaço de tecido limpo em perfeitas condições, ou uma fina fita de seda enquanto brinca de correr pelo barro...! O objeto, como você o chama, ficará imprestável.

–Pode ser. – A olhou com expressão inescrutável–. De todos os modos, acredito que seria prudente que me desse esse objeto, Alice.

Alice o olhou confundida.

–Para que, senhor?

–É o que se espera – disse, com calma–. No fim das contas, estamos comprometidos.

–Não quer me favorecer no torneio para convencer a todos que, na verdade, estamos prometidos?

–Sim.

–E o que me diz da pedra verde?

–Tudo a seu tempo – disse Hugh com suavidade.

–Acreditava que a pedra era muito importante para você.

–E é, e a recuperarei antes que termine o dia. Mas se apresentou outra coisa. Algo igual de importante.

–Do que se trata? Diga-me, por favor.

– Vincent de Rivenhall está presente e pensa participar da justa.

A voz do homem estava vazia de toda emoção, e essa mesma qualidade atemorizava.

–E o que passa? – perguntou Alice, inquieta—. Por todos os Santos, senhor, acreditei que estaria disposto a esquecer um pouco os jogos para recuperar a pedra.

–Asseguro que a oportunidade de sair ao campo contra Vincent de Rivenhall é quase tão importante como recuperar a pedra.

–Não imaginava que você julgaria necessário se provar contra outro cavaleiro, meu senhor – resmungou Alice—. Ao contrário, acreditava que estava por cima dessas coisas.

–Alice, acredito que seria prudente de sua parte não imaginar muitas coisas a meu respeito.

A boca da moça secou, mas se conformou com um olhar furioso.

–Está bem, *milord*, daqui em diante, não suporei nada.

–Fique tranqüila, que mais adiante lhe explicarei esta questão de sir Vincent.

–Estendeu a mão—, Neste momento, tenho pressa. Por favor, o objeto.

–Na realidade, isto é muito – olhou as próprias roupas—. Poderia pegar a fita que borda minha manga, se acreditar que é imprescindível,

–É.

–Trate de não sujá-la, sim? As boas fitas são caras.

–Se se danificar, comprarei outra para você. Posso me permitir isso

Alice sentiu que avermelhava sob o olhar zombador. Ambos sabiam que uma fita nova não significaria nada para ele.

–De acordo.

Tirou a fita da manga.

–Obrigado. – se estirou para pegar a tira de tecido verde—. Pode ver o torneio na loja amarela e branca, no outro extremo do campo. Aí é onde se sentam as damas.

–No tenho intenções de ver as justas, senhor – replicou acalorada—. Por minha parte, tenho melhores coisas a fazer.

–Melhores coisas?

–Sim, senhor. Irei procurar Gilbert. Não tem sentido que os dois percamos a tarde.

Hugh apertou a fita verde no punho coberto de malha.

–Não se incomode com o trovador, Alice. Logo o encontraremos. Enquanto isso, presenciará as justas com outros espectadores.

Sem esperar resposta, Hugh fez um gesto invisível ao enorme cavalo. O animal girou com assombrosa agilidade e partiu ansioso em direção ao campo de batalhas.

Os grandes cascos faziam estremecer a terra.

–Mas, sir Hugh, acabo de dizer que não tenho interesse pelo torneio... – se interrompeu desgostosa ao se dar conta que estava falando com os quartos traseiros do cavalo que se afastava.

Pela primeira vez, sentiu certos escrúpulos com respeito ao acordo que tinha feito com Hugh. Era evidente que seu novo sócio não compreendia o significado verdadeiro da igualdade.



Capítulo Seis

A confeitadora de bochechas rosadas entregou a Alice um bolo recheado de frango picado e mel.

– Sim, há muitos trovadores por aqui. Mas não recordo ter visto um que levasse uma túnica amarela e alaranjada. A mulher recebeu a moeda que Alice lhe dava e a meteu na bolsa que tinha no cinturão. E agora, minha senhora, deseja algo mais?

– Não.

A vendedora sacudiu o farelo das mãos e girou para atender ao próximo cliente.

– Aqui, meu bom moço, o que vai levar? Tenho excelentes bolos de fruta e também cordeiro muito saboroso. Escolha.

Alice olhou desgostosa para o bolo enquanto se afastava da banca. Era o quarto que comprava em uma hora. Não se sentia capaz de comê-lo.

Tinha pensado em empreender a busca de Gilbert de maneira sistemática, mas estava lhe resultando difícil. Até esse momento, só tinha percorrido um terço da feira. Demorava muito tempo encontrar a um trovador em particular nesse lugar lotado.

Tentou travar várias conversas casuais em diferentes bancas e lojas, mas logo descobriu que ninguém tinha vontade de perder tempo em bate-papos ocasionais. Ao comprovar que os camelôs e marreteiros toleravam melhor suas perguntas cuidadosamente expressas se acreditavam que compraria algo a eles, Alice começou a fazê-lo, embora não muito convencida. Para seu desassossego, já tinha gasto quase todo o conteúdo do moedeiro e não encontrou nada. No transcurso, se viu obrigada a consumir três bolos e duas jarras de cidra.

Ao final de uma fileira de lojas raiadas de cores vivas, vacilou se perguntando o que fazer com esse último bolo. Detestava jogá-lo fora. Qualquer tipo de desperdício a ofendia.

– Veja Senhora. Aqui.

Alice levantou a vista do bolo e viu um moço de uns dezesseis anos, que parecia flutuar à sombra de um toldo próximo. Na cara suja apareceu um sorriso.

– Excelentes preços, minha senhora. Deve ver.

O jovem lançou um olhar rápido por cima do ombro e mostrou uma pequena adaga por debaixo da túnica manchada.

Alice afogou uma exclamação e retrocedeu. Nas feiras, a ameaça de ladrões e ladrões de carteira era constante. Recolheu as saias e fez gesto de correr.

– Não, não, não tema, boa senhora. – Os olhos escuros transbordavam de alarme. – Não penso lhe fazer qualquer dano. Chamam-me Fulk. Ofereço em venda esta formosa adaga. Vê? É feita com o melhor aço espanhol.

Alice relaxou.

– Sim, é formosa, mas não a necessito.

– Não quereria dar de presente ao seu senhor? – Sugeriu Fulk, com um brilho decidido no olhar. – A um homem sempre vem bem uma boa adaga.

– Sir Hugh já tem armas suficientes – repôs Alice, ainda furiosa pelo fato de que Hugh tivesse preferido perder a tarde no campo de justas⁸.

– Ninguém tem suficiente aço. Se aproxime mais senhora e observe o trabalho.

A observou sem muito interesse.

– Onde a conseguiu?

– Meu pai vende adagas e facas em um posto do outro lado da feira, disse Fulk. – Eu o ajudo me colocando entre as pessoas para procurar clientes.

– Moço, prove com outro conto.

⁸ Conhecidos pelo nome de justas, esses torneios eram combates travados com armas especialmente modificadas para minimizar ferimentos. O cavaleiro tinha que derrubar o oponente com um golpe de lança numa arena sem cair do seu cavalo. Realizadas em momentos de paz, as justas ajudavam a manter o treinamento do cavaleiro e lhe permitiam manifestar sua bravura fora da guerra. Serviam também como divertimento da aristocracia cortesã da Europa medieval.

– Está bem – resmungou. – Se insiste em saber a verdade, a encontrei jogada em um lado do caminho. Não é uma pena? Acredito que deva pertencer a algum viajante de passagem. Deve ter deixado cair por acidente.

– O mais provável é que tenha sido escamoteada do posto de um vendedor de facas.

– Não, não, minha senhora. Juro que obtive esta faca de maneira honesta. Deu a volta à arma para mostrar a manga embutida. – Veja que beleza. Estas pedras são estranhas e preciosas.

Alice sorriu cética.

– É inútil que pratique seus truques comigo, moço. Só ficaram umas poucas moedas e penso usa-las para comprar algo muito mais proveitoso que essa adaga.

Fulk lhe dirigiu um sorriso angélico.

– O que quer comprar, boa senhora? Diga-me e o buscarei. Então, me pagará. Assim, evitarei que caminhe inutilmente entre estes postos pestilentos.

Alice o olhou pensativo. – Muito considerado de sua parte.

O moço fez uma reverência quase cortês. – É um prazer servi-la, senhora.

A Alice ocorreu que poderia ajudar. – O que eu preciso é de certa informação.

– Informação? – Colocou de novo a faca dentro da manga com um hábil giro da mão. – Isso não será nenhum problema. Vendo informação frequentemente. Surpreender-se-ia de saber quantas pessoas querem comprar informações. Bem, que tipo de informação necessita?

Alice recitou o conto que tinha arranjado para vendedores de bolos e camelôs.

– Procuo um trovador arrumado, com um longo cabelo castanho, uma pequena barba e olhos azuis claros. Sempre usa uma túnica amarela e alaranjada. Antes o ouvi cantar, e queria ouvir mais de suas canções, mas não posso encontrá-lo entre tanta gente. O viu?

Fulk inclinou a cabeça e a olhou com astúcia. – Está apaixonada por este trovador?

Alice ia protestar indignada, mas se conteve. Em troca, soltou o que supunha um suspiro trêmulo.

– É muito bonito.

Fulk soprou irritado.

– Você não é a única dama que o procura. Pelos dentes de São Anselmo, não sei o que vêem nos trovadores. Todos têm às mulheres jogadas a seus pés.

Alice se imobilizou.

–Viu?

–Sim. Vi seu maravilhoso poeta. – Elevou um ombro em gesto indiferente. – A túnica é muito bonita, tal como você a descreve. Eu também gosto dessas cores.

– Onde o viu? – perguntou ansiosa.

– Ontem à noite cantou para um grupo de cavaleiros que se reuniram ao redor de uma fogueira do acampamento. Eu, eeeh, estava perto e, por acaso, o ouvi.

– Foi nesse momento quando topou com a adaga perdida? –perguntou com cortesia.

– De fato, assim foi. – Fulk não se afligiu pela dedução da mulher.

– Os cavaleiros são pessoas descuidadas, sobretudo depois de beber muito vinho. Sempre perdem as adagas, as bolsas e coisas assim. E agora, quanto me pagaria por achar ao arrumado trovador?

Alice apalpou a bolsa quase vazia.

– Só ficam umas poucas moedas. Suponho que esta informação vale uma delas. Talvez duas, se o fizer rápido.

– Feito. – Fulk sorriu outra vez. – Venha comigo, senhora. Sei onde encontrar o trovador.

– Como é que está tão seguro disso?

– Eu disse que você não era a única mulher apaixonada por ele. Ontem à noite, ouvi quando disse a certa dama loira que se encontrariam hoje enquanto o senhor da dama se batia no campo de justas.

– Por todos os santos – murmurou Alice. – De verdade, é uma fonte de informação, Fulk.

– Já disse, informação se vende tão bem como qualquer outra coisa e não traz consigo muito risco.

Girou e avançou entre o labirinto de postos com passo ágil.

Alice jogou fora o bolo sem comer e correu atrás dele.

Quinze minutos mais tarde, estava nos subúrbios da feira. Olhou atrás inquieta enquanto Fulk a precedia, junto ao antigo muro de pedra que rodeava o feudo de Ipstoke. Tinham deixado atrás a multidão. Estava sozinha com Fulk.

Subiram um suave declive. Quando chegaram ao topo, Alice olhou outra vez para trás. Descobriu que podia ver por cima das lojas e galhardetes⁹, até o campo de batalha ao longe.

Juntou-se uma turba de espectadores para ver a disputa. A brisa levava até Alice os ruídos do torneio. Havia dois grupos rivais de cavaleiros que lutavam um contra outro, dos extremos opostos do campo.

Quando chocaram, Alice se encolheu. Vários cavalos e homens caíram em um tremendo embrulho. As armaduras brilhavam ao sol e os cavalos se debatiam. Sem querer, se surpreendeu procurando o familiar galhardete negro, mas foi impossível identificar Hugh ou seus homens dessa distância.

– Por aqui, senhora – murmurou Fulk. Rodeou um dos arruinados abrigos. – Depressa.

Alice disse a si mesma que Hugh era muito inteligente e habilidoso para resultar ferido. Os cavaleiros de sua categoria triunfavam nos combates de exibição. Estremeceu; era um caso similar ao de seu próprio pai. Sir Bernard tinha passado boa parte de sua vida no norte da França em procura de glória e riqueza, através da interminável ronda de torneios. *"Mas também procurava algo muito diferente, pensou Alice com amargura. – Escapar a suas responsabilidades de marido e pai".*

⁹ Galhardete é um termo genérico que abrange uma série de pequenas bandeiras ou flâmulas de vários tipos diferentes, geralmente, em forma de trapézio.

Não tinha mais que lembranças dispersas de seu pai. Essas lembranças se pulverizaram através dos anos como pérolas de um colar quebrado.

Bernard foi um homem arrumado, de risada contagiosa, barba vermelha e frisada, e vivazes olhos verdes. Era vociferante, fanfarrão e transbordava entusiasmo pela caça, as justas, e segundo Helen, a mãe de Alice, os bordéis londrinos.

Bernard permanecia ausente a maior parte do tempo, mas suas visitas à propriedade eram acontecimentos memoráveis na infância da Alice. Assaltava a casa com presentes e relatos. Elevava Alice em seus braços e a levava pelo imenso salão. Enquanto estava no lar, à menina parecia que tudo, incluindo sua mãe, resplandeciam e brilhavam de felicidade.

Mas muito em breve, voltava a partir para um torneio em algum lugar longínquo, ou a uma longa viagem a Londres. Em muitas lembranças da infância aparecia sua mãe chorando depois de uma das freqüentes partidas de seu pai.

Por um tempo, quando nasceu o filho e herdeiro de Bernard, a família o viu com mais freqüência. Nessa época, Helen estava radiante. Mas quando Benedict ficou ferido para sempre ao cair do cavalo, Bernard voltou para os antigos costumes. As viagens a Londres e ao norte da França se fizeram outra vez prolongadas e freqüentes.

À medida que passavam os anos, Helen reagia às ausências de seu marido passando cada vez mais tempo com o livro de apontamentos ou mesclando ervas e poções. Afastou-se dos filhos, aparentemente, obcecada com os estudos.

Nos últimos anos, Helen já não recebia as breves visitas de Bernard com os olhos brilhantes de felicidade. O positivo da situação pensava Alice, era que já não chorava durante horas ao vê-lo partir.

Ao mesmo tempo, a mãe se encerrava nos estudos por períodos cada vez mais longos, Alice foi se encarregando das múltiplas responsabilidades que implica o manejo de uma casa e de um feudo. Também assumiu a tarefa de criar Benedict, embora temesse não ter muito êxito em ser para o irmão, o pai e a mãe ao mesmo tempo. Não pôde compensá-lo pela dor que lhe causou a negligente rejeição de

Bernard. Ainda a fazia chorar o silencioso ressentimento que aparecia no olhar de Benedict cada vez que se mencionava o pai.

Mas não teve consciência da medida em que tinha fracassado até que provocou a perda da herança de Benedict.

– Senhora?

Apartou as tristes lembranças.

– Aonde vamos, Fulk?

– Silêncio. – Fez-lhe um gesto frenético. – Quer que a ouçam?

– Quero saber aonde me leva.

Rodeou um velho abrigo para armazenar madeiras, e o viu se acocorar atrás de um arbusto de espessa folhagem.

– Ontem à noite, ouvi que o trovador dizia à dama loira que se encontrariam aqui, entre os arbustos que há perto do arroio.

– Está seguro?

– Se não estiver aqui, não terá de me pagar – disse o moço, magnânimo.

– Está bem. Me leve.

Fulk se abaixou entre as folhas que ocultavam o arroio da vista. Alice elevou as saias e o seguiu com cautela. *"Minhas botas de couro macio se danificarão"*, pensou.

Um momento depois, um grito alto e agudo a fez se deter. Agarrou o braço de Fulk.

– O que é isso? – sussurrou, espantada.

– Certamente, a loira – murmurou o moço, sem dar mostras de confusão.

– Alguém a está atacando. Temos que ajudá-la.

Fulk piscou e a olhou como se estivesse louca. – Não acredito que deseje nenhuma ajuda de estranhos como nós.

– Por que não?

– Pelo que ouço, seu formoso trovador está tocando muito bem as cordas da harpa.

Ao longe soou outro grito feminino.

– Tocando a harpa? Não entendo. Alguém está machucando a essa mulher. Devemos fazer algo.

Fulk pôs os olhos em branco. – O trovador está dando voltas com ela entre as ervas altas, minha senhora.

– Dando voltas? Como se fosse uma bola, quer dizer? Por que faz algo semelhante?

O moço se queixou em surdina.

– Não compreende minha senhora? Está fazendo amor com ela.

– Aqui, entre os arbustos?

Alice estava tão impressionada que tropeçou em um galho e esteve a ponto de cair de boca.

– E onde, se não? – Fulk a sustentou. – Não podem usar a casa do senhor, não é? E o trovador não tem sua própria casa.

Alice sentiu que um calor a assolava. Era inquietante saber que este moço, não mais velho que Benedict, sabia muito mais destas questões que ela mesma.

– Entendo. Tratou de falar em tom indiferente.

O evidente desconforto da mulher comoveu Fulk.

– Quer esperar aqui até que terminem?

– Bom, seria melhor. Certamente, eu não gostaria de interrompê-los.

– Como queira. – Estendeu a mão. – Cumpri minha parte do trato. Se for amável e me pagar, partirei.

Alice franziu o sobrecenho.

– Está seguro de que é Gilbert, o trovador, que está com essa dama?

– Dê uma olhada.

Indicou para uma mancha de roupa amarela e alaranjada que estava atirada no chão, sob os ramos caídos de uma árvore.

Alice seguiu o olhar do moço.

– Parece ser a túnica de Gilbert. E acredito que vejo seu alaúde.

No mesmo instante em que Alice entregava a Fulk sua última moeda, ressoou um áspero grito masculino entre a folhagem.

– Pelo que escuto, agora o trovador está tocando seu próprio instrumento. Um corno¹⁰, acredito. – Fulk apertou a moeda. – Mas não se aflija senhora. Ouvi que dizia para a loira que era hábil para mais de uma canção.

Alice franziu outra vez o sobrecenho.

– Não sei se compreendo...

Mas Fulk já tinha desaparecido entre os arbustos.

Alice hesitou, sem saber como proceder. Tinha pensado em se dirigir a Gilbert e exigir que ele entregasse a pedra verde. Mas nesse momento, se perguntou pela primeira vez se admitiria tê-la. O que faria se negasse possuir a pedra?

E, por outro lado, havia o irritante assunto da dama loira. O que dizia um homem quando acabava de fazer amor com uma mulher? Sobretudo, em se tratando de um adultério, como era evidente.

Viu-se obrigada a chegar à conclusão de que Gilbert era muito mais audaz do que ela acreditava. Ao se atrever a seduzir a uma mulher casada, se expor à castração, ou inclusive à morte nas mãos do marido. Um homem que se atrevia a tanto por paixão, ria de Alice quando lhe pedisse que devolvesse a pedra verde.

Ocorreu a ela que, nessas circunstâncias, as coisas seriam muito mais simples se Hugh a tivesse acompanhado. Ele não teria tido escrúpulos em desafiar Gilbert.

"Como confiar em um homem que saracoteava em um campo de batalha, enquanto havia assuntos muito mais importantes para resolver!", pensou irritada.

Outro gemido rouco a sobressaltou. Este era mais forte que o anterior, como se estivesse se aproximando de certo clímax ou obstáculo. Compreendeu que não tinha idéia de quanto tempo se demorava em fazer amor. Podia acontecer que Gilbert e sua dama saíssem de entre os arbustos a qualquer momento. E a veriam ali, com aspecto de tola.

¹⁰ Trompa ou buzina rudimentar, de uso pastoril

Pensava-se agir, teria que fazê-lo em seguida. Aspirou uma funda baforada de ar para serenar e partiu decidida para o montículo de roupa atirada. Quando chegou, viu que Gilbert não só tinha deixado o alaúde, mas também um pequeno saco de lona perto da túnica. Era do tamanho adequado para levar uma pedra grande.

Alice hesitou outra vez, até que recordou que Gilbert tinha roubado seu cristal. Tinha direito a recuperá-lo.

Abriu depressa a lapela do saco. Dentro havia um objeto do tamanho aproximado da pedra envolvido em um trapo velho.

Com dedos trêmulos, o tirou da bolsa e apartou um pouco o trapo. O conhecido brilho mate do estranho cristal verde nublado pareceu lhe piscar os olhos. As facetas plainas e largas captaram a luz, mas não a refletiram com muita força.

Sem dúvida, era a pedra verde. Uma onda de satisfação a percorreu. Não era uma pedra atrativa, mas a fascinava. Nunca tinha visto uma pedra nem um cristal assim. Sentia que continha segredos, embora no breve tempo que a teve em suas mãos não pôde deduzir quais seriam.

Sobressaltou-se com um grito rouco nas imediações. Deu um salto, com a pedra na mão. Então, ouviu a voz de Gilbert.

– Minha querida, esta noite, quando cantar junto à fogueira do acampamento para os homens de seu senhor, saberá que a dama da canção é você. Irá se ruborizar?

– Claro, mas na escuridão, quem me verá? – A mulher riu. – Não cabe dúvida de que é um descarado, senhor trovador.

– Obrigado, senhora. – Gilbert soltou umas risadas. – Cantarei seus peitos de alabastro e suas coxas leitosas e o mel e o rocio que achei hoje entre essas coxas adoráveis. Seu senhor não saberá nada.

– Faria melhor em rogar que meu senhor não me reconheça em seu poema – replicou com segura, – pois do contrário se verá privado de seu belo alaúde.

Gilbert riu a gargalhadas.

– Não haveria prazer se não houvesse risco. Alguns homens preferem jogar nas justas. Eu prefiro fazê-lo entre as coxas suaves de suas mulheres.

Alice já não hesitou. Apertou a pedra envolta no trapo e fugiu, rogando que Gilbert não ouvisse seus passos na terra branda.

Não estava muito longe quando ouviu seu grito irado e soube que ele tinha descoberto a perda.

Correu mais rápido. Não acreditava que Gilbert a tivesse visto.

Quando chegou ao muro de pedra do velho feudo, respirava agitado. Ocultou-se atrás de um pequeno abrigo de madeira enquanto se detinha para recuperar o fôlego. Em uns minutos, estaria a salvo entre a multidão da feira; se tranqüilizou. Gilbert jamais poderia encontrá-la.

Fez uma funda inspiração. Com o pulso acelerado, deslizou do incerto amparo do abrigo e correu para atravessar o campo, para a primeira fileira de lojas.

Dois homens armados com adagas se interpuseram em seu caminho. Um lhe sorria com sua boca desdentada. O outro levava um emplastro no olho direito.

Deteve-se horrorizada.

– O que temos aqui: uma fina senhora com uma interessante confusão na mão. Ao que parece, o moço nos vendeu a informação correta, Hubert.

O homem do emplastro no olho sorriu sem humor. – É certo. Talvez devêssemos ter pagado a ele por seus serviços.

– Sempre o digo. Nunca pague o que pode obter grátis. – o sem dentes avançou e estendeu a mão livre. – Nos dê a pedra, senhora, e não haverá problemas.

Alice se ergueu muito ereta e lhe cravou um olhar furioso.

– Esta pedra me pertence. Saia do meu caminho. O com remendo no olho zombou:

– Fala como uma dama fina e correta, não? Sempre quis uma.

– Pode tomá-la – balbuciou o sem dentes. – Assim que tenhamos acabado nosso negócio.

Alice se agarrou a pedra e abriu a boca para gritar pedindo ajuda. Sabia, com uma sensação de desespero, que não havia ninguém perto que pudesse auxiliá-la.

– Benedict voltou?

Hugh contemplou o extremo oposto do campo. Via as bandeiras de Vincent ondulando ao vento. O inundou a expectativa, gelada e revigorante.

“Não o esquecerei, avô”.

– Não, meu senhor – Dunstan seguiu o olhar de Hugh. Em seus olhos apareceu uma expressão perspicaz. – Bom, bom, bom. Vejo que, por fim, Vincent de Rivenhall se prepara para entrar no campo.

– Sim, já era hora. – Hugh lançou um olhar para as lojas refugio, procurando Benedict: não havia rastro dele. – Pelo sangue do demônio, onde está esse moço? Teria que já ter retornado com notícias de sua irmã.

Quando se fez evidente que não estava entre os espectadores, Hugh ordenou a Benedict procurar Alice. Por uma razão desconhecida, primeiro se decepcionou e depois se enfureceu ao comprovar que não estava entre o público. Tratou de se convencer que tinha direito de se zangar. Afinal de contas, deu instruções muito claras e a mulher as ignorou. Mas tinha a inquietante sensação de que a questão era mais profunda.

Sem dúvida, lhe pareceu conveniente não fazer caso dele, pois não o considerava seu verdadeiro senhor.

– Pode ser que os jogos não a interessem. – Dunstan cuspiu no chão. Contemplou a matizada multidão de mulheres que se sentavam sob o toldo amarelo brilhante em uma lateral do campo. Ademais, é um jogo de homens.

– Sim.

Hugh voltou a observar a multidão no refúgio tratando de ver Benedict.

– Lembro da época em que não se podia incomodar às damas para que viessem aos jogos – disse Dunstan. – Mas agora, se converteram em uma moda. Basta para fazer chorar a um cavalheiro vigoroso.

– Não posso esperar mais – disse Hugh. – Vincent já está quase preparado. Faça com que tragam o cavalo.

– Sim, meu senhor.

Dunstan fez um sinal ao escudeiro que sustentava as rédeas do cavalo negro.

Hugh lançou um olhar aos espectadores. Seguiu sem ter rastro de Alice.

– Por Deus. Esta senhora tem muito que aprender.

Um homem de ombros largos, barba grossa, de olhos pequenos e resplandecentes, saiu do refúgio.

– Sir Hugh. Inteirei-me que estava aqui. Não pode resistir a tentação de lançar do cavalo Vincent de Rivenhall, não é?

Hugh olhou ao recém-chegado sem muito entusiasmo.

– Dizem que hoje foi bem, Eduard.

– Ganhei um bom cavalo de guerra e partes de armadura de Alden de Granthorpe. – Eduard rompeu em gargalhadas. – Deixei sir Alden se debatendo no barro com uma perna quebrada. Foi divertido. Parecia uma tartaruga ao reverso.

Hugh não disse nada. Eduard não o agradava. Contava com vários anos mais que ele e era um mercenário duro que vendia a espada a qualquer que pagasse bem. Isso em si não era nenhum crime. Hugh sabia bem que se o destino não o tivesse feito cair na casa de Erasmus de Thornewood, ele mesmo teria escolhido essa carreira.

Em seu desagrado intervinham outros fatores. Embora o mercenário fosse um guerreiro habilidoso, era grosseiro e de maus modos. Hugh conhecia desagradáveis falatórios a respeito da tendência desse homem a ser violento com as mulheres jovens, como o caso de uns meses antes, em que uma empregada de botequim de doze anos morreu por causa da tosca luxúria de Eduard. Não sabia se o rumor era certo, mas não lhe custava acreditar nele.

– Preparado, senhor.

O escudeiro tranqüilizou ao cavalo impaciente.

– Muito bem.

Hugh se voltou para Eduard.

– Meu senhor, Hugh.

Benedict dobrava coxeando a esquina da loja no mesmo momento em que Hugh apoiava uma bota no estribo. Ofegava.

– Meu senhor, não posso encontrá-la.

Hugh se deteve.

– Não está na tenda?

– Não, meu senhor. – Benedict se deteve e se apoiou no bastão.

– Possivelmente esteja percorrendo os postos dos camelôs. Não gosta muito dos torneios e essas coisas.

– Indiquei-lhe que visse o jogo junto com as outras damas.

– Sei, senhor. – O moço parecia ansioso. – Deverá ser paciente com minha irmã, senhor. Não está acostumada a aceitar indicações. Prefere fazer as coisas a seu modo.

– Assim parece.

Hugh se acomodou nos arreios e se inclinou para pegar a lança que um de seus homens lhe estendia. Olhou o frágil pedaço de fita verde que ondulava perto da ponta da lança.

– Meu senhor, rogo que seja tolerante com ela – suplicou Benedict. – Nunca aceitou bem as ordens. Menos ainda, dos homens.

– Então, é hora de que aprenda.

Hugh lançou um olhar para a extensão do campo. Vincent de Rivenhall montava sob sua bandeira vermelha.

Apesar do irritado que estava contra Alice, Hugh começava a se inquietar cada vez mais. O comichão que sentia na nuca não se devia à impaciência pelo iminente choque com Vincent.

Algo mal se passava.

Imaginou que Alice não estava entre o público por puro rancor. Compreendia que não a agradava que pretendesse assistir às justas obrigada. Tranqüilizou-se pensando que estaria zangada, e decidida a discutir a questão em outro momento. Depois que ele tivesse lutado com Vincent de Rivenhalli.

A Hugh e a Vincent estava proibido gozar a satisfação da agressão mútua e franca, pela aliança de ambos com Erasmus de Thornewood. Erasmus não pensava

permitir que seus melhores cavaleiros desperdiçassem a energia e esbanjassem seus ganhos lutando entre si. Os dois estavam obrigados a limitar a competência às estranhas ocasiões em que coincidiam em um torneio. Nessas circunstâncias, podia se desafogar o antigo rancor sob a aparência de um jogo.

Da última vez que travaram em combate de exibição, Hugh fez Vincent cair com um só golpe da lança. Como a justa era um acontecimento importante promovido por dois grandes barões, não havia limite para o prêmio. Os cavaleiros triunfantes eram livres para reclamar algo que pudessem obter de suas vítimas.

Todos esperavam que Hugh pusesse um preço elevado à derrota de Vincent de Rivenhali. Pelo menos, poderia ter reclamado o custoso cavalo de guerra e a armadura do rival.

Mas não tomou nada disso. Em troca, se foi do campo deixando Vincent no chão como se não tivesse importância. O insulto foi escandaloso e inconfundível. Cantaram-se baladas relatando o fato e a lenda de Hugh, o Implacável se enriqueceu com outra anedota.

Ninguém mais que Hugh e seu único confidente, Dunstan, sabiam a verdade. Não era necessário despojar Vincent da armadura e do cavalo. Hugh tinha pensado em um stratagema muito mais sutil e eficaz contra ele, que se desenvolveria com o tempo. Em uns seis meses, no máximo um ano.

O triunfo final seria completo. Hugh estava convencido de que isso acalmaria os ventos tormentosos que agitavam sua alma. E por fim, teria paz.

Enquanto isso, esses encontros ocasionais em torneios serviam para saciar o apetite da Provocadora de Tormentas.

Hugh colocou o elmo sob o braço e olhou para Benedict.

– Pegue dois moços e busca a sua irmã entre as lojas dos camelôs.

– Sim, senhor. – Benedict começava a partir, mas vacilou. – Senhor, devo lhe perguntar o que pensa fazer com Alice quando a encontrarmos.

– Esse é problema de Alice, não seu.

– Mas, meu senhor...

– Eu disse que isso é entre Alice e eu. Vá, Benedict. Tem uma tarefa pela frente.

– Sim, senhor.

Com inapetência, Benedict se voltou para abrir caminho entre a multidão de homens agrupados perto dos refúgios.

Hugh se preparou para se dirigir à pequena companhia que cavalgava sob sua bandeira negra. O olhavam impacientes. Quando saíam para o campo com Hugh, o Implacável, sempre havia dinheiro para ganhar.

Fazia muito que Hugh tinha descoberto que havia um segredo para ganhar tanto torneios como batalhas. Era a disciplina e um bom estratagema. Nunca deixava de assombrá-lo que tão poucos homens praticassem essas artes.

Por natureza, os cavaleiros eram pessoas precipitadas e entusiastas, que se lançavam ao campo ou a um combate real sem pensar em nada que não fosse, a glória individual e o prêmio. Os pares os alentavam a se comportar assim, emulando a honra, os lucros e pelos trovadores que cantavam suas façanhas. E além disso, óbvio, as damas, que preferiam outorgar seus favores aos heróis das baladas.

Na opinião de Hugh, essa conduta indisciplinada servia de inspiração a poemas cômicos, além disso convertiam a vitória em uma brincadeira ou o combate verdadeiro em um fato infeliz.

Hugh preferia que fossem previsíveis. A disciplina e a adesão a um estratagema determinado, antes do conflito, eram o que dava previsibilidade. As tinha convertido na base em que se apoiavam as técnicas com que instruía a seus homens.

Os soldados e cavaleiros que colocassem sua avidez de glória e riquezas antes do desejo de seguir as ordens de Hugh, não duravam sob seu comando.

– Manterão filas ordenadas e seguirão o plano que combinamos - disse aos homens. – Está claro?

Dunstan riu, enquanto colocava o elmo.

– Sim, senhor. Não tema, estamos preparados para seguir o plano.

Os outros sorriram, afirmando.

– Recordem – Hugh os advertiu. – Vincent de Rivenhall é meu. Se ocupem de outros homens.

Assentiram com seriedade. Todos os homens conheciam o ressentimento que existia entre seu senhor e Vincent de Rivenhall. O conflito não era secreto.

Satisfeito de que tudo estivesse preparado, Hugh começou a montar o cavalo. Depois, se ocuparia de Alice.

– Espere senhor – gritou Benedict. Hugh olhou para trás, impaciente e viu o temor refletido no rosto do moço.

– O que acontece?

– Esse moço, Fulk, diz que sabe onde está Alice. – Assinalou a um jovem poeirento, de idade similar à sua. – Diz que dois homens com adagas a estavam perseguindo. Diz que nos dirá onde encontrá-la. Se o pagarmos.

Algo tarde, Hugh pensou que o motivo pelo que Alice não estava entre o público era que tinha ido procurar Gilbert, o trovador.

"É impossível que seja tão audaz".

Mas embora tentasse se tranquilizar, sentia um frio que gelava suas vísceras. Por um momento, a imagem do desventurado camelô de Clydemere, que jazia em um atoleiro de sangue; com a garganta cortada, nublou sua visão.

Hugh olhou ao sorridente Fulk.

– É verdade?

– Sim, meu bom senhor. – O sorriso de Fulk se alargou. – Sou comerciante, entende? Trafico informação, ou qualquer outra coisa que encontre. Terei muito gosto em indicar onde está a dama de cabelos vermelhos. Mas será melhor que se apresse se quer resgatá-la antes que esses dois salteadores de estradas a alcancem.

Hugh espremeu sem piedade a fúria e o medo que ameaçavam inundá-lo, separou de sua mente e de sua voz todo indício de emoção:

– Fala.

– Bom senhor, quanto a mim, primeiro costumo fixar o preço.

Amanda Quick

AMOR MÁGICO – Tradução, revisão, formatação: Grupo RS & RTS

– O preço – disse Hugh em voz baixa, – é sua vida. Dê-me a verdade ou se prepare para pagar.

Fulk deixou de sorrir.



Capítulo sete

Alice correu para o abrigo. Sua única esperança era chegar antes que os dois ladrões a alcançassem. Se podia chegar à porta, poderia se entrincheirar dentro.

–Detenha-a - gritou o homem do emplastro ao companheiro–. Se perdermos a maldita pedra desta vez, nunca nos pagarão.

–A empregada corre como uma lebre – ofegou o outro–. Mas não escapará.

O tamborilar surdo dos pés dos perseguidores, calçados com botas, era o ruído mais aterrador que já tinha ouvido. O abrigo parecia muito longe.

O peso da pedra era um obstáculo assim como suas próprias saias.

Os dois ladrões se aproximaram. Alice estava a três passos da pequena construção quando ouviu o trovão, que sacudiu até o chão que pisava.

Com parte de sua consciência, Alice notou que o sol seguia brilhando. Nem rastros de tormenta. O trovão era um detestável tambor a suas costas. E então ouviu o grito de um dos perseguidores. O espantoso alarido a fez se deter, cambaleante. Girou sobre si mesma e viu que o ladrão desdentado caía sob os cascos de um cavalo negro de guerra. O animal não pareceu notar esse obstáculo insignificante e seguiu avançando em busca de novas presas.

Alice reconheceu a grande besta de guerra e ao cavaleiro sem elmo que ia escarranchado. As mechas negras de cavalo e cavaleiro ondulavam do mesmo modo no vento. O aço faiscava ao sol.

A jovem agarrou a pedra e contemplou o espetáculo incrível que tinha à frente. Ao longo de sua vida tinha visto muitos cavaleiros e cavalos de guerra, mas nunca um poualgoco tão aterrador como isto.

Hugh o Implacável, e o monstro destruidor avançaram como uma só coisa, uma enorme máquina bélica que nada podia deter.

O caolho gritou, e desistiu rapidamente da perseguição, procurando refúgio entre os arbustos que bordejavam o arroio. Não tinha possibilidades de escapar do cavalo e, ao compreender isso, se voltou impotente, para enfrentar a seu destino.

Alice começou a fechar os olhos para não ver a cena inevitável de morte e destruição. Mas no último instante, o animal bem treinado, obediente à ordem invisível do cavaleiro, mudou o rumo. A enorme besta passou junto ao ladrão sem tocá-lo.

O cavalo se deteve, estremeceu, girou sobre os quartos traseiros e retrocedeu até onde estava o caolho, encolhido. O potro sacudiu a cabeça, soprou com força e chutou com um de seus grandes cascos, como protestando pela finalização da caça.

O homem de um só olho caiu de joelhos, apavorado.

Hugh olhou para Alice:

–Está bem?

Alice não pôde falar. Tinha a boca seca. Assentiu.

Satisfeito com a resposta, Hugh concentrou a atenção no ladrão. Quando falou, o fez com voz de aterradora suavidade:

–Então perseguia à dama como um galgo a uma lebre.

–Não me mate, *milord* – suplicou o caolho–. Não queríamos fazer mal a ela. Só brincávamos com a garota. Só queríamos uma boa queda. O que tem que mau nisso?

–A garota – disse Hugh com deliciosa delicadeza–, é minha prometida.

O olho do ladrão aumentou, como se visse que o chão se abria sob seus pés. Era evidente que o aguardava o inferno. Fez uma tentativa mais de se defender.

–Mas, como podia saber, *milord*? Tem a mesma aparência de qualquer outra empregada. A vimos vindo dos arbustos, então, como é natural, supusemos que procurava um pouco de ação.

–Silêncio – ordenou o cavaleiro–. Ainda está vivo porque preciso lhe fazer perguntas. Se não cuidar a língua, poderia decidir que não necessito respostas.

O ladrão estremeceu.

–Sim, senhor.

Dunstan apareceu dando a volta à esquina do muro de pedra. Benedict, se movendo a surpreendente velocidade ajudado pelo cajado, o seguia de perto. Os dois estavam sem fôlego e com o rosto avermelhado.

–Alice – vociferou o moço–. Não está ferida?

–Não.

Alice notou que estava tremendo. Não olhou ao homem caído sob os cascos do cavalo.

Hugh lançou um olhar a Dunstan.

–Se ocupe do que está no chão. Caiu sob a carga de Storm, e deve estar morto.

–Sim, senhor. – se aproximou do caído. Empurrou o corpo inerte com a ponta da bota e cuspiu sobre a erva. – Acredito que tem razão, senhor – se inclinou para olhar melhor o objeto que tinha sob o homem–. Levava uma linda adaga.

–É sua, se a quiser – disse, desmontando–. Isso, e todo o resto que lhe encontre em cima.

–Isso não será muito.

De longe, chegou um grito coletivo. O vento trazia os ruídos do último choque no campo de lide. Dunstan e Benedict olharam atrás, para o campo onde se desenvolvia o torneio.

Alice percebeu uma aguda tensão.

–Penso que Vincent de Rivenhall terá saído ao campo – disse Hugh depois de uma pausa.

–Sim, senhor – disse Dunstan, com um suspiro de pesar–. Assim é. Ao que parece, se enfrentou com Harold de Ardmore. Esse não será um grande enfrentamento. Vincent cavalgará em cima do jovem Harold.

A mandíbula de Hugh se esticou, mas a voz permaneceu serena como se tivesse estado falando das últimas técnicas de cultivo.

–Lamento que hoje tenha que se conformar com o que encontre em cima dos dois ladrões, Dunstan. É óbvio que, como resultado de certos feitos recentes, não teremos a oportunidade de gozar de vitórias mais lucrativas nas justas.

Dunstan lançou um olhar rancoroso a Alice. – Sim, *milord*.

Hugh jogou as rédeas do cavalo para Benedict. – o oficial, e lhe diga que depois quero interrogar a este homem.

–Sim, senhor.

Benedict pegou as rédeas de Storm. O potro lhe dirigiu um olhar inexpressivo.

Hugh olhou para Alice com expressão inescrutável. – Está segura que não está machucada?

–Sim – murmurou. Por algum motivo absurdo, se sentia a ponto de chorar. Tinha o desejo ridículo de se jogar nos braços de Hugh–. Salvou minha vida, *milord*.

–Isso não teria sido necessário se tivesse obedecido minhas indicações de assistir às justas.

A voz do homem carecia de inflexões. Alice sentiu frio. "*Possivelmente seja certo o que dizem dele – pensou–. Talvez Hugh o Implacável não tenha sentimentos.*" A pedra envolvida em um trapo pesava em suas mãos. Então, recordou que a tinha.

–Encontrei a pedra verde, *milord* – disse, esperando que a novidade quebrasse a malha invisível de aço com que o homem embainhava suas emoções.

–Ah, sim? – Lançou um olhar fugaz ao objeto–. Não me agrada o preço que estive a ponto de pagar por ela.

–Mas...

–Já fiz averiguações sobre o paradeiro do trovador Gilbert. Esta noite, estava contratado para divertir a uns cavaleiros e suas damas. Pela manhã, a pedra estaria em minhas mãos, sem riscos. Não havia necessidade que ficasse em perigo.

O precário equilíbrio no ânimo da jovem sofreu um giro.

–Teria que ter me comunicado o plano antes de ir às justas, *milord*. Somos sócios, recorda? Fizemos um trato.

–Nosso trato, como você o chama, não tem nada a ver com que espero obediência quando dou indicações.

–Por todos os Santos, senhor, isso é muito injusto.

–Injusto? – Avançou para ela–. Acredita que não tenho sentido da justiça porque me oponho a que corra riscos inúteis?

O olhou, aturdida.

–Está zangado.

–Sim, senhora.

–Quero dizer, muito zangado – murmurou–. Simplesmente porque eu me pus em perigo.

–Não me parece um assunto simples, senhora. Embora a expressão ameaçadora de Hugh tivesse que tê-la assustado, não foi assim. Dentro de Alice, nasceu uma diminuta chama de esperança.

–Acredito que, na realidade, está mais preocupado por mim que pela pedra verde, senhor.

–É minha prometida – respondeu, com calma–. Como tal, é minha responsabilidade.

Alice esboçou um sorriso trêmulo. – *Milord*, acredito que você é, de certo modo, um impostor. Não é tão frio como as pessoas afirmam. Hoje me salvou a vida, e eu não esquecerei enquanto viva.

Deixou a pedra no chão, se ergueu e correu aos braços de Hugh. Para seu assombro, se fecharam ao seu redor. Sentiu a malha de aço da cota de Hugh dura e fria, mas a força do homem lhe deu um estranho consolo. Agarrou-se a ele.

–Logo seguiremos falando – disse Hugh com a boca contra seu cabelo.

Hugh esperou que preparassem o jantar, que o comessem junto ao fogo, e então foi à tenda da Alice.

"É uma tenda muito elegante", pensou irônico. Grande, espaçosa, cômoda. Até tinha uma divisão no meio. Era a única que tinham transportado na viagem.

Era a de Hugh.

A destinou a Alice sem lhe perguntar sequer se seria tão amável de compartilhar seu interior com ele. Sabia de antemão qual seria a resposta a semelhante pergunta.

Na noite anterior, dormiu junto ao fogo, com seus homens. Esta noite, tinha toda a intenção de voltar a fazê-lo enquanto Alice desfrutava do luxo e da intimidade relativas da loja.

Até então, Alice não só tinha dormido sozinha na tenda, mas também comido dentro. Como comentou amargamente o tio, ao que parecia, não tinha nenhum interesse na conversação de cavalheiros e soldados.

Hugh a imaginou aconchegada sob as mantas, e teve que afogar um gemido. Na parte baixa do corpo, se aninhou um desejo profundo e inquietante. Fazia muito que não estava com uma mulher. Como homem disciplinado que era se negava a se deixar dominar pela luxúria, mas pagava um preço por isso.

Conhecia muito bem a mordente dor do desejo sexual insatisfeito. Durante anos, o tinha experimentado com bastante frequência. Alegrava-se pensando que seria diferente quando tivesse uma esposa.

Naturalmente, esse pensamento derivou à óbvia observação que já quase a tinha. Para a maioria dos casais, o compromisso era um voto tão próximo ao matrimônio que não muitos objetariam a consumação da união. De fato, a consumação assegurava que as bodas se celebrariam.

Era desafortunado que Hugh estivesse prometido a uma dama que considerava a si própria sócia nos negócios mais que futura esposa. Perguntou-se o que seria necessário para convencê-la que o matrimônio era uma alternativa preferível ao convento.

O problema o afligia. No princípio, pareceu muito simples, mas agora começava a duvidar.

"Tenho muitas habilidades – pensou-. Não me falta inteligência." Erasmus de Thornewood se ocupou de sua educação, e Hugh sabia que era muito mais instruído

que a maioria dos homens. Mas no que se referia a entender às mulheres, sobretudo às que eram como Alice, sentia que lhe faltava capacidade.

–*Milord?* –Benedict, que estava sentado junto ao fogo, se levantou e se aproximou depressa aode Hugh—. Posso falar um minuto com você?

–Se se tratar de sua irmã, não.

–Mas, *milord*, queria que a entendesse melhor antes de se reunir com ela. Esta tarde, não queria prejudicá-lo.

Hugh se deteve.

–Hoje, quase lhe cortam o pescoço. Acaso quer que a incite em semelhantes loucuras?

–Não, senhor, mas estou seguro que não voltará a fazer nada precipitado. Tenho que apontar que você obteve o que queria. Está outra vez em posse da pedra verde. Não poderia esquecer o resto?

–Não. – o semblante preocupado do moço, onde jogavam as sombras vacilantes da fogueira—. Se acalme, moço. Não golpeio as mulheres. Não machucarei a sua irmã.

Benedict não se convenceu. – Sir Dunstan me comentou que você estava zangado por não ter podido competir com Vincent de Rivenhall nas justas desta tarde.

–E teme que derrube minha irritação sobre Alice?

–Sim, isso é o que temo. Alice está acostumada a irritar aos homens que tentam lhe dar ordens, *milord*. Meu tio sempre perdia a paciência com ela.

Hugh se imobilizou.

–Sir Ralf bateu nela alguma vez?

–Não. – Esboçou um meio sorriso—. Não acredito que se atrevesse, pois sabia que minha irmã se vingaria de algum jeito imprevisível.

–Claro. – Se relaxou —. Tive a impressão que Alice intimidava um pouco ao Ralf.

–Em ocasiões, eu acreditava que, na realidade, tinha medo dela – disse Benedict em voz baixa—. Segundo Alice, isso se devia à reputação de nossa mãe.

–Sua mãe?

–Sim. Era uma grande estudiosa das ervas, sabe?

Uma verdadeira senhora no reino das ervas. – Vacilou–. Conhecia as propriedades de muitas espécies estranhas e pouco comuns, as que curavam tanto como as que matavam. E ensinou a Alice a usá-las desde muito nova.

Hugh sentiu uma sensação gelada na pele dos braços.

–Em outras palavras, sir Ralf temia que Alice tivesse aprendido de sua mãe o suficiente para envenená-lo, não é assim?

–Minha irmã seria incapaz de fazer algo tão terrível. – Era evidente que a idéia horrorizava Benedict–. Minha mãe a ensinou a curar, não a fazer mal.

Hugh estirou a mão e apertou o ombro do jovem. – Me olhe à cara, moço.

Os olhos ansiosos de Benedict posaram nos de Hugh.

– Sim, senhor?

–Há coisas que devem ficar muito claras entre Alice e eu. Entre elas, o fato de que, como minha futura almeia-esposa, deve obedecer minhas ordens. Não as dou por capricho, mas sim pela segurança daqueles que estão a meu cargo.

–Sim, senhor.

–É provável que Alice e eu discutamos sobre isto, mas te dou minha palavra que jamais golpearei sua irmã. Deverá se conformar com isso.

Benedict examinou um longo momento o rosto de Hugh, como tentando ver com clareza apesar das sombras. Então, parte da tensão abandonou seus ombros jovens.

–Sim, senhor.

Hugh o soltou.

–Terminará por entender que, enquanto esteja a meu cuidado, deverá me obedecer tal como o faz qualquer dos que estão a meu comando. Por desgraça, haverá ocasiões, como hoje, em que a própria vida dependerá de sua obediência.

Benedict resmungou;

–Desejo sorte para convencê-la disso, *milord*. Hugh sorriu, ligeiramente.

–Obrigado. Suspeito que a necessitarei.

Voltou-se e seguiu andando para a tenda negra. *"É uma noite formosa"*, pensou. Fresca, mas não fria. As fogueiras dedilhavam a escura paisagem que rodeava Ipstoke. No ar do anoitecer fluíam os ruídos da farra dos bêbados, risadas estrepitosas e fragmentos de canções.

Era o anoitecer característico de um dia de justas. Os senhores e cavaleiros triunfantes celebravam as vitórias com balidas e contos. Os perdedores negociavam os resgates que lhes pediriam que estavam acostumados a ser amistosos, mas caros.

As vitórias desse dia empobreceriam a mais de um. Vários estariam curando os machucados e algum ou outro osso quebrado.

Mas quando terminasse a feira em Ipstoke, a maioria tanto de ganhadores como perdedores, correriam às justas próximas, em qualquer lugar que se celebrassem. Para muitos, esses encontros constituíam um modo de vida. E o fato de que na Inglaterra fossem tecnicamente ilegais, não subtraía o entusiasmo por esse jogo.

Hugh estava entre os poucos que não desfrutava muito dos torneios. Em grande medida, se permitia participar só quando desejava dar a seus homens o treinamento a que davam lugar esses torneios.

Ou nas escassas oportunidades em que estava seguro que Vincent de Rivenhall seria seu rival.

A luz que penetrava da tenda negra lhe disse que Alice tinha um pequeno braseiro aceso para aquecer o ambiente, e uma vela para iluminá-lo. Apartou a lapela e se deteve na entrada, quieto. Alice não o ouviu entrar. Estava sentada sobre um pequeno tamborete dobradiço, o único que tinham transportado.

Alice estava de costas ao recém-chegado. A linha da coluna era reta e profundamente feminina. A cabeça estava inclinada sobre um objeto que tinha no colo do regaço.

O cobre brunido do cabelo estava recolhido em uma rede para cabelo. Resplandecia com tons mais ricos que as brasas do braseiro. As saias caíam em dobras elegantes em torno das pernas do tamborete.

Minha prometida. Hugh aspirou uma baforada profunda, enquanto uma quebra de onda de intenso desejo o assaltava. Os dedos que sustentavam a abertura da tenda se esticaram. A desejo.

Por um momento, não pôde pensar em outra coisa que em sua própria reação dessa tarde, quando Alice se jogou em seus braços. As emoções desse momento oscilavam sobre um abismo imprevisito. Se sentiu esmigalhado entre a cólera pelo risco que tinha passado e a compreensão de que esteve a ponto de morrer. Quase a perdeu.

A sensação de posse foi tão intensa que fez sua mão tremer.

Como se tivesse percebido sua presença, de súbito Alice girou a cabeça para olhá-lo. Piscou, e Hugh quase pôde ver o que pensava, com o movimento da cabeça de um objeto a outro. Então, sorriu para ele, e Hugh teve que apertar a mão em um punho para não se trair.

–*Milord*. Não o ouvi entrar.

–É evidente que estava concentrada em certas questões.

Hugh fez uso até da última partícula de autodomínio que pôde reunir. Deixou cair a lapela da porta com gesto parcimonioso.

–Sim, *milord*.

O homem cruzou o tapete da tenda e observou o objeto que Alice tinha no regaço.

–Vejo que ainda examina meu cristal.

–Ainda examino meu cristal, senhor. – Acariciou a pedra verde lavrada com a ponta de um dedo—. Tento compreender por que era tão valioso para Gilbert o trovador e para esses dois ladrões.

–Não averiguaremos muito pelo trovador. Gilbert desapareceu.

Essa novidade foi uma nova fonte de irritação esse dia. "Ao que parece - pensou-, *nada sai bem*".

–Não me surpreende – disse Alice–. Tinha muito de escorregadio. Eu nunca gostei nem dele nem suas canções.

Hugh contemplou o rosto da moça à luz das velas.

–Me disseram que às mulheres parece atrativo.

Alice lançou um bufo feminino.

–Pois, a mim não. Uma noite, enquanto estava na casa de meu tio, tratou de me roubar um beijo.

–Sério? – perguntou com suavidade.

–Sim. Foi muito incômodo. Derrubei uma jarra de cerveja sobre a cabeça dele. Depois disso, não me falou.

–Imagino.

Alice levantou a vista.

–Soube algo da boca do ladrão torto?

–Muito pouco. –Era inútil procurar outro tamborete, e Hugh se sentou em um dos pesados baús de madeira que continham a coleção de pedras–. Falou até pelos cotovelos, mas o único que sabia era que o companheiro tinha feito um trato com alguém para recuperar o cristal. Acredito que o caolho e seu cúmplice mataram ao camelô doe Clydemere.

–OH! –exclamou, com voz trêmula.

–Por desgraça, o sujeito que caiu sob os cascos de Storm foi o que, na realidade, fez o trato. Está morto e, portanto, não pode nos dizer nada.

–Entendo.

Hugh entrecerrou os olhos. –Esses dois sujeitos a teriam assassinado sem pensar duas vezes.

A jovem lhe dedicou um sorriso luminoso. – Mas me salvou senhor.

–Isso não é o que quero destacar.

Alice fez uma careta.

—Já sei o que quer destacar, *milord*. Mas olhe pelo aspecto positivo. Um dos assassinos está morto, e o outro está sob custódia do oficial. Os dois estamos a salvo e recuperamos a pedra.

—Esquece uma coisa.

—O que?

—Quem contratou os dois sujeitos para encontrar o cristal ainda está solto por algum lado, e não temos nenhuma chave de sua identidade.

Os dedos de Alice se apertaram em volta do cristal.

—Mas seja quem for, deve saber que suas tentativas de roubar a pedra fracassaram. Agora, está outra vez em suas mãos, *milord*. Ninguém se atreveria a tirar—lhe.

—Aprecio sua confiança – murmurou Hugh–, mas não acredito que devamos dar por sentado que todos os ladrões potenciais terão a mesma fé em minhas habilidades.

—Não duvide. Meu tio afirmava que você é quase uma lenda, senhor.

—Alice, lamento informar que essa lenda em lugares afastados, como Lingwood Emanar ou Ipstoke, não significa mais que uma reputação moderada em qualquer outro lugar.

—Não acredito nem por um momento, senhor – replicou, em uma inesperada amostra de lealdade—. Vi como tratou hoje a esses ladrões. Quando a notícia chegar à pessoa que os contratou, sem dúvida pensará duas vezes antes de tratar de arrebatá-la novamente a pedra. Estou convencida que presenciaremos a última tentativa.

—Alice...

A jovem tamborilou sobre o cristal com o dedo indicador. As sobrancelhas se uniram lhe dando uma expressão reflexiva.

—Sabe, senhor, para começar, eu gostaria muito de descobrir por que alguém roubou esta pedra.

Por um instante, a atenção do homem se concentrou no feio cristal.

–É possível que alguém, equivocadamente, a considere uma pedra valiosa. Depois de tudo, se diz que é a última peça de um grande tesouro.

A moça olhou a pedra com evidente ceticismo.

–A julgar pelo baixo preço que o camelô, que a vendeu a meu primo Gervase cobrou, não a acreditava valiosa. Só a considerava um objeto fora do comum. Uma quinquilharia que podia interessar unicamente a um naturalista.

–Suspeito que a motivação do ladrão se baseie em que a pedra tem um tipo de valor muito diferente.

Alice levantou a vista de repente.

–Que tipo de valor, senhor?

–Já disse que a posse do cristal está vinculada a uma lenda e a uma maldição sobre o senhorio de Scarcliffe.

–Sim. E então?

Hugh se deu de ombros.

–Possivelmente há alguém que não quer que me converta no novo Senhor de Scarcliffe.

–Quem poderia ser?

O homem tamborilou distraído com os dedos sobre a coxa.

–Talvez já seja hora que lhe fale de Vincent de Rivenhall.

–O indivíduo que procurava para competir nas justas de hoje? Meu irmão me disse que você se zangou muito ao se ver obrigado a perder essa luta. Sei bem que foi por minha culpa que tivesse que deixar de lado as justas.

–É certo.

Alice lhe dirigiu um sorriso feiço. – Mas deve admitir que, no fim, o importante era recuperar a pedra, *milord*. E o temos feito, não é verdade? Tudo está bem, de modo que podemos esquecer os penosos incidentes do passado imediato.

Não muito convencido, Hugh decidiu que tinha chegado o momento de lhe dar uma pequena lição de obediência.

–Senhora, não é meu estilo esquecer incidentes penosos do passado imediato, como você os chama. Na realidade, estou convencido que alguém deve as aproveitar como importantes lições.

–Fique tranqüilo, senhor, que aprendi – ela assegurou, em tom alegre.

–Eu gostaria de poder acreditar. Mas algo me diz...

–Silêncio. – Levantou a mão para fazê-lo calar-. O que é isso?

Hugh ficou carrancudo.

–O que?

–Um trovador canta uma balada. Escute. Acredito que se refere a você, milord.

As estrofes da canção cantada com vigorosa voz masculina entraram fluando na tenda negra.

Diz-se que o cavaleiro Implacável valoroso se mostrou.

Mas eu lhes digo que hoje, de sir Vincent escapou.

–Sim, se refere a mim – resmungou Hugh. "Vincent encontrou uma forma de se vingar", – pensou, esse era o preço que se pagava por estar prometido a uma mulher como Alice.

Alice deixou a pedra e se levantou de um salto.

–Milord, algum trovador bêbado o está caluniando.

–Isso não faz mais que demonstrar o que disse antes. O que em alguns lugares representa uma pequena e agradável lenda, em outras não é outra coisa que uma triste brincadeira.

Uma vez sir Hugh fez que tremessem e se acovardassem audazes cavaleiros.

Mas após, deixou que o dominasse sua natureza covarde.

–Isso é revoltante. – Alice foi até a porta da loja–. Não o suportarei. Hoje você perdeu essa estúpida justa porque estava ocupado atuando como um autêntico herói.

Hugh compreendeu tarde que Alice tinha intenção de enfrentar ao trovador.

–Né, Alice, espere. Volte aqui.

–Retornarei em seguida, *milord*. Primeiro, tenho que corrigir esses tolos versos. Deslizou fora da tenda, deixando cair a lapela.

–Pelos pregos de Cristo.

Hugh se levantou do baú de madeira e cruzou o chão da loja com grande rapidez. Chegou à porta e a abriu com brutalidade. Viu a mulher à luz da fogueira. Segurava as saias com as mãos enquanto avançava a passo vivo para o acampamento vizinho. O queixo tinha uma inclinação decidida. Os homens de Hugh a olhavam, consternados.

O trovador, sem perceber o iminente embrulho, continuou com os seguintes versos:

*Possivelmente sua bela dama procurará outro cavaleiro forte que a agrade.
Pois o Provocador de Tormentas se abrandou, agora é lasso como brisa
estival.*

–Né, você, senhor trovador! – vociferou Alice–. Deixe de zurrar essa canção tola imediatamente, está ouvindo?

O trovador, que tinha estado vagando pelo acampamento, se detendo a cantar a canção em qualquer lugar que o convidassem a fazê-la, se interrompeu de repente.

Para Hugh pareceu que, de repente, a noite se voltava inusitadamente calada. Seus próprios homens não eram os únicos que olhavam atônitos a jovem. Contava com a atenção de todos os que se reuniam nas fogueiras próximas.

O trovador fez uma profunda reverência quando Alice se deteve ante ele.

–Me perdoe, *milady* – murmurou com zombadora cortesia–, lamento que minha canção não a agrade. Foi composta esta tarde, a pedido do mais nobre e valente cavaleiro.

– Vincent de Rivenhall, suponho.

–Sim. – O homem riu–. Claro, foi sir Vincent de Rivenhall o que me pediu uma canção para celebrar sua grande vitória no campo de batalha. Negará a ele direito a ter uma balada de herói?

–Sim, farei isso. Porque ele não foi o campeão do dia. Foi sir Hugh o verdadeiro herói galante.

–Quando se negou a sair ao campo contra sir Vincent? – O trovador riu–. Perdoe-me, mas é um estranho conceito de herói, senhora.

–É evidente que nem você nem sir Vincent estão inteirados dos fatos verdadeiros que ocorreram esta tarde. – Fez uma pausa para olhar, carrancuda, ao público que tinha incitado–. Escutem-me, todos, e escutem bem, porque lhes direi o que, na realidade, aconteceu hoje. Sir Hugh se viu obrigado a perder o torneio de hoje, porque teve que se ocupar de uma tarefa de herói.

Um homem alto, de túnica vermelha, entrou no círculo de luz do fogo. As chamas revelaram suas feições aquilinas. Ao reconhecer o recém-chegado, Hugh gemeu.

–Que tarefa heróica afastou sir Hugh do campo de honra, *milady*? – o homem alto perguntou com cortesia.

Alice girou e se dirigiu a ele.

–Devo lhe fazer saber que esta tarde sir Hugh me salvou de dois cruéis ladrões, enquanto sir Vincent jogava. Os ladrões teriam me matado a sangue frio, senhor.

–E quem é você?

–Sou Alice, a prometida de sir Hugh.

Uma quebra de onda de murmúrios interessados recebeu o anúncio, mas Alice não fez conta.

–Sério? – O indivíduo a observou à luz do fogo–. Que interessante.

Alice cravou nele um olhar contido.

–Sem dúvida, estará de acordo em que salvar minha vida foi muito mais heróico que se encetar em uns jogos sem sentido.

O olhar do homem passou de Alice a Hugh, que estava a pouca distancia atrás dela. Este sorriu fracamente ao topar com uns olhos quase da mesma cor que os seus, como bem sabia.

O homem alto voltou para Alice, e lhe dedicou uma reverência zombadora.

–Minhas desculpas, senhora. Lamento que a canção do trovador a tenha ofendido. E me alegra saber que sobreviveu ao encontro com os ladrões.

–Obrigado – disse Alice com gelada cortesia.

–É evidente que você é uma inocente, senhora. O homem retrocedeu, saindo da luz.

–Será divertido comprovar quanto tempo segue vendo Hugh o Implacável como um herói.

Alice lhe lançou um olhar furioso, e se dirigiu outra vez ao trovador.

–Cante outra coisa.

–Sim, senhora.

Os olhos do sujeito brilharam divertidos quando fez uma nova reverência a Alice.

Esta girou sobre os calcanhares e se encaminhou outra vez ao acampamento do Hugh. Deteve-se ao vê-lo obstruindo seu passo.

–Ah, está aqui, *milord*. Agrada-me lhe dizer que já não teremos que nos preocupar outra vez por essa ridícula balada que fala de Vincent de Rivenhall, conforme acredito.

–Obrigado, senhora. – A agarrou pelo braço para levá-la de retorno à tenda–. Agradeço-lh que se preocupe comigo.

–Não seja ridículo. Eu não podia permitir que esse idiota seguisse cantando mentiras sobre você, senhor. Não tem por que transformar em herói a sir Vincent de Rivenhall, quando o verdadeiro herói é você.

–Os trovadores têm que viver do modo que podem. Certamente, sir Vincent pagou bem pela balada.

–Claro. – Seu rosto se iluminou de súbito entusiasmo—. Acaba de me ocorrer algo, senhor. Poderíamos pagar ao trovador para que invente uma canção sobre você, *milord*.

–Prefiro que não – disse Hugh, com muita clareza—. Tenho coisas melhores em que gastar dinheiro que em uma balada que me elogie.

–Está bem, se insistir... – Suspirou—. Suponho que deve ser muito custoso.

–Sim.

–De qualquer maneira, seria uma canção encantadora, estou segura. Valeria o que custasse.

–Esqueça Alice.

Fez uma careta.

–Sabe quem é o homem alto que se aproximou da fogueira?

–Sim. Era Vincent de Rivenhall.

–Sir Vincent? – Alice se deteve de repente e o olhou atônita—. Havia algo nele que me recordava um pouco a você, sabe senhor?

–É meu primo. Meu pai era seu tio Matthew.

–Seu primo.

Parecia perplexa.

–Meu pai era herdeiro de Rivenhall. – Hugh sorriu com a irônica diversão que tinha aprendido a aplicar a esse tema—. Se sir Matthew não se negasse a casar com minha mãe depois que a deixou grávida, seria eu e não sir Vincent o herdeiro das terras de Rivenhall.

Capítulo oito

Alice teve consciência dos olhares divertidos dos homens de Hugh. Voltou rápido à loja, sabendo que muitos dos reunidos em volta do fogo dissimulavam amplos sorrisos. Até Benedict a olhava com expressão estranha, como se tivesse dificuldades para conter a gargalhada.

–Se os ouvidos não me enganarem – comentou Dunstan, alto o suficiente para ser ouvido do outro lado da fogueira–, parece que o trovador descobriu uma nova canção.

*Hugh o Implacável pode abandonar a espada,
Pois está prometido a uma dama que defende a seu senhor.*

–Sim – disse alguém, satisfeito–. É muito mais divertida que a outra. As gargalhadas ressoaram no ar.

Alice fez uma careta e olhou por cima do ombro. O trovador que Vincent pagou para cantar a maliciosa balada a respeito de Hugh, tocava uma nova melodia com o alaúde. Percorria o acampamento, obsequiando a canção a todos.

*Deu-lhe um dote mais valioso que as terras,
Pois, ao que parece, a honra de sir Hugh está a salvo em suas mãos.*

Gritaram exclamações de aprovação. Alice ruborizou intensamente ao ver quem era o novo sujeito dos versos. Olhou inquieta para Hugh, para ver se estava envergonhado.

– Wilfred tem razão – disse o homem com calma–. A nova canção é muito mais divertida que a anterior.

Benedict, Dunstan e outros uivaram de risada.

–Pode ser que sir Vincent tenha triunfado nas justas desta tarde – declarou um–, mas esta noite foi completamente derrotado.

Alice agradeceu imensamente a escuridão da noite por ocultar as bandeiras vermelhas em que se converteram suas bochechas. Cravou um firme olhar em um dos escudeiros.

–Por favor, pode trazer um pouco de vinho a minha tenda?

–Sim, milady.

O homem afogou uma risada levantou de um salto. Começou a caminhar para a carreta de armazenagem, que estava perto, na escuridão.

–Já que está indo, pode trazer uma taça para mim, Thomas? – exclamou Hugh–. Leve a minha tenda.

–Sim, *milord*.

Hugh sorriu fugaz enquanto levantava a porta da tenda.

–Não é freqüente que tenho a oportunidade de brindar pelas derrotas de sir Vincent.

–Na verdade, senhor, foi longe demais. – Alice passou pela abertura à relativa intimidade da tenda–. Eu não derrotei sir Vincent. Limitei-me a corrigir os enganos com respeito aos fatos de hoje.

–Não, senhora. – Hugh soltou a porta–. Não se engane. É uma derrota, e muito decisiva. E com a nova canção do trovador, certamente muitas pessoas se inteirarão. Digo que é tão satisfatória como se o tivesse derrotado no campo de batalha.

A moça girou e o olhou de frente. – É uma brincadeira bastante má. Hugh deu de ombros.

–Talvez tenha exagerado um pouco. Derrubar meu primo do cavalo teria sido algo mais prazeroso, admito. Mas não muito. – O sorriso frio apareceu e se foi–. Não muito.

–*Milord*? – Apareceu Thomas, levantando a porta da tenda–. Trago o vinho para você e para a senhora.

Apresentou uma bandeja com duas taças e uma garrafa.

–Muito bem. – Pegou a bandeja das mãos do homem–. Isso bastará, por hora. Deixe aqui, assim poderei homenagear a minha nobre defensora como é devido.

–Sim, senhor.

Lançando um último olhar para Alice, Thomas se foi fazendo reverências. Enquanto Hugh enchia as taças de vinho, Alice ficou carrancuda.

–*Milord*, eu gostaria que deixasse de se divertir com este desagradável incidente.

–Ah, mas você não sabe quão divertido é.

Entregou a ela uma taça e logo levantou a sua.

–É tão importante para você ver sir Vincent humilhado?

–Tudo o que me permite meu suserano é saborear de vez em quando a humilhação de Vincent.

–Não compreendo o que quer dizer, senhor.

–Erasmus de Thornewood proibiu Vincent e a mim de tomar as armas um contra o outro, salvo em justa causa. Afirmo que seria um desperdício que não se pode permitir.

–Erasmus de Thornewood é um homem muito inteligente.

–É – admitiu–. Mas a idéia dele da economia de recursos me deixa faminto. Esta noite, senhora, você foi como um prato bem preparado para mim. Terá que me deixar desfrutá-lo por inteiro. Mesmo assim, não é essa excelente preparação o que me parece tão divertido.

Alice começava a se impacientar com essas respostas irônicas.

–E o que tanto o diverte, *milord*?

Hugh sorriu por cima da taça, e os olhos ambarinos resplandeceram como os de uma águia que acaba de comer uma pomba.

–Sou consciente que esta noite foi a primeira vez em minha vida que alguém sai em minha defesa. Agradeço, senhora.

O vinho tremeu na taça de Alice.

–Era o mínimo que eu podia fazer. Esta tarde, você me salvou a vida.

–Eu diria que nossa sociedade funciona muito bem, não é? – perguntou com suspeitosa brandura.

A expressão de seus olhos ameaçou destruir a compostura de Alice. *"Isto é absurdo – pensou –. O que acontece é que hoje me aconteceram muitas coisas"*. Desesperada, procurou em sua mente um modo de mudar o assunto, e disse o primeiro que lhe ocorreu:

–Ouvi dizer que você é bastardo.

Um silêncio letal se apoderou do homem, e a diversão morreu em seus olhos.

–Sim, é verdade. A incomoda saber que seu prometido é um bastardo, senhora?

Alice desejou ter mantido a boca fechada. Que estupidez! No que estava pensando? Para não falar de suas maneiras.

–Não, senhor. Só era para fazê-lo notar que conheço muito pouco de sua história familiar. Você é um mistério para mim. – Fez uma pausa–. Por escolha, suponho.

–Descobri que quanto menos se conhece a verdade, mais tende a acreditar em lendas. E mais, em geral, preferem a lenda à verdade. – Hugh bebeu o vinho com ar pensativo–. Em algumas ocasiões, é conveniente. Às vezes, como no caso desta maldita pedra verde, é um estorvo.

Alice apertou com força a taça.

–Sou estudiosa da filosofia natural. Como tal, procuro respostas sinceras. Prefiro saber a verdade que subjaze à lenda.

–Sim?

Fortaleceu-se com um gole pequeno de vinho. – Esta noite, aprendi algumas coisas sobre você, mas ainda sinto que há muito mais que não conheço.

– Você é muito curiosa, e isso pode ser perigoso.

–Em uma mulher? – perguntou, cortante.

–Tanto em um homem como em uma mulher. O mundo fica mais simples e, sem dúvida, mais seguro para aqueles que não fazem muitas perguntas.

–Pode ser verdade. – Alice fez uma careta—. Mas, por desgraça, a curiosidade é meu defeito principal.

–Sim, parece. – A contemplou por um longo momento, com ar de quem debate consigo mesmo. Continuando, foi até o baú de madeira e se sentou nele. Embalou a taça nas mãos e observou o conteúdo, como se fosse a mescla de um alquimista—. O que quer saber?

Alice se assustou, pois não esperava que ele oferecesse informação. Sentou-se lentamente no tamborete.

–Responderá minhas perguntas?

–A algumas. Não todas. Pergunte, e eu decidirei a quais responderei e a quais não.

Alice tomou fôlego.

–Nem você nem sir Vincent são responsáveis pelas circunstâncias de seus respectivos nascimentos. Por má fortuna você nasceu bastardo e, em consequência, não herdou as terras de Rivenhall. Hugh deu de ombros.

–Sim.

–Mas não vejo por que culpa a seu primo por isso. E você não me parece o tipo de homem que mantém vivo o rancor contra um inocente. Então, como é que você e sir Vincent se converteram em inimigos jurados?

Hugh guardou silêncio por um momento. Quando falou, sua voz carecia de qualquer inflexão reveladora de sentimentos ou emoções. Era como se estivesse relatando a história de outra pessoa, não a própria.

–É bastante simples. A família de Vincent odiou à minha com paixão constante. A minha, devolveu o favor. Tanto nossos pais como o resto dessa geração estão mortos, e, portanto, só ficamos meu primo e eu para continuar com o conflito.

–Mas, por quê? Hugh fez girar a taça entre as mãos.

–É uma longa história.

–Eu gostaria muito de escutá-la, *milord*.

–Está bem. Contarei a maior parte. Dadas as circunstâncias, é o que devo fazer.

Fez outra pausa, como reunindo as idéias guardadas em algum lugar profundo e oculto.

Alice não se moveu. Sentia como se um estranho feitiço tivesse se instalado dentro da tenda. A vela estava baixa, e as brasas da fogueira, amortecidas. Do lado de fora, as risadas e as canções se ouviam mais ao longe. As sombras pareciam se coagular dentro da tenda, girando ao redor de Hugh.

–Meu pai se chamava sir Matthew de Rivenhall – disse–. Dizem que era um cavalheiro respeitado. Seu suserano lhe deu de presente excelentes propriedades.

–Por favor, continue – incitou a jovem com suavidade.

–A família arranjou um casamento para ele. A dama era uma herdeira. Considerava-se uma união conveniente e sir Matthew estava satisfeito. Mas isso não o impediu que a traísse com a jovem filha de um de seus vizinhos. O pai possuía o feudo de Scarcliffe. Meu avô quis proteger a sua única filha, mas sir Matthew a convenceu para se encontrarem às escondidas.

–Essa mulher era a sua mãe?

–Sim. Chamava-se, Margaret. – Girou a taça entre as mãos–. Matthew de Rivenhall a seduziu e a deixou grávida. E depois, se foi para servir a seu suserano. Eu nasci enquanto ele estava na Normandia.

–O que aconteceu?

–O de sempre. – Fez um gesto negligente–. Meu avô estava furioso. Foi a Rivenhall e exigiu que obrigassem a Matthew a se casar com minha mãe quando voltasse da Normandia.

–Queria que rompessem o compromisso de sir Matthew?

–Sim. A família de sir Matthew deixou bem claro que não pensava permitir que o herdeiro se casasse com uma jovem que não podia lhe oferecer mais que uma propriedade pequena, como dote.

–E o que achava a prometida de sir Matthew? Como se sentia?

–A família dela desejava tanto o casamento como o próprio sir Matthew.

Como disse, se considerava uma união muito conveniente.

Alice assentiu, indicando que compreendia.

–Isso significa que ninguém queria romper esse compromisso, certo?

–Sim. – Hugh lhe lançou um olhar, e depois olhou para a fogueira—. Matthew de Rivenhall, menos que ninguém. Não tinha intenções de abandonar à rica herdeira por minha mãe. Mas foi visitá-la uma vez que retornou da Normandia.

–Para decidir se a amava, e se sempre amaria, embora tivesse que se casar com outra? – se apressou a perguntar.

A boca de Hugh se curvou em um sorriso carente de humor.

–Pretende dar um final feliz a esta história?

Alice ruborizou.

–Acredito que sim. Foi?

–Não.

–Bom, e então? O que foi que Matthew de Rivenhall disse a sua mãe quando foi vê-la, e se inteirou que tinha um filho?

–Ninguém sabe. – Bebeu outro gole de vinho—. Mas em todo caso. Não agradou minha mãe. O assassinou, e depois se suicidou. Na manhã seguinte, os acharam mortos.

Alice ficou pasma. Teve que fazer um esforço para falar.

–Sua mãe matou seu pai?

–Dizem.

–Mas, como? Se ele era um cavaleiro grande, como conseguiu? Não há dúvida que ele fosse capaz de se defender de uma mulher.

Hugh a olhou com expressão turva.

–Usou uma arma feminina.

–Veneno?

–Pôs no vinho que serviu. – Por Deus. – Contemplou o vinho vermelho que tinha na taça e, por algum motivo, já não sentiu mais vontade de beber

– E depois, ela também bebeu o vinho?

–Sim. O pai de Vincent, irmão mais novo de Matthew, se converteu em herdeiro das propriedades de Rivenhall. O mataram três anos depois. Agora, Vincent é senhor de Rivenhall.

–E o odeia porque acredita que sua mãe matou ao tio dele?

–O ensinaram a me odiar desde que nasceu, embora a ação de minha mãe o tenha convertido senhor de Rivenhall. Para ser sincero, me ensinaram a retribuir.

–Quem o criou?

–Os primeiros oito anos de minha vida, meu avô. Quando ele morreu, me enviaram a casa de Erasmus de Thornewood. Tive sorte de não me sentir rejeitado.

–Mas lhe negaram seus direitos de nascimento – murmurou Alice.

–É certo que perdi Rivenhall, mas a mim, não importa mais.

A boca de Hugh se desenhou satisfeita.

– Agora tenho minhas próprias terras. Graças a sir Erasmus, o imóvel de meu avô é meu.

Alice recordou como Benedict tinha perdido a herança, e afogou um pequeno suspiro.

–Me alegro por você, senhor. Hugh não pareceu ouvi-la.

–Scarcliffe sofreu muito com a morte de meu avô, a vinte e dois anos. Para falar a verdade, começou a declinar antes disso. Mas tenho intenção que volte a ser rica e proveitosa.

–É um objetivo que vale a pena.

–Sobretudo, a mantereí para meus herdeiros.

A mão que sustentava a taça se apertou

–Pelo sangue do diabo, juro que Vincent não poderá fazer o mesmo com Rivenhall.

O tom frio da voz pôs Alice tensa.

–Por quê?

–Rivenhall está em condições lamentáveis. Não é a terra rica e próspera que foi uma vez. Por que crê que Vincent entra em todas as disputas e todos os torneios que pode? Quer ganhar dinheiro suficiente para salvar suas terras.

–O que aconteceu?

–O pai de Vincent não tinha o menor sentido de responsabilidade. Esbanjou os ganhos das terras de Rivenhall para financiar uma viagem a Terra Santa.

–Foi às Cruzadas?

–Sim. Como tantos outros, morreu em algum deserto longínquo, e não por uma espada moura, mas sim por uma infecção intestinal grave. Alice franziu o sobrecenho.

–Acredito que minha mãe escreveu algo a respeito das enfermidades sofridas pelos que foram às Cruzadas.

Hugh deixou a taça vazia, apoiou os cotovelos nos joelhos e entrelaçou as mãos.

–Dizem que o pai de Vincent foi alvoroçado e temerário desde que nasceu. Não tinha vocação para os negócios, nem apego ao dever para sua própria família. Havia um motivo para que o povo se sentisse tão desolado pela perda de meu pai, vê? Todos sabiam que o irmão arruinaria as terras e quase o fez. Por desgraça, morreu antes de poder terminar a tarefa.

–E agora, sir Vincent se desespera para salvá-las.

–Sim.

–Que triste.

–Disse que não tinha um final romântico.

–É verdade.

Hugh a olhou de soslaio.

–De certo modo, não é mais triste que a sua.

–O que aconteceu com meu irmão e a mim, foi por minha culpa – disse Alice, pesarosa.

A expressão de Hugh escureceu.

–Por que diz que foi culpa sua? Foi sir Ralf que privou Benedict da herança.

–Pôde fazê-lo porque eu não soube defender o imóvel de meu pai. –
Levantou, desassossegada, e se aproximou mais da fogueira–. Fiz tudo o que pude, mas não foi suficiente.

–Está sendo dura consigo mesma.

–Sempre vou achar que poderia ter feito algo mais. Possivelmente poderia ter exposto meus argumentos a lorde Fulbert com mais astúcia. Ou achar um modo de convencê-lo que poderia cuidar das terras de meu irmão até ele ter idade suficiente.

–Se acalme, Alice. Quem arrebatou as terras de seu irmão foi seu tio, assim que soube da morte de seu pai. E, sem dúvida, Fulbert ficou muito feliz em fazê-lo. Você não poderia fazer nada.

–Não entende. Minha mãe acreditou que eu protegeria a herança de Benedict. Disse que, contra o que acreditava meu pai, algum dia Benedict demonstraria que é um digno herdeiro. – Entrelaçou os dedos diante de si–. Mas fracassei em dar a meu irmão uma oportunidade. Fracassei!

Hugh se levantou, atravessou o tapete e se deteve atrás dela. Alice tremeu quando as mãos fortes pousaram em seus ombros. Sentiu um desejo quase incontrolável de se aninhar outra vez em seus braços como tinha feito antes. Teve que se esforçar para não fazê-lo.

–Alice, você tem um espírito valente e audaz, mas até os mais valentes e audazes perdem algumas batalhas.

–Fiz tudo o que pude, mas não bastou. Senti-me tão sozinha...

Com uma pequena exclamação, girou e afundou a cara no amplo peito de Hugh. Em silêncio, emanaram as lágrimas, molhando a túnica negra. Era a primeira vez que chorava pela morte de sua mãe.

Hugh calou. Limitou-se a abraçá-la. Dentro da tenda, a vela se consumia e as sombras se espessavam. Em certo momento, as lágrimas cessaram, e Alice ficou

esgotada. Mas, para sua própria surpresa, se sentiu mais serena e em paz consigo mesma desde muito tempo.

–Me perdoe *milord* – murmurou contra a túnica–. Não estou acostumada a chorar, mas foi um dia longo e difícil.

–Sim. – Ele levantou seu queixo com o canto da mão. A contemplou, como se Alice fosse um livro misterioso que estava decidido a decifrar.

Alice fixou o olhar nos olhos escurecidos, e viu tanto a dor como a férrea decisão que essa dor o tinha ensinado. Nesses olhos ambarinos se via uma versão mais lúgubre, feroz e imensamente mais perigosa que a dor e a decisão impressas na alma da própria Alice. Ventos de tormenta.

Ansiou se meter dentro dele e aquietar essas tempestades selvagens, mas não soube como fazê-lo e então, de súbito, Alice compreendeu que queria que Hugh a beijasse. O desejava mais que qualquer coisa em toda sua vida. Nesse momento, suspeitou que fosse capaz de vender a alma sem remorsos por esse beijo.

Como se esse seus pensamentos, Hugh inclinou a cabeça e cobriu a boca dela com a sua. Alice esteve a ponto de cair. Se Hugh não a tivesse segurado com tanta firmeza, teria desfalecido no tapete.

A inquietante energia masculina a penetrou com uma força que era mais pavorosa pelo controle que exercia sobre ela. Reviveu o ânimo dela como a chuva faz renascer a erva ressecada. A excitação que a alagou na primeira vez que a beijou, voltou com cálida precipitação. A sensação parecia mais forte, mais vibrante, como se o primeiro beijo a tivesse sintonizado para este. O desejo que sentiu irradiar do homem acendeu uma tocha nos seus sentidos. Gemeu brandamente, e algo cedeu em seu interior. No momento, ficaram atrás a dor e a derrota do passado. O perigo dessa tarde foi uma lembrança longínqua e o futuro, era uma bruma desconhecida que não importava muito. Nada importava, salvo este homem que a abraçava com uma força, que a afligia e, ao mesmo tempo, a fazia se sentir incrivelmente poderosa. Rodeou o pescoço de Hugh com os braços e se apertou contra ele.

–Escolhi bem – murmurou Hugh.

Alice quis perguntar o que queria dizer, mas não pôde falar. O mundo girava ao redor. Fechou os olhos com força, enquanto Hugh a levantava do chão.

Um momento depois, sentiu a brandura das mantas de pele sob si. Afogou uma exclamação quando Hugh se colocou sobre ela, e seu peso a esmagou contra o leito. Sentiu as pernas de Hugh deslizar entre as suas, e compreendeu, aturdida, que tinha erguido sua saia acima dos joelhos.

Sabia que deveria estar horrorizada, mas por alguma razão se regozijou. A curiosidade dominou sobre a sensatez e o decoro. A necessidade de saber aonde levaria essa sensação dolorosa, crescente de plenitude, era muito intensa para ser ignorada. Certamente, tinha direito a sondar essas exultantes sensações.

–Jamais sonhei que isto pudesse acontecer entre um homem e uma mulher – disse, contra o pescoço de Hugh.

–E ainda não experimentou nem a metade – ele assegurou. Moveu os lábios sobre os seus, ensinando, exigindo. E ela não pôde fazer outra coisa se não corresponder. Sentiu as mãos sobre as tiras de seu vestido, mas não protestou. Estava concentrada em saborear o calor e o aroma dele. Depois, Hugh tocou seu peito nu com a mão calejada, de tanto segurar o punho da espada. Por um instante, Alice não pôde respirar. Abriu a boca e lançou um grito de surpresa. Nenhum homem a tinha tocado de um modo tão íntimo. Era emocionante. Era indecoroso. Era o mais excitante que tinha acontecido a ela.

–Tranquila. – Se apressou a tampar a boca dela com a dele, afogando a exclamação—. Estamos rodeados por meus homens e os outros acampamentos. Os doces gritos de uma amante voariam pelo ar da noite como se tivessem asas.

Os doces gritos de uma amante? Alice abriu os olhos de repente.

–Por são Bonifacio, *milord*! É verdade o que diz? Devemos parar.

–Não. – Hugh elevou um pouco a cabeça para olhá-la. Passou o dedo áspero pela face, como se acariciasse uma seda estranha—. Não é necessário que nos detenhamos. Só devemos ser cuidadosos

–Mas, *milord*...

– Feche os olhos, Alice. Eu cuido de tudo.

Alice suspirou e fechou os olhos, entregando o controle desse momento de um modo como não foi capaz em toda a vida. De súbito, se sentiu como a aprendiz de um alquimista que conhecia o segredo de como transformar o metal em ouro. Estava a beira de fabulosos descobrimentos. Estudaria reinos inteiros de filosofia natural que, até então, estiveram fechados para ela. Aprenderia verdades que, até o momento, tinham estado tão ocultas que não adivinhou sequer sua existência.

Hugh pegou com delicadeza um mamilo entre os dedos, e Alice estremeceu de prazer. Deslizou a palma para baixo, até encontrar a perna nua. Alice se encolheu e, por instinto, flexionou o joelho. Hugh percorreu com a mão o interior da coxa e Alice se apertou a ele com tanta força que acreditou que o deixaria marcado. Ele não apartou os lábios dos seus, tragando cada exclamação afogada como se fosse um exótico e doce licor. Quando tocou o lugar quente e úmido entre as pernas, Alice acreditou que enlouqueceria. Quase não podia respirar. Todo o seu corpo ardia como se tivesse febre. Dentro de si, sentia uma estranha tensão que clamava por se soltar.

–Silêncio – disse Hugh com um sussurro aveludado que a excitou e a atormentou tanto como as carícias. – Nenhuma palavra, nem um ruído, meu amor.

Saber que não podia expressar essas assombrosas sensações não fez mais que intensificá-las. Estremeceu uma, duas vezes enquanto a tocava. A abriu cuidadosamente com os dedos e ela conteve o fôlego. Solto um gemido imperioso.

–Tome cuidado – murmurou Hugh sobre seus lábios–. Recorda que, esta noite, o silêncio é fundamental. Colocou um dedo dentro dela e logo o retirou. Alice quis gritar. Apertou a cabeça dele e pressionou seus lábios com força. Pareceu ouvir que ria em surdina, mas não se incomodou.

Hugh moveu mais uma vez a mão contra a suavidade dela, e esta sentiu que a noite explodia ao redor. Nada importava, nem saber que os homens de Hugh poderiam ouvi-la, ou que houvesse acampamentos os rodeando por toda parte. Estava perdida por completo na sensação que a dominava. Nesse instante, a única pessoa do

mundo que lhe importava era Hugh. Acreditou que gritava, mas não ouviu nada. Entendeu de maneira difusa que absorvia seu grito, como tinha feito com os outros.

–Pelo sangue dos anjos...

O braço de Hugh a apertou enquanto ela convulsionava. Alice quase não o ouvia. Lançou um profundo suspiro e flutuou com suavidade para a terra. Uma deliciosa sensação de prazer enchia todos os espaços de seu corpo. Abriu os olhos com ar sonhador, e o olhou. Tinha o rosto marcado por linhas duras, e os olhos brilhavam.

–*Milord*, foi... – Faltaram as palavras—. Isto foi...

–O que? – Seguiu o contorno de seus lábios com os dedos—. Como foi?

–Muito educativo – ofegou Alice.

Hugh piscou.

–Educativo?

–Sim, senhor. – Se removeu, preguiçosa—. Uma experiência muito diferente de tudo aquilo com o que vi em minhas investigações de filosofia natural.

–Me alegra que o ache educativo – murmurou—. Teve alguma outra experiência educativa similar?

–Não, *milord*, esta é única.

–Educativa e única – repetiu, cauteloso—. Bom. Tendo em conta suas características tão especiais, suponho que deverei me conformar com isto.

Alice compreendeu que Hugh não parecia satisfeito. Entrelaçou os dedos nos cabelos negros.

–*Milord*, acaso o ofendi?

–Não. – Sorriu, trocando de posição—. É que também me pareceu educativo e único fazer amor com você. Estou seguro que nós dois temos muito que aprender.

–Fazer amor? – Alice paralisou, e esticou os dedos entre os cabelos de Hugh—. Por todos os Santos. Isso foi o que fizemos?

–Sim. –Fez uma careta e retirou com suavidade os dedos de Alice do seu cabelo—. E não precisa arrancar meu cabelo por isso.

–OH, me perdoe, *milord*, não quis machucá-lo.

–Menos mal.

–Mas temos que parar imediatamente. O empurrou pelos ombros largos.

Hugh não se moveu.

–Por quê?

–Por quê? – Abriu os olhos atônitos – como assim, por quê?

–Nas atuais circunstâncias, me parece uma pergunta razoável.

–Senhor, talvez não tenha muita experiência, mas sou uma mulher instruída.

Sei muito bem o que aconteceria se continuássemos como até agora.

–O que aconteceria?

–Ficaria furioso consigo mesmo e comigo se o deixasse terminar o que começamos.

–Sério?

–É obvio. – Tratou de se libertar do pesado corpo, se retorcendo –. E sabendo o homem que é, se me seduzisse em semelhantes circunstâncias, a honra o obrigaria a seguir adiante com o casamento.

–Alice...

–Não posso permitir, senhor. Na verdade, não permitirei.

–Não?

–Senhor, fizemos um acordo. Devo impedir que o rompa.

Hugh se apoiou nos cotovelos.

–Asseguro que controlo por completo minha paixão.

–Talvez acredite nisso, senhor, mas é evidente que não está completamente controlado. Olhe para si mesmo. Se estivesse sob controle, já teria parado há muito tempo.

–Por que? – perguntou, em tom neutro.

–Porque não ia querer cair numa armadilha – ela espetou, irritada.

–Alice. – disse com dissimulada impaciência–, o que acharia se lhe dissesse que desejo seguir adiante com o casamento?

–Isso é impossível.

–Me dê uma boa razão para que seja impossível – resmungou.

Alice dirigiu a ele um olhar irado.

–Me ocorrem centenas, e a mais óbvia é que seria uma esposa espantosa.

Hugh ficou imóvel. Depois, se sentou ao lado de Alice, com suma lentidão.

–Diabos! Por que diz algo assim?

–Não tenho nada do que você necessita de uma esposa, *milord*. – Ambos sabemos.

–Ah, sim? Eu não estou de acordo. Não acredito que ambos pensemos isso. – Avançou para ela—. Para falar a verdade, acredito que um de nós está confuso.

–Sei, *milord*, mas não se aflija muito por isso. Logo recuperará a sensatez.

–Eu não sou o confundido, Alice.

O olhou com cautela.

–Não?

–Não. – Hugh a observou com frieza—. Por que pensa que não seria uma boa esposa para mim?

A insólita pergunta a abateu.

–É evidente, *milord*.

–Para mim, não.

Sentiu que o desespero se apropriava dela.

–Não posso lhe oferecer nada. Como dono de um imóvel, tem a possibilidade de se casar com uma herdeira.

Hugh encolheu os ombros.

–Não necessito de uma herdeira.

–Senhor, acaso está brincando comigo?

–Não. Acredito que será uma boa esposa para mim, e estou disposto a levar nosso acordo para um compromisso verdadeiro. Qual é o problema?

Compreendeu de repente, e fechou os olhos:

–Senhor, adota essa decisão só porque sou conveniente?

–Essa é só uma de várias razões – ele assegurou.

Alice teve um forte impulso de dar um chute nele, mas se conteve com esforço, pois, tendo em conta as posições respectivas, não seria muito prático.

–Poderia me dizer, por favor, quais são as outras razões? – perguntou entre dentes.

Seu tom de voz não chamou a atenção de Hugh, e tomou a pergunta no sentido literal.

–Pelo que observei os últimos três dias, é evidente que tem uma profunda compreensão do que são a lealdade, o dever e a honra.

–O que lhe deu essa idéia?

–O modo como lutou pelo futuro de seu irmão.

–Ah. Algo mais?

–É inteligente, e de natureza prática. Admiro essas qualidades em uma mulher. Ou em qualquer pessoa.

–Por favor, senhor, continue.

–Tenho a impressão que é muito versada nas artes domésticas. – Era claro que estava se animando com o tema–. Valorizo muito a habilidade profissional de qualquer tipo. Estou convencido que o melhor é empregar só aos mais talentosos artesãos e garçons, por exemplo.

–Continue, senhor. – Lhe custava falar–. Isto é fascinante.

–Sem dúvida, é sã e forte e isso, certamente, é importante.

–Sim. – "*O estrangularei*", decidiu–. Que mais? Hugh encolheu os ombros.

–Acredito que isso é tudo. Se descontarmos que está livre para se casar, como eu. E já estamos prometidos. Isso faz que tudo seja mais simples e direto. .

–Eficiência e conveniência.

–Sim.

Hugh se mostrou satisfeito com a rápida compreensão de Alice.

–*Milord*, quero que saiba que não me parece grande coisa casar só porque sei dirigir uma casa, e porque estou disponível.

Hugh ficou carrancudo.

–Por que não?

"Porque se me casar, quero que seja por amor", disse o coração de Alice, mas ela reprimiu uma resposta tão carente de lógica, pois Hugh jamais a compreenderia.

–Me parece muito frio.

–Frio? – Pareceu perplexo—. Não. É um enfoque muito sensato.

–Sensato?

–Sim. Parece que nós estamos numa situação pouco comum. Será uma decisão apoiada no conhecimento prático do temperamento e das habilidades do outro. Pense como uma continuação de nosso acordo, Alice.

Alice sentiu que tinha chegado o momento de se animar.

–Mas tinha pensado ingressar num convento. Pensava me dedicar à investigação da filosofia natural.

–Sendo minha esposa, poderá estudar filosofia natural – disse Hugh em tom baixo e sedutor—. Terá o tempo e os recursos com que financiar suas investigações.

–Você acha?

–Pense, Alice – disse, como se lhe oferecesse um cofre cheio de jóias—. Terá possibilidades ilimitadas para comprar livros, astrolábios e aparelhos de alquimia. Poderá colecionar todas as pedras estranhas que chamem sua atenção. Obter qualquer quantidade de insetos dissecados. Empilhados até o teto em seu estúdio, se quiser.

–Milord, não sei o que dizer. Estou confusa. Acredito que ainda não me recuperei de seus beijos. Acredito que será melhor que parta.

Tenso, Hugh vacilou um instante. Alice conteve o fôlego, percebendo a luta que se travava dentro dele. "*É um homem apaixonado*", pensou. Mas controlava por inteiro a paixão.

–Como quiser. – Se levantou da pele com a graça de um predador—. Pensa no que falei, Alice. Você e eu nos damos muito bem. Posso te oferecer tanto quanto o convento, e muito mais.

–*Milord*, rogo que me dê tempo suficiente para pensar nesta proposta. – Brincou com o vestido enquanto se ajeitava. Sentia-se desalinhada, despenteada e bastante exasperada–. Está tudo rápido demais.

Hugh semicerrou os olhos e adotou um ar beligerante. Mas roçou apenas os lábios nos seus. No instante desse contato fugaz, Alice percebeu o potente esforço que fazia para se controlar, e tremeu.

–Muito bem. – Hugh elevou a cabeça–. Não é necessário que me dê sua resposta esta noite. Pode pensar.

–Obrigado, senhor.

Perguntou-se se tinha transparecido o sarcasmo e a irritação de seu tom de voz.

–Mas não demore muito – Hugh aconselhou–. Não tenho muito tempo a perder numa questão tão simples. Há muito a fazer por Scarcliffe. Preciso de uma esposa que também seja uma sócia em que possa confiar.

Partiu antes que Alice pudesse jogar na cabeça dele o que tinha na garrafa de vinho. Consolou-se ao pensar que, sem dúvida, haveria outras oportunidades.

Capítulo nove

Até que, três dias depois, Hugh entrou cavalcando na aldeia de Scarcliffe com Alice ao lado, não tinha idéia de quão melancólica era o lugar onde nascera. E onde agora queria lavrar um futuro para ele e seus descendentes. Não lhe pareceu tão triste quando saiu em busca do cristal verde, pouco tempo atrás.

A imagem de Scarcliffe que tinha ardido em sua mente durante semanas, era a que teria no futuro. Tinha planos para o imóvel. Grandes planos. Ao término de um ano ou dois, Scarcliffe começaria a brilhar como uma jóia fina. Os campos estalariam pela abundância das colheitas. A lã das ovelhas seria grossa e suave. As cabanas, limpas e em boas condições. Os aldeãos, contentes, prósperos e bem alimentados.

Mas no presente se viu obrigado a ser visto através dos olhos de Alice. Tinha que admitir, a aldeia parecia mais com um pedaço de carvão que uma gema resplandecente. Para Hugh, que em geral não prestava muita atenção a inconvenientes menores, como o clima, o irritava ver que fazia pouco tinha chovido. O céu plúmbeo, ameaçador, não contribuía aos discutíveis encantos de Scarcliffe.

O próprio castelo, que se abatia além da aldeia, estava escondido entre retalhos de névoa cinza. Hugh jogou a Alice um olhar inquieto para ver como reagia ante as novas terras, mas ela não percebeu.

Via-se esbelta e graciosa sobre os arreios. O cabelo vermelho ardia; era como uma chama alegre que afastasse a névoa cinza. Atenta ao que a rodeava, as feições inteligentes, sérias e estudiosas, observava a aldeia.

Como sempre, manifestava curiosidade, embora Hugh não soubesse o que estaria pensando a respeito do que via. Perguntou-se se sentiria afligida, desgostada ou desdenhosa.

Tendo em conta o aspecto lúgubre de Scarcliffe, o mais provável era que sentisse as três coisas. No fim das contas, era uma dama muito melindrosa para

comer no salão principal, com os homens. Ordenava que preparassem a sua comida especialmente e a roupa que usava parecia sempre limpa e perfumada.

Não cabia dúvida que a pequena aldeia e os campos ermos deviam parecer desagradáveis para ela.

Hugh teve que admitir que o descuidado cacho de cabanas desmanteladas, quase todas necessitadas de uma boa reparação, não apresentava uma visão alentadora com seu acompanhamento de currais de cabras e chiqueiros. A atmosfera da tarde era pesada, e estava carregada com o inconfundível aroma rançoso da sarjeta da aldeia onde apodreciam os refugos de anos.

O muro desmantelado que rodeava o pequeno convento e a igreja dava mostras de abandono prolongado. E a chuva recente não fez nada para limpar Scarcliffe a não ser, o contrário, aumentou o barro na única rua marcada.

Hugh apertou os dentes. Se a Alice não impressionava bem o que via da aldeia e os campos circundantes, ao ver o castelo de Scarcliffe ficaria abatida.

Pensou que seria melhor se preocupar com isso depois. Enquanto isso, tinha que fazer um anúncio, e pretendia que fosse difundido através de suas próprias terras e chegasse aos salões dos vizinhos. Todos saberiam que Hugh o Implacável tinha retornado com a prova que era o autêntico senhor de Scarcliffe.

Tinha pressionado à companhia, para chegar a Scarcliffe em dia de mercado. Tal como previu, quase todos os que habitavam o feudo e as granjas vizinhas estavam reunidos na estreita rua para presenciar a volta triunfal do novo senhor.

"Este devia ser um momento de enorme satisfação", pensou Hugh. Tinha tudo. Recuperou a pedra verde, e tinha como prometida uma dama. Estava preparado para se instalar como senhor de Scarcliffe.

Mas as coisas não saíam tão bem como as tinha planejado, e isso o inquietava. O conheciam como um indivíduo habilidoso para urdir estratégias. Alguns afirmavam que tinha o talento de um mago para essas coisas. Mas algo saiu muito torcido na noite passada, quando tentou convencer Alice que se comprometessem de verdade.

Ainda lhe ardia o golpe que ela tinha dado sem saber. Atuou como se preferisse o convento a compartilhar com ele o leito conjugal.

Não aceitou bem essa noção, sobre tudo sabendo que ele mesmo se sentia capaz de descer ao inferno se isso lhe dava a oportunidade de terminar o que começou entre essas coxas suaves.

Cada vez que recordava como Alice estremeceu entre seus braços, seu corpo se punha tenso e duro. Como passou boa parte da viagem ruminando essas lembranças, se sentiu quase todo o tempo incômodo.

Deixar Alice só na loja nas três últimas noites fora um esforço mais heróico que doze ataques em um campo de luta. O que mais o irritava era compreender que, em sua inocência, Alice não valorizava o grau de domínio de si que Hugh se viu obrigado a aplicar. Para falar a verdade, a força explosiva de seu próprio desejo o inquietava profundamente, mas não fazia nada por atenuá-lo.

Uma das coisas mais difíceis que teve que fazer foi reconhecer sua própria voracidade pelo corpo doce, morno de Alice. Passou três noites contemplando as estrelas enquanto inventava desculpas para o feroz desejo de fazê-la sua. Existiam razões para que o sangue o martelasse e o desejo o atormentasse, e as enumerou como se somasse com o ábaco.

Fazia muito tempo que não estava com uma mulher. Sempre o atraía o insólito, e Alice era uma mulher única.

A promessa de paixão que esses olhos verdes ofereciam era suficiente para atrair a qualquer homem com capacidade de percebê-la.

E tocá-la foi algo muito parecido a tocar o centro de uma tormenta. Sim, existiam razões para explicar por que terminou uma longa jornada a cavalo em um estado próximo à ereção.

Mas à diferença do ábaco, que sempre lhe dava uma resposta satisfatória, nenhuma das razões expostas fez muito por aliviar o ânimo turvo de Hugh. Pelo contrário, o deixaram mais pesaroso.

Embora considerasse a situação de maneiras muito diferentes, sempre se via obrigado a chegar à mesma conclusão. Queria Alice com um desejo que roçava o perigoso. Mais a frente, teria que ter mais cuidado.

Também teria que achar a maneira de convencê-la que o compromisso fosse real.

–Uma dama. Traz uma dama elegante consigo. – Possivelmente seja uma esposa.

–Não acreditava que voltássemos a vê-lo. Pensei que o tinham matado como passou com todos os outros.

O murmúrio excitado da multidão interrompeu o sonho de Hugh. Muitas pessoas se olhavam entre si, e lançavam exclamações sobressaltadas, como se estivessem presenciando uma grande maravilha mais que a simples volta de seu senhor.

A priora e um grupo de monjas saíram à entrada do convento, e seus olhares posaram diretamente em Alice. Uma das mulheres se inclinou para frente e murmurou algo no ouvido da monja alta que estava junto à priora Joan. A mulher alta assentiu. Era a única que não parecia agradada com a volta da companhia.

Hugh lhe lançou um olhar fugaz e reconheceu à curadora, uma mulher chamada Katherine. Era uma pessoa de semblante sombrio e melancólico que, por sua aparência, devia ter pouco menos de cinquenta anos. A tinha conhecido na noite que a priora Joan ordenou a ela que o procurasse para informar da perda da pedra verde.

Hugh rogava não ter que empregar nunca seus serviços profissionais. Não era muito alentadora a perspectiva de ser atendido por uma curadora que, por sua expressão, parecia não confiar muito no resultado.

Elevou uma mão para fazer deter os homens.

Quando se aquietaram o repico de cascos e os chiados das rodas das carretas, fez avançar lentamente o cavalo para a priora. Joan o aguardava com um sorriso que expressava ao mesmo tempo alívio e boas-vindas.

Hugh estava a uns passos da entrada do convento quando uma silhueta ossuda e corpulenta, embainhada em uma toga castanha de monge se separou da multidão. Embora o capuz ocultasse seu rosto, Hugh afogou uma maldição ao reconhecer Calvert do Oxwick.

Esperava que o monge vagabundo tivesse ido à outra aldeia quando retornasse com sua companhia.

–*Milord*, seja bem-vindo Scarcliffe – pronunciou Calvert com uma voz tão áspera que arrepiava os nervos. – Dou graças a Deus por ter lhe permitido retornar vivo.

–Não pensava voltar de nenhuma outra maneira, monge. – Hugh freou o cavalo e esperou até contar com a atenção de todos – Sir Dunstan, exiba a pedra para que todos possam ver que voltou para Scarcliffe.

–A pedra – murmurou alguém – encontrou a pedra.

Um silêncio de expectativa se apropriou da multidão.

–Sim, *milord*.

Dunstan se adiantou. Sobre o pomo dos arreios se balançava um pequeno cofre de madeira. Entre os curiosos se estendeu uma exclamação de impaciência. Todas as olhadas estavam cravadas no cofre. Com a pompa correspondente, Dunstan o abriu, levantou a tampa e mostrou o conteúdo.

O feio cristal verde mostrou seu brilho apagado sob a luz cinzenta.

Uma grande exclamação quebrou o intenso silêncio, e as boinas voaram pelo ar.

–Eu sabia que era nosso verdadeiro senhor.

O ferreiro balançou a bigorna contra a forja, e o estrépito se mesclou com o tanguido dos sinos da igreja.

–Sim, é o cristal – disse sorridente John, o moleiro, a sua esposa–. Lorde Hugh a traz de novo, como diz a lenda.

O filho mais novo, um menino de quatro anos chamado Jovem John, deu saltos, aplaudiu e disse.

–A encontrou. Lorde Hugh a encontrou.

–Lorde Hugh recuperou a pedra – comentou, alegre, outro menino a um amigo – Agora, tudo sairá bem, como disse meu pai.

No meio do bulício, a priora Joan saiu da sombra da porta. Era uma mulher de meia idade, de feições fortes e bem definidas, e olhos azuis de expressão cálida e alegre.

– *Milord*, me alegra muito saber que obtive seu propósito de recuperar a pedra.

– Ouçam, meu bom povo de Scarcliffe – exclamou Hugh em voz o bastante alta para que o ouvissem na cabana do cervejeiro, no outro extremo da rua – A lenda se cumpriu. Recuperei o cristal verde, e prometo cuidar dele. Do mesmo modo, cuidarei que o castelo de Scarcliffe e sua gente estejam seguros. Gritos de júbilo se elevaram.

–A pedra não é o único que trago – continuou – mas também lady Alice, minha prometida. Peço que lhe dêem boas-vindas a ela. Agora, meu futuro e o seu estão ligados ao dela.

Alice se crispou, lançou a Hugh um olhar suspicaz, mas não disse nada. Qualquer palavra que tivesse dito se perderia entre os rugidos de aprovação da multidão.

À sombra da copula, brilharam os olhos ardentes de Calvert, mas Hugh não fez conta. Estava mais preocupado pela reação de Alice ante este recebimento clamoroso.

A jovem não demorou em se recuperar e dedicou à multidão um sorriso de genuína graça.

–Agradeço sua amabilidade – disse, com grande formalidade.

Calvert jogou o capuz atrás deixando a descoberto sua tez cadavérica e os febris olhos escuros. Elevou o cajado reclamando atenção.

—Me ouça, filha de Eva — Cravou em Alice um olhar cheio de fogo. — Orarei para que seja uma esposa total e correta para lorde Hugh. Como não há sacerdote na aldeia, eu mesmo assumirei a tarefa de instruí-la e guiar em seus deveres de noiva.

—Não será necessário - respondeu Alice com frieza.

Calvert não fez conta, e a apontou com um dedo esquelético.

—Sob minha direção, se converterá na mais apreciada das esposas, que nunca seria briguenta nem difícil. Uma esposa recatada no vestir e humilde no falar. Que ocupe seu lugar aos pés do marido. Que se sinta honrada se humilhando ante seu amo e senhor.

Hugh ia fazer calar ao irritante monge, mas lhe ocorreu um estratagema muito mais interessante: deixaria que Alice enfrentasse Calvert.

Uma mulher do caráter de Alice precisava poder exercitar seus variados talentos e habilidades, pois, do contrário, se sentiria insatisfeita e desventurada. Hugh tinha a forte suspeita que um dos motivos pelos que Alice causou tantas dificuldades ao tio em Lingwood foi que Ralf nunca compreendeu a verdadeira amplitude da inteligência e as capacidades da sobrinha, nem deu a ela oportunidade de exercê-las. Em lugar de respeitá-la, tentou tratá-la como se fosse uma criada, Hugh não pensava cometer o mesmo engano. Tinha o costume de empregar aos indivíduos mais aptos e depois dava a eles a autoridade para cumprir com suas tarefas. O estratagema sempre tinha funcionado bem para ele até o momento, e não via motivo para não ser aplicado a uma esposa.

Preparou-se com entusiasmo para a resposta de Alice. — Agradeço a generosidade de sua oferta, monge — disse Alice, em tom gelado, mas cortês — embora tema que já estou grande e tenha velhos costumes fixos para aprender essas coisas. Lorde Hugh deverá me aceitar como sou.

—As mulheres de cabelo vermelho e olhos verdes sempre têm língua afiada — Calvert espetou —. É preciso lhes ensinar a controlá-la.

–Só um covarde teme à língua de uma mulher – replicou a moça, com excessiva suavidade. – Monge, asseguro que lorde Hugh não é covarde. Se atreve a dizer o contrário?

A suave provocação foi recebida com uma exclamação afogada, mas audível, e os curiosos se aproximaram mais.

Calvert empalideceu. Lançou a Hugh um olhar assustado, e voltou para o discurso.

–Não torça minhas palavras, milady. Está comprovado que as mulheres de cabelo flamejante têm temperamentos de harpias.

–Ouvi dizer que, embora seja difícil excitar a fúria em Hugh, uma vez que se irrita é como a mais terrível das tormentas – murmurou Alice–. Sem dúvida, um homem com semelhante caráter não precisa evitar o mau humor de uma dama.

Calvert cuspiu furioso. Parecia ter grande dificuldade em achar as palavras.

Hugh decidiu que a briga já tinha durado muito: o monge não tinha possibilidades de ganhar de Alice.

–Tem razão, senhora – disse com simplicidade. – Mais até, quero que saiba há outras partes de minha pessoa que podem se excitar e se exasperar. Com muito menos esforço que minha fúria. Confio em que descobrirá que são muito mais interessantes.

Entre a multidão se estenderam as gargalhadas.

Confundida, Alice franziu o sobrecenho. Sem dúvida, não compreendeu imediatamente o que dizia. Logo, por seu rosto se pulverizou um formoso rubor.

–Vamos, *milord* – murmurou, se contendo.

Calvert, enquanto isso adquiriu um interessante tom púrpuro. Por um momento, Hugh acreditou que seus olhos iam saltar das órbitas.

O monge olhou furioso para Alice, e logo girou para Hugh.

–Tome cuidado com uma mulher que não se submete a guia dos homens, *milord*. Uma mulher assim não trará mais que problemas a sua casa.

Hugh riu.

–Não se aflija, monge. Não temo a língua de minha prometida. Pelo contrário, sua maneira de falar me parece... Interessante.

Entre os aldeãos se escutaram mais risadas.

Mas Calvert não se divertia. Balançou o cajado ante Hugh.

–*Milord*, preste atenção. Falo como conselheiro religioso. Pensa-se se casar com esta mulher, primeiro terá que aprender a controlá-la. A sua vida se converterá em um inferno se não ensina a esta senhora a se comportar como é devido; eu asseguro.

Alice pôs os olhos em branco.

Hugh a olhou e elevou a voz para que todos pudessem ouvi-lo.

–Estejam seguros que estou disposto a aceitar a minha prometida tal como é. Mais ainda, estou impaciente por fazê-lo na primeira oportunidade.

Houve mais risadas, desta vez, principalmente masculinas. Hugh acreditou ver a priora Joan conter um sorriso. Quase todas as monjas reunidas detrás dela sorriam sem disfarces. Katherine era a exceção, e ele duvidava que algo fosse capaz de mudar a expressão solene da mulher.

Foi Joan a que atraiu a atenção geral. Elevou uma mão e os aldeãos calaram.

–Bem-vinda, *milady* – disse a Alice em voz clara e serena –. Sou a priora do convento. O bem-estar da casa religiosa está ligado a do feudo. Alegro-me saber que o novo senhor de Scarcliffe adotou medidas para garantir o futuro destas terras.

Alice desceu do cavalo sem advertência. Antes que Hugh compreendesse sua intenção, caminhava para Joan. O homem desmontou lentamente, se perguntando o que faria. "*Alice é imprevisível*", pensou.

Alice passou ante Calvert como se este fosse invisível. Depois, para surpresa de Hugh e de todos os outros, se ajoelhou com graça no barro ante Joan.

–Obrigado por suas amáveis boas-vindas, *milady* – disse –. Peço sua bênção para sir Hugh e para mim, e para todos os habitantes destas terras.

Hugh ouviu um murmúrio de aprovação dos que o rodeavam.

Joan fez o sinal da cruz.

–Dou–lhe minha bênção e minha promessa de ajudá–la em suas novas responsabilidades, aqui no feudo, lady Alice.

–Obrigado, senhora. Levantou-se, sem fazer o menor caso do barro que manchava a capa de viagem.

Quando se adiantou para segurar o braço de Alice, Hugh viu que o rosto de Calvert se convertia em uma máscara de fúria. Era indubitável que a nova senhora do feudo o tinha desprezado diante de todos.

O triunfo de Alice foi completo. Pôs em evidência que, no que se referia a ela, a pessoa com verdadeira autoridade religiosa em Scarcliffe era a priora Joan.

A nenhum dos presente escapou esse fato.

Joan olhou para Hugh com certa preocupação refletida em seus olhos de suave expressão.

–*Milord*, voltará a deixar a pedra verde no tesouro do convento?

–Não. Eu sou quem tem o dever de protegê–la.

A levarei ao castelo de Scarcliffe, onde me sentirei tranqüilo de que está a salvo.

–Uma idéia excelente, *milord*. – Joan não tentou dissimular o alívio–. Regozija-me comprovar que o cristal verde está aos cuidados de seu próprio guardião.

Hugh agarrou com firmeza o braço de Alice.

–Tivemos uma longa viagem. Devo levar a minha senhora a seu novo lar.

–Sim, meu senhor.

Joan se refugiou outra vez na entrada.

Hugh ajudou Alice a montar outra vez e depois fez ele mesmo. Levantou uma mão, indicando à companhia que reatassem o caminho para o castelo.

–O fez muito bem – disse, para que só Alice o ouvisse –. A priora é a única habitante destas terras em que os habitantes depositam certa confiança. Ela e as demais monjas se ocuparam das necessidades básicas das pessoas, enquanto os senhores anteriores a mim foram e vinham.

–Acredito que me agradará muito – disse a moça–. Mas não diria o mesmo do monge. É possível que seja um homem de Deus, mas me resulta em extremo fastidioso.

–Não é a única. Acredito que tampouco priora Joan gosta dele, embora por sua posição, tem que tolera-lo. Calvert tem certa obsessão por lecionar às mulheres a respeito de seus deveres e fraquezas, não te parece?

–Ora, já conheci a outros similares! Não é a salvação das almas femininas o que o interessa. O que acontece é que teme às mulheres, e procura debilita-las esmagando seus espíritos com recriminações e discursos amargos.

Hugh sorriu.

–Sem dúvida.

Alice franziu o sobrecenho, pensativa.

–Penso que você contentou ao povo com o modo em que cumpriu as predições da lenda, senhor.

–Sim, foi uma chateação, mas se acabou – me alegre agora, posso continuar com assuntos mais importantes.

–Uma chateação, senhor? – Elevou as sobrancelhas. – Me aflige saber isso. Recordo que se não tivesse estado obrigado a procurar a pedra verde, não teria me conhecido. E eu tinha a impressão que estava bastante agradado de ter achado uma prometida eficaz e conveniente.

Hugh fez uma careta.

–Não quis dizer desse modo. Referia-me a esse maldito cristal, não a você.

–Isso significa que, no fim das contas, sou eficaz e conveniente? –Os olhos dela brilharam de malícia–. Alivia-me muito saber isso. Eu não gostaria de pensar que fracassei em cumprir minha parte do acordo.

–Alice acredita que está tratando de me apanhar, do mesmo modo que um pequeno sabujo provocaria a um urso. A advirto que é um jogo perigoso.

Alice pigarreou.

–Sim, bom, como é, há outro detalhe da lenda que eu gostaria de lhe perguntar.

–Do que se trata?

–Você disse que, além de proteger a pedra verde, o verdadeiro senhor de Scarcliffe deverá descobrir o resto do tesouro.

–Sim, e então?

–Não há dúvida que o povo está satisfeito que você seja capaz de cuidar da pedra verde. Mas, como fará para localizar as Pedras de Scarcliffe que faltam? Tem alguma idéia de onde poderiam estar?

–Duvido que sequer existam.

Alice o olhou de cima abaixo.

–E como as encontrará?

–Essa parte da lenda não me interessa – disse indiferente. – O mais importante era a recuperação da pedra verde. Agora que a trouxe de novo a Scarcliffe, os aldeãos suporão que, em seu momento, cumprirei o resto da profecia. Não há muita pressa.

–Em algum momento, alguém perceberá que não teve êxito em encontrar as pedras, senhor.

–Quando o senhorio seja próspero e rico, a ninguém importarão essas malditas pedras. Se chegar o instante em que me exijam que mostre um cofre com contas valiosas, o farei.

–Mas, como?

Hugh elevou as sobrancelhas ante tanta ingenuidade.

–Bastarão comprar algumas, é obvio. Se fizer falta, posso me permitir isso. Não custará mais que uns barris de especiarias.

–Sim, pode ser, mas não serão as verdadeiras Pedras de Scarcliffe.

–Pense, Alice – replicou, paciente. – Nenhuma pessoa que esteja viva atualmente jamais viu as assim chamadas Pedras de Scarcliffe, com exceção do cristal verde. Quem reconhecerá a diferença entre um punhado de gemas compradas a um comerciante londrino e as da lenda?

Alice o olhou com uma expressão estranha, mescla de horror e admiração. Para sua surpresa, Hugh descobriu que gostava disso e, por um instante, o desfrutou.

–*Milord*, só um homem que é, em si mesmo, uma lenda, pode ser tão arrogante com respeito ao cumprimento dos termos de um mito.

Hugh riu.

–Me considera arrogante? Só uma mulher que não teme ao poder de uma lenda se atreveria a fechar um trato com um homem ao que acredita.

–Já disse que eu não acredito muito em lendas, senhor. Mas, de todos os modos, estou impressionada por um homem com inteligência para inventar o que for preciso para completar os pedaços que faltam de sua própria lenda.

–Obrigado. Sempre é agradável que o admirem por sua inteligência.

–Não há nada que eu admire mais, senhor. – Se interrompeu para olhar mais à frente, entre a névoa, e arregalou os olhos – Pelos pregos de Cristo, esse é o castelo de Scarcliffe?

Hugh se preparou. Olhou o enorme edifício de pedra que emergia da penumbra.

–Sim. É Scarcliffe. – Fez uma pausa para dar mais peso a suas palavras—. Seu novo lar, senhora.

–Por um tempo – repôs distraída.

–Você se acostuma – ele assegurou.

–Sim?

Contemplou o castelo com olhar curioso. Hugh tentou vê-lo de maneira objetiva. Tinha nascido ali, mas não guardava lembranças do lugar. Depois que sua filha bebeu veneno, o avô de Hugh levou o neto pequeno para viver com uma tia viúva no norte. O velho tinha perdido o ânimo para dirigir Scarcliffe. O único que o obcecava era a vingança. Quando morreu, Scarcliffe tinha ido parar em outras mãos. Várias mãos.

Scarcliffe seguiu declinando sob uma sucessão de senhores ambiciosos e negligentes. O próprio castelo era uma fortaleza de pedra escura que se projetava para

fora desde os escarpados que o rodeavam e que se abatiam em cima dele. Dizia-se que o dono original teve a intenção que a estrutura perdurasse até o fim dos tempos, e tinha toda a aparência de ser assim.

O castelo amuralhado tinha sido construído com pedras negras pouco comuns. Nenhuma das pessoas às que Hugh interrogou sabia em que pedreira se extraiu as pedras similares. Alguns diziam que os enormes blocos de cor ônix foram escavados num labirinto de cavernas achadas nos escarpados. Outros, que as tinham trazido de terras longínquas.

–Quem construiu o castelo? – perguntou Alice em voz rouca, maravilhada.

–Me disseram que era um indivíduo chamado Ronde.

–Um antepassado seu?

–Sim. O avô de minha mãe. Ele foi, conforme contam, quem perdeu as Pedras de Scarcliffe. A lenda afirma que as escondeu nas cavernas, e que depois não pôde encontrá-las.

–O que aconteceu a ele?

–Segundo a história, entrou muitas vezes nas cavernas em busca do tesouro. – deu de ombros–. Da última vez, não saiu mais.

–É um castelo muito pouco comum – disse Alice, cortês.

Hugh o contemplou orgulhoso.

–Uma fortaleza bela e sólida, capaz de suportar um sítio.

–Recorda aos castelos mágicos que se mencionam nos poemas dos trovadores. O tipo de lugar ao que sempre acudiam os cavaleiros da grande Mesa Redonda em meio de bosques encantados. Certamente, tem o aspecto de um castelo que esteve sob o feitiço de um feiticeiro.

"O odeia", pensou Hugh. E essa idéia o afligiu.

Capítulo dez

Na manhã seguinte, Alice tirou o pó da nova escrivaninha e se sentou atrás dela. Passeou o olhar ao redor com satisfação.

A sala que escolheu como estúdio ficava no andar mais alto do castelo. Era espaçoso e cheio de luz, de proporções agradáveis a vista. Prestava-se bem as investigações de filosofia natural.

Os livros e baús com pedras, as bandejas com insetos mortos e os aparatos de alquimia tinham sido desempacotados e acomodados com esmero em estantes e mesas de trabalho. O astrolábio estava no peitoril. A pedra verde, num canto da escrivaninha.

Por estranho que parecesse se sentia em seu lugar. Em todos os meses vividos em Lingwood Hall, nem uma vez experimentou esta sensação, e soube que neste lugar poderia ser feliz. Bastava aceitar o oferecimento de Hugh para que o compromisso se tornasse verdadeiro.

Bastava se casar com o homem ao que chamavam o Implacável.

Bastava se casar com esse homem que, sem dúvida, valorizava a eficácia e a conveniência muito mais que o amor.

Não estava segura de que Hugh acreditasse, sequer, na existência do amor.

Apareceram na mente de Alice imagens de sua mãe em silenciosa advertência. Triste, Alice recordou que, em um tempo, sua mãe acreditou que poderia ensinar ao homem que amava. Equivocou-se.

Sabia que sua mãe tinha sido, em outra época, uma mulher cálida e vibrante, apaixonadamente enamorada de seu esposo. Mas, com o maltrato e se negando a voltar, Bernard conseguiu matar esse amor.

Havia se casado com um homem que jamais aprendeu a amá-la, e pagou por isto um preço elevado. E também os filhos.

Alice lançou uma olhada ao livro de anotações que sua mãe havia escrito. Às vezes, quase o odiava. Continha abundantes conhecimentos, e os resultados de

estudos árduos e correspondência com pessoas sábias de toda Europa. Mas Alice e Benedict sofreram muito por isto.

Na última etapa da vida de Helen, o livro de notas absorveu cada vez mais sua dedicação e atenção, deixando muito pouco para Alice e para seu irmão.

Alice se levantou e foi até a janela. As escarpas de Scarcliffe se elevavam sobre o castelo de uma maneira que podia se ver como protetora ou ameaçante.

No dia anterior, a primeira visão da imponente fortaleza negra a impressionou. Emanava uma força sombria que prometia proteção, mas o sombrio edifício não dava sinais de calidez nem suavidade. "*Se parece muito ao novo amo*", pensou. Hugh e o castelo tinham muito em comum.

Mas, o que se passava no coração de Hugh? Era tão duro e frio como os muros de pedra da imensa fortaleza? Ou existia certa esperança de que pudesse encontrar doçura nele?

Pensamentos tão insidiosos faziam perigar a serenidade do espírito de Alice.

Afastou-se da janela, consciente de que seu próprio coração estava em grave risco. Deveria se alarmar por ter pensado sequer na idéia de fazer efetivo o compromisso.

"*Sim, aqui poderia ser feliz*", se disse. Mas a sorte estava contra.

Seria melhor manter certa distancia. Se afastar. Guardar as emoções cuidadosamente dentro de si. Não poderia cometer o mesmo erro de sua mãe.

Três dias depois, Hugh levantou a vista da escrivaninha e viu ao novo mordomo que assomava a porta.

– Sim?

– Lamento mo–molestá-lo, *milord*.

Elbert, um jovem delgado e torpe, com um temperamento ao que Hugh considerava muito ansioso, trouxe várias vezes, tratando de reunir coragem. E se animar a falar. Elbert tinha a desditada tendência a tartamudear sempre que estava na presença do amo.

– O que se passa, mordomo?

Hugh afastou o ábaco e esperou impaciente.

Para seu íntimo, admitia que não sabia muito das qualidades que devia ter um mordomo apropriado. Mas fossem quais fosse, estava convencido de que Elbert carecia delas. Era evidente que o novo amo o aterrava, e costumava tropeçar cada vez que o tinha perto.

Além disso, do resto de seus defeitos, a habilidade de Elbert para manejar uma casa não era muito impressionante. Embora se ocupasse de que os aposentos estivessem limpos, os almoços resultavam experiências arrasadoras.

A comida chegava fria e mal condimentada da cozinha. Não havia suficiente quantidade de bandejas de pão para servir a todos. O ruído de jarras de cerveja que caíam e dos pratos sobrecarregados criava um barulho desagradável.

Hugh não esperava impaciente a próxima comida.

Notou com acrimônia que Alice escapava do mau momento, pois junto com seu irmão se serviam das comidas nos quartos que havia escolhido para seu uso pessoal.

Havia dado indicações especiais às cozinheiras. Hugh tinha a forte suspeita de que comiam muito melhor que ele.

O único motivo porque Hugh não despedia a Elbert do novo posto uma hora depois de ter sido empregado, foi porque a própria Alice o havia selecionado. Esteve de acordo em fazê-lo depois que Hugh pediu a ela que se ocupasse do assunto.

Pensou que se encarregaria de toda a administração da casa. Mas se limitou a escolher Elbert, assim que lhe pediu, e logo voltou a seus próprios aposentos.

As coisas não marchavam segundo o plano que Hugh urdiu com tanto cuidado. Estava desejoso de dar a Alice a responsabilidade e a autoridade que desejava, mas ela não estava preocupada por recebê-las. O fracasso do plano o desanimava e o irritava.

– E bem? – ele solicitou, ao ver que Elbert não fazia outra coisa que mirá-lo com a boca aberta.

Elbert se apressou em fechá-la.

–Um mensageiro, *milord*.

–Um mensageiro?

–Sim, *milord*. – Endireitou o gorro vermelho com gesto torpe—. Chegou faz uns minutos com uma carta para você. Diz que deverá ficar esta noite.

–Mande ele aqui, mordomo.

–Sim, senhor.

Elbert retrocedeu depressa para o corredor, e tropeçou. Recuperou o equilíbrio, girou e correu pelo corredor.

Hugh suspirou e reiniciou o trabalho com o ábaco. Minutos depois, Elbert fez entrar no aposento um homem delgado e desenvolto, que se dispunha parecer elegante com uma capa de viagem e umas botas manchadas de barro.

–Te saúdo, Julián – disse Hugh—. Teve uma boa viagem, espero.

–Sim, senhor. – Fez uma elegante reverência e lhe entregou a carta—. Tinha um bom cavalo, e não choveu.

Certos problemas com um bando de ladrões no caminho de Windlesea, mas mostrei o seu selo e esse foi o final dos problemas.

–Me alegra sabê-lo.

Hugh lançou uma olhada para a carta.

Julián pigarreou.

–Desculpe, senhor, mas me sinto obrigado a mostrar que não teria havido nenhum problema se tivesse tido uma casaca apropriada. Talvez uma bonita azul e dourada, com um pouco de cordão dourado.

–Depois, Julián.

–Em meu posto, faz é preciso algo que alcance a vista. Desse modo, os ladrões a veriam de imediato. Reconheceriam a um homem de sua casa e não se atreveriam a molestá-lo.

Hugh levantou a vista, contrariado.

–Já temos discutido isto antes, mensageiro. Cada ano recebe um traje em boas condições, capa, botas, e um novo moedeiro de couro.

–Sim, *milord*, e é um traço generoso de sua parte – murmurou–. Mas tudo que me proporciona é da mesma cor.

– E?

–O negro não é uma cor elegante, *milord* – disse Julián, exasperado–. Pareço um monge vagabundo pelos caminhos.

–Oxalá viajasse com a mesma frugalidade que fala. Teus gastos quinzenais foram escandalosos. Pensava te falar a respeito.

–Posso justificar todos – respondeu Julián.

–Espero que sim.

–Senhor, a nova casaca.

– Que nova casaca? – protestou –. Acabo de dizer a você que não haverá tal coisa.

Julián fez uma tromba de descontente.

–Está bem, suponhamos que seguimos com o negro como base.

–Excelente suposição.

–Seria muito mais atraente se me permitisse, ao menos, um pouco de cordão dourado.

–Cordão dourado? Para um mensageiro que deve atravessar o barro e a neve? Que loucura. É provável que o assassinem no caminho pelo cordão dourado da roupa.

–Faz menos de três meses, John Darkenby deu ao mensageiro pessoal um elegante traje novo de cor verde esmeralda – tratou de persuadi-lo–. Debruado de laranja. E um gorro combinando. Muito bonito.

–Basta de bobagens. Alguma novidade sobre a saúde de meu senhor feudal?

O rosto atrativo de Julián se entristeceu. – transmiti a ele os seus cumprimentos, como me pediu.

– Viu a sir Erasmus?

–Sim. Recebeu-me só porque pertenço a seu pessoal. Disseram-me que recebe a muito poucos visitantes, ultimamente. Agora, é a esposa a que se ocupa de quase todos os assuntos.

– Que aspecto tinha? – perguntou Hugh.

– Se nota que está muito enfermo, *milord*. Não fala disso, mas a esposa tem os olhos avermelhados de chorar. Os médicos crêem que está falhando o coração. Está muito magro. Sobressalta-se ante o menor ruído. Parece esgotado e, contudo, assegura que não pode dormir.

– Esperava que tivesse melhores notícias.

Julián moveu a cabeça.

– Lamento, senhor. Mandou-lhe seus melhores desejos.

– Bom, o que tem que ser, será. – Rompeu o selo—. Vai a cozinha e pede que te dêem de comer.

– Sim, senhor. – Julián vacilou –. A casaca. Sei que opina dos gastos. Mas me parece que agora que possui terras, e um castelo, quererá que os membros de seu pessoal se vistam de maneira apropriada. Depois de tudo, senhor, as pessoas julgam a um homem pela roupa que vestem seus criados.

– Quando descubra que me preocupa a opinião das pessoas, o comunicarei. Saia, mensageiro.

– Sim, senhor.

Fazia suficiente tempo que Julián servia a Hugh para saber quando o havia pressionado bastante. Saiu da sala fazendo reverências com seus modos elegantes e um tanto altivos, e percorreu o corredor assobiando.

Hugh olhou sem ver a carta que tinha na mão. Erasmus de Thornewood estava morrendo. Já não tinha dúvidas. Hugh sabia que logo perderia ao homem que havia sido como um pai para ele em mais de um sentido.

Tragou para aliviar uma súbita obstrução na garganta, pestanejou um par de vezes para limpar os olhos, e se concentrou na carta.

Provinha do mordomo londrino. O informava da chegada sem novidades de um buque carregado com especiarias. Em seu acostumado estilo minucioso, o mordomo dava conta de cada baú, do conteúdo e do valor estimado, agregando comentários relacionados com os gastos. Hugh pegou o ábaco.

–Me desculpe, senhor – disse Benedict da entrada.

Hugh levantou a vista:

– Sim?

–Sir Dunstan me envia para dizer que os estábulos já estão limpos e preparados. Quer saber se você deseja falar com o ferreiro. – Viu o ábaco e se interrompeu–. Que é isso, *milord*?

– O chamam de ábaco. Usa-se para fazer cálculos.

– Tenho ouvido falar dele. – Se aproximou com expressão curiosa, golpeando o solo com o bastão. – Como funciona?

Hugh esboçou um lento sorriso.

–Se quiser, o ensinarei. Pode-se somar, multiplicar ou dividir. É mais útil que um contador.

– Gostaria de aprender a usá-lo. – Benedict alçou a vista, com timidez–. Sempre me interessaram estes temas.

– Sêrio?

–Sim. Alice me ensinou tudo o que sabe de cálculos mas, para dizer verdade, não é um campo que a tenha interessado demasiado. Prefere a filosofia natural.

–Sei disto. – Observou a expressão ensimesmada do garoto–. Benedict, creio que já é hora de que ceie no salão principal, com teu senhor e os demais homens do castelo. Hoje, no almoço, se apresentará abaixo.

Benedict alçou a olhada com presteza.

– Comer com você, senhor? Mas para Alice lhe parece melhor que comamos em nossos quartos.

–Alice pode fazer o que goste. Mas, você um de meus homens, e comerá com todos nós.

– Um de seus homens? A idéia o assombrou.

–Sua irmã é minha prometida, e vive aqui, em Scarcliffe – respondeu Hugh, sem demasiada ênfase–. Isso o converte em membro de minha casa, não é assim?

– Não tinha considerado desse modo. – Os olhos do garoto expressaram uma tímida ansiedade—. Tem razão. Farei o que me tem ordenado, senhor.

– Magnífico. E falando de Alice, onde está sua irmã?

– Foi para a aldeia falar com a priora Joan. Benedict levantou o ábaco com gesto reverente.

– Foi sozinha?

– Sim.

– Disse quando voltaria?

– Disse que tardaria. – Moveu com cuidado uma das contas vermelhas sobre uma delgada varinha de madeira. – Me parece que disse algo sobre buscar mais pedras para a coleção.

Hugh se pôs sério.

– Pedras?

– Sim. Pensa que encontrará algumas interessantes nas cavernas do escarpado.

– Por todos os diabos. – Se levantou de um salto e rodeou a escrivaninha—. Sua irmã vai me deixar louco.

– O tio Ralf também costumava dizer isso.

Hugh não prestou atenção nele, pois já estava na metade do caminho do corredor, se dirigindo para a escadaria.

Capítulo onze

– Como verá, lady Alice, há muito que fazer aqui. – Com um gesto, Joan abrangeu não só o jardim do convento onde estavam, mas também toda a aldeia. – Durante os três anos que fui priora fiz o que pude, mas sem um bom amo para governar estas terras, se tornou difícil.

– Entendo, senhora.

Alice contemplou os organizados jardins. Várias freiras habilidosas capinavam, regavam as plantas e preparavam a terra para o inverno.

A caminhada pela aldeia foi uma experiência notável. Uma ampla variedade de pessoas saudou Alice. Granjeiros que interrompiam o trabalho para fazer respeitadas reverências; meninos pequenos que jogavam e lhe sorriam com acanhamento ao passar. A cervejeira saiu à porta da cabana para oferecer uma jarra de cerveja. O ferreiro a olhou, radiante, do outro lado da forja incandescente. A esposa do moleiro lhe deu um pedaço de pão, que entregou o orgulhoso jovem John, seu filho.

Alice percebeu que nesse dia, sobre Scarcliffe, pairava uma atmosfera de expectativa. Os habitantes acreditavam que a lenda se tornara realidade ou, ao menos, estava a caminho de se cumprir. O verdadeiro senhor estava com eles. A maldição tinha sido suspensa e tudo iria bem.

Sentiu o aguilhão do remorso quando, inclusive a sincera e bondosa Joan se dirigia a ela como se, na verdade, fosse a futura senhora do feudo.

A priora tinha razão: havia muito que fazer ali. E Hugh se ocuparia que se fizesse. Cuidaria dessas terras, pois seu próprio futuro estava ligado a elas. Mas não estava do todo segura de poder se arriscar a unir seu próprio futuro ao do Hugh e de Scarcliffe. *"Não me considerava covarde. – pensou – Ah, mas até agora nunca tinha estado em jogo meu coração"*.

Em um convento grande e recluso, a vida seria muito mais simples e serena. Muito mais propícia para o estudo da filosofia natural.

– Essa absurda lenda não ajudou em nada. – Joan abriu caminho por um dos atalhos do jardim. – Foi um grande incômodo tê-la pairando sobre nossas cabeças todos estes anos. Eu gostaria de dizer um par de coisas ao idiota que a inventou.

Alice lhe lançou um olhar, surpreendida.

– Você não acredita na lenda...

– Não, mas sim o povo de Scarcliffe. Admito que, quanto mais tempo passava sem que houvesse um senhor enérgico, mais se evidenciava que a maldição realmente existia.

– Me dá a impressão que as lendas têm sua própria vida.

– Sim. – Joan fez uma careta ao se deter perto da parte da horta onde uma freira alta trabalhava sozinha. – Ao final, começamos a sofrer ataques de bandidos e ladrões, pois não havia um senhor que contasse com um grupo de cavaleiros fortes para nos proteger.

– Agora que lorde Hugh é o amo de Scarcliffe, os bandidos já não causarão problemas – Alice assegurou, com grande confiança.

A freira alta interrompeu o trabalho e se apoiou na enxada. Sob a touca, os olhos eram escuros e sombrios.

– Existem outras calamidades tão ruins como a praga dos ladrões. A maldição é real, lady Alice. Lorde Hugh logo saberá.

Joan pôs os olhos em branco.

– Não dê atenção à irmã Katherine, milady. Embora seja uma perita curandeira, está acostumada a não ver outra coisa além de maus presságios.

Alice sorriu para Katherine.

– Se você crê na maldição, sem dúvida estará contente que tudo vá bem outra vez. A lenda se cumpriu.

– Ora, não me importa nada a lenda do cristal verde ou a das Pedras de Scarcliffe – murmurou Katherine – Esse é um conto de meninos.

– E o que a preocupa? – perguntou Alice.

– A verdadeira maldição sobre estas terras é a inimizade entre Rivenhall e Scarcliffe. A traição e o crime pululam como uma infecção que não pode se curar.

– Suponho que se refira à antiga inimizade entre os dois feudos – disse Alice. Katherine vacilou, evidentemente surpreendida. – Você sabe?

– Sim, lorde Hugh me contou essa triste história. Mas se teme que haja uma guerra entre Rivenhall e Scarcliffe por causa dessa inimizade, pode ficar tranquila. Não haverá violência entre os feudos.

Katherine sacudiu a cabeça com ar sombrio.

– As sementes da vingança se plantaram no passado, e deram origem a uma erva daninha que envenena estas terras.

– Não. – Alice começava a se irritar com a visão pessimista da curandeira. – Acalme-se, irmã. Lorde Hugh me assegurou que não haveria violência. Disse-me que tanto ele como sir Vincent prestaram juramento ao próprio suserano, Erasmus de Thornewood. Este os proibiu que se encetassem em alguma briga mais sangrenta que uma justa ocasional.

– Dizem que Erasmus de Thomewood está morrendo. – A mão de Katherine se apertou ao redor do cabo da enxada. – Quando tiver desaparecido, quem conterà sir Vincent e sir Hugh? Tanto Scarcliffe como Rivenhall estão muito longe de seus respectivos centros de poder. Os senhores destas terras ficarão livres, como cães aos que soltaram as coleiras. Correrão diretamente um ao pescoço do outro.

– Esse é um bom argumento da irmã Katherine. – Joan franziu o sobrecenho. – Sempre pensei que o fato de estar tão afastadas era uma das poucas coisas boas destas terras. É mais seguro viver longe de homens que dirigem exércitos e que se preocupam com quem está no trono. Mas isso significa que dependemos de lorde Hugh para manter a paz.

– E ele o fará – insistiu Alice.

Não sabia por que se sentia impulsionada a defender as boas intenções de Hugh. Talvez fosse porque o conhecia melhor que estas mulheres, e queria que tivessem confiança nele.

– Nunca haverá paz entre Scarcliffe e Rivenhall – murmurou Katherine.

Alice pensou que era hora de mudar de tema.

– Irmã, este é seu canteiro de ervas?

– Sim.

– Faz muitos anos que a irmã Katherine está conosco. – Disse Joan. – É perita em ervas. Todos, em algum momento, tivemos motivos para agradecer a ela por seus tônicos e poções.

– Minha mãe era curandeira – comentou Alice. – Era uma grande estudiosa do saber relativo às ervas. Tinha muitas plantas estranhas no jardim.

Katherine não fez conta, mas a olhou de frente.

– Quanto tempo faz que está prometida a Hugh, o Implacável?

– Não muito. E já não se chama Hugh, o Implacável. Agora é Hugh de Scarcliffe.

– Quando se casarão?

– Na primavera – respondeu vagamente.

– Por que esperar tanto?

Joan a olhou com recriminação.

– Os planos de bodas de lady Alice não são assunto seu, irmã.

Katherine apertou a fina boca.

– Um compromisso é fácil de romper.

– Não é certo. – Joan estava francamente zangada. – O compromisso é um voto solene e sério.

– Mas não é um voto matrimonial – replicou Katherine.

– Basta, irmã! – disse Joan com severidade.

Katherine calou, mas seguiu olhando fixamente para Alice, que corou e baixou o olhar.

– Lorde Hugh queria esperar até a primavera para casamos porque tem muitos assuntos importantes que deve atender imediatamente.

– Muito compreensível – disse Joan, com ardor. – Por favor, volte para suas tarefas, irmã. Lady Alice e eu seguiremos percorrendo os terrenos do convento. – Começou a caminhar por outro atalho, levando Alice consigo. – Venha, vou mostrar as oficinas onde fabricam vinho. Depois, gostaria de ver a biblioteca?

O rosto de Alice se iluminou. – OH, sim, eu adoraria!

– Espero que a aproveite. – Quando estiveram fora do alcance dos ouvidos de Katherine, acrescentou em voz baixa – Perdoe à curandeira. É muito boa no seu ofício, mas a melancolia a faz sofrer muito.

– Entendo. É uma pena que não possa curar a si mesma.

– Toma um tônico feito de papoulas quando está de muito mau ânimo, mas além disso, diz que não pode se fazer muito mais por essa doença.

Alice franziu o sobrecenho.

– É preciso usar com cuidado as poções que se fazem com papoula.

– Sim. – A freira a olhou de soslaio, com interesse. – Me dá a impressão que conhece bem o tema. Você seguiu os passos de sua mãe, *milady*?

– Estudei a respeito de ervas, e conservei o livro de notas de minha mãe, mas quando ela morreu, me voltei para outras coisas.

– Entendo.

– Me considero uma estudiosa da filosofia natural. – Se deteve e contemplou os imponentes penhascos que se elevavam atrás da aldeia. – Acontece que no final dessa manhã, decidi seguir adiante com minha pesquisa sobre o assunto.

Joan seguiu seu olhar.

– Pensa explorar as cavernas?

– Sim. Nunca vi nenhuma. Deve ser muito interessante.

– Me desculpe, senhora, mas não acredito que seja uma idéia sensata. Lorde Hugh sabe?

– Não. – Expressou um sorriso radiante—. Estava ocupado com negócios esta manhã. Prefiri não incomodá-lo.

– Já entendi. – A freira vacilou como se tivesse obrigação de dizer mais sobre o tema, mas logo desistiu. – *Milady* disse à irmã Katherine que estava convencida que não haveria guerra entre os feudos de Rivenhall e Scarcliffe.

– Sim, qual o problema?

– Está segura? Estas terras sofreram muito, *milady*. Não sei se poderiam sobreviver a semelhante desastre. Alice riu.

– Não tema, lorde Hugh protegerá Scarcliffe.

– Confio em que tenha razão. – Se interrompeu de repente, e olhou a um ponto por trás de Alice.

No mesmo instante, Alice ficou alerta. Sem olhar para trás, soube que Hugh estava no jardim.

– Me alegra muito saber que tem tanta fé em minhas habilidades, senhora – disse, com tom impassível. – E eu gostaria de poder ter a mesma fé em sua sensatez. O que é isso que ouvi de que pensa explorar as cavernas de Scarcliffe?

Alice girou e o encontrou no atalho, atrás dela, grande e sólido como o castelo de Scarcliffe. O cabelo negro estava revolto pelo vento. Os últimos três dias, o tinha visto muito pouco, mas cada vez que o encontrava tinha a mesma reação. Cada vez que topava com ele, até por um instante, sofria um forte impacto em seus sentidos. O pulso acelerava e algo se enroscava no estômago. A lembrança da noite em Ipstoke, quando a acariciou de maneira tão íntima, fazia arder cada parte de seu corpo.

Pensando nesse apaixonado momento, não podia dormir bem. A noite anterior preparou uma bebida quente de camomila para aquietar os sentidos. Pôde dormir, mas sonhou. Como sonhou...!

– Me assustou, *milord*. – Para dissimular a reação, o olhou com ferocidade. – Não o ouvi entrar no jardim. Acreditava que esta manhã estava ocupado com as contas.

– Estava muito ocupado, até que soube que pensava em explorar as cavernas. – Saudou Joan com um gesto. – Bom dia, senhora.

– Bom dia, senhor. – Joan passou o olhar do rosto severo de Hugh ao “carrancudo” de Alice, e outra vez a Hugh. Clareou a voz. – Possivelmente seja melhor que tenha vindo, senhor. Eu também estava um pouco preocupada com os planos de lady Alice. É nova aqui, e ainda não conhece os perigos do lugar.

– Claro – disse Hugh. – E no momento, o perigo maior que enfrenta sou eu. – Cruzou os braços. – Por todos os diabos, o que pensa que está fazendo?

Alice não se deixou intimidar. – Só queria procurar pedras interessantes.

– Não tem que entrar sozinha nas cavernas. Nunca. Entende?

Alice deu umas palmadinhas na manga dele, como para acalmá-lo.

– Acalme-se, *milord*. Estou bastante treinada no estudo da filosofia natural. Faz anos que coleciono espécimes interessantes. Não sofrerei nenhum dano.

Hugh enganchou os polegares no cinturão de couro. – Me escute, Alice. Não tem que sair sozinha dos limites da aldeia. Eu proíbo.

– Se incomodaria de me acompanhar? Viria bem a calhar um homem robusto para me ajudar a transportar os objetos interessantes que possa descobrir.

Por um par de segundos, o convite deixou Hugh perplexo. Mas se recuperou imediatamente e lançou ao céu plúmbeo um olhar desalentador.

– Logo choverá.

– Não acredito. – Alice também olhou – Só está um pouco nublado.

Nos olhos de Hugh apareceu um brilho especulativo.

– Está bem, senhora. Como é você a perita em filosofia natural, me inclinarei ante seu julgamento. A acompanharei na expedição.

– Com muito gosto. – Dentro de Alice se agitou o regozijo, mas tratou de parecer indiferente, como se a decisão de Hugh não importasse muito.

Joan pareceu aliviada.

– Tome cuidado de não encontrar com o monge vagabundo enquanto percorre os arredores dos escarpados. Disseram que acampa em uma das cavernas.

Enquanto agarrava Alice pelo braço, Hugh franziu o sobrecenho. – Por que Calvert de Oxwick dorme nas cavernas?

Embora mantivesse o rosto sereno, os olhos de Joan cintilaram divertidos. – Porque eu me neguei a lhe dar uma cela no convento, sem dúvida. Na verdade, não há um lugar onde ele possa estender o corpo, exceto no castelo de Scarcliffe. Parece que não se atreve a lhe impor hospitalidade, *milord*.

– Melhor – protestou Alice. – Eu não gostaria que o castelo de Scarcliffe desse albergue a esse homem odioso.

Hugh elevou as sobrancelhas, mas não fez nenhum comentário. Então, Alice pensou que as decisões relacionadas com a hospitalidade do castelo correspondiam, por direito, a Hugh. Ela não era nem a verdadeira prometida. E tinha prometido a si mesma que não se meteria nos assuntos domésticos.

– Bom – disse com vivacidade. – Será melhor que saíamos, *milord*. O dia avança, não?

As primeiras gotas de chuva caíram quando começavam a subir a costa rochosa por debaixo das cavernas.

– Por todos os Santos. – Alice colocou o capuz do manto. – Se não procurarmos refúgio nas cavernas, ficaremos ensopados.

– Te disse que choveria. Agarrou-a pela mão e a arrastou rapidamente para a primeira abertura avistada nos escarpados.

– Você tem o costume de apontar quão infalível é em cada ocasião que acerta em sua apreciação de uma situação? – Teve que correr para se manter no mesmo passo.

– Não. – A expressão de Hugh se tornou cálida com um sorriso enquanto puxava Alice para que ficasse sob o amparo de uma saliência de uma grande caverna. – Como quase sempre acerto, seria muito irritante que o mencionasse cada vez que acontece.

O olhou carrancuda um momento, até que chamou sua atenção o cabelo de Hugh molhado pela chuva. Por algum motivo, ao vê-lo revoltado, colado contra o crânio bem formado, pareceu a ela que sua aparência era muito diferente. Mais terno, até um pouco vulnerável.

Ao sentir uma louca e súbita esperança, Alice conteve o fôlego. Se, de verdade, houvesse em Hugh certa ternura, certo grau de suavidade e vulnerabilidade, talvez pudesse aprender a amá-la.

A chuva começou a cair com toda sua força; ao longe, soou um trovão. Como se quisesse esmagar qualquer falsa ilusão de gentileza oculta, Hugh passou os dedos pelo cabelo molhado. O acomodou descuidadamente atrás das orelhas, deixando descoberto, a testa alta e as linhas severas das maçãs do rosto. Em uma piscada, voltou outra vez a ser o homem capaz de suportar o peso de uma lenda.

Alice sorriu pensativa.

– Você é impossível, senhor.

Na boca do Hugh apareceu um vislumbre de diversão. Olhou com curiosidade ao redor.

– Aqui está sua caverna, senhora.

Alice seguiu o olhar do homem e tremeu um pouco.

– Está um pouco escuro, não?

– As cavernas geralmente são lugares escuros – disse com secura.

A caverna era grande. As profundidades se perdiam na escuridão que cobria o extremo mais afastado. A luz cinzenta do dia chuvoso não chegava muito longe no interior da caverna. O lugar tinha uma atmosfera sempre úmida. Em algum lado, gotejava água sobre uma pedra.

– Da próxima vez tenho que me lembrar de trazer uma tocha – disse Alice.

– Sim. Não podemos ver muito sem uma, não?

– Não. – se negou a admitir que a alegrasse ter uma boa desculpa para não entrar mais. – É uma pena que hoje não possamos prosseguir as investigações, mas não podemos evitar.

Hugh apoiou uma mão contra a parede rochosa, e dirigiu o olhar para a aldeia e os campos de Scarcliffe.

– Há um belo panorama daqui, até quando chove.

Alice viu o orgulho da posse nos olhos de matizes dourados. – Nos dias claros, deve se ver até muito longe.

– Até Rivenhall.

A ameaçadora suavidade do tom inquietou a Alice, que recordou as palavras da curandeira: *"As sementes da vingança foram plantadas no passado, e deram origem a uma má erva que envenena esta terra"*.

Tratou de se convencer que não acreditava em lendas. Contemplou a chuva e se perguntou por que essas palavras da curandeira soavam verdadeiras.

– Bem, Alice? – disse Hugh depois de uma pausa.

Não se voltou para olhar, concentrado na paisagem que se estendia ante ele.

– Bem, o que, *milord*? Alice se inclinou para observar um pedaço de pedra escura.

– Me parece que já teve suficiente tempo para a observação. Qual é sua conclusão?

Quando compreendeu o significado do que ele dizia, se imobilizou sobre a pedra escura. Afogou uma exclamação de desalento e se refugiou em um fingido mal-entendido.

– É uma pedra interessante, mas não acredito que seja pouco comum. Eu gostaria de encontrar uma amostra da que se usou para construir o castelo. Essa sim que é interessante. Nunca vi nenhuma.

– Não me referia a essa maldita pedra, e sabe bem. – Dedicou a ela um olhar breve e impaciente – Decidiu se casar comigo?

– Por todos dos Santos, *milord*, faz só três dias que me perguntou isso. E devo assinalar que nós dois estivemos muito ocupados nestes dias.

– Ocupados? Não tem feito grande coisa, salvo escolher esse torpe mordomo.

– Elbert se converterá em um excelente mordomo – repôs. – E como se atreve a me acusar de preguiça? Quase não tive tempo de pensar, para não mencionar um assunto tão importante quanto casamento.

Por um momento, Hugh não disse nada. Depois, se sentou em uma pedra, e apoiou os cotovelos nos joelhos. Manteve a vista fixa nas longínquas terras de Rivenhall, sombreadas pela chuva.

– Você odeia estas terras, Alice?

A pergunta a alarmou.

– Scarcliffe? Não, *milord*, não as odeio.

– Parecem feias para você.

– Não, não é assim. Admito que não seja uma paisagem suave, mas sim interessante e variada.

– Logo, Scarcliffe florescerá, eu me ocuparei de que assim seja.

– Não duvido, *milord*.

– E o que me diz do castelo? A desagrada?

– Não. Como você mesmo pode ver, tem uma aparência de força. É fácil de defender. – Fez uma pausa, pensando aonde quereria chegar. – E, para ser sincera, é mais cômodo por dentro do que parece.

– De modo que não tem objeções a formar seu lar nele?

– Bem, como já disse, não há nada que objetar no castelo.

– Me alegra sabê-lo. – Levantou uma pedra e a jogou com descuido pela ladeira. Era um surpreendente gesto brincalhão, que não combinava com o aspecto severo do homem. – No futuro, se descobrir que há algum problema com o castelo, me diga e eu procurarei que se resolva imediatamente.

– Sim, *milord*, obrigado.

Viu que outra pedra descia saltando a ladeira molhada. Perguntou-se que tipo de infância teria vivido Hugh. Sem dúvida, deve ter sido breve, como a sua própria. Um bastardo está acostumado a se obrigar a assumir muito cedo a dignidade.

– De modo que o terreno não a desagrada, e o castelo está de acordo... – concluiu.

– Sim, *milord* – admitiu precavida. – De acordo.

– Então, não há motivos para adiar o matrimônio, não é certo?

Exasperada, Alice levantou as mãos.

– Senhor, começo a entender por que o chamam Hugh o Implacável.

– Eu não gosto de perder tempo inutilmente.

– Asseguro que não estou perdendo tempo, pois preciso aproveitar cada minuto. – se sentou em um penhasco grande, perto da entrada da caverna, e abriu a bolsa que o filho do moleiro tinha dado a ela. – Quer um pouco de pão fresco?

Hugh olhou carrancudo o naco de pão que Alice tirava do saco. – Está mudando de assunto.

– Muito observador.

– Alice, não sou um homem muito dado a demoras ou hesitações.

– Estou comprovando essa verdade, senhor. – Arrancou uma parte de pão e deu a ele. – Mas nesta questão, temo que terá que ter paciência.

Hugh lhe cravou um olhar predador enquanto recebia o pão.

– Quanto tempo levará para se decidir?

– Não tenho idéia.

Mordiscou, decidida, sua porção de pão.

Hugh arrancou um grande pedaço e o mastigou irritado.

Fez-se silêncio. E a chuva seguiu caindo pesada e persistente. Depois de um momento, Alice relaxou. Ao que parece, Hugh estava disposto a deixar de lado o tema do matrimônio, ao menos no momento.

Alice comeu outro bocado do pão crocante e se permitiu desfrutar da companhia de Hugh. Era agradável estar ali, sozinha com ele, fingindo que eram amigos e parceiros, e que compartilhariam o futuro. Não havia nada de mal nessa fantasia.

– Elbert está fazendo um desastre no castelo – disse Hugh depois de um comprido intervalo. – Será que poderia escolher a outro para fazer esse trabalho?

Alice apartou o cálido sonho.

– Elbert aprenderá rápido. Eu entrevistei vários candidatos para o posto e ele foi, de longe, o mais inteligente e disposto. Dê tempo a ele, *milord*.

– É fácil para você dizê-lo. Como janta sozinha em seu quarto, ainda não experimentou a aventura de comer no salão principal com todos nós. Asseguro que a supervisão de Elbert se converte em um evento inesquecível.

Alice o olhou. – Se o desagrada jantar no salão principal, por que não faz como eu? Faça que levem a comida a seu próprio dormitório. – Vacilou, mas logo adicionou: – Ou poderia fazê-lo comigo, *milord*.

– Isso não é possível.

Alice sentiu que a indubitável rejeição fazia arder seu rosto. – Me perdoe por sugerii. Não quis extrapolar.

Deu-lhe um olhar irritado.

– Não compreende que um senhor deve fazer as refeições principais em companhia de seus homens?

Alice se estremeceu.

– Não vejo por que. A conversa vulgar e as brincadeiras grosseiras são suficientes para danificar qualquer comida. Não tenho interesse no bate-papo odioso sobre armas e justas, nem sobre as glórias de batalhas passadas ou de caça.

– Você não compreende. Um dos modos que um lorde reafirma os vínculos entre ele e os que o servem é comer junto com eles. – Mastigou o pão. – Um lorde forte, está tão atado aos que dependem dele quanto eles ao lorde. Tem que demonstrar a eles que os respeita e valoriza sua lealdade.

– E isso se faz jantando com eles?

– Sim. É uma das maneiras de obtê-lo.

– Ah, entendo. – Sorriu, porque tinha compreendido de repente. – Me perguntava como um homem inteligente como você podia tolerar as maneiras rudes tão habituais nos grandes salões.

– A gente se acostuma.

– Acredito que eu nunca me acostumaria a fazer as refeições com semelhantes conversações e atividades. Deve ser muito difícil para você confrontar o futuro sabendo que terá que fazer o mesmo sacrifício todos os dias de sua vida.

Por um instante, a raiva chispou nos olhos de Hugh.

– Não o considero um grande sacrifício. Nem todos tem sua fina sensibilidade. Para um cavaleiro, o bate-papo sobre armas e armaduras não é aborrecida. É trabalho.

– E as brincadeiras grosseiras, as gargalhadas e as maneiras lamentáveis de seus companheiros? Também desfruta disso?

– Quando os homens se reúnem em volta da comida e da bebida, são bastante normais.

– É certo.

Mordeu outro bocado.

- Como já disse, comer no grande salão é uma questão de respeito e lealdade.
- Hugh fez uma pausa. – Em quase todos os lares, a senhora acompanha à mesa.
- Isso já me disseram, mas não acredito que isso agrade a nenhuma dama.
- Ela o faz por motivos similares aos que obrigam ao senhor a jantar com sua gente.

Hugh falava entre dentes.

Alice deixou de mastigar.

- Por respeito e lealdade?
- Sim. Senta-se junto ao senhor em presença do povo, para que todos vejam que ela o respeita e lhe é leal.

Alice inspirou e engoliu o bocado ao mesmo tempo, mas terminou cuspidando, ofegando e tossindo.

Hugh adotou uma expressão preocupada, e lhe deu enérgicas palmadas nas costas.

- Está bem?
- Sim. – conseguiu dizer. Recuperou o fôlego e engoliu várias vezes para se livrar do bocado desviado. – Estou bem.
- Me alegro.

Outra vez se fez silêncio. Mas nesta ocasião, Alice não sentiu alívio, a não ser um estranho desassossego. Talvez Hugh acreditasse que se negava a comer no grande salão por falta de respeito para com ele. Perguntou-se se os homens de Hugh e outros habitantes do castelo a considerariam desleal.

- Alice, preciso que me diga com exatidão por que não se decide a casar comigo. É o mais razoável, prático e lógico.

Alice fechou os olhos.

- Acreditava que, por hoje, tínhamos terminado com esse tema.
 - Se me disser quais são suas dúvidas, poderei fazer algo para modificá-lo.
- Era muito, e perdeu a paciência:

– Está bem, *milord*, serei concisa. Se me casar, prefiro que seja por verdadeiro afeto, não por eficácia e conveniência.

Hugh ficou imóvel, e seus olhos se cravaram nos da jovem.

– Afeto?

– Sim, afeto. Minha mãe se casou com um homem que não queria dela mais que um herdeiro e alguém que dirigisse os assuntos domésticos. Esteve condenada a uma grande solidão, e não teve outra coisa que os estudos para se consolar.

– Tinha a seu irmão e a você.

– Não lhe bastávamos. – disse com amargura – Dizem que morreu pelo veneno, mas, na verdade, acredito que morreu porque tinha o coração destruído. Não cometerei o mesmo engano que ela.

– Alice...

– Prefiro a paz e a tranquilidade do convento a um matrimônio vazio de carinho. Agora entende minhas dúvidas, *milord*?

A olhou, preocupado.

– Quer que a corteje? Está bem, senhora, tentarei cortejar como é devido, mas a advirto que não tenho muita destreza nessas questões.

Alice ficou de pé, totalmente exasperada.

– *Milord* está equivocado. Não quero um cortejo fingido. Pode guardar as flores e os poemas. Refiro-me ao amor. Isso é o que quero. Amor.

A compreensão iluminou os olhos do homem. Levantou e se aproximou dela.

– Então, no final das contas, o que quer é paixão. Fique tranqüila: isso não faltará a você. – Cobriu a boca de Alice com a sua antes que pudesse começar a exortá-lo em relação a este grave equívoco.

Por uns segundos, Alice permaneceu em silêncio, até que de repente entendeu que a paixão bem poderia ser o que Hugh estava em condições de lhe dar nesse momento. Também podia ser a emoção que o levasse ao amor. Envolveu seu pescoço com os braços e correspondeu ao beijo com todo o amor que tinha florescido em seu coração na primeira noite em que o conheceu.

Capítulo doze

Ao perceber que Alice se abrandava, Hugh sentiu que o prazer o golpeava como uma enorme onda marinha. *"Minha visão da situação era correta: a paixão é a chave para render a doce fortaleza"*, pensou. Alice o desejava. O desejo feminino era a especiaria mais rica e embriagadora.

Ajustou as mãos nas curvas das nádegas firmes e redondas, e a levantou alto, contra seu peito. Sentiu que os braços da mulher rodeavam seu pescoço e a ouviu suspirar. A apertou com força contra si, para que sentisse sua masculinidade ereta.

–*Milord*, tem um efeito surpreendente sobre meus sentidos. – Alice o beijou no pescoço—. Juro que não o entendo.

–Isto é o que os poetas chamam amor. –Tirou a rede tecida que prendia o cabelo dela, deixando que as mechas acobreadas caíssem pelos ombros—. E quanto a mim, sempre pensei que paixão é um final mais honesto para expressar essa sensação.

Alice levantou a cabeça do ombro dele, e os olhos de ambos se encontraram um instante. Hugh acreditou que se afogaria nas profundidades esmeralda.

–Está equivocado. A experiência de minha mãe me ensinou que só a paixão não é amor. Mas, começo a crer que podem estar vinculadas.

Hugh esboçou um sorriso desdenhoso. – Confesso que não me interessa me envolver numa discussão sobre o assunto neste momento, Alice.

–Mas é uma diferença muito importante, *milord*.

–Não, não tem a menor importância.

A silenciou com sua própria boca.

Não a soltou até que os lábios se abriram sob os seus, e Alice se colou a ele tão apertadamente que acreditou que não poderia se separar por sua vontade. Só então se afastou o suficiente para soltar a correia da espada e tirar a túnica negra exterior.

Enquanto deixava a bainha próxima, Alice o observava com olhos brilhantes. Hugh se afligiu ao ver que suas mãos tremiam um pouco. Fez uma inspiração funda para se serenar, e estendeu a túnica no solo de pedra.

Essa simples tarefa lhe requereu uma enorme concentração e, quando terminou, se ergueu e olhou para Alice do outro lado da cama improvisada. Viu as sombras nos olhos da garota, e um medo terrível apertou suas entranhas.

Mas logo, Alice lhe estendeu a mão com um sorriso trêmulo.

Hugh lançou um suspiro baixo de satisfação e alívio. Estendeu-se sobre a túnica negra e colocou Alice com suavidade sobre ele. As saias se estenderam como espuma pelas coxas quando Alice se acomodou suave e provocativa sobre o peito dele.

Enquanto o fazia, tinha os olhos cheios de preocupação.

–*Milord*, ficará esmagado contra a pedra dura.

O homem riu.

–Nunca tive um colchão tão brando.

Alice tocou a face dele com as pontas dos dedos, e se pôs mais cômoda. Hugh gemeu quando as coxas redondas se apertaram mais contra seu membro rígido.

De repente, o desejo que mexia com ele se transformou numa chama ardente. Sentiu que essa chama absorvia os últimos vestígios de domínio que lhe restavam.

Alice o queria, e era sua prometida. Nada se interpunha. Nada importava mais que isto.

Hugh se submeteu a tormenta de fogo que ele mesmo havia acendido. Agarrou a cara de Alice entre as mãos e a beijou com uma ânsia que já não podia dissimular. Para seu deleite, ela respondeu com entusiasmo embora torpemente ao beijo abrasador. Ouviu uma exclamação afogada e quase riu quando os dentes de Alice chocaram com os seus.

–Calma, meu amor – disse dentro de sua boca–. Não precisa me engolir inteiro. Terá tudo o que deseja de mim antes que tenhamos terminado.

Alice gemeu e afundou os dedos no pelo dele.

Hugh acomodou a cabeça de Alice com uma mão e com a outra levantou sua saia. Deslizou a palma por toda a coxa nua até as curvas suaves mais acima.

Encontrou o vale que dividia os dois morros e seguiu seu curso até a cascata excitante que o aguardava.

– Hugh!

A acariciou com esmero, a preparando para a penetração. Queria que delirasse de desejo para que não sentisse dor quando a possuísse, se acaso a tivesse. Queria que tudo fosse perfeito.

Um estrondo estremeceu os céus. A chuva era uma cortina cinzenta frente a boca da caverna.

Quando Hugh torpemente tirava a túnica de baixo e afrouxava os calções, Alice levantou um instante a cabeça para contemplá-lo com olhos nublados de paixão.

Por um momento, Hugh acreditou que ela ia pedir que se detivesse, e seu coração quase parou. Com estranho desapego, pensou se fizesse não o mataria de imediato.

–Hugh.

Ouvir seu nome na voz dela fez pulsar seu sangue. A excitação o inundou. "A paixão mútua a tinha seduzido por completo", pensou.

Seria uma boa estratégia se levasse Alice crer que estava enamorada.

Gemendo, esmagou a boca dela com a sua própria e moveu a mão entre as coxas dela. Os murmúrios extasiados de Alice eram mais doces que tâmaras embebidas em mel; mais poderosos que o elixir de um alquimista. Quanto mais a saboreava, mais a desejava. Estava imerso num desejo insaciável.

Levantou as saias de Alice até a cintura e separou as pernas dela de modo que ficasse escanchada sobre ele. A fragrância desse corpo o enchia de uma ansiedade agonizante.

Livrou-se por completo dos calções e empurrou, até encontrar as pétalas úmidas e inchadas que ocultavam a entrada da cidadela secreta. A penetrou com um

cuidado que levou ao limite o domínio de si. Ele a sentiu infinitamente apertada ao redor de si. Foi como se tratasse de passar pela entrada estreita de uma passagem de uma caverna.

Tal como supunha, Alice era virgem.

"Tenho que ser cuidadoso – disse a si mesmo–. Não devo me apressar para assaltar este castelo".

O esforço por se controlar o fez apertar a mandíbula.

Atravessou lentamente, mas com firmeza as frágeis portas, até que os dois corpos ficaram cobertos de suor. As unhas de Alice se cravaram na túnica de baixo.

–Está bem guardada – disse, num murmúrio rouco–. Te causo dor?

–Sim, um pouco.

Hugh fechou os olhos reunindo forças, se reprimindo.

–Não quero que seja assim. Quer que me detenha?

–Não.

Exalou um breve suspiro de alívio. Para ser franco, não estava seguro de ter a suficiente vontade para interromper o que havia começado.

–Avançarei devagar – prometeu.

Alice afastou a abertura do colo da túnica de Hugh e lhe mordeu suavemente o ombro.

–Não quero que vá devagar. Quero terminar rápido com isto.

Hugh gemeu.

–Se supõe que tem que ser algo prazeroso, não algo que exija força.

– O interromperá quando eu pedir?

Hugh flexionou as mãos sobre os quadris da mulher.

–Talvez tenha razão. Será menos doloroso se o fazemos rápido.

–Então, o faça logo.

Sem aviso, Alice afundou os dentes no ombro dele.

"Por todos os diabos!" Sobressaltado pela dor breve, aguda, e totalmente inesperada, Hugo a apertou sem perceber e, contendo o ar, empurrou para cima.

Alice lançou um grito surdo, mas o homem não podia retroceder embora tivesse querido. Os últimos restos de domínio sobre si saltaram feito pedaços igual a frágil barreira que guardava a castidade de Alice.

Soltos os laços que controlou boa parte de sua vida, Hugh penetrou profundamente em Alice, e esta se apertou com ferocidade ao redor, estreita e excitante.

Fora, a tormenta chegou ao clímax. Ao longe, pestanejou um relâmpago. A chuva rugia sobre os escarpados de pedra. O mundo se reduziu a caverna onde um homem e uma mulher jaziam juntos. *"Não há nada mais que importe – pensou Hugh—. Nada"*.

Ouviu que Alice gemia baixinho. Meteu a mão entre os dois corpos, encontrou o diminuto botão tenso de carne feminina, e o tocou.

A garota se pôs tensa e gritou. Delicados tremores a estremeceram.

Hugh se elevou uma e outra vez, se fundindo na estreita passagem, até que sentiu que o mundo girava ao redor. Um trovão sacudiu os escarpados, um alívio percorreu o interior do homem. Era uma liberação muito diferente de todas as que tinha experimentado. Pela primeira vez em seus trinta anos, soube o que era se consumir de paixão. Entendeu por que os poetas queriam dar outro nome mais glorioso a essa intensa sensação.

Por um breve instante, acreditou compreender por que o chamavam de amor.

Muito depois, Alice se mexeu. Percebeu um definido ardor entre as pernas, mas sentiu um estranho contentamento. Uma parte dela contemplava o futuro com nova esperança.

Este dia, com Hugh, viajou a uma terra nova, fascinante. Estava segura de que a experiência que acabavam de compartilhar os ligaria. Abriu os olhos e o encontrou contemplando-a com o olhar fixo. Parte do prazer se esfumou, e compreendeu de imediato que os sinais de ternura e vulnerabilidade que acreditou ter descoberto nele tinham se evaporado. O sombrio cavalheiro voltava a se cobrir com o manto de sua própria lenda.

Os sonhos reluzentes do futuro se apagaram dolorosamente. *"Devo ter paciência – disse a si mesma. Hugh não é o tipo de homem capaz de mudar da noite para o dia"*.

Tentou pensar em algo brilhante e fascinante para dizer, o que poderia dizer uma mulher em sua situação, uma mulher que acabara de compartilhar um momento apaixonado com um cavaleiro legendário. Algo que tocasse o coração dele, algo mágico.

Limpou a voz.

–Creio que parou de chover, *milord*.

– Você está bem?

"Caramba! Que frases memoráveis", – Alice se censurou.

–Claro que sim. Por que não ia estar? Que pergunta mais tonta.

A boca dura se curvou um pouco numa comissura.

–Me pareceu que, nestas circunstâncias, era correto perguntar.

A garota pensou que não devia ser muito mais experiente que ela neste tipo de conversa, e isto a alegrou.

– Como meu comentário sobre a chuva?

A expressão do homem se suavizou.

–Sim. – A fez se sentar junto a ele, e franziu o cenho ao ver que fazia uma careta–. Alice!

–Não é nada, *milord*. Tratou, com lerdeza, de ajeitar o vestido, mas antes que pudesse acomodar as saia, Hugh lhe tocou a parte interna da coxa. Ruborizou-se, envergonhada, quando retirou os dedos manchados de uma substância vermelha.

Hugh olhou a mão.

–Alice, nós temos que falar.

–Da chuva ou de minha saúde?

–Do matrimônio.

Alice interrompeu a tarefa de acomodar o vestido.

–Isto é demasiado, senhor. Uma coisa é que o chamem o Implacável, e outra muito diferente se sentir obrigado a merecer o apelido em todo momento.

–Alice...

–Como ocorre a você perder um momento tão grato voltando a nossa velha discussão, antes que possa ajeitar as saias?

– Um momento tão grato? Isto foi para você?

Ruborizou-se.

–Não, *milord*, mas imaginei que para você não representava outra coisa. Não me dirá que é a primeira vez que faz amor com uma mulher. – Se interrompeu. A possibilidade de que fosse a primeira vez para os dois a inundou de uma felicidade radiante—. Ou sim?

Hugh entreceitou os olhos.

–É a primeira vez que faço amor com uma mulher a quem estou prometido.

–Ah. – *"Certamente não é virgem – pensou—. Tem trinta anos, e é homem. E não está obrigado a castidade pela honra"* –. Bem, não vejo por que tem que ser tão diferente.

Hugh a segurou pelo queixo com a borda do punho.

–Em momentos como este, a maioria das mulheres se alegrariam de falar de matrimônio.

–Eu preferiria falar do tempo.

–É uma pena, porque vamos falar de matrimônio.

"Até que aprendas a me amar, não", prometeu para seu íntimo.

–Senhor, recorde que temos feito um trato.

– O que acaba de passar aqui o modificou, Alice. Está em jogo a honra.

Alice conteve o ar ao ver que a decisão resplandecia nos ambarinos olhos. Não manifestava emoções ternas, não falava de amor, nem mesmo de paixão. Como sempre, Hugh escolhia o caminho mais direto para um objetivo. Não permitiria que nada se interpusesse, e nem mesmo o coração de uma mulher. Seu estômago se contraiu.

– Senhor, se pensou em fazer amor comigo como tramóia para me obrigar a casar, cometeu um grave erro.

O homem pareceu se alarmar, mas logo relampagueou a cólera em seus olhos.

– Você era virgem!

– Sim, mas isto não muda nada. Como nunca pensei em me casar, não tinha a obrigação de guardar minha virgindade para meu esposo. Sou tão livre como você, senhor, e hoje decidi exercer essa liberdade.

– Maldição, é a mulher mais obstinada que tenho conhecido – explodiu—. Talvez você seja livre, mas eu não. E nesta questão, estou obrigado por minha honra.

– Que tem isto a ver com a honra?

– É minha prometida. – Fez um gesto de indignação masculina com a mão –. E acabamos de consumir este matrimônio.

– Em minha opinião, não. A lei canônica não é demasiado clara neste aspecto.

– Pelos ossos do diabo, mulher! – vociferou—. Não me fale como se tivesse estudado os detalhes mínimos da lei em Paris e Bolonha. Do que falamos aqui é de minha honra. E neste sentido, tenho que aplicar meu próprio julgamento.

Alice pestanejou.

– De verdade, senhor, se comporta como se estivesse muito alterado. Estou segura que quando possa acalmar os nervos...

– Meus nervos estão bem, obrigado. O que tem que a preocupar, é minha cólera. Escuta-me bem, Alice. Temos cruzado o rio que separa o compromisso do matrimônio. Já não há margem que distinguir entre ambas as situações.

– Bem – replicou com recato –, e quanto a legalidade, acabo de dizer que a lei é um tanto vaga neste sentido.

– Não, senhora, não é vaga em absoluto. Mais ainda, se pensa levar este assunto ante as Cortes da Igreja, te asseguro que vamos paga-la.

– Meu senhor, é evidente que está muito excitado.

– O que é mais – acrescentou com ameaçadora suavidade –, o diabo terá sua parte muito antes que a Igreja comece a tratar seu caso. Expliquei-me com clareza?

Ante a franca ameaça, a decisão de Alice fraquejou. Tragou saliva e tentou reunir coragem.

– Senhor, eu o advirto, não aceitarei que me intimide ou me obrigue a casar.

– É tarde para retroceder, Alice. Temos que seguir adiante com esta mudança de situação.

– Não, o trato se mantém. Todavia não me decidi. Mas obrigado...

Algo se moveu na penumbra, do outro extremo da caverna. Alice olhou por cima do ombro de Hugh, e o protesto morreu em sua garganta. Por um instante, o puro terror a deixou muda.

– Hugh!

Num pestanejar, estava de pé. O aço raspou contra o couro quando tirou a espada da bainha e se voltou para enfrentar a ameaça que se materializou atrás dele. O cobriu uma capa invisível de tensão própria do homem pronto para a luta.

Alice se pôs de joelhos e espiou mais além de Hugh. Da escuridão de um túnel dissimulado emergiu uma silhueta encapuzada. Levava na mão uma tocha quase apagada.

– O saúdo, lorde Hugh – disse Calvert de Oxwick com essa voz rouca.

Hugh guardou de golpe a espada na bainha. – Monge, que diabos está fazendo aqui?

– Estava ocupado com minhas pregações. – os olhos do sujeito ardiam nas sombras –. Ouvi vocês e vim ver quem havia invadido as cavernas. Temia que fossem ladrões.

– Estava orando? – Pôs a túnica pela cabeça e segurou a correia da espada com movimentos práticos e velozes. – Numa caverna?

Calvert deu a impressão de se meter mais dentro do capuz.

– Encontrei um lugar no fundo destas cavernas, onde se pode orar sem as distrações do mundo exterior. Uma humilde câmara de pedra que se adapta bem a as modificações da carne.

– Parece um lugar muito agradável – replicou Hugh, com segura –. Por minha parte, prefiro um jardim, mas cada um é livre. Não tema, monge. Minha prometida e eu não interromperemos mais suas pregações.

Agarrou Alice pelo braço e a tirou da caverna com a mesma graça arrogante que podia ter usado para acompanhá-la ao sair da câmara de audiências real.

Calvert não disse nada enquanto os via sair. Ficou onde estava, na penumbra. De todo o corpo esquelético emanava a reprovação como um vapor quase palpável. Alice sentia seu olhar, ardendo de indignação, como se suas costas queimassem.

– Ele nos viu fazendo amor, *milord*? – perguntou, ansiosa.

– Não importa. Claramente, a atenção de Hugh estava concentrada em escolher um caminho seguro para descer a ladeira. Dava a impressão de não conceder a menor importância a Calvert.

– Mas, seria muito desagradável que espalhasse falatórios.

– Se esse monge tem uma pitada de sensatez, deixará a língua quieta. – Guiou Alice ao redor de um grupo de matas –. E mesmo se falasse o que passou entre nós, quem lhe faria caso? Estamos comprometidos. Apresentaria uma dificuldade só se você se negasse a cumprir a promessa definitiva de matrimônio.

– Não desperdiça nenhuma oportunidade de perseguir sua meta, não é assim?

– Faz muito compreendi que a decisão e a vontade são os únicos meios de chegar a meus objetivos. – A susteve com firmeza quando as botas brandas resvalaram sobre umas pedras –. A propósito, tenho que viajar a Londres por questões de negócios. Estarei fora uns dias, no máximo, uma semana.

– A Londres? – Se deteve de golpe –. Quando vai?

– Amanhã pela manhã.

– Ah. Alice sentiu uma inesperada picada de desilusão. Ante a ela se estendia, uma aborrecida, semana inteira sem Hugh. Não haveria ferozes brigas, nem momentos arrebatadores de paixão, nem excitação.

– Como minha prometida, estará encarregada dos assuntos aqui, em Scarcliffe, enquanto eu permaneça ausente.

– Eu?

O olhou atônita.

–Sim. –A expressão de Alice fez Hugh sorrir –. Deixo tudo em suas mãos. Estará segura. Ficarão aqui Dunstan e todos meus homens menos dois para cuidar do castelo e as terras. Julián, meu mensageiro, também ficará. Necessita-se fazer chegar até a mim uma mensagem, pode enviá-la a Londres.

–Sim, *milord*.

De repente, com o peso inesperado de novas responsabilidades, sentiu que sua cabeça dava voltas. Hugh lhe confiava o cuidado da sua preciosa Scarcliff.

–Como nos casaremos no meu regresso – agregou Hugh, como de passagem–, também poderia aproveitar o tempo e se preparar para celebrar a boda.

–Por todos os santos, senhor, quantas vezes devo dizer que não me casarei só porque este matrimônio te pareça eficaz e conveniente?

–Senhora, creia que a eficácia e a conveniência não são seus pontos mais sólidos. Ah, outra coisa.

– Que, *milord*?

Hugh se deteve. Retirou do dedo o anel de ônix negro.

–Levará isto. É o emblema de minha autoridade. Ao te dar, quero que compreenda que confio e me apoio em você como em uma verdadeira esposa...

–Mas, Hugh...

–Ou uma sócia comercial sólida – terminou, com uma careta–. Toma, Alice. – o pôs na mão e dobrou os dedos dela em cima. Por um instante, segurou o pequeno punho–. Quero que recorde algo que é igualmente importante.

O coração de Alice deu um salto.

– Quê?

– Jamais deve entrar só nestas cavernas. Entendeu-me?

Alice franziu a nariz.

–Sim, senhor. Deixe-me dizer que fez bem em escolher a carreira de cavalheiro. Não teria êxito como poeta nem como trovador, pois não tem talento para as palavras belas.

Hugh levantou os ombros. –Se necessitasse delas, recorreria a um poeta ou a um trovador talentoso.

–Sempre recorre ao mais esperto, eh, milord? Não é essa sua regra preferida?

–Alice, queria perguntar uma coisa. Ela o olhou.

– Que?

–Faz pouco você me disse que, como não pensava se casar nunca, não se sentia obrigada a conservar a virgindade para um esposo.

Alice contemplou a paisagem de Scarcliffe.

– E então?

O rosto duro de Hugh estava crispado.

–Se não achava motivo para evitar a intimidade física, por que a evitou até agora?

–Por uma razão óbvia, claro – respondeu mostrando os dentes.

A expressão de Hugh era desconcertada.

– Qual é a razão óbvia?

–Até agora não encontrei a um homem que me atraísse.

Afastou-se colina abaixo, deixando que Hugh a seguisse.

Alice dava voltas ao cristal verde entre as mãos. Pela centésima vez, observou como a luz que entrava pela janela do estúdio se movia pela superfície lavrada. Como sempre, teve a sensação de que havia algo nessa pedra que não compreendia.

Era como si abrigasse um segredo que esperava ser descoberto por ela.

A mesma sensação tinha com respeito a Hugh.

"Teria que me alegrar de me livrar de sua presença por uns dias disse a si mesma. – Poderei pensar em paz e com tranqüilidade, e talvez possa chegar a uma sábia decisão."

Um golpe brusco na porta do estúdio a tirou dos pensamentos.

– Entre.

– Alice? – A cabeça de Benedict apareceu na porta. Tinha o semblante radiante de excitação—. Não imagina o que aconteceu.

– Que?

–Vou viajar para Londres com Sir Hugh. –O bastão golpeou o solo com impaciência a medida que Benedict entrava no estúdio. Levava o ábaco de Hugh metido num saco, no cinturão—. Londres, Alice!

–O invejo. –Alice compreendeu que fazia meses que não via resplandecer desse modo o rosto de seu irmão. E também que essa mudança súbita se devia a Hugh—. É muito afortunado. Será uma experiência maravilhosa.

–Sim. –Balançou o bastão e esfregou as mãos, satisfeito –. Devo ajudar lorde Hugh nos negócios.

Alice estava atônita.

– De que maneira? Não sabe nada de negócios.

–Disse que me ensinará tudo referido ao comércio de especiarias. Serei seu assistente. –Mostrou o ábaco—. Já começou a me ensinar a usar este instrumento assombroso. Pode-se somar diminuir e até multiplicar e dividir com ele.

– Quando lorde Hugh disse que p levaria com ele a Londres? Ela perguntou, marcando as palavras.

–Faz pouco, quando estávamos ceando no salão.

–Entendo. –Recordou algo—. Benedict, quero te perguntar algo, e tem que me responder com franqueza.

–Sim.

–No salão principal, se comentou algo sobre por que eu não ceio ali?

Benedict ia falar, mas mudou de idéia. –Não.

– Está seguro? Ninguém disse que era uma falta de respeito para com lorde Hugh que eu não comesse com os demais?

Benedict se mexeu, incômodo.

–Sir Dunstan me disse ontem que um homem fez um comentário a respeito. Lorde Hugh o ouviu e o expulsou do salão. Sir Dunstan disse que ninguém mais se atreverá a falar mais disto.

Alice apertou os lábios.

–Mas, sem dúvida, pensarão isto. Hugh tinha razão.

– Em quê?

–Não importa. – se levantou. Onde está?

– Quem, lorde Hugh? Creio que está em seu quarto. Disse algo sobre despedir Elbert, o novo mordomo.

– Disse isto? –Alice esqueceu a intenção de se desculpar na presença de Hugh por qualquer humilhação que pudesse tê-lo afligido–. Não pode fazê-lo. Não o permitirei. Elbert chegará a ser um mordomo perfeito.

Benedict fez uma careta.

–Hoje, ao servir lorde Hugh, conseguiu virar toda uma jarra de cerveja no seu regaço.

–Sem dúvida foi um acidente. –Deu a volta na escrivaninha e foi para a porta–. Tenho que solucionar isto.

–Eh, Alice, talvez fizesse bem em deixá-lo tranquilo. No final das contas, o amo aqui é lorde Hugh.

Alice não fez caso da advertência de seu irmão. Recolheu as saias e correu pelo corredor até a escadaria. Quando chegou ao andar inferior, girou rapidamente e foi diretamente pelo corredor ao quarto onde Hugh atendia os assuntos comerciais.

Alice se deteve na entrada e olhou no interior do quarto. Elbert estava ante a escrivaninha de Hugh, tremendo. Tinha a cabeça baixa; um gesto que refletia o repúdio sofrido.

– Peço perdão, *milord* – murmurou Elbert–. Tenho me esforçado muito por cumprir minhas tarefas como lady Alice me ensinou. Mas não sei que me passa cada vez que estou na presença do senhor.

–Elbert, eu não quero tirar seu posto – disse Hugh com firmeza–. Sei que lady Alice mesmo o escolheu. Mas já não suporto mais sua lerdia.

–*Milord*, se me desse outra oportunidade... –começou a dizer.. .

–Creio que seria uma perda de tempo.

–Mas, senhor, tenho muitos desejos de ser mordomo. Estou só no mundo, e necessito ter uma carreira.

–Entendo. Mas de todos os modos...

–Este castelo é meu único lugar. Minha mãe veio viver aqui, em Scarcliffe, quando meu pai morreu. Queria entrar no convento, sabe? Encontrei lugar nesta casa com o último amo, Sir Charles. Mas o mataram, e veio senhor, e...

Hugh interrompeu a explicação.

– Sua mãe está no convento da região?

–Estava. Morreu no inverno passado. Não tenho aonde ir.

–Não será obrigado a ir de Scarcliffe – o tranqüilizou –. Encontrarei para você outro posto. Talvez, nos estábulos.

–Os est – estábulos? –Elbert se mostrou abatido–. Mas, temo aos cavalos, *milord*.

–Será melhor que domine logo essa ansiedade – repôs, sem a menor simpatia– . Pois os cavalos percebem o medo.

–S–sim, *milord*. – os ombros de Elbert estavam caídos–. Tentarei.

–Não, não fará tal coisa, mordomo. – Segurando as saias, Alice entrou com passadas largas na sala–. Você cobre todos os requisitos para o posto atual, e isto é o que fará. Só necessita um pouco de prática e experiência.

Elbert girou para ela, com expressão de súplica nos olhos.

–Lady Alice.

Hugh a olhou.

–Eu me ocuparei disto, senhora.

A garota foi até a escrivaninha e se inclinou tanto que o vestido se dobrou sobre o solo de pedra.

Fez uma graciosa reverência de súplica.

–*Milord*, suplico que dê tempo a Elbert para se adaptar a suas tarefas antes de despedi.

Hugh levantou uma pluma e golpeou distraído com ela sobre a escrivaninha.

–Senhora, não sei por que, mas cada vez que a vejo empregar seus melhores modos, me ponho em guarda. Da última vez que o fez, terminei chegando a um acordo que não tem me trazido mais que problemas.

Alice sentiu que suas faces ardiam, mas não amoleceu.

–Elbert só necessita tempo, *milord*.

–Já teve vários dias para se adaptar ao trabalho, e não tem havido muitas melhoras. Assim como vão as coisas, terei que encarregar várias túnicas até que termine o inverno.

–Se faz falta, eu me encarregarei das novas túnicas, senhor – repôs Alice–. O que torna torpe a Elbert é o desejo de satisfazê-lo. –Se endireitou –. Estou segura de que necessita um pouco de instrução e mais prática.

–Alice – disse Hugh, enfasiado–. Não tenho tempo para isto. Há muito que fazer aqui. Não posso me permitir um mordomo mal preparado.

–Senhor, peço que o permita se familiarizar com suas responsabilidades enquanto esteja em Londres. Eu mesma o ensinarei a realizar as tarefas. Quando voltar, poderá avaliá-lo outra vez. Se ainda o encontrar deficiente, poderá despedi-lo.

Hugh se reclinou com lentidão na cadeira e a contemplou por sob as pestanas.

– Outro trato, senhora?

Ruborizou-se:

–Sim, se estiver de acordo.

– Desta vez, o que tem para oferecer?

Ao ver o brilho nos olhos do homem, Alice conteve o ar. A indignação arrasou os bons modos.

–Ofereço formar um bom criado, senhor. Penso que isto é suficiente.

–Ah. –Esboçou um débil sorriso—. Essa atitude se parece mais com a dama que conheço. Está bem. Tem os próximos dias para converter Elbert num mestre em seu ofício. Quando voltar, espero que esta casa esteja dirigida por um perito. Entendido?

–Sim, *milord*.

Sorriu confiante.

– Elbert? – perguntou Hugh.

–S–sim, *milord*. – Fez várias reverências—. Praticarei com empenho, senhor.

–Esperemos que sim.

Elbert se ajoelhou ante Alice, agarrou a dobra da saia e a beijou com fervor.

–Obrigado, *milady*. Não posso dizer o agradecido que estou à senhora por sua confiança em mim. Me esforçarei ao máximo e terei êxito em meu propósito de me converter num grande mordomo.

– Será isto – Alice o assegurou.

–Basta! – disse Hugh—. Saia, mordomo. Quero estar a sós com minha prometida.

–Sim, *milord*.

Elbert se levantou de um salto e foi até a porta fazendo reverências.

Quando tropeçou com a parede, Alice fez uma careta. Viu que Hugh alçava os olhos ao céu, mas não dizia nada.

Elbert se ergueu de golpe e fugiu.

Alice se voltou para Hugh.

–Obrigado, *milord*.

–Trata de impedir que atire abaixo todo o castelo enquanto estou ausente.

–Estou segura que o castelo de Scarcliffe estará em pé quando voltar. –Alice vacilou—. Interei-me de que pensa levar meu irmão.

–Sim. Creio que Benedict tem talento para os números. Fará-me bem um assistente com essa destreza.

–Tinha pensado que estudasse leis – disse Alice lentamente.

– Se opões ao interesse de seu irmão por contabilidade e comércio?

–Não. Para ser sincera, fazia muito tempo que não o via tão feliz como esta tarde. –Sorriu–. É mérito seu, *milord*.

–Não tem muita importância. Repito: convém-me estimular suas destrezas. Me serão úteis. –Passou a pluma entre os dedos, a alisando –. Alice, sentirá minha falta enquanto estiver em Londres?

Adivinhando um ardil, Alice retrocedeu rapidamente e lhe dirigiu um radiante sorriso.

– Isto me recorda que devo avisar a priora Joan. Quero que na missa de amanhã pela manhã se digam pregações especiais.

– Pregações especiais?

– Sim, *milord*. Por uma boa viagem.

Deu a volta e saiu da sala.

–Me parece que não presta atenção ao jogo, senhor. Vou comer o bispo.

Hugh olhou o tabuleiro de vidro negro entalhado com expressão pensativa.

–Isto parece. Foi um movimento astuto, senhora. –Foi um jogo de meninos.

Alice o observou com crescente preocupação,

Pareceu que ele atuava de maneira estranha. A tinha convidado para jogar com ele uma partida de xadrez em frente a lareira e Alice aceitou entusiasmada. Mas, desde a primeira jogada, era evidente que tinha a cabeça em outra parte.

–Veamos se posso me recuperar.

Apoiou o queixo na mão e observou o tabuleiro. – os preparativos para a viagem estão em ordem. Amanhã poderá partir em seguida depois da missa. O que o preocupa, senhor?

Hugh lhe lançou um olhar fugaz e levantou um pouco os ombros.

–Estou pensando em meu senhor feudal.

– Sir Erasmus?

–Tenho intenção de visitá-lo quando esteja em Londres. Julián me contou que foi lá para consultar mais médicos.

– Sinto muito – murmurou Alice.

Hugh apertou a mão em um punho.

–Não se pode fazer mais nada, por Deus, faz uns meses parecia tão forte e sadio...

Alice fez um gesto de simpatia.

–Sei quanto sentirá sua falta.

Hugh se reclinou e levantou a copo de vinho especial. Fixou a vista nas chamas.

–Tudo o que tenho hoje devo a ele. Meu título de cavaleiro, minha instrução, minhas terras. Como se devolve semelhante favor?

Nesse momento, Alice interrompeu o movimento de uma peça de xadrez, de pesada calcedônia negra, e olhou carrancuda, para Hugh.

–Com lealdade. E todo o mundo sabe que guarda Sir Erasmus, senhor.

–É pouco.

Bebeu um gole. A luz das chamas, a cara parecia sombria.

Alice disse em tom hesitante:

– Quais são os sintomas, senhor?

– O que?

– Os sintomas da grave enfermidade. Quais são, exatamente?

Hugh franziu o cenho.

–Não estou muito seguro. Alguns são imprecisos. Se sobressalta com facilidade, como se fosse uma lebre medrosa em lugar de um guerreiro experiente. É o que mais me chamou a atenção da última vez que o vi. Agora, está sempre ansioso. Não pode dormir. Tem emagrecido. Me contou que, às vezes, seu coração bate como se estivesse correndo.

Alice se pôs pensativa.

–Um homem da fama de Sir Erasmus deve de ter participado de muitas batalhas.

–Assim é, começando pelas Cruzadas, nas que participou quando tinha apenas dezoito anos. Uma vez me contou que sua viagem a Terra Santa foi a pior de toda sua vida, embora o brindou com glória e riqueza. Disse que viu coisas terríveis ali, coisas que nenhum homem decente deveria ver.

Alice recordou até muito tarde as palavras de Hugh. Como não podia dormir, se levantou da cama e pôs a bata.

Acendeu uma vela e saiu do quarto sem fazer ruído. Caminhou suavemente pelo corredor frio até seu próprio estúdio e entrou. Apoiou a vela na escrivaninha, próxima do cristal verde, e se estirando, pegou o livro de notas de sua mãe, que estava na estante.

O leu durante uma hora, até que encontrou o que buscava.

Capítulo treze

– É a debilidade natural da mulher a que a leva a tentação – vociferou Calvert do púlpito da pequena igreja da aldeia na manhã seguinte – Em sua estúpida arrogância, procura se elevar por cima do homem em toda ocasião, e assim põe sua alma em interdição.

A multidão que enchia a igreja se removeu, incômoda e Alice, em meio desse movimento ondulante, se sentiu furiosa. Não tinha estado tão zangada desde o dia em que sir Ralf instalou seu filho mais velho no imóvel de sua família.

Esse estúpido sermão de Calvert não era o que ela tinha pedido para o serviço matinal. No dia anterior, mandou uma mensagem à priora dizendo que queria preces especiais dedicadas à viagem de Hugh a Londres.

Difundiu-se rapidamente a notícia de que o novo lorde e sua prometida assistiriam à missa matinal na igreja da aldeia no lugar da capela privada do castelo. Quase toda a população da diminuta aldeia de Scarcliffe e as monjas do convento pretendiam desfrutar do acontecimento. Não eram todos os dias que os convidavam a rezar em companhia do senhor do feudo.

Alice, sentada junto a Hugh na primeira fila, estava satisfeita com a mudança até que aconteceu o desastre, na forma de Calvert de Oxwick.

Joan acabava de terminar as primeiras orações e começava uma formosa homilia sobre os perigos do caminho quando o monge irrompeu na igreja.

Calvert estampou o bastão no chão de pedra enquanto caminhava até a frente da multidão. A vestimenta castanha ondulou ao redor dos pés calçados com sandálias. Quando chegou ao púlpito, ordenou a Joan que se sentasse junto com as monjas. A priora vacilou, mas depois obedeceu com os lábios apertados. A Igreja insistia em que, se havia um homem, fosse ele quem se instalasse atrás do púlpito.

Calvert se acomodou depois do suporte de madeira para livros e se lançou a um discurso contra os demônios das mulheres. Era um tema bastante batido, que resultava familiar a todos os presentes. Os sacerdotes visitantes e os monges originais

eram muito adeptos aos sermões que reprovavam às mulheres e advertiam aos homens da tentação que representavam.

– Vocês, frágeis pecadores, filhas da Eva, saibam que sua única esperança de salvação consiste em se submeter a seus maridos. Devem aceitar o poder deles sobre vocês, pois isto é o que ordena o Divino Criador.

Alice se encolerizou, e olhou de relance para Hugh. Parecia aborrecido. A moça cruzou os braços e começou a bater o pé no chão.

– Os fogos do inferno queimam mais para as mulheres fracas que se atrevem a se elevar por cima dos homens.

As mulheres suportavam o discurso do monge com mal disfarçado desgosto. Já o tinham ouvido antes, muitas vezes.

Joan se moveu um pouco no assento e se inclinou para sussurrar a Alice:

– Peço desculpas, senhora. Sei que não é este o tipo de prece que queria esta manhã.

– Se atrevem a falar em voz alta na igreja – trovejou Calvert – sem se preocupar de que os homens virtuosos não querem ouvir o barulho de suas línguas. Regem as casas religiosas assumindo a autoridade, como se tivessem os direitos e privilégios dos homens.

Alice o olhou com os olhos semicerrados. O sujeito continuou, como se não visse a fúria que provocava ou como se não lhe importasse. Seu olhar penetrante se cravou nela.

– Algumas, se entregam a práticas luxuriosas com os cavalheiros mais nobres e fortes. Pobre do homem que escuta os sussurros de semelhante mulher. Descobrirá que se enfraquece. Descobrirá que está a mercê dessa fêmea, e que isso é trabalho do demônio.

Alice paralisou ao compreender que o monge fazia alusões pessoais.

– Empregará as artimanhas sujas de seu corpo pecaminoso para atrair a vítima para lugares escondidos. Ali, cairá sobre ele como um súcubo¹¹ na noite.

¹¹ Demônio feminino que, segundo velha crença popular, vem pela noite copular com um homem, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelos.

– Por todos os Santos – murmurou Alice.

Já havia resposta para uma pergunta: Calvert a tinha visto em cima de Hugh na caverna. A vergonha se perdeu em uma corrente de ira.

– Tomem cuidado. – Calvert olhou para Hugh – Todos os homens estão em perigo. Aquele que conserve seu autêntico lugar na ordem natural do mundo, terá que estar sempre alerta. Deverá usar armadura contra as mulheres, do mesmo modo que se veste de aço para ir à guerra.

– Basta! – Alice se levantou de um salto – Não quero ouvir mais este estúpido discurso, monge. Pedi preces para a viagem de meu futuro marido e não este absurdo.

Entre os presentes correu um murmúrio escandalizado. Todas as cabeças se voltaram para Alice. Pela extremidade do olho, viu que Hugh sorria.

– A mulher que o homem não manda é uma afronta a todos os homens honestos em qualquer lugar. – Calvert olhou para Hugh, como esperando ajuda de sua parte – É dever do marido controlar a língua da esposa.

Hugh não se moveu. Observava Alice com enorme interesse e com um vislumbre de fria diversão.

– Saia do púlpito, Calvert de Oxwick – ordenou Alice – Não gostamos de escutar seus sermões. Difama e critica a todas as boas mulheres desta aldeia e do convento com o veneno de suas palavras.

Calvert a apontou com um dedo acusador:

– Me escute – exclamou, com voz trêmula de ira – O veneno que menciona é um antídoto contra a maldade de sua natureza feminina. Faria bem tragando como remédio eficaz, e salvar assim sua alma imortal.

– Confiarei minha alma a aqueles que compreendam o verdadeiro sentido da compaixão divina, monge, não a você. Quero que se vá hoje mesmo desta igreja e desta aldeia. Não tolerarei estes insultos.

O rosto de Calvert se contraiu de fúria.

– O cabelo vermelho e os olhos verdes testemunham sua natureza indômita, senhora. Só posso rogar que seu futuro amo e senhor esmague esse caprichoso temperamento antes que provoque graves danos a sua casa e a sua alma.

– Lorde Hugh pode se cuidar – replicou – Vá, monge.

– Eu não aceito ordens de uma simples mulher.

Hugh se moveu. Foi um movimento muito leve, apenas uma mudança de posição dos ombros poderosos, acompanhado de um aumento da frieza nos olhos, mas foi suficiente para atrair a atenção de todos os presente.

– Aceitará as ordens desta mulher – disse com muita calma – É minha prometida. O anel que leva no dedo é sinal de autoridade. Uma ordem dela é igual a uma minha.

Um “aaah” de satisfação se estendeu pela pequena igreja. O povo de Scarcliffe captou imediatamente o que o senhor queria dizer: o poder de Alice ficou firmemente estabelecido.

– Mas... Mas... *Milord* – resmungou Calvert – não pensa em entregar este púlpito a uma mulher.

– Já ouviu minha prometida – disse Hugh – Saia daqui, monge. Minha senhora prefere ouvir outras preces que não sejam as suas.

Por um momento, Alice temeu que o monge sofresse um ataque. Movia a boca, tinha os olhos esbugalhados e contorcia todo o corpo como se contraísse cada músculo.

Do público se elevou uma onda de expectativa.

E então, sem dizer uma palavra, Calvert agarrou o bastão e saiu precipitadamente da igreja.

Fez-se silêncio. As pessoas reunidas olhavam, maravilhadas, Alice, que estava de pé. Hugh a observava como se tivesse curiosidade por ver o que faria a seguir.

Alice estava aturdida, não pelo que tinha feito, mas sim porque Hugh a tinha apoiado com todo o peso de sua autoridade.

Compreendeu que essa atitude não constituía uma pequena indulgência, mas sim ia muito mais à frente. Deixou claro a todos que, nesse território, Alice tinha poder. Era a segunda vez que demonstrava respeito para as decisões da jovem. A primeira ocasião foi na tarde do dia anterior, quando permitiu que Elbert seguisse sendo o mordomo. E agora, tinha desafiado a um representante da Igreja para apoiar a decisão de Alice quanto a quem pronunciaria as preces.

"*Demonstrou um grande respeito por mim*", pensou, eufórica. Por certo, merecer tal grau de respeito da parte de Hugh, o Implacável, era um prêmio duramente conquistado. Só o dava àqueles nos que, de verdade, confiava.

– Obrigado, *milord* – conseguiu murmurar.

Hugh fez uma leve inclinação de cabeça. A luz da manhã que entrava em correntes pelas janelas deu calidez aos olhos ambarinos.

– Possivelmente deveríamos prosseguir com as preces, senhora. Eu gostaria de partir antes do entardecer.

Alice se cobriu de um intenso rubor.

– Claro, *milord*. – Olhou para Joan – Por favor, continue, priora. A meu senhor e à companhia os espera uma longa jornada.

– Sim, *milady*. – Joan se levantou com uma graça que revelava sua origem nobre – Terei supremo prazer em rezar para que sir Hugh tenha uma viagem segura. E que retorne logo. Estou segura de que todos os presentes sentem o mesmo.

Várias monjas dirigiram amplos sorrisos a Alice enquanto se deixavam cair no banco. A única que permaneceu séria foi Katherine. Alice pensou por um instante se estaria sofrendo um de seus ataques de melancolia.

Com ar aprazível, Joan voltou para frente da igreja. Concluiu o breve e alegre sermão aconselhando precaução nos caminhos e terminou com preces para que os viajantes chegassem sem contratempos.

Estas últimas foram pronunciadas em bom latim. Era muito duvidoso que alguém, além de Alice, Hugh, Benedict e as monjas entendessem o verdadeiro significado, mas mesmo assim, os aldeãos as desfrutaram.

Alice fechou os olhos e ofereceu sua própria prece.

Senhor Bem Amado, cuida destas duas pessoas que amo tanto, e olha bem aos que viajam com eles.

Uns minutos depois, deslizou a mão pelo banco de madeira, até tocar a mão de Hugh. Ele não olhou, mas seus dedos se apertaram com força em volta dos dela.

Instantes depois, os fiéis saíram pela porta da igreja para ver a partida. Alice ficou na escadaria e viu quando Hugh, Benedict e os dois soldados que os acompanhavam montavam.

Distraída pela comoção que Calvert provocou, Alice quase esqueceu o presente de despedida de Hugh. No último momento se lembrou do molho de ervas e das indicações que tinha escrito.

– Um momento, *milord*. – Colocou a mão no saquinho que se pendurava do cinturão e correu para o cavalo de Hugh – Quase esquecia. Tenho algo para que dê a seu suserano.

A olhou de lado.

– O que é?

– Quando me descreveu os sintomas de sir Erasmus na outra noite, os achei familiares – Deu as ervas a ele e a carta com instruções – Minha mãe anotou esses sintomas em seu livro.

– Sêrio? – Recebeu o pacote e o meteu na pequena bolsa que ele levava no cinturão.

– Sim. Uma vez atendeu um homem com sintomas parecidos. Tinha sofrido grandes penúrias em batalha. Não posso assegurar que sir Erasmus padeça da mesma enfermidade que esse homem, mas talvez estas ervas o aliviem.

– Obrigado, Alice.

– Diga a ele que tem que ordenar à curadora que siga as indicações da carta com precisão. Ah, e não tem que permitir que os médicos o sangrem. Compreende?

– Sim, senhora.

Alice retrocedeu, e compôs um sorriso trêmulo.

– Desejo boa viagem, *milord*.

– Retornarei dentro de uma semana – prometeu – Com um sacerdote para celebrar nossas bodas.

– *Milord*, asseguro que não sei quem estava mais perplexo, se Alice ou o monge. – Montado em um robusto potro, Benedict sorriu – Não é fácil surpreender a Alice, sabe?

Hugh sorriu apenas. Pela insistência de Alice nas complicadas preces, partiram tarde, mas não lamentava. Valeu a pena saber que se importava o suficiente para convocar a toda a aldeia para pedir o amparo divino para os viajantes. Sabia que, sem dúvida, a principal preocupação era para Benedict, mas resolveu não permitir que isso o incomodasse.

Foi o tipo de despedida que faz desejar a volta o mais breve possível. Hugh desfrutou ao saber que tinha seu próprio salão. E quase tinha uma esposa para completar o quadro. *"Logo – disse-se – Muito em breve"*.

Os dois soldados que acompanhavam Hugh e Benedict cavalgavam à uma curta distância atrás deles com os arcos preparados se por acaso se topavam com delinquentes. Era uma possibilidade remota. Até os ladrões mais audazes vacilariam em atacar a quatro homens armados e com bons cavalos, um dos quais era, sem dúvida, um cavalheiro instruído. Se não os desalentava ver as armas, o fariam as diferentes túnicas negras de Hugh.

Os foragidos não só eram covardes como tinham a precaução de escolher a presa mais fácil. Muito em breve Hugh deixou estabelecido que perseguiria a qualquer que se atrevesse a roubar aos que cavalgavam sob o amparo de sua bandeira ou da de Erasmus de Thornewood. Bastaram dois ataques para demonstrar que podia acreditar nos juramentos do cavalheiro.

– Me perguntava quanto tempo poderia sua irmã tolerar os desvarios de Calvert sem fazer nada – Hugh disse a Benedict – Na realidade, me surpreendeu que não falasse antes.

Benedict o olhou admirado.

– Em outra época, não teria suportado essa prédica nem um momento.

Acredito que Calvert durou tanto esta manhã porque Alice estava insegura, senhor.

– Insegura?

– De suas prerrogativas. – Dava a impressão de que o moço escolhia as palavras com supremo cuidado – Do grau de poder que tinha por ser sua prometida.

– Sua irmã está acostumada a exercer a autoridade.

– Isso é verdade. – Fez uma careta que só podia fazer um irmão mais novo. – Para ser justo, não teve muitas alternativas. Você sabe que teve que se ocupar dos assuntos de meu pai durante anos.

– Sei que seu pai não passava muito tempo em suas propriedades. E sua mãe?

– Nossa mãe se conformava prosseguindo seus estudos. Com os anos, os trabalhos com as ervas se converteram no único que lhe importava. Trancava-se em suas acomodações e deixava tudo nas mãos de Alice – e Alice demonstrou ser excelente para desempenhar as tarefas.

– Sim, embora acredite que, em ocasiões, se sentia sozinha.

Benedict ficou carrancudo

– Acredito que era muito jovem quando sentiu o peso da responsabilidade pela primeira vez.

– E depois ficou com a responsabilidade de reter o feudo de seu pai. – Foi a primeira vez que fracassou em cumprir o que considerava seu dever. – A mão do moço se esticou nas rédeas – Não foi culpa dela. Faltava-lhe poder para fazer frente a nosso tio. Mas mesmo assim, se sentiu culpada.

– Ela é assim.

Corrigiu-se interiormente: *"Nós somos assim. Se eu tivesse um fracasso similar, também me sentiria arrasado, como acontece com o fracasso em vingar a morte de minha mãe"*.

– Não está em seu temperamento se render ao destino.

– Não, sua irmã é muito valente – disse Hugh, satisfeito.

– Sim, mas às vezes me preocupo muito por ela. – Lançou a Hugh um olhar inquieto – Em ocasiões, a encontro de pé ante a janela de seu quarto, olhando para o nada. Se lhe perguntar o que está havendo, só diz que nada, ou que teve um pesadelo durante a noite.

– Não deveria se envergonhar pela perda do imóvel de seu pai. Sir Ralf me disse que travou uma batalha muito valente para retê-la.

– Sim. – Recordando, Benedict sorriu – Escreveu muitas cartas de reclamação. Quando teve que aceitar o fracasso, disse que era um desastre. Mas imediatamente trabalhou para pôr em prática o plano de me mandar estudar leis e entrar ela mesma em um convento. Como vê, Alice sempre tem algum plano.

– Ela é assim.

– Me parece que a compreende bem, senhor.

– Quem manda em outros deve entender o caráter daqueles a quem pretende mandar.

Benedict lhe lançou um olhar de aprovação.

– Acredito que Alice estaria de acordo com essa afirmação. Parece-me que não esperava que você respaldasse sua autoridade como fez hoje, senhor.

– Sua irmã é o tipo de pessoa que não está satisfeita se não tiver responsabilidades e a autoridade que as acompanha. Necessita disso tanto como o ar que respira.

Benedict assentiu.

– Temos muito mais em comum do que ela supõe. Possivelmente quando retornarmos tenha começado a entendê-lo.

Aos olhos de Benedict apareceu a compreensão.

– Esta viagem à Londres é uma de suas ardilosas mutretas, não é assim, senhor?

Hugh sorriu, mas não disse nada.

– Agora fica claro. – No tom do moço havia um matiz de admiração – Quer demonstrar a Alice que confia nela, não só para fiscalizar o castelo de Scarcliffe mas também o imóvel. Quer demonstrar a ela que respeita seu talento.

– Sim. – Foi toda a resposta.

– Tem a esperança de atrain-la ao matrimônio dando uma amostra da autoridade e a responsabilidade que assumirá ao ser sua esposa.

Hugh riu.

– Benedict, tenho a impressão de que será um assistente muito inteligente. Tem razão. Quero que Alice chegue à conclusão de que encontrará tanta satisfação e prazer em seus deveres de esposa como no convento.

"E muito mais em minha cama".

– Um plano muito ardiloso, senhor. – Os olhos de Benedict se acenderam de admiração – Mas conviria que rezasse para que Alice não adivinhe por si mesma os seus motivos. Ficaria furiosa se soubesse que você a apanhou com outro estratagema.

Hugh não se alterou.

– Confio que estará muito ocupada se encarregando dos assuntos do imóvel para pensar muito no porque, de repente, decidi viajar a Londres.

– Claro – admitiu Benedict, pensativo – Desfrutará da oportunidade para mandar outra vez. Possivelmente, até a faça esquecer que fracassou em manter minha herança.

– Os desafios fazem florescer a sua irmã, Benedict. Penso que a tarefa de me ajudar para que Scarcliffe volte a ser um imóvel próspero a convencerá de se casar com mais eficácia que um cofre transbordante de jóias.

Três manhãs depois, de pé junto a Joan, Alice observava como um homem subia a outro telhado para começar a repará-lo.

– Faltam só três cabanas, e estarão todas terminadas – comentou, satisfeita. – Se tivermos sorte, estarão prontas quando lorde Hugh retornar de Londres. Ficará contente.

Joan riu.

– Por não mencionar às pessoas que vivem nelas. Logo chegará o inverno. Se lorde Hugh não tivesse feito previsões para os acertos, temo que muitas destas boas pessoas teriam que enfrentar as nevadas com os tetos furados.

– Meu senhor não permitiria que acontecesse algo assim. Cuida do que é dele.

Alice se pôs a andar pela rua para inspecionar o progresso na nova sarjeta para águas residuais. À medida que foram enterrando o conteúdo da antiga sob uma grossa capa de terra, a pestilência diminuía dia a dia. Joan a olhou.

– Você tem muita fé com respeito às intenções de lorde Hugh para estas terras, não é certo?

– Sim. É muito importante para ele. É um homem incapaz de abandonar seus propósitos ou suas responsabilidades.

Contemplou a diminuta aldeia. Já tinha uma aparência menos triste. A esperança lhe conferia um resplendor saudável.

Para Alice, os últimos três dias passaram em um torvelinho de atividade. Assim que Hugh e sua companhia se desvaneceram em uma nuvem de pó, se lançou à tarefa de fiscalizar os assuntos de Scarcliffe. Foi revigorante assumir uma vez mais uma grande responsabilidade. Tinha talento para isso.

Pensou que não sentia tal grau de entusiasmo e regozijo por nada desde que Ralf a tinha arrancado de seu próprio lar.

"Hugh me deu este presente – pensou – Terá idéia de quanto o valorizo?"

Duas noites depois, um forte golpe na porta do dormitório despertou Alice.

– Lady Alice – uma voz em surdina a chamou – Lady Alice.

Incorporou-se lentamente. Tratou de recuperar a lucidez que um estranho sonho com corredores escuros e uma ameaça invisível tinham apagado.

– Lady Alice.

– Um momento – respondeu.

Separou as pesadas cortinas que rodeavam a cama e se estirou para pegar o robe. Desceu da alta cama e foi abrir a porta descalça, passando pelo tapete.

Entreabriu, e viu uma jovem donzela que esperava no corredor com uma vela na mão.

– O que acontece, Lara?

– Rogo que me perdoe por despertá-la a estas horas, milady, mas há duas monjas do convento da aldeia no vestíbulo. Dizem que as enviou a superiora Joan.

Alice se alarmou. Devia ter acontecido algo terrível.

– Me vestirei e descerei em seguida.

– Sim, senhora. – Lara franziu o sobrecenho – Será melhor que traga uma capa. Acredito que querem que vá com elas à aldeia.

Abriu mais a porta.

– Acende uma vela para mim com a sua.

– Sim, senhora.

Lara entrou rapidamente no dormitório.

Alice se vestiu a toda velocidade. Quando esteve preparada, agarrou a pesada capa de lã e correu escada abaixo.

As duas monjas esperavam perto do lar apagado. Dunstan e seus homens, os que tinham arrancado dos leitos ao chegar, esperavam tranquilos nas sombras.

As mulheres dirigiram o olhar a Alice com expressões aflitas.

– A superiora nos enviou para pedir que venha à casa do moleiro, milady – disse uma das mulheres. – O menino mais novo está muito doente. A curadora esgotou os remédios e não sabe mais que tentar. A priora espera que você possa aconselhar algo.

Alice recordou ao pequeno sorridente de cabelos escuros que tinha visto brincando fora do moinho.

– É obvio que irei, mas não sei o que poderei fazer. Se a irmã Katherine não tiver a solução, duvido que eu a tenha.

– A superiora Joan acredita que talvez você tenha aprendido a preparar algum remédio especial pelas notas de sua mãe.

Alice ficou imóvel.

– Minha mãe era uma mulher muito sábia, mas algumas de suas receitas são perigosas. Capazes de matar.

– A superiora e a curandeira acreditam que o jovem John está morrendo, milady – disse em voz fraca a outra mulher – Dizem que não se tem nada a perder.

– Entendo – recolheu as saias voltou a subir a escada da torre – Irei procurar o receituário de minha mãe para levá-lo comigo.

Quando voltou, minutos depois, Dunstan emergiu da escuridão.

– A acompanharei à cabana do moleiro – disse em tom brusco.

– Não há necessidade.

– Há muita necessidade – murmurou Dunstan. – Sir Hugh me enforcaria se permitisse que você saísse sozinha de noite.

Pouco depois, Alice entrou correndo na pequena cabana do moleiro, no mesmo momento em que Katherine colocava um pano frio na testa febril do jovem John.

A horrorizou a mudança que a enfermidade deixou no corpo do menino que tinha visto pular por aí essa mesma manhã. Estava estendido no leito, pálido e lasso, e se sentia o calor que emanava. A respiração era trabalhosa e angustiante. Gemeu, inquieto, uma ou duas vezes, mas não reconhecia aos que se inclinavam, ansiosos, sobre ele.

– Eu já não posso fazer nada mais. – Katherine se levantou – Agora, fica nas mãos de Deus.

O semblante estava mais sombrio que de costume mas, fora disso, não havia mais sinais de emoção em suas feições. *"Parece distante, desapegada – pensou Alice – Como se fosse uma curandeira que conhece os limites dos remédios que aplica. Que diferente de minha mãe."* Helen não se rendia até que a morte arrebatava sua vítima.

Joan fez o sinal da cruz.

A esposa do moleiro chorava com toda a angústia maternal, e seu pranto se renovou. O marido, um indivíduo com torso de barril e rosto bondoso, se aproximou dela com estupidez e lhe deu umas palmadas no ombro.

– Vamos, vamos – murmurou repetidamente, olhando impotente a Alice por cima do ombro de sua esposa. Também tinha os olhos úmidos – Obrigado por vir, milady.

– Está bem – respondeu Alice, distraída.

Estava concentrada no pequeno paciente. Aproximou-se do leito. Enquanto observava o jovem John, recordou as palavras de sua mãe: *"antes de aplicar um remédio, observa todos os sintomas."*

Joan falou em voz baixa do outro lado da pele que servia de leito.

– Sei que não há muito que fazer, mas não podia abandonar toda esperança até tê-la consultado.

– Conheço todos os remédios comuns para as febres pulmonares – disse Alice em voz fraca – Igual à irmã Katherine. Suponho que lhe deu os apropriados.

– Sim – respondeu Katherine, com ar rígido – Todos os que conheço. Mas esta febre não responde aos medicamentos.

A mãe do menino soluçou mais forte, e o moleiro fechou os olhos, angustiado.

O olhar de Joan se encontrou com o de Alice.

– Você me contou que sua mãe era uma boa curadora, e que preparou muitas poções e tônicos exclusivos. Conhece algum que possamos provar?

Alice apertou com mais força o livro forrado de couro.

– Há um par de infusões que minha mãe criou para as febres estranhas que acompanham às infecções pulmonares. Mas aconselhou usá-las com precaução. Podem se tornar muito perigosas.

– Acaso haverá algo mais letal que o que se abate sobre este menino? – perguntou Joan com simplicidade.

– Não. – Alice observou ao pequeno e soube que nesse mesmo instante, a morte se aproximava com suas mãos geladas para arrebatá-lo – Essa erupção no peito...

– O que tem? – Katherine se apressou a perguntar – A viu antes?

– Eu não, mas possivelmente minha mãe sim. – se ajoelhou junto à pele e tomou o pulso do jovem John. Era fraco e muito rápido. Olhou ao moleiro – Me conte tudo o que recorde da enfermidade. Quando começou?

– Esta tarde, milady – murmurou o moleiro – Um minuto corria por aí, perseguindo os frangos, e no seguinte não queria sequer um pedaço do pudim que a mãe tinha feito.

Alice abriu o livro de notas e voltou as páginas até encontrar a seção referida às febres pulmonares estranhas. Leu durante um momento. *"Enrijecimento do peito. Respiração agitada. Muita febre."*

– Minha mãe registrou aqui que uma vez atendeu um menino com sintomas similares. Voltou à página com expressão concentrada.

A esposa do moleiro se afastou um pouco do abraço do marido e enxugou as lágrimas.

– Esse menino viveu?

Alice a olhou. *"Deve dar tantas esperanças como remédios – sua mãe havia dito uma vez– A esperança é tão fundamental para a cura como as ervas corretas."*

– Sim – respondeu com doçura – Viveu.

– Nesse caso, temos que provar com esse remédio – suplicou a mulher – Por favor, senhora.

– Faremos – Alice a tranqüilizou. Voltou-se para Katherine – Darei uma lista das ervas que necessito. Por favor, as traga o quanto antes.

A curadora comprimiu os lábios.

– Sim, milady.

Alice se perguntou se teria ofendido Katherine ao tomar conta da situação. Se assim fosse, não podia fazer nada. Olhou para Joan.

- Necessitarei um recipiente e água fresca.
- Irei buscá-los – disse Joan, em seguida.
- Ponha-os no fogo.

A febre do pequeno John começou a ceder antes do amanhecer. A respiração começou a se normalizar rapidamente. Antes que aparecesse a luz do novo dia, se fez evidente que o menino viveria para seguir perseguindo frangos.

O moleiro e a esposa, sem pudor, choraram de alívio. Alice, esgotada pela longa vigília, se aproximou uma vez mais junto ao leito para controlar o pulso do menino. Sentiu-o forte e firme.

- Penso que logo quererá um pouco de pudim – disse em voz baixa.
- Obrigado, lady Alice – disse Joan com suavidade.
- Não me agradeça isso.

Olhou ao Jovem John.

O menino tinha boa cor e o sono parecia normal

- É mérito de minha mãe.

Katherine a contemplou um longo momento.

- Sua mãe deve ter sido uma mulher muito instruída.
- Sim. Trocava correspondência com os mais altos especialistas em ervas de toda a Europa. Reuniu toda a sabedoria deles e adicionou seus próprios descobrimentos, e anotou tudo o que sabia neste livro.

Ao olhar para Alice, os olhos de Joan adquiriram uma expressão cálida.

- Esse livro não teria nenhum valor se não o usasse alguém com talento para identificar enfermidades por meio da análise dos sintomas. Acho que é um talento pouco comum.

Alice não soube o que dizer.

- Sua mãe estaria orgulhosa de você, milady – prosseguiu Joan com suavidade – Aprendeu como aproveitar o conhecimento que ela registrou nesse receituário. E esta noite, você utilizou esse saber para salvar este menino. O que recebeu de sua mãe, é um grande dom.

Alice contemplou o livro que Helen tinha escrito durante esses longos e solitários anos do matrimônio.

Recordou que, às vezes, a paixão de sua mãe por seu trabalho lhe causava ressentimento. Houve muitas ocasiões em que proporcionou mais distração à melancólica Helen que o que podiam dar seus filhos.

Mas essa noite, o conteúdo do livro de notas tinha salvado a vida de um menino.

Um presente tão valioso exigia um preço. Alice sabia que, a seu modo, tinha pagado parte desse preço. E também Benedict. O mais alto, foi o que Helen pagou.

Entretanto, graças a isso, um pequeno vivia. *"E não é o primeiro que se salva graças ao trabalho de minha mãe"*, pensou Alice. E não seria o último.

Em algum lugar, dentro dela, floresceu uma suave leveza onde antes só havia ressentimento e tristeza.

– Sim, mãe. Tem razão. Por algum motivo, até agora não tinha compreendido quão grande é a herança que minha mãe me deixou.

O pequeno John se moveu, abriu os olhos e olhou sua mãe.

– Mamãe? Por que há tanta gente aqui?

Os pais responderam com gargalhadas trêmulas, e se ajoelharam junto ao leito.

Alice apertou o livro, e sentiu que estava a ponto de chorar. *"Obrigado"*, pensou.

Capítulo quatorze

De pé no centro do salão, Alice se concentrou.

Embora o fogo ardesse na lareira, fazia frio.

– Julian, falta algo neste lugar.

– Quer dizer que roubaram? – Julian deixou a harpa que tinha estado tocando sem muito interesse. – Não acredito. Ninguém se atreveria a roubar nada de Hugh, o Implacável. Sabe o diabo que o pobre ladrão não teria mais paz.

– Não me refiro a algo roubado. Algo... Está faltando. – Com um gesto, apontou as paredes vazias e o chão coberto de juncos. – É aqui que lorde Hugh janta todos os dias com seus homens. Onde julga os conflitos legais em Scarcliffe. Onde pode receber os convidados. E lhe falta algo. Necessita algo.

– Ah, agora a compreendo, milady. – Julian riu. – A palavra que você procura é elegância.

– Elegância?

– Sim. A este salão falta elegância, graça, encanto e moda.

– Tudo isso?

Enquanto observava o aposento, Alice mordia o lábio. .

– Tudo isso e mais. Milady, lorde Hugh é muito hábil para muitas coisas, mas não o interessam os detalhes de moda e elegância e isso se nota, não pretendo ofender.

– Acredito que está certo.

– Conforme entendo – continuou Julian – o problema consiste em que lorde Hugh manda fazer tudo, das botas até as túnicas e as capas de viagem dos mensageiros de uma só cor: negro.

– Compreendo. Acredito que gosta muito. Entretanto, não acredito que se alegre muito se voltar e encontrar tudo de cor azul céu ou laranja cabaça.

– Não me atreveria a lhe sugerir que despreze tudo o que está de negro. – Julian começou a passear pelo salão, o observando em detalhe. – De algum modo, o negro fica bem em lorde Hugh. Mas, que tal se o avivamos com alguma outra cor?

– Que cor sugere?

– Poderia ser verde ou vermelho. Acredito que o contraste seria muito chamativo. Também ficaria bem o branco. Alice se inspirou:

– Âmbar.

– Como, senhora?

Alice sorriu satisfeita.

– Os olhos de lorde Hugh são de cor âmbar. É um tom adorável. Quase dourado. Usaremos âmbar para fazer contraste com o negro.

Julian assentiu pensativo.

– Um tom âmbar intenso iria muito bem neste cômodo.

– Encomendarei um dossel dessas cores para colocar em cima da mesa principal. – Alice se entusiasmava cada vez mais com as imagens que iam a sua mente. – E farei com que façam uma túnica nova, âmbar e negro.

– Já é hora de que sir Hugh encomende trajes novos para seus homens – disse Julian em tom adulator. – O faz todos os anos. Também seria uma excelente oportunidade para mudar de cor.

– Certamente. – Alice não era muito versada neste tipo de coisas, mas era evidente que Julian sim. – Se encarregue disso, por favor, Julian.

Julian fez uma profunda reverência.

– Com muito prazer, milady. Quer que encomende também um vestido para você?

Alice se imaginou recebendo Hugh vestida com um traje que tivesse as novas cores.

– Sim. Será o mais correto.

Em Londres, Hugh procurou se fortalecer para suportar a atmosfera de melancolia e desespero que parecia emanar dos muros da residência de Erasmus.

– Ah, Hugh. – Erasmus, sentado perto do fogo, elevou a vista. O sorriso de boas-vindas foi débil, mas expressava grande prazer.

– Que alegria te ver. Quem está com você?

– É Benedict, *milord*. – Indicou ao jovem que se adiantasse. – É o irmão de minha prometida.

– Bem vindo jovem Benedict.

– Obrigado, *milord*.

Fez uma impecável reverencia.

– Venha aqui, assim posso te conhecer – disse Erasmus–. – Me diga o que têm feito Hugh e você esta manhã, nas docas.

Enquanto Benedict, obediente, chegava mais perto, Hugh trocou um olhar com a esposa de Erasmus.

Eleanor era uma mulher bela, não muito mais velha que Hugh. Dirigiu a ele um sorriso valente enquanto Erasmus conversava tranqüilamente com o moço, mas nada dissimulava as sombras nos olhos da mulher. Hugh sabia que ela amava muito a seu marido. Tinham dois filhos, um menino e uma menina.

– Não houve melhoria? – perguntou, em voz baixa.

– Os ataques pioraram. Despedi dois médicos.

– É uma atitude sensata.

– Sim. Estou convencida que, com seus cruéis instrumentos, fazem mais mal que bem. Juro que quase o deixaram seco de tanto sangrá-lo. E essas purgações terríveis...! – Eleanor moveu a cabeça, desgostosa. – Não faziam nada bem a ele. Chegou a um ponto em que, seu único desejo é morrer em paz.

Hugh olhou para Erasmus. Seu suserano havia envelhecido dez anos nos últimos meses. A figura forte e atraente que constituiu o centro da vida para ele durante sua juventude e o homem que, já adulto, entregou a lealdade e a espada, estava agora tão pálido e magro que custava reconhecê-lo.

– Não posso acreditar que o estejamos perdendo – disse em voz baixa. – Não tem mais que quarenta e dois anos e sempre gozou de boa saúde.

– Quase não dorme a noite – murmurou Eleanor. – E quando consegue dormir, acorda com terríveis sobressaltos. Levanta-se tremendo e passeia até o amanhecer. Seu maior temor não é morrer, é enlouquecer.

– Minha prometida enviou estas ervas e uma carta com indicações. – Hugh tirou o que guardava no saco de couro negro. – Não sei se serão eficazes, mas não se perderá nada provando. Ela tem certa habilidade com os remédios.

Eleanor franziu um pouco o sobrecenho.

– Não quero que sofra mais por remédios sangrentos.

– Meu senhor é um guerreiro de coração – disse Hugh. – Seja qual for a enfermidade, isso não mudará. Deixa-o lutar a última batalha antes de perder toda esperança.

– Sim, tem razão, sir Hugh.

Eleanor apertou com muita força o molho de ervas e a carta.

Erasmus levantou uma mão.

– Hugh, vem aqui. Quero falar uns minutos com você.

Hugh se aproximou do fogo, com o coração pesado e um pesar contido.

Alice examinou com olhar crítico a cozinha calorosa e alvoroçada. Dois caldeirões maciços de ferro, carregados com diversos guisados, frangos recheados e saborosos pudins, buliam sobre o enorme fogo. As testas dos moços da cozinha que faziam girar as manivelas das válvulas estavam molhadas de suor. Sobre umas fontes quentes, na beira das chamas, se douravam uns pastéis de carne.

– Elbert, controle que os caldeirões sejam esvaziados, limpos e bem esfregados todas as semanas – disse Alice com vivacidade. – Não estou de acordo com o costume de uso contínuo durante meses sem serem bem limpos e esfregados.

– Sim, senhora.

O rosto de Elbert estava carrancudo de concentração e ardor.

Nos cinco dias que durava a ausência de Hugh, o castelo de Scarcliffe tinha sido limpo de cima a baixo. Esvaziaram-se todos os baús com roupa branca e os guarda-roupas, foi sacudido o pó e se colocaram dentro bolsas com ervas aromáticas. Cada quarto, do que Hugh usava para dormir até a menor despensa, foi aberto e revisado. Elbert a acompanhou durante todo o processo. Tomou notas em um tablete de cera enquanto Alice disparava uma interminável lista de indicações.

Deixou a cozinha para o final.

– Cuida que se atribuam aos moços outras tarefas de maneira regular. Não quero que passem muito tempo perto do fogo. É uma tarefa pesada.

– Outras tarefas – anotou Elbert com força. – Sim, senhora.

Os moços empapados em suor sorriram.

Alice percorreu a cozinha se detendo em vários lugares para observar alguns costumes mais de perto. Sorriu às cozinheiras, evidentemente maravilhadas e excitadas com sua presença. Alice sabia. Era a primeira vez que as visitava. Até então, o único contato com elas foi através de Elbert, que levava a elas instruções precisas e os menus que Alice confeccionava para suas próprias comidas.

Alice observou a mesa sobre a qual a cozinheira cortava cebolas.

– Quero que sirvam todos os dias para lorde Hugh e a todos outros habitantes deste castelo a mesma sopa verde que fazem para mim.

– Sopa verde especial – repetiu Elbert. – Que se sirva a todos. Sim, *milady*.

– É muito saudável – explicou Alice. – Também quero que sirvam ao menos três pratos de verduras no almoço.

– Três pratos de verduras. Sim, *milady*.

– Que as abóboras não fervam muito tempo.

Elbert tomou nota.

– Sim, senhora.

Alice observou a mescla de trigo e leite que se cozia em um recipiente de barro.

– Que adocem a nata com mel. Sem ele, é insossa.

– Mel na nata.

O estilete de Elbert se deslizou pelo tablete.

– Te darei uma lista de ingredientes para um molho que se faz com cravo e cardamomo¹² e outro com gengibre e açafrão. Muito saboroso. Usa-se para pratos de pescado cozido ou carnes assadas.

– Sim, *milady*. – Elbert a olhou com repentina ansiedade. – Quanto às especiarias, senhora, o que faremos para consegui-las?

Alice o olhou surpresa.

– O que me diz? Aqui no castelo, sir Hugh tem, armazenadas, uma grande quantidade de especiarias excelentes.

Elbert pigarreou para melhorar voz.

– Sua senhoria guarda as chaves dos armazéns.

Deu estritas instruções de que tenho que avisar cada vez que se necessitem especiarias na cozinha. Mas as duas vezes que recorri a ele para pedir as especiarias de que necessitava a cozinheira, estava muito zangado.

– Por quê?

– Se queixou da quantidade que pedia – respondeu, abatido.

– Disse que eu não tinha idéia de economia e que estimulava à cozinheira a esbanjar.

– Já vejo. – Alice riu. – À lorde Hugh agrada comer bem, mas nunca teve que preparar seus próprios alimentos, sem mencionar o que significa planejar comidas para uma casa destas dimensões. Aqui, as cozinheiras devem alimentar a quarenta pessoas todos os dias. E em ocasiões especiais, mais.

– Sim – respondeu Elbert.

– Talvez sir Hugh seja muito bom para fazer cálculos, mas não tem idéia da quantidade de ingredientes que se utilizam para preparar pratos.

¹² Planta medicinal da família das cingiberáceas, originária da Índia, com sementes aromáticas e sabor um pouco picante que se usa como carminativo*

* – que tem a propriedade de expulsar os gases do aparelho digestivo.

– Não, *milady*, não tem idéia – apoiou Elbert com ardor.

– Não se preocupe Elbert. Sir Hugh me deu as chaves dos armazéns antes de partir. Quando retornar, eu seguirei as tendo em meu poder. A partir de agora, me envie todas as manhãs uma lista das especiarias de que necessitam. Eu as pesarei para as cozinheiras.

A esperança iluminou os olhos de Elbert.

– Não terei que recorrer à lorde Hugh para conseguir as especiarias?

– Não. Eu me ocuparei disso.

Foi visível o alívio de Elbert.

– Eu agradeço *milady*.

– Bom, agora, os menus. Eu prepararei vários. Pode alternar ao seu parecer. – Alice sorriu às duas mulheres que revolviam um pudim.

– Não esqueça, de me levar qualquer sugestão que façam as cozinheiras. Estou segura de que resultarão úteis para variar a lista de pratos.

As duas mulheres ficaram radiantes.

Alice se aproximou de uma mesa carregada de ovos.

– Os pratos com ovos fortalecem. Quero que sirvam pelo menos um em cada almoço.

– Sim, *milady*. – Elbert contemplou o grande montão de ovos.

– Como quer que sejam preparados?

– São muito bons se forem cozidos com...

– *Milady* – chamou um criado da porta. – Rogo que me perdoe, senhora.

Alice se voltou.

– O que acontece, Egan?

– Lamento incomodá-la, mas há um moço aqui – respondeu. – Diz que tem que falar com a senhora urgente. Afirma que é assunto de vida ou morte.

– Um menino? – Uma das cozinheiras franziu o sobrecenho. – Tire-o daqui. Lady Alice está ocupada com coisas mais importantes.

Alice contemplou a pequena figura que aparecia por trás de Egan. Viu um menino de cabelo escuro e olhos castanho claro, parado na entrada da cozinha.

Parecia ter ao redor de oito anos. Não o reconheceu como um dos meninos da aldeia. Embora a roupa estivesse manchada e suja, era de excelente qualidade.

– Devo falar com a senhora. – O ouvia sem fôlego. – É muito importante. Não irei até ter falado.

– Isso é o que você crê. – Um dos moços da cozinha brandia uma fogaça¹³ grande, com gesto algo ameaçador. – Saia, menino. Cheira como uma privada.

A brisa que entrava pela porta confirmou o que dizia. Não se podia negar a pestilência que emanava do menino.

– Deixa a fogaça – disse Alice com firmeza, ao tempo que sorria ao recém-chegado. – Eu sou lady Alice. Quem é você?

O menino endireitou os ombros e levantou o queixo. O simples gesto lhe outorgou um orgulho tão inato que fazia esquecer o traje sujo e o mau aroma.

– Sou Reginald, milady. Meu pai é sir Vincent de Rivenhall.

Elbert conteve o fôlego.

– Rivenhall!

De repente, na cozinha se fez um grande silêncio. A mandíbula pequena de Reginald se esticou, mas o menino se manteve firme. Não apartou o olhar do rosto de Alice.

– É do feudo de Rivenhall? – perguntou, cautelosa, avançando para ele. – O filho de sir Vincent?

– Sim. O menino lhe dedicou uma reverência algo rígida e logo levantou a vista, com uma expressão que continha partes iguais de desespero e resolução. – Vim para rogar que me ajude a salvar a propriedade de meu pai e a honra de minha mãe.

¹³ Fogaça é um pão doce típico, medieval. Tem o formato arredondado. Sua criação perde-se no tempo. Não se pode afirmar ao certo quando e por quem foi inventado.

– Por todos os Santos. De que fala?

– Minha mãe disse que não tinha sentido apelar a Scarcliffe, mas não tenho a quem recorrer. Você é a única que está perto o bastante para ajudar. Ouvi meu pai dizer que ele e Hugh, o Implacável, são primos. Por isso estou aqui hoje.

– Se acalme Reginald – ela disse, em tom tranquilizador.

– Me disseram que sir Hugh está em Londres, mas você está aqui e também muitos de seus soldados. Vocês poderiam nos ajudar. Por favor, senhora.

– Tem que me contar tudo desde o começo – disse Alice, com firmeza.

Mas deu a impressão que algo se quebrava dentro de Reginald. Foi como se houvesse se sustentado muito tempo por pura força de vontade e já não podia mais. Seus olhos se encheram de lágrimas.

– Se não vir nos ajudar, estamos perdidos.

– As palavras brotavam dele como uma corrente. – Meu pai está longe, em uma justa no sul. Diz que necessitamos o dinheiro. E quase todos os soldados e cavalheiros estão com ele.

– Reginald...

– Ontem chegou sir Eduard e irrompeu à força em nosso salão. Minha mãe está aterrada. Não sei como fazer para mandar uma mensagem a meu pai com tempo suficiente para salvá-la.

– Calma. Eu me ocuparei disto. – Pôs uma mão no ombro dele e o guiou a uma bacia de água apoiada junto à lareira. – Primeiro, temos que nos livrar desse cheiro espantoso. – Jogou um olhar ao mordomo. – Elbert, envia a alguém para procurar uma muda de roupa.

– Sim, senhora.

Elbert fez gestos a um dos moços da cozinha.

Só levou uns minutos para lavar e colocar uma roupa limpa em Reginald. Quando ficou limpo, Alice o fez sentar junto a uma das mesas da cozinha.

– Por favor, algum de vocês poderia trazer para nosso convidado uma tigela de minha sopa verde especial?

Uma das cozinheiras serviu uma concha de sopa do fino caldo de verduras em uma tigela e o levou a mesa. Elevou-se a fragrância reconfortante da raiz de salsinha que fazia parte da sopa.

– Bebe um gole – indicou Atice, se sentando em frente. – Vai te dar forças.

Reginald tomou a sopa como se estivesse morto de fome. Mas parou bruscamente depois do primeiro gole e fez uma careta enquanto deixava a tigela.

– Obrigado, *milady* – disse com forçada cortesia. – Tinha muita fome.

Começou a limpar a boca com o dorso da manga, mas se interrompeu envergonhado por esse desdobramento de maneiras não muito boas. Ruborizou-se e aspirou uma baforada de ar.

– Agora, me conte quem é sir Eduard e como entrou pela força no salão de seu pai.

– Eduard de Lockton é um cavaleiro sem terras – disse Reginald. – É um mercenário, que vende sua espada onde pode. Minha mãe diz que não é melhor que um salteador.

– Por que sir Eduard foi a Rivenhall?

– Segundo minha mãe, porque sabia que meu pai estava ausente e levou com ele quase todos os homens. Diz que sir Eduard está seguro de que Hugh, o Implacável não irá ajudar Rivenhall pela rivalidade que existe entre ambos os feudos.

– Eduard de Lockton entrou no salão e se apropriou de tudo?

– Sim. Ontem, quando chegou, afirmou que vinha em amizade. Exigiu abrigo para a noite para si mesmo e seus homens. Minha mãe não se atreveu a se negar.

Não existia maneira de se defender com os poucos homens que meu pai deixou.

– E o deixou entrar, com a esperança de que partisse pela manhã?

– Sim. Mas ficou. – Reginald adotou um ar desventurado. – Pôs a seus próprios homens nos muros. Atua como se fosse o senhor de Rivenhall. Apropriou-se do castelo sem sequer o sitiar.

– Sem dúvida, o suserano de seu pai, Erasmus de Thornewood, adotará medidas contra sir Eduard quando se inteirar.

– Minha mãe diz que sir Erasmus está morrendo. É muito provável que esteja morto quando pudermos lhe avisar.

– Um *fiút accompli*, um fato consumado – murmurou Alice.

– Isso diz minha mãe.

Alice recordou como o tio tinha instalado a seu próprio filho no salão de seu pai. Estava muito bem que os clérigos discutissem sobre os detalhes pontuais da lei real e a lei de costumes, mas a verdade estava na posse. Uma pessoa que não pudesse defender o que tinha, logo o perdia para as mãos de alguém mais poderoso. Assim era a vida.

– Sei como se sente, Reginald.

O menino a olhou com expressão aflita.

– Ontem à noite, depois de comer, sir Eduard tentou obrigar a minha mãe a ir ao quarto com ele. Estava espantada. Acredito que a machucou.

Alice sentiu um calafrio.

– Deus meu! E sua mãe? Está bem? Que aconteceu?

– Se soltou dele, me pegou pela mão e me disse que tínhamos que correr ao quarto da torre. Conseguimos nos meter nele e fechar a porta.

– Graças ao céu! – suspirou Alice.

– Eduard estava furioso. Golpeava a porta e lançava todo tipo de ameaças. Por fim, se foi, mas antes jurou que nos deixaria morrer de fome nesse quarto. Minha mãe ainda está ali. Não tem nada para comer nem beber desde ontem à noite. – Olhou a tigela vazia. – Isto é tudo o que eu tomei desde ontem.

Alice jogou um olhar à cozinheira.

– Traga para nosso convidado um pastel de carne, por favor.

– Sim, milady.

A cozinheira, fascinada, pegou um pastel de uma fonte quente e o pôs diante de Reginald.

Alice o observou.

– Como se liberou?

– No quarto da torre há um velho banheiro. – se lançou sobre o pastel com muito mais entusiasmo que o demonstrado ante a sopa. – O conduto é um pouco mais largo que a maioria.

– Passa um menino de seu tamanho? Reginald assentiu.

– Em alguns lugares, foi difícil. O cheiro era horrível.

– Imagino. Como desceu?

– Minha mãe e eu fizemos uma corda com a cortina velha da cama. A usei para descer pelo conduto.

Assim se explicava a pestilência que se desprendia das roupas do menino. O pobre tinha saído do castelo pelo deságüe do esgoto. Além do cheiro, deve ter sido uma experiência aterradora.

– É muito valente, Reginald.

O menino ignorou o elogio.

– Nos ajudará lady Alice? Se não fizermos algo, tenho medo que sir Eduard machuque a minha mãe.

Nesse momento, Dunstan irrompeu na cozinha.

– Que diabos acontece aqui? – quis saber. – O que é isso de um menino de Rivenhall?

– Este é Reginald, o filho de sir Vincent. – Alice se levantou. – O castelo de Rivenhall foi tomado por um cavalheiro mercenário de nome Eduard de Lockton. Temos que salvar o castelo e à mãe de Reginald, que está ali, cativa.

Dunstan deixou cair a mandíbula, atônito.

– Salvar Rivenhall? A senhora está louca? Se for verdade que o castelo caiu nas mãos de um estranho, sir Hugh ordenará um grande banquete para celebrar.

– Não seja ridículo, Dunstan. Uma coisa é manter um conflito dentro da família e outra muito diferente é permitir que um forasteiro se aproprie das posses de um primo.

– Mas, *milady*...

– Por favor, ordene aos homens que preparem as armas e montem a cavalo. Faça selar um potro para mim. Partiremos para Rivenhall dentro de uma hora.

Os olhos de Dunstan jogaram faíscas. – Não posso permitir isso. Sir Hugh me enforcaria como traidor se fôssemos em ajuda de Rivenhall.

– Se o teme tanto, fique aqui, em Scarcliffe. Iremos sem você – disse Alice, com calma.

– Por Deus, senhora, se sir Hugh me pendurar, eu serei o mais afortunado dos dois. Não quero pensar o que fará com você, que é a prometida. Nunca a perdoaria por traí-lo assim.

– Não penso traí-lo. – ficou firme, sem fazer caso do frio desassossego que atendia seu estômago. – Irei em ajuda de seu parente sangüíneo.

– O senhor despreza seu parente sangüíneo.

– Certamente, não despreza nem ao pequeno Reginald, nem a sua mãe.

– Está se referindo ao herdeiro e à esposa de Vincent. – Dunstan a olhava incrédulo. – sir Hugh não pode ser mais caridoso com eles que com o Vincent.

– Sir Hugh me deixou ao mando deste feudo, não é assim?

– Sim, mas...

– Tenho que fazer o que me parece correto. Já lhe dei suas instruções, sir Dunstan.

As feições de Dunstan se converteram em uma máscara de ira e frustração. Elevou um pote de barro e o jogou contra a parede da cozinha, onde se rompeu em mil pedaços.

– Disse a ele que você traria problemas. Nada mais que problemas.

Girou sobre os calcanhares e saiu a passos largos da cozinha.

Duas horas depois, Alice, embelezada com um vestido de cor verde intensa, o cabelo recolhido em uma rede prateada segura com um anel de prata, entrou a cavalo

pelas portas do castelo de Rivenhall. O pequeno Reginald ia a seu lado, montado em um pequeno e manso palafrén¹⁴ cinza.

Ninguém tentou detê-los ao entrar no pátio. Alice soube que Eduard não se atrevia a desafiar Hugh, o Implacável.

Sentiu que a percorria uma descarga de tensão. Podia sentir as olhadas cautelosas dos homens que custodiavam o muro. Sem dúvida, calculavam a força que tinha levado consigo.

Consolou-se pensando que a companhia tinha um aspecto que intimidava impressionante. Sir Dunstan e o contingente de cavaleiros e soldados que Hugh tinha deixado em Scarcliffe cavalgava atrás dela. Até Julian os acompanhava. Ele explicou que todo homem empregado por sir Hugh tinha a obrigação de saber usar uma espada ou um arco, sem importar se cuidava ou não a elegância de seu traje.

A luz cinza do nebuloso dia resplandecia sobre os elmos reluzentes e faiscava nas pontas e as lâminas das armas. As bandeiras negras ondulavam no vento.

– A saúdo, milady. – Um homem grande e corpulento, de cabelo castanho descuidado, barba hirsuta¹⁵ e olhos brilhantes, a deteve na escada de entrada do castelo. – Me agrada conhecer qualquer um que cavalgue sob a insígnia de Hugh, o Implacável.

– Esse é sir Eduard – disse Reginald baixo para Alice. – Olhe para ele. Comporta-se como se fosse o senhor, aqui.

Alice observou as feições de sir Eduard enquanto freava o cavalo. O mercenário recordava a um javali. Tinha pescoço grosso, mandíbulas largas, olhos pequenos e apagados. Certamente, teria um cérebro similar a seu aspecto.

O olhou de cima a baixo, enquanto Dunstan e os homens se desdobravam atrás dela.

– Por favor, diga à senhora do castelo que a nova vizinha veio visitá-la.

Eduard riu, mostrando vários ocos entre os dentes amarelados.

¹⁴ Cavalo de parada dos reis e nobres da idade média. Cavalo elegante, especialmente destinado às senhoras.

¹⁵ De pêlos longos, duros e espessos; cerdoso

– E de quem se trata?

– Sou Alice, a prometida de Hugh, o Implacável.

– A futura esposa, não é? – Eduard jogou uma olhada aos homens que a respaldavam. – Aposto que é a mesma que o fez faltar à justa

Contra sir Vincent, na feira de Ipstoke. Não estava muito contente com você nesse dia.

– Asseguro que sir Hugh está muito contente com a noiva que escolheu. Tanto que, em rigor, não vacilou em me deixar no comando de suas terras e de seus homens.

– Isso parece. E onde está sir Hugh?

– De volta a Scarcliffe de Londres – respondeu com frieza. – Logo retornará. Penso visitar lady Emma até que ele chegue.

Eduard lhe lançou um olhar matreiro.

– Sir Hugh sabe que você está aqui?

– Não se preocupe: logo saberá. Eu, em seu lugar, não estaria em Rivenhall quando ele chegar.

– Acaso me ameaça senhora?

– Considere uma advertência.

– É você que deveria tomar cuidado, senhora – disse Eduard arrastando as palavras em tom desagradável. – É evidente que não compreende como estão as coisas entre Rivenhall e Scarcliffe. Possivelmente seu futuro amo não acreditou conveniente explicar a você seus assuntos pessoais.

– Lorde Hugh me explicou tudo, senhor. Gozo de toda sua confiança.

O rosto de Eduard se contraiu de ira.

– Isso mudará logo. Sir Hugh me agradecerá ocupar este castelo. Sei que o suserano o proibiu de se vingar de Rivenhall. Mas a asseguro que não se incomodará quando souber que outro o fez em seu lugar.

– É você que não compreende a situação – disse Alice com suavidade. – Você se misturou em assuntos familiares. Sir Hugh não o agradecerá por isso.

– Já veremos – replicou Eduard.

– Assim será. – Sorriu com frieza. – Enquanto isso, acompanharei lady Emma. Ainda está no quarto da torre?

Eduard entrecerrou seus pequenos olhos.

– Então o menino lhe contou isso, não é? A mulher se encerrou aí e não quer sair.

Alice se voltou para Reginald.

– Vá procurar a sua mãe na torre. Diga a ela que estou impaciente por conhecê-la. Diga que os soldados de sir Hugh estão aqui para garantir sua segurança e a dela.

– Sim, senhora.

Reginald desembarcou do cavalo cinza. Jogou a Eduard um olhar colérico ao tempo que corria escada acima e desaparecia no interior.

Eduard plantou uns punhos enormes nos quadris e se dirigiu a Alice.

– Está se arriscando mais do que imagina ao se meter nisto, lady Alice. Sim, muito mais.

– Esse é meu problema, não seu.

– Quando sir Hugh voltar estará furioso com você por esta traição. Não é um segredo que a lealdade vem em primeiro para ele. O menos que fará será romper o compromisso. Então, onde estará você, pedaço de tola?

– O tolo é você, Eduard. – Alice olhou para Dunstan. – Me ajuda a desmontar, senhor, por favor?

– Sim, senhora – resmungou Dunstan.

Enquanto apeava, não tirava a vista de cima de Eduard. Aproximou-se do palafrén de Alice e a ajudou a desmontar.

A jovem viu a tensão nas linhas da boca e lhe sorriu, tranqüilizadora.

– Tudo sairá bem, sir Dunstan. Confie em mim.

– Pelo de hoje, sir Hugh quererá minha cabeça – murmurou, em voz baixa para que só Alice o ouvisse. – Mas antes, lhe direi que sua prometida tem tanta coragem quanto ele.

– Bem, obrigado, senhor. – O elogio surpreendeu e encantou Alice. – Trate de não ficar nervoso. Não permitirei que lorde Hugh o culpe disto.

– Sir Hugh atribuirá a culpa a quem quer. A expressão de Dunstan era de turvo fatalismo.

– Lady Alice, lady Alice – Reginald a chamou da entrada. – Queria apresentar à senhora, minha mãe Emma.

Alice se voltou e viu junto a Reginald uma encantadora mulher loira, de olhos ternos e expressão gentil. Tinha aspecto de esgotamento pela preocupação e, sem dúvida, por uma noite em claro, mas a atitude conservava muito de um orgulho inflexível, e o olhar, um traço de esperança.

– A saúdo, lady Alice – disse, ao mesmo tempo em que jogava um olhar fugaz de desgosto a Eduard. – Lamento a triste boas-vindas que recebe. Como vê, estamos obrigados a suportar a presença de um hóspede indesejado.

– Esse é um problema passageiro. – Segura pelo amparo dos soldados de Scarcliffe, Alice subiu os degraus. – Fique tranqüila, que meu futuro esposo logo a libertará deste verme.

Hugh pensou que Elbert tinha ficado louco. Desde o começo, teve dúvidas sobre o moço.

– Lady Alice fez o quê?

Elbert tremeu, mas não retrocedeu.

– Foi com sir Dunstan e todos os soldados, resgatar o castelo de Rivenhall das garras de um indivíduo chamado Eduard de Lockton. Isso é tudo o que sei *milord*.

– Não posso acreditar nisso.

Atrás dele, os cavalos fatigados chutavam e sopravam ruidosamente, ansiosos por chegar aos estábulos.

Também Benedict e os dois soldados estavam cansados.

Já tinham desmontado e esperavam se inteirar do que tinha passado.

Hugh apressou a pequena companhia para chegar a Scarcliffe um dia antes do previsto. Imaginava um quadro agradável: Alice o esperando na escada de entrada enquanto ele se aproximava ao lar.

Devia ter sabido que algo estava errado.

Quando se tratava de Alice as coisas não resultavam conforme o planejado. Mesmo assim, não podia se convencer de que tinha ido a Rivenhall.

– É verdade, senhor – confirmou Elbert. – Pergunte a qualquer um. Esta manhã chegou aqui o pequeno Reginald e lhe suplicou ajuda para ele e a senhora sua mãe.

– Reginald?

– O filho e herdeiro de sir Vincent, senhor. Estava desesperado por proteger a sua mãe e também a propriedade de seu pai. Lady Alice lhe disse que sabia que se você estivesse aqui iria querer que cavalgassem para Rivenhall para ajudá-los.

– Não se atreveria a ir a Rivenhall – disse Hugh baixo. – Nem sequer Alice se atreveria a me desafiar assim.

Elbert engoliu saliva.

– Acreditou necessário, *milord*.

– Pelos fogos do inferno. – Olhou para o moço que tinha vindo para levar o cavalo. – Me traga outro cavalo. – Sim, *milord*.

O moço correu para os estábulos.

– Senhor. – Benedict deu as rédeas da sua montaria a outro moço. – O que acontece? Aconteceu algo a Alice?

– Ainda não – respondeu Hugh. – Mas logo acontecerá. Vou me ocupar disso em pessoa.

Alice percebeu a tensão que se abatia sobre o salão principal do castelo de Rivenhall, mas fingiu não notá-la. Sentou-se com Emma perto do fogo e conversaram tranquilamente. Reginald estava encarapitado em um tamborete perto da chaminé.

De vez em quando, via o olhar zangado de Emma pousar em Eduard, que vagabundeava com ar insolente na cadeira de sir Vincent. O intruso mastigava groselhas ao gengibre que havia em uma tigela como se tivesse direito a fazê-lo. Três de seus esfarrapados homens estavam sentados em um banco próximo, e não tiravam a vista de cima de Dunstan e dos dois cavalheiros que este postou no salão, perto de Alice. O resto dos homens armados de Scarcliffe tinha substituído aos de Eduard no pátio amuralhado.

– Não se ofenda, Alice – murmurou Emma, – mas tenho a sensação de que este castelo tivesse sido tomado duas vezes nos dois últimos dias. Uma vez, pelos homens de Eduard e, agora, pelos de sir Hugh.

– Você recuperará o castelo assim que Hugh retorne de Londres. – Tomou um punhado de nozes de uma vasilha. – Meu senhor enfrentará Eduard.

– Oxalá tenha razão. – Emma suspirou. – Mas se me atenho à história da família que me contou meu marido, não estou segura de que seja tão simples. E se sir Hugh decide apoiar a ocupação do castelo por Eduard?

– Não o fará.

– E também estou preocupada com você, Alice. O que dirá sir Hugh quando souber o que você fez hoje, aqui? É muito provável que considere uma traição.

– Não, quando eu explicar ele entenderá. – meteu três nozes na boca e mastigou. – Sir Hugh é homem de grande inteligência. Escutará.

Ansioso, Reginald mordeu o lábio.

– E se sir Hugh estiver muito furioso para escutar suas explicações, senhora?

– Só o domínio de si que possui meu senhor ultrapassa a sua inteligência – afirmou Alice, orgulhosa. – Não adotará nenhuma medida até ter avaliado a situação.

Do pátio chegou um grito surdo. Cascos ferrados com aço ressoavam contra as pedras. Dunstan se moveu, se ergueu e olhou para seus homens.

– Ah, já era hora. – Eduard ficou pesadamente em pé e lançou a Alice um olhar triunfante. – Ao que parece, sir Hugh por fim chegou. Logo veremos o que pensa da presença de sua futura esposa no castelo de seu inimigo.

Alice não fez conta.

Fora estalou um trovão, anunciando a chegada da tormenta que esteve ameaçando toda a tarde. Um momento depois, a porta do salão se abriu de repente.

Dunstan olhou para Alice.

– Milady, se diz que é mais fácil provocar ao diabo que fazê-lo desaparecer. Está claro que você tem habilidade para o primeiro. Roguemos que a tenha também para o outro.



Capítulo quinze

Hugh entrou no grande salão de seu inimigo jurado com graça letal e decisão. Trouxe consigo a fúria da tormenta e a sombria promessa da noite que iniciava. A capa negra parecia um torvelinho que formava redemoinhos em volta das botas de couro da mesma cor. O cabelo da cor do ônix estava despenteado pelo vento. Os olhos eram âmbar fundido.

Não usava armadura, mas as dobras da capa entreaberta deixavam ver o cinturão de couro negro de onde pendia a bainha da espada na parte baixa dos quadris. Uma das mãos grandes se apoiava no punho.

Ninguém se moveu. Todos os presentes contemplaram essa aparição que parecia ter desatado a tempestade. Hugh percorreu o salão com um olhar abrasador. Alice soube que tinha avaliado a situação nesse instante e que à velocidade do raio, calculou o que faria e decidiu o destino de cada um dos presentes.

O modo em que dominou imediatamente o salão foi algo de tirar o fôlego. Hugh incitou o temeroso respeito de todos os que estavam no salão da mesma maneira que uma grande tormenta domina os céus.

De repente, Eduard de Lockton pareceu bastante menor e menos terrível que antes. Por desgraça, seguia tendo a mesma aparência malvada e cruel.

Os olhos do Hugh posaram nos de Alice.

—Devo buscar a minha prometida. A voz foi um sussurro, mas chegou até o último recanto do silencioso salão.

—Meu Deus! Emma levou a mão à garganta.

Reginald contemplou Hugh, encantado. —É muito grande, não?

Eduard se levantou de um salto como quem se livra de um feitiço invisível que o tivesse prisioneiro por um momento.

—Sir Hugh. Bem-vindo a este salão. A dama Alice é minha hóspede de honra.

Hugh não fez conta.

–Alice, venha aqui.

–Hugh! – se levantou de um salto e correu cruzando o salão para dar as boas-vindas como era devido. – *Milord* me alegro muito de vê-lo. Acreditei que estaria um dia mais de caminho. Agora, poderá endireitar esta situação.

–O que faz aqui, Alice? Os olhos do homem refletiam as chamas da chaminé.

–*Milord*, rogo que me escute um momento, e tudo ficará esclarecido – se deteve bruscamente ante ele, e fez uma profunda reverência, baixando a cabeça.– Posso explicar tudo.

–Sim, não duvido e o fará depois. – Hugh não estendeu a mão para ajudá-la a se incorporar, coisa que fez com lentidão. – Venha. Vamos. Girou sobre os pés.

Atrás de Alice, Emma lançou uma exclamação desesperada.

–Tudo sairá bem, mãe – murmurou Reginald. – Já verá.

–Um momento, *milord* – disse Alice– Senhor, temo que ainda não podemos partir.

Hugh parou, deu a volta com lentidão, e a olhou de frente.

–Por que não?

Alice reuniu coragem. Não era fácil. Compreendeu que teria que proceder com cautela para conjurar o que havia de bom nele. Nesse momento, como único aliado tinha sua própria inteligência.

–Antes, terá que dizer a Eduard de Lockton que saia deste castelo junto com seus homens.

–É certo isso?

Eduard lançou uma gargalhada áspera e se adiantou.

– A sua prometida é uma criatura encantadora, *milord*, mas sem dúvida, obstinada e voluntariosa – Olhou com desprezo para Alice – Admito que invejo o prazer de domesticá-la. Será bastante interessante.

Alice girou de repente para o intruso:

–Suficiente pedaço de nada odioso. Quem acredita que é? Aqui, neste salão, não tem direito algum. Sir Hugh logo se livrará de você.

Os dentes amarelados do sujeito apareceram entre a barba, e olhou de soslaio para Hugh com expressão confiada.

–*Milord*, se quiser minha opinião, você é muito indulgente com a senhora. Ao que parece, acredita que pode lhe dar ordens como se fosse um criado. Certamente, uma carícia com o látego a ensinará a conter a língua.

–Um só insulto mais a minha prometida – disse Hugh com muita suavidade – e o cortarei aí onde está. Me compreende, Eduard?

Alice ficou radiante de satisfação. Eduard se encolheu, mas não demorou a se recuperar.

–Não quis ofender, senhor. Foi só uma observação. Eu também, às vezes, eu gosto das mulheres insolentes.

Alice jogou um olhar de desagrado e se voltou para Hugh.

–Diga a ele que se vá imediatamente, senhor. Não tem nada a fazer aqui.

–Ora, mulheres – Eduard moveu a cabeça. – Não entendem nada da vida, não é certo, senhor?

Hugh o examinou com a vaga curiosidade com que um falcão satisfeito mostraria para a comida.

–Por que você está aqui?

Nos olhos maliciosos de Eduard apareceu um resplendor matreiro.

–Bom isso é óbvio, não senhor? Ninguém ignora que o senhor de Rivenhall já não conta com dinheiro nem homens para defender suas terras.

–Por isso lhe ocorreu se apropriar enquanto ele está ausente? – o tom de Hugh era de fria curiosidade.

–Todos sabem que você jurou não tomar partido ante Erasmus de Thomewood. – Eduard abriu as mãos. – É legendaria sua reputação de não violar um juramento, senhor. Mas o juramento a seu suserano não se aplica ao resto de nós, pobres cavaleiros que temos que abrir caminho na vida, não é certo?

–Certo.

Eduard riu.

–De qualquer maneira, Erasmus de Thomewood está morrendo e não virá em defesa de Rivenhall.

Emma afogou uma exclamação.

–Não se apropriará da herança de meu filho, sir Eduard.

Os olhos do sujeito brilharam.

–E quem me impedirá isso, lady Emma, me diga?

–Sir Hugh o fará – exclamou Reginald. – Lady Alice o prometeu.

Eduard soprou com desprezo.

–Não se faça de tolo, moço. Lady Alice não manda em seu senhor, por mais que ela acredite. É ao contrário, e logo o descobrirá por si mesma.

Reginald apertou os punhos aos flancos e se dirigiu a Hugh.

–Sir Eduard tentou machucar a minha mãe. Lady Alice disse que você não permitiria a ele ficar em Rivenhall.

–Claro que não o permitirá – confirmou Alice.

Emma deu um passo adiante e elevou as mãos em pose de súplica.

–*Milord*, sei que você não sente carinho para esta casa, mas rogo que honre o juramento de sua prometida de defendê-la.

–Fará – assegurou Alice– Lorde Hugh me deixou no comando. Me concedeu autoridade para atuar em lugar dele e, portanto, me apoiará.

–Ela prometeu que você me ajudaria a salvar a propriedade de meu pai.

Reginald cravou em Hugh um olhar espectador.

Eduard deu uma palmada na coxa como se estivesse ouvindo uma boa brincadeira.

–O moço tem muito que aprender né? Dois de seus homens riram, inquietos.

–Basta – Com uma só palavra, Hugh obteve silêncio outra vez no salão. Olhou a Eduard. – Reúna a seus homens e vá.

Eduard piscou várias vezes. – O que significa isto?

–Já me ouviu – disse Hugh sem se alterar. – Saia imediatamente deste salão ou darei ordem a meus homens de que recuperem o castelo. –Percorreu outra vez o

salão com o olhar, sem dúvida para verificar as posições de Dunstan e dos homens armados de Scarcliffe. – Não levará mais de uns minutos fazê-lo. Eduard estava indignado.

–Perdeu o juízo, homem? Salvará este salão por ordem de uma mulher?

–Lady Alice diz a verdade. A deixei no comando durante minha ausência. Apoiarei a decisão dela nesta questão.

–Isto é uma loucura – resmungou Eduard. – Não pode ser verdade que queira me tirar daqui à força.

Hugh encolheu os ombros.

–Quando entrava, não pude deixar de notar que, junto ao muro, meus homens são mais que os seus. Tenho a impressão que sir Dunstan tem o controle nesta estadia. Quer comprová-lo?

Eduard ficou vermelho de fúria, mas logo, em seus olhos apareceu uma expressão sagaz.

–Por todos os diabos, agora compreendo. Quer se apropriar você mesmo deste lugar, não é certo? Apesar do juramento que fez a Erasmus, pensa em aproveitar a situação para arrebatrar estas terras e se vingar de Rivenhall. Isso é respeitável, senhor, mas, que lhe pareceria se aliar comigo?

–*Milord* Hugh – exclamou Emma, desesperada. – Rogo que tenha piedade.

–Por todos os Santos – Alice cruzou os braços e dirigiu a Eduard um olhar furioso. – Não seja mais estúpido do que o necessário. A *lorde* Hugh não ocorreria violar o juramento. – Olhou carrancuda para Hugh. – Não é certo, senhor?

Hugh olhou para Eduard.

–A honra de um homem é tão sólida como seu juramento. Lady Alice atuou em meu lugar quando lhe ordenou que se fosse deste salão. A autoridade que exerce emana de mim, compreende?

–Não pode falar a sério, *milord* – protestou Eduard– Deixará que uma simples mulher dê ordens em seu nome?

–É minha prometida – repôs Hugh com frieza.

–Sim, mas...

–Por isso, sou a sócia – Alice informou a Eduard.

–Parta imediatamente – disse Hugh – ou se prepare para lutar.

–Pelos dentes do demônio – vociferou Eduard. – Não posso acreditar.

Hugh apertou o punho da espada. Eduard retrocedeu depressa.

–Não quero brigar com você, sir Hugh.

–Então, parta.

–Ora. Quem acreditaria que Hugh, o Implacável, tem caído sob o enfeitiço de uma ruiva de língua afiada que...?

–Basta – disse Hugh.

Eduard cuspiu no chão. – Lamentará o dia em que se submeteu aos caprichos de uma mulher, recorde isso.

–Pode ser, mas esse é meu problema, não seu. – Já me cansei dessas tolices.

Eduard deu a volta e se encaminhou a passos largos para a porta, indicando a seus homens que o seguissem.

Hugh olhou para Dunstan – O acompanhe até a porta.

Dunstan relaxou um pouco – Sim, *milord*. Fez um sinal aos homens de Scarcliffe.

Alice observou, satisfeita, como Eduard e seus homens partiam.

–Vê, Reginald? Eu disse que tudo sairia bem.

–Sim senhora.

Reginald contemplou Hugh encantado.

Emma juntou as mãos, e seu olhar ansioso passou de Alice a Hugh.

–*Milord*, rogo... Quero dizer, devo lhe perguntar se pensa... Se... se interrompeu vacilante.

Alice soube o que preocupava Emma. Para Hugo seria muito fácil se apropriar do que acabava de deixar Eduard de Lochon.

–Tranquila Emma. Rivenhall está a salvo de lorde Hugh.

–Não ficarei com o castelo, milady – confirmou Hugh sem sinal de emoção. – Jurei ante Erasmus de Thornewood, apesar do que acreditam alguns, ainda está vivo. Enquanto viva, conta com minha lealdade.

Emma lhe dirigiu um sorriso trêmulo.

–Obrigada *milord*. Sei que o juramento não o obrigava a defender Rivenhall. Para você teria sido mais conveniente deixá-la em mãos de Eduard de Lockton.

–Sim – Hugh lançou a Alice um olhar inescrutável. – Mais conveniente.

Reginald se adiantou e fez uma breve reverência a Hugh.

–Senhor, em nome de meu pai, agradeço por sua ajuda.

–Não me agradeça isso. Foi mérito de minha prometida.

–Esteve magnífica – suspirou Emma. – Estaremos eternamente agradecidos. Sem ela teríamos estado perdidos.

Alice se sentiu incomodada.

–Não foi para tanto. Só invoquei o poder da legendaria reputação de lorde Hugh.

–Certo. –Os olhos de Hugh ardiam. – E logo aprenderá que tudo tem um preço.

–Teve boas intenções, *milord* – Dunstan contemplava com fascinação como Hugh fazia girar a taça de vinho entre as mãos. – No fim das contas, é uma mulher. É de coração terno. Quando o pequeno Reginald rogou que salvasse a sua mãe, não teve coragem para negar-lhe.

Hugh fixou a vista nas chamas. Assim que retornaram de Rivenhall com Alice e os soldados, tinha ido diretamente a seu próprio escritório. Não houve oportunidade de falar com Alice enquanto durou a louca volta sob a tormenta.

Fora, a fúria desatada do vento e a chuva castigavam os muros negros de Scarcliffe. O ânimo do senhor refletia a tempestade, tinha estado tão perto. Por um

instante, crispou a mão ao redor da taça de vinho. Tão perto. A vingança esteve ao alcance da mão.

–Me lembro bem o que opinava no princípio de minha prometida, me assombra ouvir que a defendia lá, Dunstan.

O aludido se ruborizou.

–Não podia estar inteirada de seus planos, senhor.

–Tinha que ser tão oportuno... – Fixou a vista no centro das chamas. – Rivenhall estava em equilíbrio a beira do desastre. Vincent tinha despojado a suas próprias terras do pouco que seu pai lhe deixou, para poder pagar essas justas intermináveis. Não deixou nem mesmo homens suficientes para custodiar o castelo. Estava pronto para cair nas mãos de um sujeito como Eduard de Lockton.

Dunstan exalou um pesado suspiro.

–Eu sei que você esperava que Rivenhall caísse por seu próprio peso.

–Era uma mutreta muito simples, Dunstan.

–Sim.

–Mas ela conseguiu se enredar em minha rede. Desbaratou tudo.

Dunstan pigarreou.

–Você a deixou no comando de Scarcliffe, senhor.

–De Scarcliffe, não de Rivenhall.

–Não esclareceu a ela quais eram os limites de sua autoridade, senhor – insistiu Dunstan.

–É um engano que daqui em diante não repetirei – Hugh bebeu da taça–. Sempre aprendo de meus enganos, Dunstan.

–Senhor, devo dizer que a senhora atuou com grande arrojo. Nunca vi a outra como ela. Entrou a cavalo pelas portas de Rivenhall, com os soldados atrás como se fosse uma rainha no comando de um exército.

–Ah, sim?

–Deveria ter visto a expressão de Eduard de Lockton quando viu que quem cavalgava sob sua bandeira era uma mulher. Ficou muito nervoso. Não sabia o que

pensar. Abrigou a esperança de que você não a apoiaria quando se inteirasse do que tinha feito.

–Não tive mais alternativa que apoiá-la. Não me deixou outra opção. Atuou em meu nome – Fez uma careta.

–Não, foi mais à frente, sabe? Considera-se minha sócia. Uma sócia nos negócios.

–Diga o que dela diga, tem que saber que possui uma coragem similar a de qualquer homem. – Fez uma pausa significativa. – Na realidade, uma coragem como a sua *milord*.

–Crê que não sei? – perguntou com muita suavidade– É um dos motivos pelos que decidi me casar com ela, se por acaso não o recorda. Queria passar essa coragem a meus herdeiros.

–Senhor, o ouvi dizer que o poder exige um preço. Possivelmente, a coragem também.

–Sim, assim parece. Está claro que se ocupou de que eu pagasse um alto preço por isso, não é assim? E pensar que eu me considerava hábil para negociar e regatear...

Dunstan suspirou outra vez.

–*Milord*, peço que tenha em conta que lady Alice não podia saber até que ponto chega os seus sentimentos para Rivenhall.

Hugh afastou a vista das chamas e a fixou nos olhos de seu antigo amigo:

–Ah, nisso está equivocado, Dunstan. Alice sabia o que eu sinto com respeito a Rivenhall. Sabia muito bem.

–Asseguro que foi um espetáculo impressionante, Alice – disse Benedict, golpeando com força o chão manifestando seu entusiasmo. Estava junto à janela, e deu a volta com o semblante iluminado de excitação. – Havia caixas com especiarias empilhadas até o teto. Canela, gengibre, prego, pimenta e açafrão. Cada vez, lorde Hugh tinha que contratar mais guardas para custodiar os armazéns.

—Não me surpreende.

Alice uniu as mãos sobre o colo e tratou de prestar atenção a Benedict, que relatava a viagem a Londres. Não era fácil. Tinha a mente fixa no acontecimento do dia anterior.

A tormenta se desvaneceu com o sol da manhã. Uma luz cálida que se derramava pelas janelas banhava a coleção de cristais, conferindo um resplendor interior inclusive à feia pedra verde.

Alice desejava que o clima estranhamente formoso se refletisse no ânimo de Hugh, mas não confiava muito nessa possibilidade. Não o tinha visto nem falado com ele desde que chegaram ao castelo à noite anterior e não estava de todo segura de querer fazê-lo.

Sabia que tinha atizado o fogo do passado dentro dele. Só faltava ver quanto tempo arderia antes de se apagar outra vez. Enquanto isso lhe pareceu prudente evitar a fonte de conflito.

—Tem muitos empregados, Alice. Escrivães, empregados e mordomos. Tratam com membros da Corporação dos Pimenteiros e fazem contratos com os capitães dos navios. Negociam com poderosos comerciantes. Uma tarde, fomos ao cais e vimos como descarregavam um casco de navio. Traziam do Oriente as mercadorias mais exóticas.

—Deve ser fascinante.

—Sim. Mas o mais interessante foi a biblioteca onde se guardam os registros das viagens e das cargas. O administrador dessa sala me mostrou como se ingressa cada item da carga em um registro. Emprega um ábaco, igual à lorde Hugh, mas trabalha muito mais rápido. Faz somas enormes em um momento, Sir Hugo diz que é perito no negócio.

O entusiasmo de Benedict conseguiu atrair a atenção de Alice, e o olhou, pensativa.

—Me parece que desfruta com esse trabalho.

–Se pudesse trabalhar com lorde Hugh, sem dúvida que o desfrutaria – admitiu. Ele afirma que emprega às pessoas, e logo lhes dá autoridade para levar a cabo suas tarefas como lhes parece melhor. Diz que é o melhor.

Alice fez uma careta.

–O que faz se alguma pessoa empregada por ele excede a autoridade?

–Suponho que a despede – respondeu o moço, indiferente.

–Se despedirá de uma futura esposa com a mesma facilidade? – se perguntou baixinho.

Atraiu sua atenção um ligeiro ruído no corredor. Olhou ansiosa, para a porta, esperando que os passos apagados que ouvia anunciassem a chegada de Elbert ou outro dos criados. Uma hora antes, tinha mandado o mordomo dizer a Hugh que queria falar a sós com ele. Até então, não tinha tido resposta.

Os passos seguiram até a porta do escritório de Alice sem se deter, e se perderam pelo corredor. Exalou um breve suspiro.

Benedict a olhou:

–O que disse?

–Nada, me fale mais de sua viagem a Londres. Onde os alojaram?

–Em uma estalagem que sir Hugh gosta. A comida era simples, mas a cozinheira não tentava dissimular a carne velha nos guisados, e a roupa de cama era limpa. Sir Hugh diz que isso é o que alguém tem que pedir a uma estalagem.

–Havia alguma mulher nesse lugar? – perguntou, com cautela.

–Sim, algumas que trabalhavam no botequim, por que pergunta?

Alice levantou a pedra verde e fingiu examiná-la. – O senhor Hugh falava com elas?

–Claro, quando pedia que trouxessem comida ou cerveja a nossa mesa.

–Foi com uma delas?

–Não. – Benedict adotou um ar confundido – aonde iria com uma empregada de botequim?

Dentro de Alice, algo se distendeu. Deixou a pedra e olhou a seu irmão.

–Não tenho idéia. Era pura curiosidade me conte mais a respeito de Londres.

–É um lugar assombroso, Alice. Há tanta gente, e negócios. Muitos edifícios.

–Deve ter sido fascinante.

–Sim. Mas sir Hugh diz que prefere a comodidade de seu próprio salão. –se deteve junto a uma mesa de trabalho e brincou com o astrolábio. – Alice, estive pensando em meu futuro. Acredito que já sei o que queria fazer.

Alice ficou carrancuda.

–Já escolheu uma carreira?

–Queria me converter em um dos homens de sir Hugh.

O olhou atônita:

–Em caráter do que?

–Quero entrar no comércio de especiarias – afirmou entusiasmado. – Quero aprender a levar as contas e a fazer contratos com os capitães dos navios, quero fiscalizar a descarga dos navios e a venda das especiarias. É fantástico, Alice, não imagina.

–De verdade crê que desfrutará desse tipo de atividade?

–Seria muitíssimo mais interessante que a de leis. Alice sorriu um pouco triste.

–Vejo que sir Hugh obteve o que eu não pude.

Benedict a olhou:

–O que?

–Te deu uma amostra do que é o mundo, e vontade de lavar seu próprio futuro. É um magnífico presente.

"E enquanto Hugh teve a bondade de lhe brindar semelhante presente a meu irmão – pensou Alice, triste – eu o privei de sua desejada vingança".

Essa tarde, quando Alice desceu pela escada da torre para o almoço, se fez um sobressaltado silêncio no salão principal.

O tinido de jarras e facas cessou por um instante. Criadas atarefadas se detiveram para olhar. Os homens sentados nos bancos das longas mesas de cavalete calaram. Umas gargalhadas se cortaram de repente. Todos a contemplaram atônitos. Alice sabia que estavam atordoados, não só por sua presença, mas também por sua aparência com o novo vestido negro e âmbar.

A ninguém escapou o significado desse traje. A noiva de Hugh levava as cores do futuro esposo. Um murmúrio em surdina de curiosidade e assombro percorreu o salão.

Alice sorriu com certa ironia: sua entrada suscitava uma sensação só superada pelo tipo de impacto que o próprio Hugh gostava de provocar. Percorreu o salão com a vista até onde estava sentado sob o novo dossel negro e âmbar.

Apesar da tensão no salão, Alice não pôde evitar a satisfação pelo efeito que Julian tinha criado. Havia toalhas nas mesas, tapeçaria nas paredes ervas aromáticas frescas sobre os tapetes limpos. Muitos dos criados já estavam com as novas cores.

Hugh estava muito arrumado, sentado à mesa principal, na enorme cadeira negra. Também parecia muito frio e distante. A quebra de onda fugaz de prazer que percorreu Alice se dissipou: não a tinha perdoado por ir em auxílio de Rivenhall.

–Milady – Elbert apareceu junto à Alice com expressão nervosa. – Comerá hoje conosco?

–Sim.

O semblante de Elbert irradiou um inconfundível orgulho.

–Me permita acompanhá-la à mesa principal.

–Obrigada.

"É evidente que Hugh não vai me conceder a cortesia", pensou.

Hugh a contemplava com arrepiante intensidade enquanto caminhava para a mesa principal. Não se levantou da cadeira de ébano até que Alice esteve quase junto a ele. No último minuto, ficou de pé, inclinou a cabeça com gesto gelado, e segurou sua mão para fazê-la sentar. Sentiu os dedos como argolas de ferro ao redor da palma suave de sua mão.

–Que amável é ao nos honrar com sua presença, lady Alice – murmurou.

O tom a fez estremecer, e soube que ele percebeu sua reação. Tratou de aquietar o pulso acelerado enquanto se sentava.

–Espero que desfrute da comida, senhor. Alice se apressou a soltar a mão.

–É claro que sua presença dará certo realce ao sabor dos pratos.

Embora entendesse que o lacônico comentário não pretendia ser uma adulação, decidiu fingir que era:

–É muito gentil, senhor.

Hugh voltou a se sentar se reclinou contra o respaldo esculpido da cadeira, apoiou um cotovelo em um dos braços maciços, e observou Alice com expressão perigosa.

–Poderia perguntar por que, uma mulher de tão refinada sensibilidade decidiu comer em tão grosseira companhia?

Alice sentiu que ruborizava de vergonha - Não considero que a companhia seja grosseira. –Fez um gesto Elbert, que ficou precipitadamente em ação–. Estava impaciente por comer com você, *milord*.

–Sério?

Não pareceu notar o vestido novo.

Alice compreendeu que não seria fácil. Mas, assim eram as coisas com Hugh. Olhou ao redor em busca de algo que a ajudasse a mudar de tema e sua vista posou em um homem desconhecido sentado no outro extremo da mesa. Estava embelezado com vestimentas religiosas.

–Quem é nosso hóspede? – perguntou cortês.

–O sacerdote que trouxe comigo. Hugh deu um olhar de moderada curiosidade a uma elegante fonte de pescado em molho que colocavam à sua frente. O pescado estava banhado com um creme de cor açafrão. – Amanhã celebrará as bodas.

–As bodas? Alice engoliu em seco.

–Nosso matrimônio, senhora. – A boca de Hugh esboçou um sorriso frio. – Ou tinha esquecido?

–Não, claro que não. Alice elevou a colher e a apertou com tanta força que as juntas dos dedos se puseram brancas. *"Por todos os Santos, está furioso –pensou. – Muito mais do que esperava."* Alice não sabia o que fazer.

Não tinha idéia de como se dirigir a Hugh quando ele estava com este aspecto. Sentiu que a abatia o desespero, e o combateu com toda sua vontade.

–Não respondeu minha pergunta. Hugh se serviu de uma fatia do bolo de queijo e pombo que uma criada levou a mesa.

–O que perguntou *milord*?

–Por que concedeu a comer com seu futuro senhor e seus homens?

–Não é uma atitude condescendente. Só queria desfrutar da comida com você. Isso é tão estranho, por acaso?

Hugh pensou um momento, enquanto provava uma parte de bolo.

–Sim, muito estranho.

"Está jogando comigo – pensou Alice – me provocando".

–Bom, é verdade, senhor – se concentrou em uma fonte de verduras com molho de amêndoas. – Queria dar as boas-vindas por sua volta de Londres.

–Me dar às boas-vindas ou me aplacar?

A fúria de Alice se acendeu e deixou a colher com um golpe:

–Não estou aqui porque pretenda te aplacar, senhor.

–Está segura? – Nas comissuras da boca de Hugh brincou um sorriso sem humor – observei que, freqüentemente, quando procura um benefício, suas maneiras melhoram muito, poderia ver seus atos de hoje como os de uma mulher que sabe que se excede. É possível que queira compensar o que fez ontem?

Alice compreendeu que não poderia comer um só bocado mais, se levantou bruscamente e enfrentou a ele.

–Fiz o que acreditei necessário.

–Sente-se.

–Não, não me sentarei senhor, vim hoje comer com você porque queria ver se você gostava das melhorias que fizemos no castelo. –Indicou com uma mão o dossel negro e âmbar que tinham sobre a cabeça. – Não disse uma palavra sobre os adornos.

–Sente-se, Alice.

–Nem tampouco se dignou a prestar atenção a excelente comida. –O olhou colérica. – Passei horas organizando esta casa enquanto esteve ausente, e não se dignou pronunciar uma simples palavra amável. Diga-me, você gosta do bolo, *milord*? Percebeu que está quente e não frio?

Hugh entrecerrou os olhos.

–Neste momento, me interessam mais outros assuntos.

–Provou a cerveja? Está recém feita.

–Ainda não a provei.

–Desfruta do perfume agradável das toalhas? O que me diz dos tapetes novos que cobrem o chão? Notou que os guarda-roupas foram lavados com muita água e agora exalam uma agradável fragrância?

–Alice...

–O que opina das novas cores que Julian e eu escolhemos com tanto esmero? Adicionei o âmbar para combinar com seus olhos.

–Senhora, asseguro que se não se sentar imediatamente vá...

Sem lhe fazer caso, agitou as dobras da saia.

–E meu vestido novo? As donzelas trabalharam até bem entrada a noite para terminar o bordado. Você gosta?

Hugh abrangeu com um olhar o vestido negro e âmbar.

–Acaso acredita que vê-la usando minhas cores me suavizaria? –Apertou a mão com ferocidade no braço da cadeira. – Demônios acredita que me importam mais os guarda-roupas limpos que a vingança?

Alice estava indignada.

–Não fiz outra coisa que você mesmo não tivesse feito se estivesse aqui quando o pequeno Reginald veio em busca de ajuda.

Os olhos de Hugh brilharam de fúria.

–Espera desculpar seus atos com uma lógica tão pobre?

–Sim, *milord*, assim é. Nunca me convencerá de que você teria deixado lady Emma e seu filho pequeno e toda a propriedade cair nas garras desse espantoso Eduard de Lockton. Deixando de lado o que sente por Rivenhall, é muito nobre para permitir que os inocentes sofram por causa de uma vingança.

–Não me conhece.

–Nisso se equivoca. Conheço o bastante, senhor. E, em minha opinião, é desafortunado que sua nobreza só seja superada por sua monumental obstinação.

Alice recolheu a saia, girou e se afastou correndo da alta mesa. Quando chegou à porta, as lágrimas ardiam em seus olhos. Baixou correndo as escadas e saiu ao sol. Não se deteve nem olhou atrás, ao sair pelas portas do castelo.



Capítulo dezesseis

Não soube por que foi à caverna. Um motivo desconhecido fez que Alice encontrasse consolo nas sombras da grande caverna onde Hugh tinha feito amor com ela. Foi uma longa carreira enlouquecida. O que acreditava conseguir fugindo do castelo de maneira tão vergonhosa?

Sentou-se em um penhasco que aparecia perto da entrada, e inspirou fundo para se recuperar da louca carreira. Estava desarrumada e exausta.

O anel que segurava seu cabelo deslizou para um lado. Sobre as bochechas se agitavam mechas frisadas de cabelo acobreado. Os sapatos de couro negro macio estavam danificados. As saias do vestido novo, manchadas de terra.

Estava segura de que quando Hugh se acalmasse compreenderia por que Alice foi ao resgate de Rivenhall. Segura de que a perdoaria afinal, era um homem inteligente, não um bruto como Eduard de Lockton.

"Por outro lado, por algum motivo o chamam de Hugh o Implacável", recordou. Os que o conheciam, asseguravam que nada podia fazer mudar de idéia uma vez que se decidia. E havia decidido se vingar desde o dia de seu nascimento.

Alice sentia o coração pesado. Seu habitual otimismo se converteu em funda melancolia, destrutiva, o que não lhe era familiar. Estava tão acostumada a fazer planos para o futuro que pensar que não podia passar a impressionou.

Contemplou a paisagem de Scarcliffe e se perguntou, pesarosa, como podia se casar com um homem sem coração. Possivelmente tinha chegado o momento de voltar a pensar em uma vida tranqüila, encerrada entre os muros de um convento.

Possivelmente era hora de esquecer dos ingênuos sonhos de amor.

Compreendeu com surpresa que, até conhecer Hugh tais sonhos nunca a tentaram. Alice tentou pensar com calma e lógica na situação: ainda não estava casada, ainda havia tempo para escapar do compromisso.

Podia obrigar Hugh a cumprir sua parte do acordo. Podia dizer e fazer muitas coisas, mas era um homem em quem era possível confiar para que cumprisse a palavra empenhada. Na noite anterior, em Rivenhall, teve prova suficiente. Cumpriu a promessa que tinha feito a ela, embora lhe custasse à vingança.

Claro que existia a possibilidade que se alegrasse de romper o compromisso. Alice demonstrou ser para Hugh muito menos conveniente do que tinha pensado.

Ao pensar nisso seus olhos encheram de lágrimas. Começou a enxugá-las com a manga, desistiu, e por fim sucumbiu à vontade de chorar. Apoiou a cabeça sobre os braços flexionados e se entregou à tormenta emocional que a arrasava.

Nunca na vida tinha se sentido tão sozinha.

Passou um tempo até que a maré de sentimentos se esgotou por si mesma. Por fim, deixou de soluçar e permaneceu sentada, a cabeça apoiada nos braços, até que recuperou a calma.

Então, se dedicou a uma série de repreensões silenciosas. *"Nada resolve com lágrimas – disse a si mesma – Não se pode perder tempo lamentando o passado. Para falar a verdade, se tivesse uma segunda chance não mudaria nada do que passou ontem. Não podia dar as costas ao pequeno Reginald e a Ema"*.

Tinha estado segura de que Hugh compreenderia, que ele faria o mesmo que ela.

Mas, sem dúvida, se equivocou ao julgar essa escura lenda que era Hugh.

As pessoas tinham que deixar os enganos no passado. Era hora de seguir adiante. Aprendeu-se algo na vida, era que uma mulher tinha que ser forte se queria controlar seu próprio destino.

As dificuldades que enfrentava nesse momento residiam no fato de que devia tratar com um homem que tinha aprendido a mesma dura lição.

Enxugou os olhos com as dobras da saia, exalou um fundo suspiro para se acalmar, e elevou lentamente a cabeça.

O primeiro que viu foi Hugh. Estava apoiado, meio descuidado, na parede da caverna; os polegares enganchados no cinturão, a expressão inescrutável.

– Conseguiu impressionar ao sacerdote – disse sem ênfase – Não acredito que tenha presenciado antes um espetáculo semelhante em uma refeição.

O estômago de Alice se contraiu.

– Quanto tempo faz que está aí, me espiando? Não o ouvi chegar.

– Sei. Estava muito ocupada chorando.

Alice desviou o olhar desse rosto duro, implacável.

– Veio para seguir me provocando? Se for assim, advirto que não estou de humor para brigar.

– Que estranho. Nunca a vi cansada de brigar.

Alice lhe lançou um olhar furioso.

– Por todos os Santos, Hugh, chega.

– Também acho.

O tom irônico a desconcertou, e sufocou imediatamente a faísca de esperança que tinha surgido nela.

– Veio pedir desculpas, *milord*?

Hugh sorriu, apenas.

– Não abuse muito da sorte, Alice.

– Não, é obvio que não veio por algo tão sensato e lógico. Bom, *milord*, então, se não foi para pedir desculpas, para que me seguiu?

– Disse para não vir sozinha às cavernas.

"Está evitando o assunto – pensou, surpreendida – Isso não é próprio dele".

– Sim, é verdade. O dia em que me deu o anel. – Olhou a longa pedra negra que parecia pesar em seu polegar. Uma nova onda de tristeza a arrasou – Mas, sem dúvida, esta transgressão empalidece em comparação com meu terrível pecado de ontem – murmurou.

– Sim.

Gostaria de adivinhar o que era que Hugh estava pensando. O humor estava indecifrável, mas não parecia muito furioso. De repente, lhe ocorreu que talvez o próprio Hugh não soubesse bem o que sentia. A faísca de esperança renasceu.

– Veio-me dizer que deseja romper o compromisso? – perguntou com frieza.

– Se o fizer, me processará?

Alice enrijeceu:

– Não seja ridículo. Fizemos um acerto, recorda?

– Sim. – Se ergueu e se separou da parede. Inclinou-se, segurou-a pelos ombros e a fez levantar com delicadeza. – Não me submeterá a julgamento por romper a promessa, não é?

– Não, *milord*.

– Ao contrário, estará muito contente de escapar e se encerrar em um convento. Não é assim?

A jovem ficou rígida.

– *Milord*, sei que está muito zangado pelo que fiz, mas quero que saiba...

– Silêncio. – Os olhos do homem reluziram. – Não falaremos mais do que aconteceu ontem.

Alice piscou:

– Não?

– Depois de muito pensar, tive que chegar à conclusão que o ocorrido ontem em Rivenhall não foi por sua culpa.

– Não?

– Não. – Retirou as mãos dos ombros de Alice – Foi minha culpa, e só minha.

– Sêrio?

Sentiu-se como se tivesse passado por uma janela mágica e estivesse em um país estranho, onde a lógica comum estivesse um pouco desviada.

– Sim. – Cruzou os braços sobre o amplo tórax – Não fixei com clareza os limites da autoridade que concedi a você. Não tive em conta seu terno coração.

– Não poderia fazê-lo, senhor. – Alice começou a se sentir um pouco irascível – Terá que ter em conta que não parece saber o que é possuir um coração. E poderia adicionar que embora tivesse me proibido estritamente ir a Rivenhall, teria desobedecido.

Hugh esboçou um débil sorriso.

– Não sabe quando se calar, não é, Alice? E pensar que me chamam o Implacável! Você poderia me dar lições nesse sentido.

– Insisto, *milord*, em que se tivesse estado aqui e visto o pequeno Reginald suplicar ajuda, até a pedra que tem no lugar do coração teria se abrandado.

– Não acredito. Não teria perdido de vista minha meta final.

– Senhor, esse menino é de seu sangue, você goste ou não. Mais ainda, nem ele nem a mãe têm nada a ver com o que aconteceu no passado. Nenhum dos que vivem hoje tem nada a ver. Deixe descansar os pecados do passado.

– Basta. – Hugh cortou o fluxo de palavras pondo um dedo sobre os lábios dela. – Ficaria surpresa de saber que não vim aqui para brigar com você.

– Não?

O olhou com assombro zombador.

– Não. – A mandíbula de Hugh se contraiu – Nenhuma palavra mais sobre o que passou ontem em Rivenhall, Alice. Já passou.

Alice o olhou, emudecida, percebendo com plena intensidade a excitante aspereza do dedo contra sua boca suave. Por um momento, Hugh se limitou a contemplá-la, como se procurasse nesses grandes olhos algum sinal.

– Alice, na última vez que estivemos nestas cavernas, me disse que até então nunca tinha feito amor porque não conheceu um homem que a atraísse.

– Era verdade. – *"Não toda a verdade. O certo é que nunca conheci um homem que pudesse amar"*, adicionou para si – E então?

Não lhe respondeu, mas sim a atraiu para ele, segurou a cabeça desalinhada com uma mão enorme, e a beijou.

A sombria paixão do abraço afluía muito perto da superfície, e Alice tremeu sob seu ataque.

Sempre tivera consciência das alturas a que chegava o controle de Hugh quando a tinha nos braços. Mas esse dia sentiu que lutava contra os laços de aço que

se impôs. Perguntou-se que força terrível o teria levado tão perto dos limites de seu controle.

No beijo, percebeu o resto do aborrecimento e a irritação. A boca se moveu sobre a dela, sem retroceder em sua exigência. Acreditou ouvir, quase, a tormenta que soprava uivando na alma dele.

Mas de súbito, Alice compreendeu que não a machucaria, que não queria nem podia fazê-lo. Rodeou-lhe o pescoço com os braços.

Hugh elevou a cabeça no mesmo instante em que Alice gemia e abria os lábios. Contemplou essa boca entreaberta com desejo:

– É hora de voltarmos para o castelo. Temos muito a fazer antes do casamento amanhã.

Alice reprimiu um gemido. Exalou um profundo suspiro e tratou de serenar.

– *Milord*, possivelmente teremos que esperar um pouco mais antes de trocar nossos votos.

– Não, senhora. – O tom se endureceu. – É muito tarde.

– Se para você é só uma questão de honra, fica tranquilo. Eu não...

– Só uma questão de honra? – de repente, os olhos ambarinos se tornaram ferozes. – Minha honra é tudo para mim, senhora. Tudo. Entende? Tudo o que sou provém dela.

– Não quis dizer que não dou importância a sua honra. Ao contrário, sempre me impressionou muito...

Interrompeu-se, pois com a extremidade do olho captou um objeto. Girou a cabeça para olhar na escuridão da caverna.

Hugh ficou carrancudo.

– O que foi?

– Por todos os Santos! – exclamou – Isso não é uma sandália?

Hugh olhou para a entrada e entrecerrou os olhos.

– Sim, é. – Soltou Alice e foi a passos largos para o escuro. – Se esse maldito monge ainda está rondando por aqui, juro que o jogarei de Scarcliffe com minhas próprias mãos.

– Mas, por que quereria ficar aqui se já não pode pregar? – perguntou, enquanto ia atrás de Hugh.

– Excelente pergunta.

– O que é? – Alice correu atrás dele e olhou por cima do largo ombro. Um profundo desassossego a transbordou. De súbito, o ar que saía do passadiço pareceu muito frio. – Por todos os Santos!

A sandália estava ainda no pé de Calvert. O monge estava imóvel, sobre o chão de pedra da caverna. A túnica castanha estava amontoada sobre o corpo ossudo como se fosse roupa suja.

Nessa penumbra podia ver que o corpo de Calvert estava estranhamente contraído. Parecia que sofreu intensa dor durante um tempo, mas era evidente que já estava além de qualquer sofrimento.

– Está morto. – disse Hugh em voz baixa.

– Sim, pobre homem. – Alice fez o sinal da cruz – Embora não me agradava, lamento que tenha morrido aqui, sozinho. O que acredita que aconteceu?

– Não sei. Possivelmente caiu e golpeou a cabeça contra uma pedra.

Segurou com uma mão o tornozelo do monge.

– O que faz?

– Quero olhá-lo mais de perto. Há algo estranho em tudo isto.

Arrastou o corpo fora da caverna. Alice se apressou a retroceder. Então, viu o estranho tom azul ao redor da boca de Calvert, e um estremecimento de temor a sacudiu.

Recordou algo que sua mãe tinha escrito a respeito das poções feitas com o suco de uma erva estranha. Olhou as unhas de Calvert. As mãos estavam rígidas, em forma de garras, mas mesmo assim pôde distinguir a cor azul debaixo das unhas.

– *Milord.*

– O que? – perguntou, distraído.

Estava concentrado em esticar o corpo do monge para vê-lo a luz na entrada da caverna.

Quando terminou, se ergueu e observou Calvert com expressão especulativa.

– Não acredito que tenha morrido por causa de uma queda – murmurou Alice.

Hugh lhe dirigiu um olhar perspicaz.

– A que se refere?

– Acredito que isto é obra do veneno.

Hugh a olhou por um longo momento.

– Está certa?

Alice assentiu.

– No livro de minha mãe há várias páginas com notas sobre o tema.

– Nesse caso – disse em tom imparcial – não dirá nada relacionado ao modo em que morreu. Compreende-me, Alice?

– Sim. – A intensidade da voz a enfeitiçou – Mas não entendo. Por que é tão importante que não diga nada?

– Porque toda a aldeia foi testemunha de seu aborrecimento com ele na igreja. – se apoiou em um joelho junto ao cadáver – E porque todos sabem que é perita em poções de ervas.

Alice ficou gelada. Sentiu náuseas. Engoliu rápido, tentando controlar a confusão no estômago.

– Meu Deus. Poderiam acreditar que eu tive um motivo para assassinar ao pobre Calvert e que sei o suficiente de venenos para fazê-lo.

– Não quero que minha esposa seja manchada por esses rumores, se posso evitá-lo. – Desatou e tirou um saquinho de couro que Calvert levava no cinturão – Esta região já teve muitas lendas e maldições. Não quero que se somem outras novas.

Alice estava aturdida. Quase não registrou o que Hugh fazia. Suas pernas tremiam, e se apoiou com uma mão na parede da caverna.

– E se não puder evitar esses rumores?

Hugh encolheu os ombros ao tempo que se levantava com a bolsa de Calvert em uma mão.

– Nesse caso, eu os enfrentarei.

– É óbvio. – Alice se abraçou para aliviar o frio que a envolvia – Parece que estou condenada a te causar dificuldades sem fim, *milord*.

– Sim, mas estou seguro de que haverá compensações. – Abriu a bolsa de couro e examinou o conteúdo – Interessante.

Por fim, a expressão de Hugh penetrou na mente nublada de Alice, e sua curiosidade habitual a dominou.

– O que é?

Hugh tirou uma lâmina de pergaminho enrolado e o desdobrou com cuidado:

– Um mapa.

Alice se aproximou:

– Do que?

Hugh observou um momento o desenho. Quando, ao fim, elevou a vista, os olhos brilhavam como se fossem de ouro.

– Acredito que deve ser um desenho das cavernas de Scarcliffe. Ou, ao menos, as que Calvert teve tempo de explorar.

Alice correu para onde Hugh estava. Olhou as linhas do mapa.

– Olhe *milord*, marcou vários túneis. Vê? Aqui indica que estas duas passagens estão vazias. – O olhou – Do que crê que estão vazios?

– Eu não acredito que nosso monge tenha passado todo o tempo orando nas cavernas. Ao que parece, esteve procurando algo. Existe um só tesouro que poderia atrair a um homem a estas cavernas.

– As pedras de Scarcliffe – murmurou Alice, maravilhada.

– Claro. Possivelmente por elas o tenham assassinado.

– Você me chamou, senhor?

Julian se deteve na entrada da biblioteca de Hugh.

– Sim. – Deixou a um lado o livro de contas. – Entra, Julian. Quero falar com você.

– Espero que não me envie a Londres com uma mensagem antes do banquete de bodas desta tarde. – Julian entrou na sala e parou ante a mesa – estive esperando ansioso esse banquete. Aqui, a comida melhorou muito ultimamente. Notou?

Hugh fechou os olhos.

– Notei. Mas não o chamo para falar dos pratos bem feitos que agora alegram minha mesa.

– Claro que não. – Julian sorriu lisonjeador – Acredito que saiba a quem agradecer as excelentes comidas que desfrutamos.

– Tampouco necessito mais observações a respeito do quão bem organizada está agora esta casa. Tenho uma boa provisão de tais comentários. Sou muito consciente que essas melhoras são resultado da habilidade de minha prometida no manejo do lar.

– Certamente – murmurou Julian. – Então, no que posso lhe servir, *milord*?

Hugh tamborilou com os dedos sobre a escrivaninha:

– Tem certa facilidade para os cumprimentos gentis e as palavras floridas, não é assim, Julian?

O jovem adotou um ar modesto.

– Sim, rabisco um pouco de poesia e tenho escrito várias canções, senhor.

– Magnífico. Necessito uma lista de cumprimentos.

Julian pareceu confundido.

– Uma lista?

– Com três ou quatro estará bom.

Julian pigarreou.

– Que tipo de cumprimentos prefere, *milord*? Agradaria que fale sobre sua habilidade com a espada ou seus triunfos em batalha? Posso escrever um par de linhas sobre sua lealdade e sua honra.

Hugh o olhou fixo.

- De que demônios está falando?
 - Diz que quer cumprimentos, *milord*.
 - Para mim não – espetou Hugh. – Para minha noiva.
- Os olhos do jovem adquiriram uma expressão risonha.
- Ah, entendo.

Hugh uniu as mãos em cima da mesa e franziu o cenho, num gesto de concentração.

– Tenho talento para muitas coisas, mensageiro, mas não para inventar o tipo de adulações que agradam às damas. Quero que me faça uma lista de frases belas que eu possa memorizar e dizer a minha noiva. Compreende-me?

– Sim, *milord*. – Julian sorriu, agradado. – E poderia adicionar, *milord*, que falou com o mais talentoso artesão para esta tarefa, como sempre. Prometo que não se decepcionará.

Na noite seguinte, Alice caminhava pelo tapete do imenso dormitório de Hugh, tratando de acalmar o formigamento que sentia no ventre. Nunca na vida tinha se sentido tão inquieta como nesse momento. Ela e Hugh já não eram sócios segundo um acordo, a não ser marido e mulher.

Passou junto ao fogo e se deteve uma vez mais ante a porta, prestando atenção ao ruído de passos no corredor. Já fazia quase uma hora que tinha se despedido das criadas. Hugh já teria que estar ali.

Perguntou-se se a fazia esperar de propósito para elevar sua paixão até um ponto máximo. *"Se esse for seu propósito – pensou – terá uma surpresa"*.

Não se sentia mais apaixonada, a não ser mais irritada. *"Já me fartei dessas artimanhas dele – pensou, ressentida – Este foi um dia muito longo"*.

Começou com o enterro de Calvert de Oxwick.

Foi sepultado em um pequeno cemitério, atrás da igreja da aldeia. Os únicos presentes foram Alice, Benedict, Hugh e Joan. Geoffrey, o sacerdote que acompanhou Hugh e Benedict a Scarcliffe, disse as preces pelo defunto sobre a tumba. Ninguém derramou uma lágrima.

Umás horas depois, pouco antes do meio-dia, Geoffrey tinha concluído o serviço de bodas frente à porta da igreja.

Depois, seguiram intermináveis celebrações e um complicado banquete. Alice estava tão cansada de sorrir e de ser amável com todos que acreditou que adormeceria assim que se aproximasse de uma cama.

Mas no momento em que ficou sozinha no dormitório para esperar Hugh, uma profunda inquietação levou a fadiga. Deixou de dar voltas e foi sentar em uma cadeira em frente ao fogo. Com a vista cravada nas chamas, tentou imaginar o futuro.

Se apresentava envolto em uma névoa, não muito diferente da que velava Scarcliffe esse dia. Só havia uma certeza.

Era a esposa de Hugh.

Um pequeno calafrio a sacudiu. Se envolveu melhor na camisola. Todos os planos para o futuro mudaram para sempre. Não havia possibilidade de arrependimento nem de mudar de opinião. Estava comprometida.

Sem aviso prévio, a porta se abriu atrás de Alice.

Girou a cabeça de repente quando Hugh entrou no quarto.

– Bem-vindo, *milord*.

A aliviou comprovar que estava sozinho. Ao que parecia, tinha decidido evitar o costume de chegar com uma comitiva buliçosa ao leito nupcial.

– Boa noite... Esposa.

Demorou-se na última palavra, como se fosse muito interessante.

As botas de couro negro não faziam ruído sobre o tapete enquanto caminhava para ela. Sem dúvida nenhuma, era uma criatura noturna, um feiticeiro escuro que absorvia a luz do fogo e emanava sombras.

Vestia uma das novas túnicas negras, bordada com fio âmbar, que Alice tinha feito. O cabelo negro estava escovado para trás, deixando limpa a face. O olhar se fixou no fogo.

Alice levantou de um salto. Olhou para a mesa onde havia duas taças e uma garrafa.

– Você gostaria de beber um pouco de vinho?

– Sim, obrigado.

Hugh se deteve frente ao fogo, estendeu as mãos para o calor e contemplou Alice, que servia vinho. Pigarreou.

– Alguma vez disse que seu cabelo é da cor de um entardecer brilhante, no momento em que o envolve a noite? – perguntou sem muita importância.

O frasco tremeu nas mãos de Alice, e sentiu que o rubor subia às bochechas.

– Não, *milord*. Nunca me disse isso.

– É verdade.

– Obrigado, *milord*.

Ao ver como se precipitava o vinho na taça, Hugh levantou as sobrancelhas.

– Está nervosa.

– Nestas circunstâncias, isso parece estranho, meu senhor?

Hugh encolheu os ombros.

– Possivelmente não o seria para quase todas as mulheres, mas você não é como a maioria, Alice.

– E você não é como a maioria dos homens, senhor.

Girou para ele com a taça na mão.

Os dedos apenas roçaram os dela ao pegar a taça.

– No que me diferencio de outros homens?

"Esta não é a conversação que pensava ter na noite de bodas", pensou Alice.

Perguntou-se se ele esperaria uma resposta séria ou se estaria desenvolvendo uma nova artimanha para desconcertá-la.

– É mais inteligente que outros homens que conheci – respondeu, cautelosa – Mais profundo. Mais difícil de entender, às vezes, e outras, muito mais claro.

– Por isso casou comigo? – A olhou por cima da taça – Porque sou mais inteligente que outros homens? Mais interessante? Excito sua curiosidade? Seu temperamento inquisitivo? Vê-me como a um objeto estranho, digno de adicionar a sua coleção, talvez?

Alice sentiu um espasmo de inquietação e, de repente, se sentiu muito desassossegada.

– Não, não é isso.

Com a taça na mão, Hugh começou a percorrer a habitação.

– Casou comigo porque demonstrei ser útil?

Alice franziu o cenho.

– Não.

– Resgatei você e seu irmão, do domínio de seu tio.

– Sim, mas não me casei com você por isso.

– É para ficar com a posse permanente da pedra verde, possivelmente?

– Claro que não. – Alice se irritou. – Que idéia absurda, milord. Como ia casar para possuir essa estranha parte de cristal...

– Está segura?

– Muito segura – insistiu, entre dentes.

Hugh se deteve perto de um dos pilares da enorme cama negra e esboçou seu perigoso sorriso.

– Então, é por paixão?

O aborrecimento de Alice transbordou:

– Está me provocando outra vez, senhor.

– Só procuro informação.

– Acaso crê que me casaria com você pelo simples prazer de uns beijos?

– Pelos beijos somente, não, mas sim pelo que segue a eles. Tem uma natureza muito apaixonada, senhora.

– Senhor, isto foi muito longe.

– E também terá que considerar sua grande curiosidade. – A voz ficou áspera – despertou seu apetite sensual, e quer experimentar mais. O único modo prático de fazê-lo é no leito matrimonial, não é certo?

Alice ficou atônita.

– Fez de propósito, não é assim? Foi tudo um plano. Já estava suspeitando.

– Suspeitando de que?

– Que me beijou, acariciou e fez amor até me deixar sem fôlego porque quis me apanhar por meio da paixão. Se o que sentiu até agora te pareceu interessante, espera até descobrir quanto mais poderia aprender nesta matéria. Talvez queira ter pena e pergaminho junto à cama para registrar suas observações.

– OH, é um demônio, *milord*. – Deixou a taça com um golpe sobre a mesa e apertou os punhos. – Mas está enganado se acredita que seria capaz de me casar com você para estar segura de que me fará amor.

– Está segura?

– Não sei o que pretende com esta desagradável conversa. E não penso continuar com ela.

Decidida, se encaminhou para a porta.

– Aonde pensa que vai?

– Para meu próprio quarto. – Apoiou a mão no trinco de ferro. – Quando seu comportamento estranho tiver passado, pode me avisar.

– O que tem de estranho que um homem queira saber por que sua esposa se casou com ele?

Alice se voltou, indignada.

– É muito inteligente para se fazer de estúpido. Sabe muito bem por que me casei com você. O fiz porque o amo.

Hugh ficou imóvel. Em seus olhos apareceu algo sombrio e desesperado.

– Sério? – murmurou por fim.

Alice viu a desolação faminta nele, e esqueceu todo propósito de escapar para seu dormitório. Conheceu as ondas de emoções do homem, porque ela mesma as tinha experimentado.

– *Milord*, não está tão só no mundo como acredita – disse com suavidade.

Soltou o trinco e correu para ele.

– Alice!

Segurou-a nos braços, apertando com tanta força que não a deixava respirar.

Depois, sem uma palavra, abriu o roupão e o deixou cair ao chão. Alice tremia quando a deitou sobre os lençóis brancos de linho.

Hugh arrancou a puxões sua própria roupa e a jogou formado um descuidado monte.

Quando parou diante dela, Alice conteve o fôlego ao ver a enorme ereção, e a invadiu uma corrente de emoções. Sentia-se perturbada, excitada e apreensiva ao mesmo tempo. Se estirou para segurar-lhe a mão.

– Minha esposa. – Jogou-se sobre ela, a esmagando contra a cama.

Alice percebeu uma luz da abrasadora necessidade e a crua paixão nos olhos ambarinos quando inclinava a cabeça para se apoderar de sua boca. Nesse instante soube que, ao fim, os turbulentos vendavais que uivavam no centro de seu ser, se liberaram.

Se perdeu na tormenta de seu abraço. Não parecia com nada que tivesse conhecido até o momento com ele. Desta vez, não foi sedução calculada e lenta. Foi uma cavalcada furiosa dos ventos de uma tempestade selvagem. Sentiu-se sacudida até um ponto em que quase não podia respirar.

Percebeu a dura mão em um peito. Assim que o mamilo se ergueu, Hugh o apanhou na boca. Os dentes roçaram com delicadeza o casulo sensível, e Alice estremeceu.

Um gemido rouco ressoou no peito de Hugh.

Sua mão baixou, passando pelo ventre, procurando a suave mata enredada. Alice exalou uma exclamação e fechou com força os olhos ao sentir que o homem molhava os dedos na umidade entre suas pernas.

E então, antes que pudesse recuperar o fôlego, estava separando suas pernas, e se acomodando entre elas. Era tão grande. E quente. E duro. Alice sentiu como se a estivessem tragando viva. Evocou as palavras do belo elogio: um entardecer brilhante, antes que o envolva a noite.

Hugh se apoiou nos cotovelos para contemplá-la.

Tinha as feições marcadas, os olhos brilhantes à luz das chamas. Apanhou o rosto de Alice entre as mãos.

– Repete que me ama.

– Te amo.

Sorriu para ele, trêmula, sem temor. Nesse momento, pôde ver os segredos da alma desse homem. *"Necessita de mim – pensou – tanto como eu dele. Algum dia, compreenderá a verdade"*.

A penetrou com força arrebatadora.



Capítulo dezessete

Alice o amava.

Muito tempo depois, Hugh, deitado de costas sobre os travesseiros macios, contemplava as brasas da lareira. Era consciente de uma estranha paz. Era como se os sombrios ventos de uma tormenta que sopravam em sua alma há tanto tempo, por fim se aquietaram.

Ela o amava.

Hugh se deliciou com a lembrança da apaixonada declaração de Alice. *"E não é o tipo de mulher que diria isso por dizer"*, disse a si mesmo. Não as diria, a menos que fosse com certeza.

Moveu-se, e se esticou com cuidado na enorme cama, pois não queria despertá-la. Estava aconchegada perto dele, com os quadris acomodados na curva de seu corpo.

"Tem a pele suave", pensou. Tocou a curva da coxa, maravilhado. Tão morna. E o perfume é mais embriagador que a mais estranha das especiarias.

Alice se moveu um pouco, reagindo ao contato até em sonhos. Apertou o braço com que a rodeava quando ela se aproximou mais. *"Escolhi bem"*, pensou. Alice era tudo o que aparentava ser aquela noite em que o enfrentou com valentia, no salão de seu tio, e se atreveu a regatear por seu próprio futuro e o do irmão.

Tudo isso e mais. Era o mais afortunado dos homens. Tinha esperado encontrar uma esposa que tivesse essas qualidades: coragem, honra e inteligência, tão importantes para ele. Além disso, topou com uma que o amava com uma paixão tão doce e ardente que tirava seu fôlego.

– Parece feliz consigo mesmo, *milord* – murmurou Alice com voz adormecida.

– No que está pensando?

A olhou.

–Ao contrário do que temia a princípio, não corri o risco de ser enganado quando paguei o preço do seu dote. Sem dúvida, valia esses dois cofres cheios de especiarias.

Alice afogou uma risada.

–É um descarado e um vadio pouco cavalheiro.

Ajoelhou-se, pegou um travesseiro e começou a golpeá-lo sem piedade.

Hugh caiu em gargalhadas enquanto fingia se defender.

–Me rendo.

–Quero mais que uma rendição. – O golpeou outra vez com o brando projétil.
–. Quero uma desculpa. Arrebatou o travesseiro dela e o jogou a um lado.

–E o que te parece uma adulação em troca?

Alice apertou os lábios, pensando na proposta. – Primeiro, tenho que ouvir para saber se me satisfará tanto como uma desculpa.

–Seus seios são redondos, frescos e doces como os pêssegos do verão.

Colocou a mão sobre um deles.

–É um elogio muito bonito – admitiu.

–Tenho mais – prometeu.

–Mmmm.

A atraiu para ele, e Alice tombou sobre seu peito, morna, suave, tentadora e feminina. Acariciou o contorno da bochecha de ossos finos. Lembrou do dia em que a tinha salvado dos ladrões, em Ipstoke. Recordou como tinha se aproximado dele. Como se já então soubesse que o lugar dela estava em seus braços.

–Muito mais – murmurou.

Alice dobrou os braços sobre o peito dele. – Bom, *milord*, sem dúvida os seus elogios são muito agradáveis e eu adoraria ouvir mais, mas acredito que neste caso não servirão.

–Continua preferindo uma desculpa?

–Não. – riu-. O que quero é um benefício.

–Um benefício?

–Sim.

–De que tipo? – perguntou, alerta.

Passou os dedos por entre o cabelo revolto. Ela estava adorável, deitada na cama. Estremeceu ao pensar que, se não tivesse sido por uma antiga lenda e pelo capricho do destino, jamais a teria conhecido. *"Mas talvez estive destinado a encontrá-la desde o dia em que nasci"*.

Alice sorriu placidamente.

–Ainda não sei. Queria mantê-lo de reserva, por assim dizer, até que chegue um dia em que possa cobrá-lo.

–Sem dúvida irei me arrepender, mas não estou com humor para pechinchar com você nessa noite. Pode contar com minha promessa de um benefício futuro, senhora.

Alice ofendida agitou os cílios.

–É muito gentil, *milord*.

–Sei. É por certo, um dos meus grandes defeitos.

Na manhã seguinte, Dunstan cuspiu sobre a terra com seu constante entusiasmo, e contemplou a porta que dava entrada ao armazém e que estava quebrada.

–Lindo dia, *milord*.

–Sim. – Hugh olhou a porta quebrada com sensação de profunda satisfação—. Não há sinais de chuva. Isso significa que poderemos terminar o trabalho aqui, no pátio, sem demora. Estava contente com o progresso realizado nas terras de Scarcliffe em tão pouco tempo.

As cabanas de todos os aldeãos já estavam arrumadas. A nova cisterna estava terminada, e a ponte que cruzava o riacho fora reconstruída e reforçada. Já estavam resolvidos os primeiros pontos de sua lista de prioridades.

Era hora de atender assuntos menos urgentes no próprio castelo. Coisas como a porta do armazém, que pendia torta. Em todo o pátio ressoavam os golpes das ferramentas.

–Temos abundância de pessoal – comentou Dunstan.

No princípio, Hugh se surpreendeu com a quantidade de aldeãos que chegavam cada manhã para ajudar nos consertos, pois ele não tinha ordenado que fossem. Só mandou dizer que havia trabalho para aqueles que tivessem tempo de sobra depois de trabalhar em suas respectivas granjas.

Quase todos os varões fisicamente aptos de Scarcliffe se apresentaram com ferramentas na mão, no término de uma hora. Imediatamente ficaram a trabalhar com expressão alegre.

–Temos que agradecer a minha esposa a quantidade de trabalhadores que temos aqui hoje. – disse com secura. – Parece que ela causou uma impressão favorável nos aldeãos enquanto eu estive em Londres.

–Lady Alice está se convertendo com rapidez em uma lenda, como você, *milord*. Não passou em branco a ninguém que ela salvou ao Jovem John, o filho do moleiro, quando a curadora já tinha desistido.

–Já me inteirei.

–E tampouco esqueceram a cena na igreja, quando jogou Calvert de Oxwick do púlpito.

–Certamente, foi memorável.

–E se dedicou com esforço a controlar que se fizessem os concertos que você mandou enquanto esteve ausente.

Hugh sorriu com expressão irônica.

–Alice é muito eficaz para conseguir que se façam as coisas.

–Sim. Mas me parece mais correto pensar que o que a converteu em uma lenda foi o resgate de Rivenhall.

Hugh, sentindo que o humor plácido se dissipava em um instante, resmungou:

–Quer dizer que os aldeãos ficaram maravilhados com sua valentia?

–Sim, *milord*. Maravilhados, é o termo certo.

–Admito que à minha esposa não falta coragem, mas não resgatou Rivenhall sozinha. A acompanharam você e a maioria de meus homens. Eduard de Lockton sabia que não poderia brigar contra essa força, nem teria me desafiado empunhando as armas contra minha prometida.

–Não foi o audaz rodeio a Rivenhall que conquistou a admiração de todos. – Dunstan riu entre dentes–. Foi o fato de ter sobrevivido à sua fúria que assombrou a todos.

–Por todos os diabos! – resmungou Hugh. Dunstan lhe dirigiu um olhar perspicaz.

–Há quem diga que exerce um poder místico sobre você.

–Sério? – Na mente de Hugh se acenderam ardentes lembranças da noite passada e sorriu. – Possivelmente os que falam de seus poderes mágicos têm razão.

Dunstan elevou uma sobrancelha.

–Tenho a impressão que o matrimônio provocou um interessante efeito sobre seu ânimo, *milord*.

Hugh se salvou de responder por um grito que chegou de uma das torres de vigilância.

–Visitantes se aproximam, *milord* – gritou um dos homens de um posto elevado.

– Visitantes? –Hugh ficou carrancudo–. Quem pode vir de visita a Scarcliffe?

–Você não está totalmente sem amigos – Dunstan disse, pontuando as palavras.

–Ninguém viria sem mandar antes uma mensagem. – Olhou o guarda que estava na torre–. Homens armados?

–Não, *milord*. –O guarda observou o caminho que chegava a Scarcliffe. – Um homem com uma espada, nada mais. Vem acompanhado por uma mulher e um menino.

–Maldição! – Hugh se sentiu invadido por um fundo presságio, e girou para a porta aberta—. Não será tão estúpido para fazer uma visita de bom vizinho.

–Quem? – perguntou Dunstan.

Instantes depois, a pergunta foi respondida quando Vincent de Rivenhall entrou cavalcando no pátio. Junto a ele, estavam lady Emma e o pequeno Reginald.

Hugh grunhiu aborrecido.

–Por acaso um homem não pode desfrutar em paz a manhã seguinte a sua noite de bodas?

–Parece que as coisas mudaram na história de Scarcliffe – murmurou Dunstan.

Todos os que estavam perto se viraram para olhar aos recém-chegados, e o trabalho foi interrompido. Os rapazes correram para cuidar dos cavalos das visitas.

Hugh observou Vincent enquanto ele desmontava e ia ajudar Emma a desembarcar da égua. O pequeno Reginald saltou os arreios e sorriu para Hugh.

Vincent, com o semblante marcado por uma expressão de sombria determinação, enlaçou o braço da esposa e se aproximou como se fosse para a força.

–Sir Hugh.

Parou diante do relutante anfitrião, e executou uma rígida reverência.

–Vejo que, por fim, deixou as guerras pelo tempo suficiente para visitar suas fazendas – disse Hugh, lacônico—. Que pena que não o fez antes: teria economizado muito o tempo de minha esposa.

Vincent se ruborizou intensamente e apertou a mandíbula.

–Sei que estou em dívida com você, sir Hugh.

–Se você está em dívida com alguém é com a minha esposa. Não quero que aja como se me devesse alguma maldita coisa.

–Acredite que não tenho o menor desejo de agradecer a você, *milord* – disse entre dentes. – De toda maneira, devo agradecer o que você fez por minha esposa e meu filho.

–Economize os agradecimentos. Eu não os desejo.

–Nesse caso, os darei a sua senhora. –resmungou Vincent.

–Isso não será necessário. Esta manhã, lady Alice está trabalhando em seu estúdio. – Lhe ocorreu que era preferível se livrar dos Rivenhall antes que Alice soubesse que tinham visitas–. Não gosta que a interrompam.

Emma se apressou a falar.

–Sabemos que se casou ontem, *milord*. Viemos felicitá-lo.

Lhe dirigiu um sorriso trêmulo, mas gentil. Hugh fez uma leve inclinação de cabeça, aceitando a felicitação.

–Me desculpe por não organizar um banquete para celebrar a inesperada presença de vocês em meu recinto, senhora. Para falar a verdade, neste momento não podemos receber visitas. Estamos ocupados com questões mais urgentes.

O semblante de Emma escureceu.

A expressão de Vincent se tornou furiosa. – Maldito seja, primo, me libertarei desta dívida, nem que seja a última coisa que faça em minha vida.

–Pode conseguir isso se ocupando da segurança de seu próprio castelo, de modo que nunca mais Scarcliffe tenha que ir em defesa das terras de Rivenhall. – Lhe dirigiu um sorriso tenso–. Estou seguro que compreende meus sentimentos nesse aspecto. Resgatar Rivenhall vai contra todos eles.

–Eu me senti da mesma maneira ao receber a assistência de Scarcliffe – retrucou Vincent.

–Lady Emma, lady Emma! –A voz alegre da Alice chamou a atenção de todos os que estavam dentro do recinto amuralhado–. Bem-vinda. Que alegria que tenha vindo.

–Maldita seja! – balbuciou Hugh.

Agora sim que não poderia se desfazer de Vincent e sua família antes que Alice se inteirasse de sua presença. Todos levantaram os olhos para a janela da torre. Alice apareceu pela estreita abertura e agitou entusiasmada um lenço, como forma de saudação. E apesar de tão longe, Hugh viu que a esposa tinha o rosto iluminado de contentamento.

–Chegaram bem a tempo para almoçar conosco – ela gritou.

–Obrigado, milady – respondeu Emma. – Nós adoraríamos poder almoçar com vocês.

–Já estou descendo.

Desapareceu da janela.

–Pelo sangue de Satã – exclamou Vincent, amargurado. – Temia isso.

–Sim – murmurou Hugh.

Era óbvio que Alice e Emma tinham travado uma rápida amizade.

–Homens sábios sabem quando retroceder. – Insinuou Dunstan, tentando ajudar.

Hugh e Vincent o olharam furioso. Dunstan abriu as mãos em gesto apaziguador. –Irei cuidar dos cavalos.

Duas horas depois, Alice estava com a Emma diante da janela do quarto de estudos, e observavam nervosas como Hugh e Vincent cruzavam o pátio juntos. Os dois se encaminhavam para os estábulos.

–Bom, ao menos, durante o almoço, não se atacaram com as facas – comentou Alice.

Tinham comido em um clima de tensão que não foi saudável para a digestão, mas não se produziram estalos de violência, para alívio de Alice. Ela e Emma fizeram o esforço de sustentar uma conversa animada, enquanto Hugh e Vincent engoliam em nebuloso silêncio. Os poucos comentários que os dois homens trocaram foram no estilo das frases irônicas e corrosivas.

–Sim. –Emma franziu as sobrancelhas, compondo uma expressão de inquietação, enquanto os olhava entrar nos estábulos—. Ambos são vítimas inocentes de um antigo conflito nas famílias. Nenhum dos dois teve nada a ver com o que aconteceu há tantos anos, mas os antepassados os criaram transmitindo seu próprio ódio e seu desejo de vingança desde o berço.

Alice a olhou.

–O que sabe sobre a história do conflito?

–Nada mais que o que sabem todos. Matthew de Rivenhall estava prometido a outra quando seduziu lady Margaret, a mãe de seu marido. Foi à França durante quase um ano, e nesse lapso nasceu Hugh. Parece que quando sir Matthew retornou, foi ver Margaret.

–E morreu?

–Os homens de Rivenhall estão convencidos que ela deu o veneno a ele e logo depois ela bebeu. Alice suspirou.

–Então, é muito improvável que tivesse ido vê-la e informar que pensava em se casar com ela.

Emma sorriu com tristeza.

–Lorde Vincent me assegura que era impossível que o tio rompesse o compromisso com a herdeira. Era uma união conveniente, e ambas as famílias o desejavam, mas talvez sir Matthew pensava conservar lady Margaret como amante.

–E ela foi muito orgulhosa para ser a amante enquanto ele se casava com outra. – Alice moveu a cabeça–. Posso compreendê-la.

–Sim. – Se olharam nos olhos–. Mas não acredito que uma mulher com tamanha gentileza tivesse recorrido ao veneno para obter vingança. E tampouco acredito que você mesma tivesse bebido o veneno, deixando assim a seu filho sem mãe.

–Não, eu não teria feito isso, por mais zangada que estivesse.

Tocou o abdômen com os dedos. Era provável que já levasse em seu interior o filho de Hugh e, ao pensar nisso, se sentiu ferozmente protetora.

–Nenhuma de nós teria feito algo semelhante. – Murmurou Emma.

Alice pensou em Calvert do Oxwick, morto por veneno, e estremeceu como se tivesse sido acariciada por uma brisa gelada.

–E se lady Margaret tampouco o tivesse feito?

Emma a olhou perplexa.

–O que quer dizer? Não há outra explicação para o que se passou naquela noite.

–Você está equivocada, Emma. – Retrucou lentamente. – Há outra possibilidade. E se foi outra pessoa a que ministrou o veneno a sir Matthew e a Margaret?

–Porque que motivo? Não tem sentido. Ninguém tinha um motivo.

–Suponho que esteja certa e de qualquer maneira, a estas alturas já não podemos saber a verdade.

"A menos que, depois de tantos anos, o envenenador tenha voltado para Scarcliffe. – pensou–. Mas, por que escolheu o monge como vítima?"

O cérebro de Alice bulia com esses pensamentos a inquietando. Afastou-se da janela, cruzou a habitação até o escritório e levantou o cristal verde.

–Você gostaria de ver minha coleção de pedras, Emma?

–Pedras? Nunca conheci ninguém que colecionasse pedras.

–Penso em escrever um livro descrevendo vários tipos.

–Sério? –Emma olhou para o pátio amuralhado e paralisou–. Deus do céu, o que estão fazendo?

–Quem?

–Nossos maridos. – Abriu bem os olhos, e levou as mãos à boca, horrorizada–. Tiraram as espadas e estão lutando.

–Não seriam capazes.

Alice correu para a janela e se inclinou para ver melhor. Imediatamente, comprovou que Emma estava certa. No centro do pátio, se enfrentavam Hugh e Vincent. As espadas reluziam ao sol. Nenhum dos dois levava elmo nem cota, mas sim um pequeno escudo.

Os aldeãos que estavam fazendo os reparos e vários homens armados deixaram as ferramentas. Logo, se juntou uma multidão para olhar.

–Terminem agora com essa tolice. – Gritou Alice, da janela–. Não tolerarei, me ouvirem? A multidão reunida no pátio a olhou. Vários homens dissimularam

sorrisos. Alice viu que muitos deles olhavam entre si, e murmuravam, tampando a boca com as mãos. Soube que estavam fazendo apostas.

Hugh olhou interrogativo para a janela.

–Volta para suas pedras e seus escaravelhos, senhora. Isto é jogo de homens.

–Não quero nenhum jogo de espadas entre você e nosso convidado, *milord*. –

Apertou com força as mãos no batente–. Encontra outra coisa para entreter sir Vincent.

Vincent elevou a vista. Inclusive dessa distância, se notava o ar selvagem de seu sorriso.

–*Milady*, eu garanto que estou muito satisfeito com este entretenimento. Para falar a verdade, não me ocorre nada que pudesse desfrutar mais que de um pouco de prática com a espada com seu senhor.

Emma olhou furiosa para seu marido.

–Meu senhor, somos hóspedes nesta casa. Ordeno que respeite o desejo de lady Alice.

–Mas foi nosso anfitrião que sugeriu este jogo. – Exclamou–. Como posso me negar?

Alice apareceu novamente na janela.

–Sir Hugh, tenha a amabilidade de informar a nosso convidado que deseja praticar outro tipo de jogo com ele.

–E que outro esporte sugeriria, senhora? – perguntou com inocência. – O que acha de praticarmos com nossas lanças?

Alice se enfureceu.

– Mostre a sir Vincent a nova cisterna se não te ocorre nada mais divertido. Não me importa o que faça, mas não permitirei que os dois iniciem uma guerra no castelo. Fui clara, senhor?

No recinto cresceu um silêncio de expectativa. Todos os olhares estavam presos à janela da torre.

Por um momento, Hugh a contemplou com grande concentração.

–Não permitirá? – repetiu finalmente.

Alice inspirou fundo, e cravou os dedos no batente.

–Já me ouviu. Não é uma maneira apropriada de entreter a um convidado.

–Senhora, talvez não tenha percebido, mas o senhor deste castelo sou eu.

Entreterei meu convidado como me agradar.

–Lembra do benefício que me prometeu ontem à noite?

–Alice!

–Eu o reclamo agora, *milord*.

A expressão de Hugh foi mais turva que durante o almoço. Permaneceu imóvel durante uns segundos tensos, e logo, com um ruído sibilante e letal, colocou a espada outra vez na bainha.

–Está bem, senhora – disse, sem entonação alguma–. Reclamou o benefício, e vou concedê-lo a você. – Sorriu com frieza–. Mostrarei a sir Vincent a cisterna da aldeia.

Vincent estalou em gargalhadas, embainhou a espada e tocou o ombro de seu primo. – Não se preocupe, senhor – disse, não sem certa simpatia–. Tenho total confiança em que logo se adaptará à vida de casado.

Pouco depois, Hugh passava a cavalo diante o convento, acompanhado pelo homem que tinha aprendido a odiar desde que nasceu. Nem ele nem Vincent falaram desde que saíram do castelo de Scarcliffe.

–Você realmente vai me mostrar a cisterna da aldeia? – perguntou Vincent, com secura.

Hugh fez uma careta.

–Não. Para falar a verdade, há um assunto que, sem dúvida teremos que discutir.

Estava pensando enquanto decidia quanto diria a Vincent sobre o assassinato de Calvert, e por fim chegou a uma conclusão.

–Se pensa me censurar outra vez a respeito de meus deveres com Rivenhall, pode poupar o seu fôlego. Finalmente juntei dinheiro suficiente nas guerras para me ocupar de minhas fazendas. Não tenho intenções de abandoná-las outra vez.

Hugh deu de ombros.

–Esse é um assunto seu. Mas como somos vizinhos, nós gostemos ou não, tem que saber que, recentemente, se cometeu um assassinato nesta região.

–Assassinato? – Lançou um olhar de alarme—. A quem mataram?

–Encontrei o cadáver de um monge peregrino chamado Calvert de Oxwick em uma das covas dos escarpados. Acredito que ladrões o mataram.

–Por que alguém mataria um monge?

Hugh suspirou um instante.

–Porque estava procurando as Pedras de Scarcliffe. Vincent soltou uma exclamação incrédula.

–Isso não passa de uma antiga lenda. Se alguma vez existiram essas pedras de Scarcliffe, faz tempo que desapareceram.

–Sim, mas sempre tem os que acreditam nessas lendas. O monge devia ser um deles.

–E o assassino?

–Também deve acreditar. – Disse Hugh, em voz baixa. Vincent franziu o cenho.

–Se um ladrão assassinou o monge por um tesouro inexistente, não há dúvidas que agora já sabe de seu engano. É muito provável que partiu desta região.

–Sim. Mas tendo em conta que decidiu voltar para seu imóvel e assumir suas responsabilidades, acreditei conveniente que estivesse informado do incidente. Nenhum de nós precisa de um assassino ao redor de nossas casas.

–Dirige o sarcasmo tão bem como a espada, sir Hugh.

–É a única arma que minha esposa julgou conveniente me deixar usar hoje.

Vincent guardou silêncio por um momento. Os cascos dos cavalos não faziam ruído sobre a terra. Várias monjas que trabalhavam nos jardins do convento

observaram a dupla. O filho do moleiro saudou entusiasticamente com a mão da cabana dos pais.

–Sir Hugh, sir Hugh – gritou, alegre.

Hugh elevou a mão em sinal de saudação, e Jovem John riu, encantado.

Vincent viu como o menino desaparecia no interior da cabana e depois olhou para Hugh.

–Dizem que Erasmus de Thornewood está próximo da morte.

–Sim.

–Sentirei falta dele. – Disse com sinceridade–. Deixando de lado a exigência de que você e eu não brigarmos um com o outro, foi um bom suserano.

–Muito bom.

Vincent observou as cabanas arrumadas.

–Conseguiu muita coisa nos últimos meses aqui, Hugh.

–Claro, com a ajuda de minha esposa.

Hugh sentiu uma flamejante sensação de orgulho e satisfação. Em Scarcliffe reinavam a ordem e a estabilidade. Na primavera, também começariam a conhecer a prosperidade.

–Me diga –disse Vincent – ainda cobiça Rivenhall, ou está satisfeito com essas terras?

Hugh elevou as sobrancelhas.

–Você me pergunta se darei a procuração de Rivenhall quando a morte de Erasmus quebrar o meu juramento?

–Pergunto se o tentará – ele corrigiu cortante.

–Tentar? Dentro de Hugh, transbordaram as gargalhadas, que vinham do mais profundo de seu ser. Ressoaram na rua, atraindo a atenção das monjas do outro lado do muro do convento.

–Me alegra que a pergunta o divirta. – Vincent o olhou com expressão cautelosa–. Mas ainda aguardo sua resposta.

Hugh conseguiu controlar a risada. – Suspeito que Rivenhall está a salvo enquanto minha esposa se considere amiga da sua. Eu não gostaria de vê-la eternamente carrancuda, e é isso que teria que suportar se fosse sitiar Rivenhall.

Vincent piscou e logo começou a sorrir.

–Algo me diz que já se acostumou à maravilhosa vida de casado.

–Existem destinos piores.

–Sim, é claro.

O dia seguinte amanheceu carregado de nuvens ameaçadoras. Hugh teve que acender uma vela sobre a escrivaninha para que ele e Benedict pudessem trabalhar. Estava na metade da tarefa de examinar uma lista de especiarias quando percebeu que a chama da vela piscava de uma maneira estranha. Deixou a pluma e esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Quando os abriu outra vez, viu que a chama se alargou muito.

–Alguma coisa errada, senhor?

Benedict se inclinou sobre a escrivaninha com expressão aflita.

–Não.

Hugh sacudiu a cabeça para limpar as teias de aranha que parecia ter na mente. As feições de Benedict começaram a se deformar. Os olhos se juntaram com o nariz e a boca.

–Lorde Hugh?

Hugh fez esforços por se concentrar. O rosto de Benedict voltou para a normalidade.

–Terminou essas somas?

–Sim. – Benedict afastou os copos de caldo verde que tinham sido levados para eles no estúdio um pouco antes—. Terei as quantidades preparadas que Julian tem que levar amanhã a Londres. Senhor, você tem certeza que está bem?

–Por que diabos a chama dança assim? Aqui não há nenhuma corrente de ar.

Benedict olhou a vela.

–A chama está firme, senhor.

Hugh a olhou. A chama balançava loucamente. Também estava com uma estranha cor rosada. Chamas rosadas?

Tirou os olhos da chama e fixou o olhar na tapeçaria dependurada na parede. O unicórnio bordado no centro tomou vida enquanto o observava. Voltou a cabeça graciosa e o olhou com expressão de curiosidade.

–A sopa – murmurou Hugh.

–O que disse *milord*?

Hugh olhou a tigela meio vazia que tinha em frente e uma terrível premonição rasgou o véu que turvava seu cérebro.

–Você bebeu algo?

A voz era um murmúrio rouco.

–Da sopa verde? – As feições de Benedict resplandeceram igual à chama—. Não. Eu não gosto. Sei que Alice está convencida que é muito boa para os humores, mas me desagrada. Em geral, a jogo no lixo mais próximo.

–Alice! – Hugh se segurou na borda da mesa, ao mesmo tempo em que o cômodo começava a girar lentamente ao redor—. A sopa.

–O que aconteceu, *milord*?

– Traz... Traz a Alice. Diga a ela... Diga... Veneno.

Benedict se levantou de um salto.

–Senhor, é impossível. Como se atreve a acusar de envenenadora?

–Alice não – conseguiu dizer—. Este é um trabalho de Rivenhall. Minha culpa. Nunca devia ter deixado ele entrar no castelo.

Enquanto caía pesadamente ao chão, Hugh teve uma turva consciência dos passos de Benedict que foram para a porta e percorriam o corredor. E então, o unicórnio desceu da tapeçaria, cruzou o cômodo e o olhou com ar solene.

–Assim foi com seu pai e sua mãe – disse o unicórnio com gentileza.

Capítulo Dezoito

– *Milord*, vou colocar os dedos na sua garganta. Rogo que não me morda.

Abaixada junto a Hugh, Alice o fez girar a cabeça e abriu a boca dele.

Um instante depois, Hugh gemeu e vomitou o conteúdo do estômago no urinol que Benedict segurava.

Alice esperou que comesçassem a aliviar os primeiros espasmos e voltou a meter os dedos na garganta.

Hugh se convulsionou com violência e vomitou o pouco que ficara.

Benedict olhou para sua irmã com expressão temerosa. – Morrerá?

– Não – prometeu Alice em tom feroz. – Não morrerá se eu puder evitar.

Traga água, Benedict. Uma jarra grande. E leite. Rápido.

– Sim.

Benedict pegou a bengala, ficou em pé e correu para fora do quarto.

– Benedict!

O moço se deteve com uma mão no marco da porta.

– O que?

– Não conte isto a ninguém, me compreende? Diga que eu pedi a água e o leite para lavar meu rosto.

– Mas, e se a sopa estiver envenenada? Todos beberam sua tigela matinal.

– A sopa não estava envenenada – disse Alice em voz baixa. – Eu bebi uma tigela cheia recentemente. E minha criada também.

– Mas...

– Tenha pressa, Benedict.

Saiu correndo do quarto.

Hugh abriu um instante os olhos de cor âmbar, que ardiam.

– Alice.

– É um homem grande e não bebeu toda a sopa, *milord*. O fiz devolver quase tudo o que consumiu. Viverá.

– Vou matá-lo – jurou, e fechou outra vez os olhos. – Depois disto, meu juramento a Erasmus não o protegerá.

– A quem se refere?

– A Vincent. Tentou me envenenar.

– Hugh, disso não pode estar seguro.

– Quem mais seria? – Um novo espasmo o dominou.

O corpo poderoso estremeceu, mas já não havia nada dentro.

– Tem que ter sido ele.

Benedict entrou pela porta, sem fôlego por ter descido correndo até as cozinhas. Trazia duas vasilhas em uma mão.

– Aqui estão o leite e a água.

– Magnífico. – Alice recebeu a primeira vasilha. – Me ajude a lhe fazer engolir isto.

Hugh entreabriu os olhos.

– Não se ofenda senhora, mas neste momento não tenho muito apetite.

– Minha mãe escreveu que convém subministrar grande quantidade de líquido a uma vítima de envenenamento. Devolve o equilíbrio aos humores corporais. – Acomodou a cabeça de Hugh em seu regaço. – Por favor, *milord*, suplico que beba.

A testa de Hugh estava coberta de um fino suor, mas em seus olhos brilhou fugazmente o humor ao divisar a curva dos peitos da mulher.

– Sabe que quando usa suas maneiras elegantes, estou perdido. Muito bem senhora, beberei algo que deseje, a menos que seja verde.

Alice olhou para Benedict.

– Acredito que já se sente muito melhor. Procure sir Dunstan. Necessitaremos ajuda para levar meu senhor para seu dormitório.

– Sim.

Benedict voltou a sair pela porta.

– Por todos os diabos – murmurou Hugh. – Não me levará como se fosse um menino.

No final, conseguiu percorrer o corredor por seus próprios meios, mas Alice, Benedict e Dunstan tiveram que sustentá-lo. Quando por fim se derrubou sobre a maciça cama de ébano, dormiu imediatamente.

– Veneno? – Aos pés da cama, Dunstan fechou os punhos junto aos flancos.

– Envenenaram sir Hugh? Está segura?

– Sim. – Alice o olhou carrancuda. – Mas, por agora, não tem que dizer nada, sir Dunstan. Até o momento, os únicos que sabem a verdade somos nós quatro. Por um tempo quero que siga sendo assim.

– Como não diga nada? – Dunstan a olhou como se estivesse louca.

– Porei este maldito castelo de pernas para o ar. Pendurarei a todos os criados na cozinha um por um, até que descubra a pessoa que pôs a beberagem na tigela de sir Hugh.

– Sir Dunstan...

– Sem dúvida, veio de Rivenhall. – Enquanto ruminava o problema e sua satisfação, Dunstan contraiu a testa. – Sim, isso o explicaria. Ontem, antes de partir, sem dúvida sir Vincent subornou a um criado de Scarcliffe para que pusesse as ervas venenosas na sopa.

– Sir Dunstan, já é suficiente. – Alice se levantou do tamborete junto à cama.

– Eu me ocuparei disto.

– Não, senhora. Sir Hugh não permitiria que você se ocupasse de um assunto tão sangrento.

– Já estou metida nele – disse entre dentes, para não elevar a voz.

– E sei mais sobre venenos que você, senhor. Descobrirei como se cometeu este ato. Só então saberemos a quem culpar.

– É a sir Vincent de Rivenhall que terá que culpar – disse Dunstan.

– Não podemos estar seguros. – Alice começou a passear pelo quarto. – Bem, só sabemos que a sopa de sir Hugh foi envenenada. Isso significa que puseram as ervas em sua tigela quando a levavam ao estúdio, ou que...

– Descobrirei a esse criado traidor – a interrompeu furioso. – E o farei enforcar antes do meio-dia.

Alice se apressou a continuar:

– Ou o veneno já estava na tigela quando verteram nela a sopa.

No semblante de Dunstan refletiu a perplexidade.

– Como já estava na tigela?

– Sim, senhor. A cozinha é um lugar concorrido. Certamente, um par de gotas de um veneno muito forte no fundo de uma tigela passariam despercebidas quando servissem a sopa nela.

– E um par de gotas bastaria para matar a um homem?

– Existem beberagens de certas ervas que conservam suas propriedades letais embora estejam destiladas. E a sopa quente pode ter reativado uma beberagem assim.

"*Alguns, não todos*", Alice adicionou para si. E segundo o tratado de sua mãe, as ervas usadas em tais preparados não eram comuns.

Benedict olhou para Alice por cima de Hugh que dormia.

– Não é um segredo qual é a tigela que sir Hugh usa. Seria bastante fácil para um envenenador distinguir sua tigela das outras.

– Sim. – Alice seguiu passeando com as mãos unidas às costas. – Sir Dunstan, eu levarei adiante esta investigação, compreende? Muitas coisas dependem do resultado. A guerra contra Rivenhall custaria muitas vidas. Se essa for a alternativa não queria te-las sobre minha consciência.

– Senhora, esteja segura de que, quando sir Hugh desperte, não haverá outra alternativa. – Afirmou Dunstan com expressão selvagem. – Assim que possa montar a cavalo, cobrará vingança.

Alice jogou um olhar a Hugh. Até no sono, tinha aspecto de implacável. Ninguém sabia melhor que ela que, uma vez decidido, nada poderia detê-lo.

Voltou-se de frente para Dunstan e Benedict. – Então, devo atuar com rapidez.

Alice fechou o livro de sua mãe, cruzou as mãos sobre a escrivaninha e olhou o jovem ajudante de cozinha que estava a sua frente.

– Luke, esta manhã, você levou a sopa para sir Hugh?

– Sim, milady – respondeu sorridente e orgulhoso. – Me atribuíram a tarefa de levar a sopa a ele todas as manhãs.

– Quem te atribuiu essa tarefa?

Luke a olhou, intrigado.

– Mestre Elbert, é obvio.

– Me diga Luke, hoje, quando foi levar a sopa para sir Hugh, no trajeto, se deteve para conversar com alguém?

– Não, milady. – Nos olhos de Luke apareceu uma expressão alarmada. – Não me detive para nada, juro. Fui diretamente ao quarto, como me ordenaram. A sopa ainda estava quente quando cheguei! Estava-se fria quando sua senhoria a bebeu, não é por minha culpa, milady.

– Se tranqüilize, Luke. A sopa estava bem quente – Alice assegurou com doçura.

Luke se reanimou.

– Lorde Hugh está de acordo com meu serviço?

– Eu diria que ficou atônito com o desta manhã.

– Então, pode ser que mestre Elbert logo me deixe servir no salão principal – disse Luke, contente. – É minha maior ambição. Minha mãe ficará orgulhosa.

– Estou segura que, um dia destes, cumprirá seu objetivo, Luke. Parece um moço decidido.

– Sou, milady – disse com ardor. – Lorde Hugh me disse que o segredo da verdadeira força de um homem, sem ter em conta sua posição na vida, é a decisão e a força de vontade. Se forem intensos, pode obter o que se propõe.

Apesar da angústia que sentia, Alice sorriu ao imaginar Hugh dando conselhos a um moço da cozinha.

– Sem dúvida, isso parece algo próprio de sir Hugh. Quando te deu de presente essa partícula de sabedoria?

– Ontem pela manhã, quando perguntei a ele como podia suportar a sopa verde todos os dias. Eu não a tomaria jamais.

Alice suspirou.

– Já pode voltar para suas tarefas, Luke. – Sim, *milady*.

Esperou até que Luke tivesse saído do estúdio antes de abrir outra vez o livro de notas. Chegou à conclusão que uma das perguntas tinha ficado respondida. Luke era um moço honesto. Acreditou nele quando assegurou que não cruzou com ninguém quando foi ao estúdio de Hugh.

Isso significava que o veneno não foi vertido na tigela depois de ter sido servida a sopa.

O que, por sua vez, significava que estava procurando um veneno que pode ter sido vertido no fundo da tigela limpa. Iria requerer uma preparação tão forte que só umas gotas bastassem para provocar enfermidade ou morte.

Fechou com força os olhos ao pensar que esteve a ponto de perder Hugh e sentiu um terrível calafrio de temor.

Tinha que descobrir ao suposto assassino antes que pudesse voltar a atacar. Tinha que encontrar o envenenador antes que Hugh sitiasse ao seu parente consanguíneo e destruir para sempre toda esperança de paz entre Rivenhall e Scarcliffe.

Alice fez um esforço para se concentrar nas notas feitas por sua mãe com respeito a erva beladona¹⁶.

¹⁶ A beladona é uma das plantas mais tóxicas encontradas no hemisfério ocidental. A ingestão de apenas uma folha pode ser fatal a um adulto, embora isto possa variar de uma espécie para outra. Todas as partes da planta contém alcalóides. Os sintomas de envenenamento de beladona são os mesmos que os da atropina, e incluem pupilas dilatadas, taquicardia, alucinação, visão borrada, garganta seca, constipação e retenção urinária. A pele pode secar completamente e os casos fatais mostram pulsos rápidos. Seu antídoto é a pilocarpina.

Se preparada de acordo com esta receita, uma pequena quantidade alivia a dor intestinal. Mas muita quantidade mata...

Um discreto golpe na porta anunciou outra visita.

– Adiante – disse Alice, sem afastar a vista da página.

A cabeça de Elbert apareceu por trás da porta.

– Mandou para me chamar, senhora?

– Sim, Elbert. – Levantou a vista. – Quero que se ocupe de que hoje limpem todas as taças e pratos que há na casa antes de servir outra comida.

– Mas se lavam todos os pratos e taças depois de cada comida, como você indicou – balbuciou Elbert, muito confundido pela ordem.

– Sei Elbert, mas quero que hoje, antes do almoço, lavem outra vez. Está claro?

– Sim, *milady*. Antes da comida. Darei a ordem em seguida. Algo mais?

Alice hesitou.

– Hoje, lorde Hugh não comerá com os outros. Está no dormitório, e não quer ser incomodado.

Elbert se alarmou:

– Passa algo mau, *milady*?

– Não. Tem um leve resfriado. Dei um tônico a ele e amanhã estará bem.

O semblante de Elbert clareou.

– Quer que faça levar mais sopa verde ao quarto?

– Não acredito que seja necessário, obrigado, Elbert. Pode ir. Não se esqueça de que lavem imediatamente pratos, jarras e taças.

– Sim, senhora. Será feito em seguida.

Fez uma reverência e saiu para cumprir as ordens. Alice sacudiu de cima os mórbidos temores que ameaçavam sufocá-la. Virou outra página do livro de notas e se concentrou na letra esmerada de sua mãe.

O relógio de água que havia sobre a mesa de trabalho gotejou lentamente. Passou outra hora.

Muito tempo depois, Alice fechou o livro e permaneceu imóvel um longo momento. Refletiu no que tinha lido.

Como suspeitava, os segredos para preparar um veneno bastante forte para ser subministrado como tinha sido este, estavam envolvidos em mistério.

Embora o medo aos venenos estivesse bastante generalizado, na realidade não era tão perigoso. Na verdade, a maioria dos venenos não funcionava bem.

Ao contrário do que muitas pessoas acreditavam a preparação de venenos letais não era fácil. Só um jardineiro experiente conhecia as plantas apropriadas. Era necessário muito estudo e experimentação para preparar uma poção. Só um herbanário pouco comum, que tivesse estudado os venenos e seus antídotos para descobrir a cura, por exemplo, ou um alquimista que perseguisse conhecimentos sobre as más artes, dedicaria tanto tempo a procurar poções capazes de matar.

Havia uma quantidade de problemas práticos a resolver para preparar poções venenosas. Era muito difícil determinar a dose exata. Também era muito difícil refinar o veneno até chegar ao ponto em que bastasse uma pequena quantidade para conseguir os resultados. E era mais difícil ainda chegar a certo grau de confiança. A maioria dos venenos tinha efeitos altamente imprevisíveis.

Como tinha escrito sua mãe no livro, era muito mais provável que uma pessoa adoecesse e morresse por causa de mantimentos rançosos que de um autêntico veneno.

Tirou conclusões mentais. Não havia muitas pessoas nas proximidades de Scarcliffe capazes de preparar um veneno mortal e depois achar o modo de fazê-lo administrar à vítima escolhida.

Não, às vítimas.

"Porque foram dois: Calvert de Oxwick também tinha sido envenenado", pensou.

Mas, quem queria matar a um monge chato e a um cavaleiro legendário, de uma vez? Qual era o vínculo entre os dois?

Alice pensou por um longo tempo.

O que conectava as vítimas, até onde podia discernir, era o interesse pelas pedras de Scarcliffe. Mas assim que Hugh teve em seu poder o cristal verde, deixou de procurar o resto do tesouro. Nem mesmo acreditava na existência das demais pedras.

Calvert, por sua parte, sim acreditava na velha história.

Acreditava a tal ponto, que se arriscou a se meter nas traiçoeiras cavernas de Scardiffe para procurar o tesouro. Não existia nenhum vínculo que Alice pudesse discernir entre os dois homens.

Perguntou-se se a verdade estaria no passado. De fato, nessa região, em outra época, houve outro caso de envenenamento.

Nessa mesma tarde, uma noviça alegre e de pequena estatura fez passar a Alice ao estúdio da priora.

Joan se levantou sorrindo de trás da escrivaninha. – Lady Alice, sente-se. O que a traz por aqui a esta hora?

– Lamento incomodá-la, senhora.

Alice esperou que a noviça tivesse fechado a porta e logo se deixou cair sobre um tamborete de madeira.

– Veio sozinha?

Joan voltou a se sentar.

– Sim. Os criados acreditam que saí para dar um passeio de última hora. Devo retornar ao castelo o quanto antes possível. – Queria voltar antes mesmo que Hugh despertasse. – Não a farei perder muito tempo.

– Você é sempre bem-vinda, Alice, você sabe. – Uniu as mãos e a observou com preocupação. – Há algo que a aflige?

– Assim é, senhora. – Alice reuniu forças. – Preciso lhe fazer algumas perguntas.

– Com respeito a que?

– A irmã Katherine, sua curadora.

Joan franziu o sobrecenho.

– Fará as perguntas a ela, diretamente. Mandarei procurá-la imediatamente.

– Isso é impossível. – Enquanto caminhava rapidamente pelo corredor, o hábito de Joan sussurrava. – A irmã Katherine é uma curadora perita. Não envenenaria a ninguém.

– Não notou se ela está desaparecida? – perguntou Alice.

– Deve estar em alguma parte, nos campos que rodeiam ao convento.

– Já olhamos na capela, no jardim e na sala de oração. Em que outro lugar poderia estar?

– Possivelmente está meditando em seu quarto e não ouviu a noviça que mandei bater na porta. Ou talvez esteja em meio de um de seus ataques de melancolia. Às vezes, o remédio que ingere a deixa em um profundo sonho.

– Isto é muito inquietante.

– As suas suspeitas também – repôs Joan com brutalidade. – Faz quase trinta anos que a irmã Katherine está neste convento.

– Sim, esse é um dos fatos que me impulsionou a pensar se, de algum modo, não estaria envolvida nisto.

Alice contemplou a fileira de portas de madeira que havia no corredor. Em cada uma delas havia uma janela e se abria a uma cela pequena e austera.

O corredor estava muito tranquilo e silencioso. A maioria das celas, estavam desocupadas essa hora.

As monjas estavam ocupadas em diversas tarefas nos jardins, nas cozinhas, no escritório e na sala de música.

Joan olhou por cima do ombro.

– Me disse que os pais de lorde Hugh foram envenenados faz quase trinta anos.

– Sim. Todos supuseram que a mãe tinha sido a envenenadora. Era considerada uma mulher despeitada. Mas agora comecei a questionar essas hipóteses.

– Por que acredita que a irmã Katherine poderia saber mais do incidente que os rumores que corriam naquela época?

– Recorda o dia que a conheci, no jardim do convento?

– Certamente.

– Naquela ocasião, disse o quanto é fácil para um homem romper um voto de compromisso. Sua amargura chamou minha.

– Já lhe disse que Katherine padece de melancolia. Frequentemente se vê triste ou amargurada.

– Sim, mas acredito que nessa ocasião houve algo pessoal em sua reação. Advertiu-me que não adiasse minhas próprias bodas pois, do contrário, seria abandonada.

– E o que? – Joan se deteve ante a última porta gradeada. – Não era mais que um conselho prático.

– Falava como alguém que passou pela humilhação de um compromisso quebrado – insistiu. – Comecei a pensar se ela mesma tomou os hábitos por causa de um compromisso desfeito.

– Isso é bastante frequente. – Joan golpeou com vivacidade na pesada porta de carvalho. – Muitas mulheres entraram em um convento pela mesma razão.

– Eu sei, mas queria perguntar a irmã se esse foi seu motivo.

Joan a olhou aos olhos.

– E se foi?

– Nesse caso, queria saber se o homem que desfez o compromisso foi sir Matthew de Scarcliffe, o pai de Hugh.

Joan ficou carrancuda.

– Mas, segundo o que contam, sir Matthew jamais rompeu a promessa. Segundo o que sei, tinha toda a intenção de se casar com a dama que a família tinha escolhido. Todos pensam que queria manter a pobre mãe de Hugh como amante. Dizem que por isso a moça se encolerizou e deu ao amante uma taça envenenada.

– Isso diz a história – admitiu Alice. – Mas, e se não foi isso o que ocorreu? E se Matthew, ao retornar da França, descobriu que tinha um filho e decidiu se casar com a mulher que tinha seduzido?

– Quer dizer que a dama a que estava prometido pode ter procurado vingança?

– É possível, não?

– É um pouco extremado – disse Joan, crispada.

– Você mesma disse que a irmã Katherine padece estados de ânimo extremados – recordou. Joan ficou nas pontas dos pés e espiou pela grade.

– A cela está vazia. Não está aqui. Em tudo isto há algo estranho.

– Parece que se foi do convento.

– Mas, onde pode ter ido? Alguém a teria visto se tivesse levado algum dos cavalos do estábulo do convento.

Alice olhou pela grade.

– Há um pergaminho sobre a cama.

– A irmã Katherine é muito ordenada. Não deixa objetos pessoais esparramados.

Alice a olhou.

– Salvo que tivesse intenções de que alguém os encontre.

A expressão de Joan se tornou mais inquieta ainda. Sem falar, levantou o pesado anel que levava pendurado ao cinturão. Selecionou uma das chaves de ferro e a meteu na fechadura da porta de Katherine.

Em um momento, Alice entrou na diminuta cela. Não havia muito, além de uma cama estreita, um pequeno baú de madeira e a lâmina de pergaminho enrolada sobre o colchão de palha.

Alice foi pegar o pergaminho, mas se deteve e olhou para Joan, que lhe fez um gesto mudo de autorização.

Levantou o pergaminho e o desenrolou com cuidado. Sobre a cama caiu um anel de ouro com uma pedra verde incrustada, que Alice examinou de perto.

– Acaso pertence à irmã Katherine?

– Se for assim, o manteve oculto todos estes anos. Nunca o tinha visto.

– Me parece conhecido. – Alice levantou a vista. – Acredito que lady Emma usa um muito parecido. Disse que sir Vincent lhe deu de presente quando se comprometeram.

– Cada vez pior – murmurou Joan. – O que diz a carta?

– É uma breve nota.

– Leia.

Alice franziu o sobrecenho, concentrada na escrita muito precisa:

“O filho bastardo pagou pelos pecados do pai e da mãe. Está acabado”.

– Céus, o que quer dizer? – murmurou Joan.

– Sem dúvida, Katherine acredita que conseguiu se vingar. – Voltou a enrolar o pergaminho. – Pode ainda não saber que fracassou.

Quando Joan se voltou para a porta, as chaves que havia no aro de ferro tilintaram.

– Pedirei a uma das monjas que fale com os aldeãos. Talvez alguém tenha visto Katherine.

Alice olhou pela janela estreita da cela.

Fora, a névoa cinza estava mais escura.

– Está ficando tarde. Tenho que voltar para o castelo antes que alguém se impaciente por minha ausência. Ou seja, Hugh, que talvez já esteja acordado e tenha começado a planejar a vingança contra Rivenhall.

Joan foi a primeira a sair da cela de Katherine. – Se localizar a curadora, a farei saber.

– Obrigado – disse Alice em voz fraca. – Acredito ser conveniente não mencionar o veneno, prioresa. Sabe quanto essa gente o teme.

– Sim, não o mencionarei – prometeu Joan. – Deus sabe que não precisamos difundir rumores a respeito de envenenamento na região.

– Estou de acordo. Amanhã falarei com você, senhora. Agora, tenho que me apressar em voltar para minha casa para resolver esta situação antes que se desate uma tormenta nestas terras.

Benedict estava esperando por Alice no salão principal. A saudou com significativa urgência.

– Graças a Deus que retornou – disse. – Lorde Hugh despertou faz menos de uma hora e imediatamente perguntou por você. Quando disse que tinha saído, se desgostou muito.

Alice desabotoou a capa.

– Onde está?

– Em seu estúdio. Disse para ir vê-lo assim que chegasse.

– Isso é o que penso fazer.

Encaminhou-se às escadas.

– Alice.

Deteve-se, com um pé no primeiro degrau.

– O que acontece?

– Queria te dizer algo. – Benedict olhou ao redor para se assegurar que nenhum dos criados poderia ouvi-los. Deu um passo para a irmã e baixou a voz. – Eu estava com sir Hugh quando ele se encontrou mal.

– Sei. E?

– O primeiro que disse quando compreendeu que tinha bebido de uma tigela envenenada foi seu nome.

Alice se encolheu como se a tivessem golpeado e sentiu que um grande peso a esmagava.

– Pensou que eu tinha tratado de matá-lo?

– Não. – Benedict sorriu sem alegria. – A princípio eu acreditei que era isso o que queria dizer. Disse a ele que isso era impossível. Então, me esclareceu que perguntava por você, porque sabia que seria a única capaz de salvá-lo. Desde o começo, jogou a culpa em Vincent de Rivenhall. Em nenhum momento suspeitou de você.

O espírito da Alice se livrou da pesada carga e dedicou a seu irmão um sorriso tremulo.

– Obrigado por me dizer isso irmão. Alivia meu coração mais do que imagina. Benedict se ruborizou.

– Sei o quanto o quer. Sir Dunstan afirma que um homem do caráter de lorde Hugh não deveria se permitir emoções ternas. Disse-me que lorde Hugh se burla do amor e que jamais entregaria o coração a uma mulher. Mas me pareceu que, ao menos deveria saber que confia em você. Sir Dunstan diz que é muito pouco comum que *milord* confie em alguém.

– Já é algo para começar, não?

Alice girou e correu escada acima.

Espremia com força a nota de Katherine e o anel enquanto corria pelo corredor que estava ao final da escada. Deteve-se frente à porta de Hugh e golpeou.

– Adiante. A voz de Hugh tinha um matiz que gelava os ossos.

Alice soltou um suspiro e abriu.

Hugh estava sentado atrás da escrivaninha, com um mapa estendido a sua frente. Levantou a vista quando Alice entrou. Ao vê-la ficou de pé e apoiou as mãos na escrivaninha. Tinha uma expressão selvagem.

– Senhora, em nome do diabo, onde estava?

– No convento. – Alice o observou com atenção. – Dá a impressão de que se recuperou. Como se sente?

– Recuperarei o apetite – respondeu. – E parece que adquiri gosto pela vingança.

– Não é o único que anseia saborear esse prato, *milord* – disse Alice, atirando o pergaminho e o anel sobre o escritório. – Hoje parece que foi vítima de uma mulher cuja sede de vingança é maior ainda que a sua.



Capítulo dezenove

– A curadora era a envenenadora?

Hugh levantou a vista da breve nota deixada por Katherine sobre a cama. O que Alice acabava de dizer o deixou atônito. Mas não podia negar a evidência que sua esposa trouxe do convento.

–A julgar pelo anel e o que disse a nota, suspeito que era a mulher a qual seu pai estava prometido. – Alice se sentou num tamborete –. Arriscaria-me a dizer que quando, Sir Matthew voltou da França, mandou dizer a ela que romperia o compromisso.

– Para poder se casar com minha mãe, acredita nisso? Hugh se esforçou por manter a voz serena e fria. Mas uma emoção desconhecida percorria suas veias. Talvez, seu pai tenha tido intenção de reconhecê-lo.

–Sim. – a olhada de Alice era cálida e terna–. Estou convencida de que é muito provável que assim fosse, milorde.

Hugh a olhou e soube que ela entendia tudo. Não tinha que tratar de explicar a ela o que essas notícias significavam para ele. Como sempre, Alice compreendia o que pensava sem que ele tivesse que achar as palavras para dizê-lo.

–E Katherine se vingou, envenenando a meus pais. – Hugh soltou as bordas do pergaminho e observou como voltava a se enrolar. – Os matou.

–Isso parece.

–É como se a história de minha vida voltasse a se escrever – murmurou.

–Foi uma grande pena que a verdade ficasse oculta todos estes anos.

–E pensar que me ensinaram a odiar a Rivenhall, acima de todas as coisas, desde o berço...

Interrompeu-se, incapaz de terminar a frase. *Não esquecerei, avô.*

Hugh sentiu como se os tremendos pilares de pedra no qual apoiara toda sua existência, prontamente houvesse se movido debaixo dele.

O pai havia voltado da França com a intenção de se casar com a mãe de seu filho. Não havia seduzido e abandonado a jovem Margaret de Scarcliffe.

–Igual a Sir Vincent o ensinaram a te odiar – disse Alice em tom suave, interrompendo o pensamento de Hugh.

–Sim. Creio que as duas famílias e também estas terras pagaram um preço alto pelo crime dessa mulher. – A olhada de Hugh topou com a de Alice fez um esforço para considerar a situação presente a luz de certa lógica. – Mas, por que Katherine esperou até hoje para tentar me envenenar? Por que não usou essa maldita bebida quando eu cheguei para me encarregar de Scarcliffe?

Com gesto de intensa concentração, Alice replicou:

–Não estou certa de tudo. Neste assunto, há muitas coisas a que falta responder.

–Teria sido muito mais fácil me assassinar há umas semanas. – Golpeou com o rolo de pergaminho sobre a escrivaninha–. A casa estava muito desorganizada.

Deve ter tido muitas oportunidades para que atuasse um envenenador, e não havia ninguém com capacidade de me salvar. Por que esperou?

Alice apertou os lábios.

–Talvez se satisfizesse com o próprio conflito. Enquanto durasse, poderia saborear a taça da discórdia e a rivalidade que havia provocado.

–Sim.

–É provável que a encolerizasse a visita de ontem de Sir Vincent e sua família. Todos viram você e Vincent cavalgar pela aldeia.

–Claro. – Se perguntou por que não ocorreu a ele mesmo em seguida: parecia que não pensava com clareza. As novidades sobre o passado desequilibravam sua capacidade de raciocínio–. Pode ser que o visse como primeiro passo para o fim da rivalidade entre Scarcliffe e Rivenhall.

–Sim.

Alice tamborilou com os dedos sobre o joelho. – O que o preocupa?

–Todavia não compreendo por que envenenou ao monge. Não tem sentido.

–Talvez nunca o saibamos se não a encontrarmos. – Com repentina decisão, Hugh se levantou—. E tenho intenção de fazer precisamente isso.

Começou a rodear a escrivaninha.

– Aonde vai, *milord*?

– Falar com Dunstan. Quero que revistem Scarcliffe de um lado a outro. A pé, a envenenadora não pode ter ido muito longe. Se nos movemos com rapidez, a acharemos antes que desabe a tormenta.

O estalido de um trovão e a breve luz de um relâmpago acabou com este plano antes que tivesse terminado de falar.

–Demasiado tarde, *milord*.

– Maldição!

Hugh foi até a janela.

O vento e a chuva açoitavam com força os muros negros do castelo de Scarcliffe e os escarpados que o rodeava com cegante intensidade. Em meio dessa tormenta, tochas seriam inúteis. Hugh fervia de irritação enquanto cerrava as janelas.

–Não tema – disse Alice—. A encontrará pela amanhã.

–Sim – afirmou—. A encontrarei.

Ao se voltar, viu que Alice o observava com atenção; tinha a olhada escurecida por uma séria aflição. Preocupação por ele. *"Assim olha quando está angustiada por alguém que é importante para ela – pensou—. A alguém que ama"*.

Sua esposa.

Por um instante, o extasiou o simples fato que estivesse ali sentada, em seu próprio estúdio. As saias caíam com graça ao redor de seus pés. O resplendor do braseiro intensificava o fogo escuro do cabelo. Cabelo da cor do entardecer, antes que ele envolvesse a noite.

Sua esposa.

Este dia, tinha salvado sua vida e o brindou com o dom da verdade sobre seu próprio passado.

Era muito que lhe dava.

Outra onda de emoção o inundou. E a força dessa onda era mais poderosa que os ventos enlouquecidos que açoitavam Scarcliffe esta noite.

Não podia por nome ao sentimento que o inundava, que o enchia de uma profunda ânsia. Logo, desejou com toda a alma contar com outra lista de elogios. Necessitava o dom da palavra de Julian. Queria dizer algo memorável, digno de um poeta. Algo tão belo como a própria Alice.

–Obrigado – disse.

Horas depois, na calidez da enorme cama, Hugh se alçava sobre Alice e penetrava em sua brandura pela última vez. Sentiu primeiro os ternos estremecimentos. A suavidade morna que se apertava ao redor dele. Depois, ouviu a exclamação de alívio.

Por um instante, percebeu uma sensação de maravilha e gratidão: não estava sozinho na tormenta. Alice estava com ele. Podia tocá-la, senti-la, abraçá-la.

Era parte dele.

A intensa sensação passou tão rápido como chegou.

Outra vez, se perdeu no doce resplendor da paixão de Alice. O arrastava e o elevava. Rendeu-se a esses ventos selvagens com um rouco grito afogado de satisfação e êxtase.

Aqui, na escuridão, com Alice, não controlava a tormenta. Ao contrário, cavalgava nela com a liberdade de um grande falcão, a um lugar onde o passado não projetava sombras.

Quando acabou, permaneceu quieto longo tempo, gozando do prazer que lhe brindava a proximidade de Alice.

–Hugh.

– Que?

–Não está dormindo.

Sorriu na escuridão.

–Me parece que você tampouco.

– Que profundos pensamentos o mantém desperto para resolver agora?

–Não pensava. Escutava.

– O que?

–A noite.

Alice guardou silêncio uns segundos.

–Eu não ouço nada.

–Sei disto. O vento parou e a chuva também. Já não há tormenta.

–É um dia estranho. – Joan se deteve na entrada do convento. Meteu as mãos nas mangas do hábito e olhou pensativa a espessa neblina que se alçava sobre Scarcliffe—. Me alegrarei quando termine.

–Não é a única que se alegrará quando isto termine. –Alice meteu o livro da mãe debaixo do braço e acomodou a capuz do manto—. Confesso que, uma parte de mim, prefere que lorde Hugh não encontre a curadora.

Hugh havia partido ao amanhecer em busca de Katherine. Levou do castelo a Benedict e a quase todos os varões em bom estado físico. E desde que saiu, não havia notícias dele.

Inquieta, ansiosa e cheia de angústia, Alice passeou pelos corredores do castelo até que já não pode suportar sua própria companhia. Pensando em se manter atarefada com algo útil, recorreu ao livro de notas de sua mãe e foi a aldeia.

Havia suficiente trabalho na enfermaria do convento. Quando terminou de dar remédios para a tosse e tônicos contra as dores das articulações, compartilhou com as monjas as orações e a comida do meio-dia.

–Entendo você – murmurou Joan—. Seria mais fácil que Katherine desaparecesse, mas não é muito provável.

—É muito certo. Meu senhor a perseguirá até as portas do inferno se for necessário. —Contemplou a neblina—. Só espero que, quando a encontre, também encontre a paz.

Joan lhe dirigiu uma olhada terna e sábia. —Nenhum de nós pode encontrar a verdadeira paz no passado, Alice. Temos que buscá-la no presente.

Alice apertou com mais força o livro de notas de sua mãe.

—Você é muito sábia, senhora.

Joan esboçou um sorriso melancólico.

—É uma lição que aprendi com as más, como deveria ocorrer a todos.

Pela primeira vez, Alice pensou nos motivos que Joan teria tido para abraçar a vida de religiosa. *"Algum dia perguntarei – pensou—. Hoje não, certamente"*. Era demasiado prematura a ocasião para algo tão íntimo. Mas no futuro teria abundantes oportunidades para conversas neste estilo. Algo lhe dizia que esta amizade crescente com a priora seria importante para as duas. Apesar do lúgubre dia, Alice sentiu que uma genuína calidez se aninhava nela. Seu futuro estava em Scarcliffe. Seria bom. — Bom dia senhora.

Encaminhou-se para a entrada.

—Bom dia, *milady*.

Alice alçou uma mão em despedida, e saiu pela entrada de pedra.

A neblina era agora tão densa que quase não via as rodas da carreta na rua. Soube que devia ter dificultado muito a busca de Hugh. Também soube que não abandonaria assim seu propósito. Rastrear a Scarcliffe e as terras vizinhas com a implacável determinação que o caracterizava.

"Eu o entendo – pensou—. Há de ter presente que está perseguindo a pessoa que, quase com certeza, assassinou a seus pais". Alice sabia a que Hugh se referia, quando disse que o fato de que Katherine tivesse tentado envenená-lo, era insignificante em comparação com os crimes cometidos trinta anos antes.

Katherine tinha arrebatado dele sua mãe e seu pai. O privou das terras que deveriam ser de Hugh por direito de herança. Fez que ficasse ao cuidado de um velho ressentido que o via como um instrumento de vingança, e não muito mais.

Alice tremeu ao pensar no que poderia ter acontecido se o destino não tivesse levado Hugh ao lugar de Erasmus de Thornewood. Algum dia gostaria de poder agradecer a esta figura nebulosa que, somente com sua força, impediu que as ferozes tormentas que formavam sua natureza consumissem por completo a Hugh.

Alice não o culpava pela decisão com que procurava encontrar a sua presa, mas agora que estava só outra vez, a inquietude voltou. Nesta situação havia algo que não estava bem. Havia demasiados pontos escuros. Demasiadas perguntas sem responder.

Por que assassinou ao monge? Refletiu sobre isto pela enésima vez neste dia enquanto passava diante da última cabana da aldeia. A neblina silenciava tudo. Os homens não estavam trabalhando nos campos nem as mulheres nos jardins. Os meninos se esquentavam junto às lareiras. Alice tinha o caminho até castelo de Scarcliffe somente para ela.

O monge. Tinha que ter algum laço entre Calvert e o envenenamento dos pais de Hugh. Uma figura escura, encapuzada, emergiu da neblina diante de Alice. Paralisou-se. O temor a assaltou como uma onda retumbante.

—Já era hora que aparecesse. —O homem se aproximou—. Perguntávamos-nos se pensaria vaguear no convento até as vésperas.

Alice abriu a boca para gritar, mas já era tarde.

De imediato, uma mão rude tampou sua boca.

Soltou o livro e esperneou desesperada. As pernas se enredaram nas pregas do vestido, mas, as usou para golpear ao atacante com a ponta da bota branda.

—Maldita seja – murmurou o homem—. Sabia que isto não seria tão fácil. Não diga uma palavra.

Abaixou o capuz da capa, cegando-a.

Alice se debateu ferozmente. Agitou-se cega, buscando um alvo qualquer, enquanto o atacante a levantava.

Depois, ouviu passos apagados no caminho e soube que o homem que a tinha aprisionado não estava sozinho.

–Não a deixe gritar, Fulton, de nenhum modo – reforçou o outro homem–. Não estamos longe da aldeia. Se gritar, alguém a ouviria.

Alice redobrou os esforços para gritar pedindo ajuda. Conseguiu cravar os dentes na palma de Fulton.

– Maldição! – protestou Fulton–. A cachorra me mordeu.

–Tapa a boca dela com um trapo.

Alice lutou, enlouquecida de pânico, enquanto colocavam um trapo sujo esticado sobre sua boca e o atavam na parte de trás da cabeça.

–Se apresse com isso, Fulton. Temos que sair do caminho. Se Sir Hugh e seus homens tropeçam conosco no meio das densas neblinas, estaremos mortos antes de saber o que acontece.

–Sir Hugh não se atreverá a nos tocar enquanto tenhamos prisioneira a sua esposa – protestou Fulton.

Mas em sua voz ressoava um matiz de ansiedade.

–Em seu lugar, eu não esperaria sobreviver a um encontro semelhante – murmurou o outro.

–Mas, Sir Eduard disse que Hugh, o Implacável, está muito apaixonado pela sua recente mulher.

Sir Eduard. Alice ficou tão perplexa que, por um momento, ficou imóvel. Esses dois sujeitos, se refeririam a Eduard de Lockton? Impossível. Eduard não se arriscaria a provocar deste modo a ira de Hugh. Mesmo Hugh estava seguro de seu próprio domínio sobre o desagradável Eduard.

–Pode ser que, Sir Hugh queira a moça – replicou o outro homem–, mas por algo, Erasmus de Thornewood fez gravar: *Provocadora de Tormentas* na espada do

escuro cavaleiro. Se apresse. Temos que nos mover rápido, se não quer que esteja tudo perdido.

Alice compreendeu que havia se metido numa armadilha.

Alice pestanejou várias vezes quando, ao fim, retiraram seu capuz. Num instante soube que estava nas cavernas de Scarcliffe. A luz de uma tocha projetava sombras incertas nas úmidas paredes de pedra. Em algum lugar, longe, gotejava água.

Fulton retirou sua mordaça. Alice fez uma careta e limpou os lábios com a manga da capa.

Katherine saiu caminhando lentamente da escuridão e parou diante dela. O rosto da curadora estava marcado por uma melancolia sem tempo. Os olhos revelavam os farrapos sombrios de sua alma.

—Ainda que não acredite, lamento tudo o que passou, lady Alice. Creio que era inevitável. Uma vez a adverti que os pecados do passado produzem ervas amarga.

—Não é o passado o que produz o veneno, Katherine. É você. Mas seu último esforço fracassou, sabe? Não terá outra oportunidade. Neste mesmo momento, Sir Hugh está revistando a zona. Cedo ou tarde, a encontrará.

Eduard de Lockton apareceu no corredor. À luz da tocha, suas feições eram como as de um gnomo demoníaco. Os pequenos olhos resplandeciam de malevolência.

—Já revistou o exterior da caverna. Não lhe serviu muito. Pois, não sabia onde buscar, não é certo, Katherine?

Katherine não deu a volta para olhá-lo. Seguiu com a vista cravada em Alice, como se quisesse fazê-la entender.

—Eduard é meu primo, lady Alice.

— Seu primo? — Alice olhou perplexa a Eduard—. Não entendo isto.

—É bastante óbvio. — Os dentes amarelados de Eduard assomaram entre a barba—. Mas o entenderá. Fique tranqüila, logo entenderá tudo. E também este marido bastardo que tem, antes que o parta com minha espada.

O estômago de Alice se revoltou ao perceber o amargo ressentimento que emanava de Eduard.

–Por que odeia tanto a meu esposo?

–Porque ao nascer arruinou tudo. Tudo! – Irritado, se aproximou de Fulton e do outro homem, e os dois retrocederam nas sombras do tenebroso corredor. Eduard se aproximou de Alice—. Katherine ia se casar com Matthew de Rivenhall, entende? Eu mesmo acertei o compromisso.

–Meus pais morreram quando eu não tinha mais que treze anos – murmurou Katherine—. Eduard era meu único parente masculino. Meu destino estava em suas mãos.

–Tinha um grande dote que tinham deixado os pais de sua mãe, e eu tinha planos com respeito a ela – reforçou Eduard—. Matthew de Rivenhall era herdeiro de várias fincas. A família queria o dote de Katherine. Estavam dispostos a vender uma das propriedades por ela. Era um excelente casamento.

–Esperava aproveitar o matrimônio de sua prima – o acusou Alice.

–Por suposto. – Eduard levantou um ombro num gesto zombeteiro—. O matrimônio é um negócio. As mulheres só servem para duas coisas: se deitar com elas e se casar. Qualquer moça de taberna serve para a primeira. Mas unicamente uma herdeira satisfaz à segunda.

–De modo que se propôs ter suas próprias terras – afirmou Alice, enfadada.

A boca de Katherine esboçou uma careta amarga. –Ambicionava ter sua própria finca.

Eduard franziu o cenho.

–Meu plano era me livrar de Sir Matthew depois da boda. Viúva, Katherine seria uma presa ainda mais desejável. Poderia ter pedido mais terras e uma magnífica fortuna em troca de sua mão.

– Que pretendia fazer? – quis saber Alice—. Pensava seguir envenenando aos futuros maridos para poder continuar a oferecendo em matrimônio uma e outra vez?

–Juro que eu não sabia o que ele pretendia – disse Katherine, triste–. Não era mais que uma menina inocente. Não sabia nada dos arranjos dos homens.

–Bah. –Eduard lhe lançou uma olhada depreciativa–. Tudo terminou em nada. Matthew voltou da França, resolvido a se casar com Margaret, esta rameira. Ele sabia que a família não estaria de acordo, e por isso pensava fazê-lo em segredo. Mas eu me interessei de seus planos na noite da boda.

– Por isso assassinou Matthew e a Margaret?

–Sir Matthew não devia morrer – estalou Eduard– Tinha que se casar com Katherine, como eu havia planejado. Mas o tonto bebeu do mesmo copo que Margaret. É provável que brindasse com a amante. Isso o matou.

Alice o olhou fixamente.

– Onde aprendeu tanto sobre venenos?

O rosto de Eduard se contraiu por um instante numa careta de satisfação feroz.

–Aprendi a preparar a beberagem há muitos anos, quando vivi um tempo em Toledo. Ao longo dos anos o tenho usado mais de uma vez. É uma arma excelente, porque ainda que se descubram todos supõem que o assassino é uma mulher.

–Como passou há trinta anos – concluiu Alice. O sorriso de Eduard era quase insuportável.

–Claro. Todos supuseram que Margaret havia assassinado ao seu amante e depois tinha se suicidado. Ninguém pensou em buscar ao verdadeiro assassino.

– Os homens sempre estão convencidos de que o veneno é uma arma feminina – murmurou Katherine.

Alice se abrigou melhor com a capa para se resguardar do frio espantoso que reinava na caverna.

– Por que me seqüestrou? O que se propõe?

–É simples, senhora – disse Eduard em voz baixa–. Penso pedir resgate.

Alice enrugou o cenho.

– Que espera que Sir Hugh faça? Que lhe dê um cofre com especiarias em troca de mim?

–Não, senhora. Quero algo muito mais satisfatório que um cofre de gengibre ou de açafrão.

Alice o olhou aterrada. – E então, o que?

–Vingança – murmurou Eduard.

–Mas, por quê?

–Hugh, o Implacável, ficou com o que devia ser para mim, ainda que tenha nascido bastardo – respondeu, se afogando de fúria–. Tem terras. Terras onde está enterrado um tesouro.

–Mas ninguém sabe onde estão as Pedras de Scarcliffe – disse Alice, desesperada–. Para dizer a verdade, lorde Hugh as considera uma simples lenda.

–São muito mais que uma lenda – ele assegurou –. Calvert de Oxwick sabia disso. Contou o segredo a um cavaleiro ancião que tomou os votos sagrados quando era demasiado velho para empunhar a espada. Tempo atrás, havia servido a um senhor de Scarcliffe. Este senhor descobriu uma antiga carta aonde se dizia parte da verdade.

Alice retrocedeu um passo.

– Em que consiste esta grande verdade?

–Em que a chave está no cristal verde. – os olhos do sujeito reluziram–. Por que acha que já tenho matado duas vezes por ele, senhora?

– O feirante e o pobre monge?

–Claro. E quase tive necessidade de matar ao estúpido do trovador, Gilbert. Mas então, você ajudou Sir Hugh a recuperar a pedra, e tudo mudou. Asseguro que todo este assunto é como uma partida de dados.

– Assassino!

–Assassinar é um jogo muito aprazível – admitiu–. E alguma vez, constituirá um prazer muito particular. Hugh, o Implacável, ao nascer, me arrebatou tudo.

–Ele não teve culpa que seu pai resolvesse romper o compromisso com Katherine.

–Oh, sim teve, sabe? – A boca de Eduard endureceu. Estou convencido que o que fez Sir Matthew se decidir a casar com sua lady Margaret foi que a moça tinha concebido um filho. Queria um herdeiro robusto. Não me ocorre nenhum outro motivo para querer se casar com uma mulher com a que já tinha deitado.

–Talvez, a amava de verdade – espetou Alice.

–Bah, o amor é para poetas e para damas, não para cavalheiros de reputação de Sir Matthew. – Formou um punho carnoso—. Há trinta anos, eu perdi muito, mas agora terei o meu. Por fim, obterei uma grande riqueza e me vingarei ao mesmo tempo.

Alice fez uma inspiração profunda para serenar. – O que fará?

–É muito simples. Mandarei uma mensagem para Sir Hugh, dizendo a ele que se quer que você volte sã e salva tem que me dar a pedra verde.

Alice tratou de manter a voz firme.

–É bem conhecido que lorde Hugh não confia em muita gente, Sir Eduard. Mas, está muito apaixonado por mim.

–Isso eu sei muito bem, senhora. De fato, é a base de meu plano.

–Se o convence a pagar o resgate, primeiro terá que convencê-lo que, todavia estou viva. Se ele acreditar que estou morta, não pagará nada. É demasiado bom negociante para se deixar explorar deste modo.

Eduard a olhou enfurecido.

– Por que duvidaria de minha mensagem? Logo saberá que você desapareceu. Alice encolheu os ombros.

–Talvez ache que, simplesmente, me perdi na neblina e que algum meliante, inteirado de meu desaparecimento, se aproveitou para fazer crer que estou cativa.

Eduard pensou a fundo um tempo, e logo, adotou uma expressão obstinada.

–Mandarei para ele algo de você para provar que a tenho.

–Uma excelente idéia, Sir Eduard.

–Quando isto termine, o lançarei para sempre deste salão, Elbert – assegurou Hugh.

–Sim, *milord*

. –Elbert abaixou a cabeça–. Só posso dizer que lamento profundamente. Mas é verdade que lady Alice vai caminhando para aldeia todos os dias. Não vi motivo para mandar hoje um guarda com ela.

–Maldição!

Elbert tinha razão, e Hugh sabia. Deixou de andar e se deteve frente à lareira do grande salão.

Não tinha sentido brigar com o mordomo. Ninguém sabia melhor que Hugh que o sucedido não era culpa do garoto. *"Se alguém tem a culpa, sou eu – pensou–. Fracassei em proteger minha esposa"*.

–Pelo sangue do diabo.

Contemplou o livro que tinha na mão. Era o livro de conhecimentos sobre ervas que Alice havia deixado cair no caminho. O encontrou quando voltava de sua inútil busca.

–Talvez só esteja perdida na neblina – sugeriu Benedict, preocupado.

Hugh endureceu o queixo.

–Difícil. A neblina é densa, mas não tanto para ocultar as marcas a alguém que conhece o caminho. Não, a levaram a força.

Benedict abriu bem os olhos.

– Acha que a seqüestraram?

–Sim.

Ele soube no terrível instante em que viu o livro caído no caminho.

Hugh cerrou um momento os olhos e se esforçou por conservar a calma. Tinha que pensar com clareza e lógica. Tinha que dominar a tormenta de raiva e medo que ameaçava varrer seu controle, pois do contrario tudo estaria perdido.

–Mas, quem seqüestraria lady Alice? – Elbert parecia desasossegado—. Todos a querem.

Os olhos de Benedict se encheram de alarme. – Devemos sair de imediato. Temos que buscá-la.

–Não – disse Hugh—. Não podemos nem encontrar a envenenadora na densa neblina. Não temos possibilidades de descobrir Alice até que o seqüestrador mande uma mensagem.

–Mas, e se não o faz? – perguntou Benedict, enfadado—. Que fará se não recebermos notícias?

–Chegará uma mensagem. –Hugh levou a mão ao cabo da espada e rodeou com os dedos a empunhadura forrada de couro negro—. O único interesse de um seqüestrador é o resgate.

A mensagem foi levada até a entrada no mesmo momento em que o manto da noite pousava sobre as terras neblinosas de Scarcliffe. Um guarda de expressão aflita levou as exigências diretamente a Hugh.

–*Milord*, chegou um homem na entrada. Pediu-me que lhe dissesse que se queria ter Lady Alice de volta, tinha que levar o cristal verde ao extremo norte do velho canal da aldeia. Deve deixá-lo ali e voltar ao castelo para esperar. Pela manhã, a pedra terá desaparecido e lady Alice será enviada de regresso.

–A pedra verde? – Hugh se inclinou para frente na cadeira de ébano na qual estava sentado, apoiou o cotovelo na coxa e olhou ao guarda—. Esse é o resgate?

–Sim, *milord*. – Inquieto, o guardião tragou saliva—. Rogo que recorde que eu não fiz mais que trazer a mensagem, senhor.

–Quem o enviou?

–O homem disse que seu amo é Eduard de Lockton.

–Eduard. – Hugh olhou as chamas no lugar maior—. Então, no fim das contas me desafiou. –O mensageiro, disse algo mais? Qualquer coisa? Pensa Caran.

Caran assentiu com presteza.

–Disse que seu amo o ordenou para dar a você uma mensagem especial de lady Alice para demonstrar que é verdade que a tem cativa.

– Que é?

Caran retrocedeu, ainda que Hugh não tivesse se levantado. Estendeu a mão, abriu os dedos e mostrou o conhecido anel com a pedra de ônix.

–Lady Alice envia o anel de compromisso e roga que recorde bem o que ela disse no dia em que a presenteou.

Hugh contemplou o anel. Não era poeta. Neste dia não tinha dito palavras de amor. Esforçou-se por recordar cada palavra que tivesse dito a ela. *Não podem ir só as cavernas.*

–Claro – murmurou.

Benedict saiu à luz.

–Que é senhor?

–Eduard tem a Alice em alguma parte das Cavernas de Scarcliffe.

Capítulo vinte

Quando se inteirou do estratagema, Benedict ficou furioso.

– Como é isso de que não pagará o resgate? Pelo amor de Deus, *milord*, não pode deixar minha irmã a mercê de Eduard de Lockton! Já leu a mensagem: irá matá-la.

Dunstan apoiou uma mão no seu ombro sem muita delicadeza.

– Se tranquilize, Benedict. Sir Hugh já lutou com homens como Eduard muitas vezes. Sabe o que está fazendo.

Benedict bateu a bengala contra o chão.

– Mas diz que não dará o cristal a sir Eduard.

– Certo.

Benedict se voltou para Hugh.

– Você mesmo disse que a pedra verde é de pouco valor. Que é só um símbolo, parte de uma velha lenda. Sem dúvida, a vida de minha irmã vale bastante mais que essa pedra endemoninhada.

Hugh não elevou a vista do plano das cavernas que tirou de Calvert.

– Se acalme, Benedict.

– Acreditei que abrigava sentimentos ternos por Alice. Você disse que cuidaria dela, que a protegeria.

"Sentimentos ternos" – pensou Hugh. Essas palavras, não alcançavam a tocar, sequer, as emoções que estava tratando de controlar. Elevou lentamente a vista para o rosto ansioso e tenso do moço.

– Como te disse, a pedra não tem valor – disse com calma. – Essa não é a questão.

– Senhor, tem que pagar o resgate – suplicou Benedict. – Se não o fizer, esse sujeito a matará.

Hugh observou Benedict em silêncio, sem saber o que dizer a ele. Olhou para Dunstan e este encolheu os ombros. O gesto significava que nada ganharia mentindo ao moço.

– Não compreende a situação – disse, sem se alterar.

Como explicar ao irmão de uma mulher que a vida de sua irmã pendia de um fio? Além disso, como um homem enfrentava o fato que sua esposa estava a mercê de um assassino?

Hugh desprezou seus temores com esforço. Não poderia fazer nada por Alice se ficasse distraído com imagens horríveis e visões tenebrosas do futuro sem ela.

– Não é verdade – gritou. – Entendo muito bem o que está passando. Eduard de Lockton seqüestrou minha irmã e exige um resgate para devolvê-la. Os cavaleiros pedem resgates aos outros com frequência. Pague *milord*. Tem que fazê-lo.

– Não servirá para nada – disse Hugh. – Se deixo a pedra verde no canal velho da aldeia, como me indicaram, sem dúvida Eduard assassinará Alice.

Dunstan assentiu sério.

– Sir Hugh tem razão, Benedict.

Benedict os olhou desesperado, primeiro Hugh, depois Dunstan.

– Mas... Pediu um resgate. Diz que a liberará se pagarmos esse preço.

– Isto não é uma justa ou um torneio amistoso, em que o resgate faz parte do jogo. – Hugh reatou o estudo do mapa da caverna.

– Não cometa o engano de acreditar que Eduard de Lockton jogará de acordo com as regras da honra.

– Mas é um cavaleiro – protestou Benedict. – Participou das justas em Ipstoke, eu o vi.

– Com este ato, Eduard demonstra que não é um verdadeiro cavaleiro – murmurou Dunstan.

– Até agora se comportou como uma raposa ardilosa que se oculta no matagal, até que vislumbre a oportunidade de apanhar o que deseja. – Hugh percorreu uma passagem com a ponta do dedo. – No campo de batalha, se mostra bastante

civilizado, pois há ali muitos cavaleiros que se indignariam se fizesse armadilhas ou atuasse de forma desonesta. Mas isto é diferente.

– A que se refere? – perguntou Benedict.

– Foi muito longe. – Hugh apoiou o cotovelo na escrivaninha e a mandíbula no punho. – Invadir Rivenhall foi uma coisa. Sabia que não me importaria o que acontecesse com essa propriedade. Se as circunstâncias tivessem sido diferentes...

Deixou a frase sem terminar, pendendo no ar. A expressão de Benedict começou a limpar. – Quer dizer que se Alice não tivesse cavalgado até Rivenhall para defendê-lo, você não o teria feito?

– Claro. Se ela não tivesse ido salvar essa propriedade, Eduard poderia ficar com ela, com minha benção. Ele sabia. Mas isto... Isto, é algo muito diferente.

Neste assunto intervinha um elemento novo. Hugh especulou com as possibilidades. O que Eduard saberia a respeito da pedra verde que o impulsionava a provocar a ira de um homem que, até então, tinha tratado com a maior precaução?

O que sabia do cristal que o impulsionava a se arriscar a morrer por ele?

Porque no instante em que apanhou Alice, Eduard tinha assinado sua própria sentença de morte. Certamente, devia ser consciente desse fato.

– Está claro que é um assunto muito diferente – disse Benedict, golpeando com o punho sobre a mesa. – Por que está tão seguro que Eduard matará Alice mesmo que pague o resgate?

– Ao raptar Alice, me desafiou diretamente. – Franziu o sobreceño enquanto estudava outra passagem. – Isso significa que, por alguma razão, já não me teme o bastante para ser precavido. Se assim for, já não é uma raposa, é um javali. E não há criatura tão perigosa e imprevisível como um javali.

Benedict paralisou. Sabia-se que o javali era a besta mais selvagem, que só os caçadores mais destros se atreviam a perseguir. Dotado de um corpo maciço, de músculos pesados, grandes presas e uma ferocidade cega, era capaz de matar ao cavalo e ao desafortunado homem que estivesse sobre os arreios. Os sabujos mais

valerosos não podiam derrubá-lo sem a ajuda de uma matilha completa de cães fortes e as flechas dos caçadores.

– O que você vai fazer? – perguntou por fim o moço, com voz apagada.

Hugh enrolou a pequena folha de pergaminho em que Calvert tinha esboçado o mapa.

– Farei a única coisa que se pode fazer com um porco selvagem: o caçarei e o matarei.

O olhar sombrio de Katherine pousou em Alice.

– Depois da morte de sir Matthew, meu primo gastou quase toda minha herança e não pôde negociar outro matrimônio proveitoso para mim. Deixou-me entrar no convento de Scarcliffe. Durante anos, o vi pouco, para minha alegria.

– Estava contente no convento?

– Tanto como pode estar uma mulher com o meu temperamento.

Apesar da dura situação, Alice sentiu certa simpatia.

– A priora Joan me contou que você padece de ataques de melancolia.

– É certo. Embora trabalhar em jardinagem é bom para os doentes desses humores. E me agrada misturar as ervas. Em geral, estive contente.

Incômoda no duro chão de pedra, Alice trocou de posição. A ela pareceu que fazia um século que estava sentada com Katherine em um canto da vasta caverna. A tranqüila conversação com a curadora era a única coisa que a impedia de sucumbir ao medo que ameaçava dominá-la.

Essa noite estava muito mais nervosa que o dia em que enfrentou Eduard no castelo de Rivenhall.

A diferença residia no fato óbvio que, naquela ocasião, tinha Dunstan e ao contingente de homens armados a respaldando. Tinha a ver com a mudança no próprio Eduard. Uma mudança terrível.

Essa noite, Eduard tinha um ar frenético, de violento desespero; Alice sentiu que resultava muito mais perigoso desta vez do que estava quando tentou se apropriar de Rivenhall. Naquele momento temia a Hugh.

Na situação presente, a ansiedade por obter a pedra verde parecia ter varrido todo sentido de precaução.

Para alívio de Alice, Eduard tinha saído da caverna um momento antes. Levou uma tocha e avançou por um passadiço escuro com a confiança de um homem que conhece o caminho entre um labirinto de túneis.

Era a terceira vez que Eduard saía das cavernas para esquadrihar o velho canal da aldeia.

Alice teve a sensação que as paredes da caverna se fechavam. Uma tocha fixa a uma das paredes ardia com chama baixa. A fuligem das chamas obscurecia a pedra por cima dela. As sombras vacilantes foram se tornando mais escuras e densas.

Uns tinidos contra o chão de pedra atraíram o olhar de Alice ao outro lado dessa câmara. Fulton e o outro sujeito, chamado Royce, conforme soube, estavam sentados com as pernas cruzadas, jogando dados. Tinham as armas ao alcance da mão.

– Meu – resmungou Fulton, e não pela primeira vez. Havia ganho várias vezes.

– Ora, me dê os dados. – Royce arrebatou os pequenos cubos de osso e os jogou no chão, se enfurecendo com o resultado. – Por todos os Santos. Como é que tem tanta sorte?

– Me dê, te mostrarei como se joga.

Fulton se apoderou dos dados.

– Sir Eduard já devia ter retornado. Por que será que demora?

– Quem sabe? – Fulton atirou os dados. – Esta noite está com um humor estranho.

– Sim. Não pode pensar em outra coisa que não seja esta maldita pedra verde. Para mim, isso não é natural. Qualquer um sabe que esse cristal carece de valor.

– Sir Eduard está convencido que vale.

Alice se rodeou com os braços e olhou para Katherine. – Está ficando tarde.

Ali, nas vísceras da caverna, era impossível conhecer a posição do sol, mas se podia notar o passar do tempo de outra maneira.

– Sim. – Katherine juntou as mãos. – Sem dúvida, terminará logo. Nós duas estaremos mortas e Eduard terá o cristal verde.

– Meu marido nos resgatará – prometeu Alice, em voz fraca.

Recordou que, em uma ocasião, fez a mesma promessa a Emma. *"Pobre Hugh – pensou com ironia e fugaz bom humor – sempre tem que cumprir minhas promessas"*.

Katherine moveu a cabeça, pesarosa.

– Ninguém pode nos resgatar, lady Alice. As raízes da erva que envenenou o passado deram flores malvadas.

– Não se ofenda Katherine, mas às vezes você consegue me desanimar.

A expressão de Katherine se fez mais lúgubre ainda.

– Prefiro enfrentar a verdade e os fatos. Se você quer se consolar com falsas esperanças, dane-se você.

– Minha mãe acreditava muito no poder da esperança. A considerava tão importante como um remédio. E eu tenho esperanças fundadas que meu senhor enfrentará Eduard com êxito. Você verá.

– Certamente, tem muita fé no poder de seu marido – murmurou Katherine.

– Tenho que admitir que ainda não me falhou. – Alice endireitou os ombros. – E se acreditar que Eduard é rival digno de sir Hugh, se equivoca.

– No que me diz respeito, nunca tive o menor motivo para depositar minha confiança nos homens.

Era evidente que Katherine estava resignada a um triste final.

Alice chegou à conclusão que não conseguiria mudar a sombria atitude de Katherine e, portanto, resolveu mudar de tema.

– Sabe quem roubou o cristal verde do convento, faz umas semanas?

Katherine retorceu as mãos sobre o regaço. – Fui eu.

– Você?

A monja suspirou.

– Quando Eduard soube que o cristal era a chave para encontrar as Pedras de Scarcliffe, me mandou uma mensagem que eu devia removê-lo da abóbada. Me... Fez certas ameaças.

– Que tipo de ameaças?

– Me assegurou que, se não o obedecesse, envenenaria a algum aldeão ou a uma das monjas.

– Meu Deus!

– Não me animei a arriscar. Fiz o que me ordenou. Uma noite, tarde, me apropriei da pedra e a dei ao homem que Eduard mandou à entrada do convento.

– Por que Eduard esperou tantos anos para roubar a pedra?

Katherine elevou um ombro em gesto de indiferença.

– Só faz uns meses que soube seu verdadeiro valor.

– Quando descobriu que Calvert de Oxwick sabia que as Pedras de Scarcliffe realmente existiam?

– Claro.

Alice franziu o sobrecenho.

– Esse incidente ocorreu mais ou menos ao mesmo tempo que sir Hugh recebeu o feudo de Scarcliffe.

– Eduard se alegrou ao saber que perder a pedra verde causaria muitas dificuldades a Hugh, mas não foi por isso que me ordenou que a roubasse. A verdade é que, quando soube que as Pedras eram algo mais que uma simples lenda, logo o obcecou descobrir esse tesouro.

– O que aconteceu quando você entregou a pedra verde ao homem de Eduard?

– O imbecil traiu Eduard. – Katherine apertou os lábios. – A levou, decidido a descobrir por si mesmo qual era seu valor. Mas como não pôde averiguá-lo, a vendeu a um camelô. Daí foi parar às suas mãos e, por último, restituída a seu legítimo dono.

– Enquanto isso, Calvert estava aqui, disfarçado de monge para explorar as cavernas.

– Sim. Eduard compreendeu que o monge tinha aprendido muito sobre as cavernas e resultaria útil. Fez um trato com ele, o converteu em seu sócio. Eduard prometeu encontrar a pedra verde enquanto Calvert explorava as cavernas.

– Mas Eduard assassinou Calvert. Katherine assentiu.

– Sim. Estou segura que pensava fazê-lo desde o começo, assim que tivesse o que queria. Mas quando sir Hugh recuperou a pedra verde e a encerrou no castelo de Scarcliffe, Eduard e Calvert discutiram.

– Por quê?

– Calvert acusou Eduard de fracassar em sua parte do trato. Eduard se enfureceu e chegou à conclusão que o monge já não lhe servia. Quando Calvert morreu, Eduard compreendeu que teria que executar um plano diferente.

– E me seqüestrou – murmurou.

– Claro.

– É um tolo.

– Não, é um sujeito cruel e perigoso – sussurrou Katherine. – Para falar a verdade, sempre foi malvado. Mas esta noite, percebo algo mais nele. Algo que me aterra.

– Uma pitada de loucura?

Jogou um olhar inquieto a Fulton e Royce. – Sim. – Katherine olhou as mãos.

– O ódio, sabe?

– A seu primo?

Katherine olhou sem ver a parede da caverna. – Quando meus pais morreram, me levou para viver com ele. Queria controlar minha herança.

Alice fez uma careta.

– É uma história bastante freqüente. Há poucos homens que possam resistir à ocasião de controlar a fortuna de uma herdeira, e a lei os estimula a fazê-lo.

– É certo, mas o trato de meu primo era pouco freqüente... E pouco natural. – Katherine olhou outra vez as mãos crispadas. – Me... Forçou.

Alice a olhou, atônita.

– OH, Katherine! – Com grave delicadeza, tocou o braço da mulher. – Sinto tanto...

– E depois, tratou de me casar com sir Matthew para obter terras próprias. – O rosto da mulher estava rígido de dor. – Que Deus me perdoe, odeio Eduard com a paixão que outras mulheres reservam ao amor.

O ruído de uma bota sobre a pedra fez com que Alice ficasse tensa. Girou a cabeça para esquadrinhar na escuridão da passagem. Na entrada, titilou a luz de uma tocha e, pouco depois, Eduard apareceu à vista. O semblante era uma máscara de fúria.

Fulton ficou de pé com estupidez e fixou a vista na mão vazia de Eduard.

– Sir Hugh ainda não pagou o resgate?

– O canalha está me provocando. – Estampou a tocha na mão de Fulton. – Já amanheceu e não deixou a pedra verde no extremo norte desse canal pestilento. E a maldita névoa piora a cada minuto.

– Talvez não acredite que a dama valha esse preço. – Fulton lançou a Alice um olhar aflito. – Não é difícil imaginar que prefira se livrar dela.

– Esfregou a palma da mão, onde Alice o tinha mordido. – A garota é exigente.

Eduard girou para ele, furioso.

– Pedaco de imbecil. Não sabe nada desta questão.

– Possivelmente – murmurou Fulton. – Mas sei que eu não gosto muito.

– Sir Hugh valoriza sim a sua esposa. – Eduard coçou a barba com os dedos. – Consente o que ela faz até ao ponto de parecer idiota. Já o viram naquela noite no castelo de Rivenhall. Como lhe deu sua palavra com respeito a um capricho, permitiu que a dama o privasse de uma vingança que ele desejava.

– Sim, mas...

– Só um homem enfeitiçado permitiria que uma mulher o manipulasse assim. Sim, o tolo a aprecia muito. Vai trazer a pedra, acreditando que a trocará pela vida de sua mulher.

Royce franziu o sobrecenho.

– Eu opino como Fulton. Eu não gosto desta situação. Sem dúvida, a pedra não vale o risco de sermos encurralados como ratos por Hugh, o Implacável.

– Deixem de se queixar. – Eduard começou a passear pela câmara.

– Estamos seguros nesta caverna. Agora que Calvert está morto, o único que conhece o caminho sou eu. Nem sir Hugh se atreveria a se meter neste labirinto.

– Sim. Isso é o que você diz. – Royce guardou os dados em uma pequena bolsa que levava no cinturão. – Mas isso não muda nada. Esta caverna é um bom lugar para se ocultar no momento, mas também poderia se transformar em uma armadilha.

Eduard deixou de passear e girou com os olhos entrecerrados como ranhuras.

– Está pensando em me desafiar, Royce?

Royce não se acovardou. Ao contrário, o olhou com expressão especulativa por um momento. Então pareceu chegar a uma decisão.

– Acredito que já me cansei deste plano inútil.

– O que? Você está sob meu comando – vociferou Eduard, e levou a mão ao punho da espada. – Se pensar em me abandonar, o matarei imediatamente.

– Tente.

Royce pegou sua própria espada.

Fulton retrocedeu.

– Pelo sangue do demônio, isto é uma verdadeira loucura!

– Traidor!

Eduard tirou a espada da bainha e se lançou para frente.

– Volte atrás – Royce o advertiu, levantando sua pesada espada.

– Deixem deste absurdo – gritou Fulton, – ou estará tudo perdido.

Alice agarrou a mão de Katherine.

– Venha – sussurrou a ela. – Talvez esta seja nossa única possibilidade.

Katherine ficou imóvel sobre a rocha, com os olhos iluminados de horror.

– Não podemos fugir pela caverna, vamos nos perder.

Impaciente, Alice a puxou pelo pulso.

– Não, seguiremos o rastro de Eduard.

– Que rastro?

– Como já passou muitas vezes, deixou os passadiços bem marcados com a fuligem da tocha.

Alice rogou que fosse verdade. Mas uma coisa era certa: a briga que estalou entre Eduard e Royce era uma oportunidade que ela e Katherine não podiam desperdiçar.

– De verdade acredita que poderemos escapar?

Katherine parecia confundida. Evidentemente, estava resignada a morrer. No melhor dos casos, a esperança era um conceito difícil de captar para ela.

Nesse momento, a perturbava e a confundia. – Venha.

Alice não afastou a vista de Eduard e Royce, que gritavam e caminhavam em círculos, um ao redor do outro. Fulton não prestava atenção às mulheres, pois se esforçava em vão para acalmar aos outros dois.

Alice não soltou o pulso de Katherine enquanto seguiam cautelosas, junto a parede, até a seguinte tocha. O cabelo da sua nuca se arrepiou quando a tocha esteve ao seu alcance e um estremecimento a percorreu.

Nenhum som anunciou a chegada de Hugh, mas Alice soube que estava perto. Deu a volta para olhar para o passadiço por onde Eduard havia entrado instantes antes.

Um vento gelado, fantasmal, soprou do corredor escuro, levando consigo uma promessa de fatalidade. As tochas da enorme caverna titilaram e chisparam.

– Hugh – sussurrou.

No túnel negro apareceu um pálido resplendor ambarino. Segundos depois, se recortou a silhueta de um homem.

Os que brigavam atrás de Alice não a ouviram nomear o inimigo, mas a voz era inconfundível.

– Basta! – A palavra retumbou nas paredes da caverna. – Soltem as armas ou morrerão aí mesmo.

Na ampla câmara, tudo se imobilizou um instante. Todos olharam fixamente para Hugh, cuja silhueta se perfilava na entrada de pedra do corredor.

Alice estava tão estupefata quanto os outros, embora ela esperasse que ele aparecesse. Sem que ninguém dissesse, sabia que nesse momento Hugh era mil vezes mais perigoso que nunca, desde que o tinha conhecido.

Katherine fez o sinal da cruz.

– A Provocadora de Tormentas!

Hugh era a vingança encarnada, um vento escuro que varreria tudo o que se interpusesse a ele. Os olhos eram gelados e careciam de piedade. A capa negra o envolvia dos ombros até a beira das botas negras de couro. Não usava elmo, mas a luz faiscava no aço da espada.

Dunstan e Aleyn, um dos guardas, apareceram rapidamente atrás dele e o flanquearam com as reluzentes espadas. Atrás, apareceu Benedict com uma tocha no alto. O olhar do moço esquadrinhou a caverna, ansioso, até que viu Alice. Quando a viu seu semblante iluminou de alívio.

Eduard foi o primeiro a se recuperar da paralisia que afetou a todos os que estavam na câmara.

– Bastardo! – gritou. – Arruinou tudo. Desde o dia em que nasceu tratou de arrebatrar o que por direito me pertence. Pagará por isso.

Avançou, mas não para Hugh. Girou e se jogou sobre Alice. Com apavorado assombro a moça compreendeu que tentava matá-la. Por um instante, paralisou de medo.

– Alice, se mova.

Hugh se lançou adiante, mas estava a vários passos de Eduard.

A ordem rompeu o feitiço de terror que apanhava Alice. Saltou de lado no mesmo momento em que a pesada espada de Eduard se abatia sobre ela, golpeando o chão onde tinha estado um segundo antes. O mortífero golpe do metal sobre a pedra ressoou na caverna.

Alice contraiu o estômago. Teve uma sensação fria e viscosa na pele. Se não tivesse pulado, a força do golpe a teria cortado em dois.

No mesmo momento, girou para ela outra vez, elevando a espada com ambas as mãos.

Alice cambaleou para trás e se enganchou na prega da saia.

– Pelo sangue dos Mártires!

Lutou desesperada, para se livrar das dobras do novo vestido, negro e âmbar.

– Rameira do demônio! Isto é culpa sua.

Quando encurralou Alice contra a parede da caverna, os olhos de Eduard eram os de um animal selvagem.

A fúria arrasou o medo de Alice.

– Se afaste de mim. Não se aproxime.

– Morre rameira!

Pela extremidade do olho, Alice viu que Hugh tinha percorrido a metade da caverna, mas ainda estava muito longe para atacar Eduard.

Endireitou-se e se preparou para evitar o golpe seguinte.

Mas, no último momento, o raciocínio moderou a ira de Eduard.

– Fique onde está ou a mato – advertiu a Hugh.

Hugh colocou a mão entre as dobras da capa e tirou um objeto: em sua mão brilhou a pedra verde.

– Isto é o que queria, não, Eduard?

– A pedra. – Passou a língua pelos lábios. – Me dê isso e deixarei viva a sua esposa.

– Pegue-a, se puder.

Jogou a pedra em um ponto da parede da caverna, à direita de onde estava Eduard.

Os olhos deste se dilataram e gritou: – Não!

Lançou-se sobre a pedra, mas não pôde alcançá-la. O cristal verde se estrelou contra a parede e se fez migalhas imediatamente. Um resplandecente arco íris caiu em cascata ao chão. Rubis, berilos dourados, pérolas, esmeraldas, safiras e diamantes reluziram e chisparam entre os fragmentos do estojo verde que os ocultava.

– As Pedras de Scarcliffe! – murmurou Alice.

De súbito, compreendeu que a pedra era feita de cristal grosso, e pensou que devia ter suspeitado muito tempo atrás. No entanto, acreditou ser um objeto natural, assim como todo mundo. Então entendeu que foi criado por um artesão muito habilidoso, que tinha encontrado um modo de simular o aspecto e a textura de um grande cristal verde.

Eduard chiou: – As Pedras!

Por um segundo, permaneceu olhando, fascinado, o reluzente montículo e recordou muito tarde a presença de Hugh.

Girou para confrontar a espada de Hugh, mas a obsessão pelas pedras lhe custou muito caro.

Os aços se chocaram.

Eduard caiu de joelhos pela força dos golpes de Hugh. Este elevou uma e outra vez a espada, golpeando a de Eduard.

Quando Hugh elevou a espada para dar o golpe fatal, a chama que ardia em seus olhos era da mesma cor que as das tochas.

Alice se apressou a girar, incapaz de presenciar o que sabia que ocorreria. Viu que Katherine olhava mais à frente, fascinada pela fatídica cena. Do outro lado da caverna, Dunstan e Aleyn mantinham imobilizados os outros dois homens com a ponta da espada. Benedict observava tudo da passagem em sombras.

Alice recobrou o fôlego, mas não se ouviu nenhum grito mortal a suas costas.

Passaram os segundos, dois, três, quatro, cinco. Elevou a vista, e viu que todos cravavam a vista no lugar onde Hugh tinha a Eduard de joelhos.

Girou lentamente, para ver o que tinha acontecido.

Eduard estava estendido de costas, bem vivo, com a lâmina da espada de Hugh fixamente apoiada na sua garganta.

– Por que vacila? – perguntou Dunstan. – Termine de uma vez com isto. A noite foi muito longa para todos.

– Quero que responda a algumas perguntas – disse Hugh. – Amarre-o e o leve para o castelo, Aleyn. Ponha-o no calabouço. Falarei com ele amanhã.

– Sim, *milord*.

Aleyn se precipitou a se encarregar do prisioneiro. Por fim, Hugh prestou atenção a Alice. Os olhos ainda reluziam, além disso, parecia tão sereno como se acabasse de sair do banho.

– Bem senhora, não resta dúvida que você reanima minhas noites.

– E você *milord*, confirma as lendas. – Jogou um olhar às gemas brilhantes esparramadas pelo chão de pedra. – Está claro que, nunca perde quando se trata de seu patrimônio.

– Alice.

– OH, Hugh! – Sentiu que lágrimas de alívio se amontoavam na garganta. – Eu sabia que me salvaria. Na realidade, sempre o faz, *milord*.

Correu para ele. Hugh a esmagou contra seu peito. A capa negra a envolveu.

Muito tempo depois, Alice estava sentada com Hugh ante o fogo do salão e tratava de se aquecer. Tinha a sensação que não podia se livrar do frio. Cada vez que evocava as horas passadas na caverna, um calafrio a percorria. Possivelmente teria que tomar uma dose do remédio que tinha enviado a Erasmus de Thornewood.

Assolou Hugh com outra pergunta, uma das muitas que se formulou desde que tinham voltado para o castelo, duas horas antes.

– Quando descobriu que as Pedras de Scarcliffe estavam dentro do cristal verde?

– Quando se fez em migalhas contra a parede da caverna. Estirou as pernas e fixou nas chamas um olhar pensativo.

Alarmada, Alice contemplou o perfil austero.

– Quer dizer, que não suspeitava antes que o cristal era um simples cofre para guardar as pedras?

– Não. Nunca tive muito interesse pelas Pedras de Scarcliffe e por isso nunca observei bem o cristal verde. Enquanto estivesse em meu poder, me bastava.

– Entendo. – Guardou silêncio um momento. – Acredito que tenho algo mau, Hugh.

O marido a olhou aflito.

– O que é? Está doente?

– Não, ao menos não tenho febre. Mas não posso me acalmar. Tenho os nervos alterados.

– Ah, entendo. É a consequência natural de um momento violento, meu amor. Passará com o tempo.

Rodeou seus ombros com o braço e a atraiu para si.

– A você não parece afetar – murmurou, se aconchegando a seu calor.

– Asseguro que meus nervos se alteraram bastante quando soube que a tinham seqüestrado. Estive a ponto de desmaiar.

– Uh. Me custa acreditar que alguma vez tenha padecido uma alteração nervosa.

– Alice, todos os homens vêm seus nervos alterados alguma vez - disse com grande seriedade.

Como não soube o que dizer, Alice mudou de tema.

– Obrigado por não matar Eduard diante de Katherine. Embora ela o odeie, no final das contas, é seu primo.

– Não é decoroso executar a um homem diante de mulheres, sobre tudo curadoras, se podemos evitar. Por outro lado, quero que responda a algumas perguntas.

– Katherine respondeu a uma enquanto passávamos as horas esperando que fizesse sua grandiosa aparição.

– Qual foi?

– Me perguntava quem foi que pôs veneno em sua tigela. Katherine me disse que Eduard lhe contou como o fez. Mandou a um de seus homens ao recinto, disfarçado de granjeiro, no dia em que os aldeãos vieram fazer os reparos no castelo.

Hugh contemplou as chamas. – Foi no mesmo dia em que veio Vincent de Rivenhall para comer. Nessa tarde, havia muita confusão na casa. Era fácil para alguém entrar dissimuladamente na cozinha.

– E também foi fácil identificar sua tigela depois do almoço. É a maior de todas.

– Sim.

– Hugh.

– O que?

– O que pensa em perguntar a Eduard?

Hugh fixou a vista nas chamas.

– Ainda não estou seguro. Pensarei em algo. Mas Alice entendeu: queria saber o que se passou naquela noite, trinta anos atrás, quando Eduard envenenou outra taça de vinho.

Hugh queria que Eduard lhe dissesse com suas próprias palavras que sir Matthew tinha a intenção de se casar com Margaret e reconhecer a seu filho.

Capítulo vinte e um

Embora as botas de couro de Hugh não fizessem nenhum ruído quando percorreu o corredor escuro, a capa de cor ébano cortava o ar. Estava furioso.

– Maldito calabouço. Está seguro que está morto?

– Sim, *milord* – Dunstan inclinou a tocha quando giraram na esquina do corredor. – Um dos guardas o encontrou recentemente.

– Por que não o revistaram? – Hugh seguiu Dunstan pela curva do corredor.

Os passadiços do castelo de Scarcliffe não eram muito diferentes dos túneis e cavernas das covas naturais, eram escuros, estreitos e sinistros.

A luz natural não chegava a essa parte do castelo, onde se armazenavam especiarias, grãos, mercadorias e, de vez em quando, um prisioneiro.

– Foi revistado – respondeu Dunstan – Mas os guardas procuraram facas, e armas desse tipo, se deteve ante uma câmara fechada por uma grade de ferro.

Hugh olhou o corpo contorsionado de Eduard de Lockton, que jazia no chão da câmara, e lhe subiu a irritação como bÍlis. Tinha tantas perguntas a fazer, tantas coisas que queria dizer ao homem que tinha assassinado a seus pais...

Sobretudo, queria saborear tanto a justiça como a vingança. Tinha esperado tanto tempo para gozar dessas ricas especiarias, que levou tempo aceitarem que tinham escapado de sua mão.

– Ninguém achou o veneno que ingeriu conforme vejo – murmurou Hugh.

– Não *milord*, possivelmente seja o melhor. – Dunstan olhou para Hugh – Agora de verdade terminou tudo.

Hugh subiu os degraus de pedra que levavam às vísceras do castelo. Não se deteve para pensar aonde ia. Cruzou o salão principal, onde estavam em marcha os preparativos para o almoço. Quando chegou à escada da torre, subiu dois lances mais de degraus duros.

Chegou ao nível superior da torre, girou e percorreu o corredor até o escritório de Alice, abriu a porta sem se incomodar em bater.

Surpreendida, Alice levantou a vista quando seu marido entrou, e ao ver sua expressão, franziu o sobrecenho.

–*Milord*. – Fechou o livro que tinha aberto sobre a mesa. – O que acontece?

–Eduard de Lockton bebeu veneno em algum momento da noite. Está morto.

Alice se levantou do tamborete e saiu de trás da mesa. Sem dizer uma palavra, se aproximou de Hugh e o abraçou. Apoiou a cabeça no ombro dele, mas não disse nada.

"Alice sempre me compreende bem – pensou. – Não tenho que traduzir as coisas em palavras".

A abraçou apertado por um bom tempo, depois desse tempo, a sombria frustração que o arrasou ao saber que Eduard tinha escapado para a morte, começou a diminuir.

Passaram uns minutos mais em silêncio, sentia a Alice muito suave e morna em seus braços.

Em um determinado momento, Hugh sentiu que o banhava uma sensação de paz e serenidade. A porta aberta do passado, pela qual sopravam os ventos gelados da tormenta, por fim se fechou.

Um mês depois, uma manhã clara de outono, o guarda da torre formou uma buzina com a mão na boca e gritou o que via para o recinto buliçoso.

–*Milord*, chegam cavaleiros. Um cavaleiro e cinco homens armados. Também criados, e uma carreta com bagagem.

Hugh fez sossegar o estrépito das armas de prática com um rápido sinal e elevou a vista para o guarda.

–Quais são as cores do cavaleiro?

–Verde e amarelo senhor.

Hugh olhou para Dunstan.

–São as cores de Erasmus de Thomewood.

– Sim. – Dunstan ficou carrancudo

– Certamente, será um de seus homens que vem nos informar da morte do senhor.

Hugh se sentiu invadido pela tristeza. Embora esperasse essas notícias, de todo modo resultava em ser uma surpresa não desejada. Nesse momento, compreendeu que tinha abrigado a esperança que a receita de Alice tivesse aliviado Erasmus.

Protegeu os olhos do sol matinal, e olhou outra vez para o posto do guarda.

–Está seguro das cores do cavaleiro?

–Sim, *milord*. – O guarda observou o caminho. – Um senhor muito rico, a julgar pela aparência do contingente que o acompanha. E bem armado. Uma dama vem com eles.

–Uma dama? – Pensou que seria Eleanor, a viúva de Erasmus, que tinha vindo trazer em pessoa a notícia da morte do senhor, se dirigiu a Benedict. – Procura Alice. Rápido, diga a ela que teremos vários convidados para almoçar, e entre eles, uma senhora.

–Sim, *milord*.

Benedict entregou a Dunstan o arco com que estava praticando, tomou o caminho e correu para os degraus de entrada.

Minutos depois, a comitiva de cavaleiros se deteve frente à entrada do castelo Scarcliffe, e pediu, cortesmente, permissão para entrar. O guarda os fez passar ao recinto.

Alice apareceu na porta do castelo e olhou interrogante a Hugh.

–Quem vem *milord*?

–Sem dúvida, alguém que traz a notícia da morte de meu suserano – respondeu, em voz fraca.

–Por que crê que morreu? – ela perguntou com expressão de recriminação—. Acaso se esqueceu de lhe dar a receita dessa poção sedativa que mandei para ele quando foi a Londres?

–Não.

–Disse a sua esposa que se assegurasse que os médicos não seguissem sangrando—o, não foi?

–Sim, Alice deu suas instruções, mas todos, inclusive Erasmus, sentiam que se aproximava o fim. Frequentemente, um homem sente a morte iminente.

–Isso é ridículo, segundo o que me disse, só padecia de uma intensa excitação nervosa.

Os visitantes passaram a cavalo pela porta antes que Alice pudesse continuar interrogando a ele. Hugh olhou ao cavaleiro que encabeçava a companhia. Primeiro, contemplou incrédulo o rosto tão familiar, e logo com crescente regozijo.

–*Milord* – murmurou.

–E bem? – perguntou Alice, impaciente. – Quem é?

–Erasmus de Thomewood.

–Por todos os Santos! – murmurou Alice. – Temia isso. Julian acaba de chegar esta mesma manhã por que não nos informou que sir Erasmus pensava em nos visitar? Do que serve um mensageiro se não traz as mensagens importantes?

Hugh começou a rir.

–Não seja muito dura com Julian. Ele tem suas coisas. Adiantou-se para receber seu suserano.

Erasmus freou ao musculoso potro no centro do recinto. O sol brilhava sobre as ricas vestimentas e os polidos aços.

–Bem-vindo *milord*. – Hugh se aproximou para pegar as bridas. – Por seu aspecto, apostaria que já não o diverte fazer acertos para seu próprio funeral.

–Tenho descoberto que os funerais não são tão divertidos como os batismos. – Erasmus sorriu para Eleanor, que tinha detido o palafrén junto a ele. – E me agrada te dizer que pensamos ter um ou dois no futuro.

O semblante de Eleanor resplandecia de felicidade ao olhar para Hugh.

–Venho agradecer sua esposa por fazê-la possível.

–Alice adorará saber que sua poção deu tão bom resultado. –Hugh não podia deixar de sorrir. – E a mim também. Sempre disse que meu senhor tem talento para criar filhos, me permita apresentar a minha senhora esposa.

Atice baixou os degraus com um sorriso de boas-vindas.

–Me alegra comprovar que alguém seguiu minhas instruções.

Essa noite, quando Erasmus levantou a vista do tabuleiro de xadrez, os perspicazes olhos cinza se iluminaram admirados:

–Acredito que toca a você, senhora.

–Sim.

–Hugh estava certo: é uma rival muito inteligente.

–Obrigado, *milord* – Alice levantou um pesado bispo de ônix. Com o sobrecenho franzido de concentração, moveu a peça pelo enorme tabuleiro. – Eu gosto deste jogo.

–É evidente, acredito que as pessoas não querem correr o risco de perder esta escaramuça.

–Não leve a mal, senhor. O senhor meu marido é a única pessoa capaz de ganhar. Tem um grande talento para os estratagemas.

–Sei muito bem.

A risada de Eleanor fez girar a cabeça de Erasmus. Sorriu ao ver sua esposa sentada perto de Hugh. Dividiam uma travessa com figos adoçados com mel enquanto conversavam. Perto, Julian tocava uma melodia com a harpa.

–Sua vez *milord* – Alice o recordou.

–Sim. – Erasmus se concentrou outra vez no tabuleiro. Tocou uma torre, mas vacilou. – A felicito senhora. Não existem muitas mulheres capazes de acalmar as tormentas que mexiam dentro de meu amigo Hugh.

–Eu?

Alice levantou a vista, estupefata, e olhou para Hugh. Os olhares de ambos se encontraram e seu marido lhe sorriu, para logo voltar para a conversação com Eleanor.

–Você lhe deu paz – disse Erasmus. – Não deve ter sido fácil nem simples.

–Sir Hugh desfruta sendo senhor de suas próprias terras – disse Alice. – Frequentemente observei que as pessoas estão contentes quando o trabalho que fazem os brinda prazer. Meu marido é muito hábil para dirigir estas propriedades. Mas você conhece bem sua habilidade em questões de negócios.

–Para mim, a inteligência de Hugh foi evidente desde o primeiro dia que foi viver em meu lar.

–Foi bondoso de sua parte lhe dar uma boa educação e permitir, assim, a oportunidade de desenvolver o comércio em especiarias. –Lançou-lhe um olhar direto. – Muitos senhores em sua posição teriam se aproveitado do talento natural de meu marido para as destrezas cavaleirescas e não teriam feito caso de sua aguda inteligência.

–Para mim foi conveniente não ignorar essa inteligência – repôs com secura. – Ao longo dos anos, muitas vezes necessitei tanto dos ardilosos estratagemas de Hugh como de sua habilidade com a espada.

–O recompensou bem.

–Não entreguei Scarcliffe a ele nem por sua inteligência nem por sua destreza cavaleiresca – disse Erasmus. – A dei porque ele me deu algo imensamente mais valioso, algo que não teria podido comprar por nenhum preço.

–Do que se trata senhor?

–Sua inviolável lealdade.

Alice sorriu.

–Entendo.

–Houve muitas ocasiões em que havia querido poder lhe dar um presente tão esplêndido como o que me deu.

–Pode ficar tranquilo: está muito satisfeito com sua propriedade.

Não acredito que sejam só as terras as que lhe deram satisfação, senhora. –A olhou com atenção. – É você a verdadeira curadora nesta questão.

Alice se sentiu muito incômoda.

–Duvido, senhor.

–Me falou muito de você quando foi me ver em Londres. Disse-me que você tinha grande coragem e audácia. Assegurou-me que o abordou com uma proposta atrevida.

–É certo. – Considerou o seguinte movimento com as sobrancelhas unidas – formamos uma excelente sociedade.

–Sem dúvida, é algo mais que um acordo de negócios.

Alice ruborizou.

–Bom, afinal de contas estamos casados, *milord*.

–E você o ama com todo o coração, não é certo?

Alice apertou muito forte uma das peças de xadrez. – Como sabe destas coisas, senhor?

–Eu tampouco careço de perspicácia. Quando a pessoa passa tantas semanas como eu acreditando que está a beira da morte compreende certas coisas, se volta mais perceptivo, diríamos.

–Só um homem muito inteligente se volta mais consciente e perceptivo em semelhantes circunstâncias. –Suspirou. – Na realidade, tem razão. Quero muito a meu marido. Mesmo que, às vezes, seja muito obstinado.

–Bom, é um homem. Há coisas que são imutáveis. E falando de meu recente roce com a morte, queria agradecer sua poção, senhora.

–Não é necessário. Era uma receita de minha mãe. Ela me deixou um livro no qual deixou descritos os sintomas de muitas enfermidades. Eu me limitei a aplicar o remédio que ela prescreveu para os sintomas que você tinha. Alegro-me que o tenha provado e resultasse eficaz.

–Muito eficaz – Erasmus sorriu. – Conta com minha mais profunda gratidão. Devo mais que nunca a você poderei pagar, senhora.

–Tolices, *milord*. Asseguro que as contas estão saldadas.

–Como é isso?

–Você salvou a vida de meu marido quando não era mais que uma criança pequena de oito anos.

Erasmus ficou carrancudo.

–Não recordo que Hugh tenha estado em perigo de morrer aos oito anos. Embora tivesse uma ou duas quedas sérias enquanto praticava com a armação de madeira, e também houve um desafortunado incidente com uma ponte e um arroio bastante profundo, pelo resto foi bastante saudável.

–Nisso se equivoca, senhor. – Sorriu com doçura para ele. – Talvez tenha tido uma excelente saúde no que é relacionado com os humores corporais, mas há coisas que morrem dentro de um menino embora ele continue vivendo.

–Ah, já entendo a que se refere. – Erasmus a olhou com expressão pormenorizada. – Você é você perigosamente perceptiva, senhora.

–Não, *milord*, só faço uma observação – repôs, sem lhe dar importância. – Embora não o seja para você, resulta claro para mim que as tormentas teriam esmigalhado seu coração e sua alma.

–Pode ser que eu o tenha ensinado a conter e controlar esses ventos sombrios, lady Alice. Mas você obteve muito mais: os sossegou com a alquimia de um coração amante.

Uma manhã, semanas depois da partida de Erasmus e Eleanor, Hugh entrou no escritório de Alice. Tinha pedido a Julian outra lista de elogios e estava impaciente em fazê-los.

Mas ao ver Alice de pé ante a janela, se deteve, encantado. As elegantes palavras que decorou um momento antes se apagaram por um momento, se perguntou se alguma vez se acostumaria ao fato que Alice era sua esposa.

As feições vivas esboçavam uma expressão de concentração intensa, enquanto examinava um pedaço de cristal de rocha que tinha na mão. O sol da manhã fazia

brilhar o seu cabelo. As linhas suaves do corpo lhe provocaram uma familiar excitação.

Não se voltou para saudá-lo, e soube que não o tinha ouvido entrar no escritório.

Hugh pigarreou e pinçou na mente, recordando o primeiro item da lista.

–Senhora, o fogo glorioso de seu cabelo brilha tanto que não necessito mais que essas mechas sedosas para me aquecer as mãos, até na manhã mais fria.

–Obrigado, *milord* – Alice não o olhou.

Levantou a pedra que tinha na mão para que recebesse mais luz.

Hugh franziu o sobrecenho, pensando que talvez elogiasse muito o cabelo de sua esposa. Possivelmente a aborrecesse. Tomou nota mental de indicar a Julian que fosse mais criativo.

–Seu pescoço tem a graça do de um cisne.

– Obrigado, senhor. Alice apertou os lábios e examinou o cristal com mais atenção.

Hugh golpeou a coxa com o pergaminho enrolado que tinha. Os elogios de Julian não surtiam o efeito de sempre.

–Sua pele é suave como as plumas de uma pluma inundada em nata.

–É muito amável em notar. Deixou o cristal de rocha sobre a mesa, levantou uma grande pedra cinza e a olhou atentamente.

Hugh desenrolou com dissimulação o pergaminho que tinha na mão e leu depressa a lista de elogios:

–Me impressionam que seus pés sejam tão pequenos e delicados como as folhagens das pequenas corujas.

Alice titubeou: – Corujas senhor?

Hugh se irritou ante o som da palavra. Maldito esse Julian e sua terrível letra.

–Não, samambaias. Pequenos e delicados como as folhagens das samambaias recém-nascidas. Apressou-se em enrolar outra vez o pergaminho. Este último não foi fácil de pronunciar.

–Claro samambaias. Continue *milord*, por favor.

–Né, bom, isso é tudo o que me ocorre no momento.

O que passaria a Alice esse dia? Não reagia como sempre. O talento de Julian estaria deteriorando?

–E o que me diz de meus olhos, senhor? Te parece que são verdes como esmeraldas ou, talvez, como a malaquita?

Hugh se mexeu, incômodo. E se não fosse o talento de Julian o que fracassava, a não ser o próprio? E se não dizia os elogios como era devido?

–Como esmeralda acredita. Embora a malaquita também tem um formoso tom verde.

–Obrigado. O que opina de meus peitos?

Hugh tragou saliva.

–Seus peitos? Em geral, deixava esse tipo de elogios para o dormitório.

–Diria que ainda têm a curva delicada dos pêssegos amadurecidos?

–Sem dúvida.

–E minha cintura?

Hugh cerrou os olhos.

–Sua cintura?

–Sim – Alice deixou a pedra cinza e levantou uma mais escura, ainda com o rosto voltado. – Diria que minha cintura é esbelta como o caule de uma flor?

Na última lista de Julian houve algo relacionado com caules de flores e cinturas estreitas. Hugh estava a ponto de repetir o velho elogio, quando se deu conta que Alice estava um pouco mais redonda em algumas partes do que estava semanas anteriores.

Chegou à conclusão que gostava muito mais assim, mas não estava seguro que a agradasse ouvir que estava um pouco mais roliça.

–Né, eu não pensei muito em sua cintura – disse precavido. – Mas, agora que o menciona... Interrompeu-se para olhar com mais atenção.

Não era sua imaginação, concluiu. Recortada contra a luz, a silhueta de Alice não era tão esbelta como antes, quando a levou do salão do tio. Recordou a forma sob suas mãos, na noite anterior, e suspirou.

–E bem, *milord*?

–Para fazer justiça, senhora, não diria que sua cintura é esbelta como o caule de uma flor, mas esta nova forma me parece muito atrativa. Na realidade, a vejo muito saudável e em bom estado, com um pouco mais de carne sobre os ossos – se interrompeu afligido ao ver que os ombros de sua esposa se sacudiam. – Alice, não chore. Sua cintura é igual ao caule de uma flor. Juro, desafiarei a brigar de morte a qualquer que afirme o contrário.

–É muito galante, *milord* – deu a volta e o olhou. Os olhos brilhavam de risada, não de lágrimas. – Mas prefiro que seja sincero nestas questões.

–Alice!

–Tem razão. Minha cintura já não é tão estreita como o caule de uma flor. E, para ser sincera, ultimamente, meus peitos estão um pouco maiores que os pêssegos amadurecidos. E por um motivo muito válido: estou grávida, *milord*.

Por um instante, Hugh não pôde se mover: estava grávida. De seu filho.

–Alice!

A alegria o tocou com a força do sol quando sai depois da tormenta.

Hugh se liberou do fugaz feitiço das palavras de Alice, se jogou sobre ela e a levantou com muito cuidado. Alice rodeou seu pescoço com os braços.

–Sabe *milord*, eu não dava muito crédito às lendas, até que o conheci.

Hugh a olhou nos olhos e pôde vislumbrar um pouco do que seria o futuro dos dois. Estava carregado de promessas de amor e felicidade.

–Então, estamos iguais. Eu nunca acreditei na alquimia do amor, até que a conheci.

O sorriso de Alice foi glorioso.

–Disse amor, senhor?

–Sim – Hugh riu mais feliz que nunca na vida – Amor.

Em um morno dia do fim de outono, Hugh levou seu filho recém-nascido às muralhas do castelo Scarcliffe, e lhe mostrou as terras que no futuro seriam dele. Hugh acomodou o menino em um braço e contemplou o feudo próspero com uma grande sensação de prazer. A colheita tinha sido boa. A lã esse ano era de excelente qualidade. E sempre contava com o ingresso do negócio das especiarias.

–Tem muito a aprender – disse ao pequeno–, mas sua mãe e eu estaremos aqui para te ensinar tudo o que precise saber.

O pequeno Erasmus babou feliz, e agarrou o grande polegar do pai.

–Vê essas terras que se estendem para o leste? Pertencem a Rivenhall. O filho de sir Vincent está aprendendo a dirigi-la. O pequeno Reginald é seu parente sangüíneo. Nunca o esqueça.

–Seu pai está certo, Erasmus – Alice saiu do topo da escada, na torre de guarda. –A família é muito importante.

Hugh a olhou, carrancudo.

–Está segura que pode estar aqui?

–Como vê, estou muito bem de saúde. Na realidade, me recuperei muito bem do parto durante umas semanas, se preocupa muito, *milord*.

"Parece saudável, inclusive radiante", pensou Hugh. O nascimento de seu filho esteve a ponto de enlouquecê-lo, mas Alice passou pelo transe com o aprumo de um guerreiro experiente que participa de uma justa.

–Falou a Erasmus das Pedras de Scarcliffe?

Alice sorriu ao menino.

–Ainda não. Há coisas mais importantes que tem que aprender primeiro – disse Hugh.

O menino o contemplava com infinito interesse. Hugh estava convencido que já podia detectar uma aguda inteligência no olhar de seu filho.

–Bom – continuou Alice – falou sobre a lenda de Hugh o Implacável?

Hugh gemeu.

–Não, é um tema muito aborrecido. Logo o instruirei no comércio de especiarias.

Alice riu.

–Muito bem, senhor, farei um trato com você. Você lhe ensinará questões de negócios e eu ensinarei o que tenha que saber sobre as lendas da família. Está de acordo?

Hugh a olhou com os olhos transbordantes de amor. Recordou aquela escura noite, no salão do tio, quando Alice lhe propôs um acordo que os ligaria para toda a vida.

– Sabe que não há ninguém com quem eu goste mais de fazer um trato do que com você, meu amor.

Fim